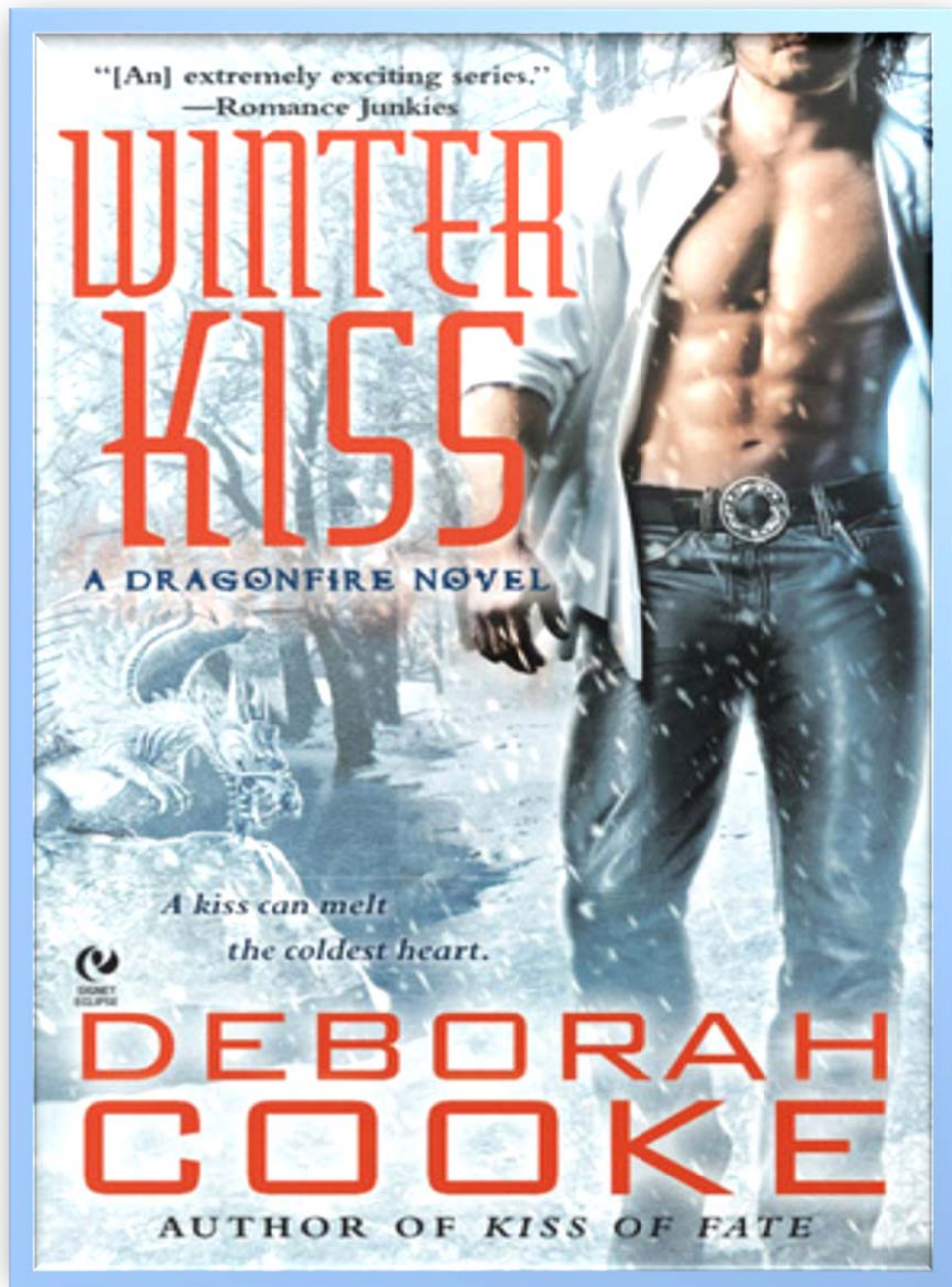






*BEIJO
DO
INVERNO*

WINTER KISS

SÉRIE

DRAGON FIRE

LIVRO QUATRO

DEBORAH COOKE



DISPONIBILIZAÇÃO: SORYU

TRADUÇÃO: MARCIA DE OLIVEIRA

**EQUIPE DE REVISÃO: SANDRA PAGANI, MILLA NEBIAS, LELÊ,
ADRIANA LEAL, FLÁ SOUZA, GISLEINE S, LAURI, CARINA PEREIRA**

REVISÃO FINAL: SILVIA HELENA

LEITURA FINAL: MACRIS SÁ

FORMATAÇÃO: MARCIA DE OLIVEIRA E MACRIS SÁ

RESUMO

Um beijo pode derreter o coração mais frio...

O misterioso Elixir do sangue do dragão deu a imortalidade a Magnus, o maior inimigo dos Pyr, e aos seus asseclas. Os Pyr devem destruir esta fonte de poder e o proscrito Delaney vai completar a missão. Delaney irá redimir-se ou acabar com seu sofrimento.

Mas seus planos não consideram sua repentina tormenta de fogo ou a ardente Ginger Sinclair. A tormenta de fogo revitaliza Delaney, restaurando-lhe seu antigo eu. E quando Ginger descobre sobre a missão de Delaney, percebe que não pode resistir a um homem forte, com uma missão tão nobre.

INFORMAÇÕES SOBRE A SÉRIE:

- 01 - Beijo de Fogo - Distribuído
- 02 - Beijo de Fúria - Distribuído
- 03 - Beijo do Destino - Distribuído
- 04 - Beijo de Inverno - Distribuído**
- 05 - Whisper Kiss - Revisão Final
- 06 - Darkfire Kiss - Tradução
- 07 - Flashfire - Tradução
- 08 - Ember's Kiss - Na lista
 - 9.1 - Kiss of Danger
 - 9.2 - Kiss of Darkness
 - 9.3 - Kiss of Destiny

ALERTA

“A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pegasus Lançamentos de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.”

Após recebermos algumas críticas e reclamações de algumas leitoras, sobre a tradução de alguns dos "nossos" livros, a equipe do pegasus gostaria de dar um recado a essas pessoas que, além de não colaborar com nada ainda tem a audácia de criticar nosso trabalho:

"Não gostou da tradução? Vá ler o livro no idioma original, comprar na editora, ou fazer sua tradução. Agora não vem encher o saco reclamando, se quer algo melhor, então faça. Se não pode, não enche saco"

A equipe do pegasus agradece.

PRÓLOGO

Chicago, 09 de fevereiro 2009

Erik andava por seu apartamento reformado. O edifício foi reconstruído desde o incêndio alguns anos antes e ainda que fosse parecido com sua antiga residência, a presença de Eileen e sua filha haviam transformado o espaço. Havia mais brinquedos para bebês e artigos dispersos na cozinha, novos produtos para o banho, o armário cheio de roupas femininas e a invasão de lã, o espaço que foi uma vez austero possuía um ar mais acolhedor.

O alojamento de Erik, por fim, converteu-se em uma casa e se alegrava pela mudança. Zoe sentia cólicas desde a meia noite e Eileen ficou com ela. Era pouco mais das nove da manhã, um dia no qual Eileen não tinha que ir para a Universidade, mas pelo nublado que estava o dia ainda estava escuro. Erik caminhava com sua filha, no que parecia um esforço inútil para acalmá-la.

Erik estava inquieto. Sentia-se como se seu corpo flutuasse no limite da mudança, mas não podia entender o porquê. Não havia nenhuma ameaça para sua família ou sua casa, nem a presença de outros Pyr ou Slayer nas proximidades. Era verdade que tinha sono, mas essa sensação era diferente. Talvez fosse apenas preocupação. Passou-se um ano desde que se produziu um eclipse total. Sua própria tempestade de fogo foi um presságio de um eclipse lunar completo, como foi o de Donovan e Quinn, antes dele. Mas Erik comprovou e não haveria eclipses antes de dezembro de 2010.

Isso significava que não haveria tempestades de fogo para outro Pyr neste intervalo? Ou significava que as tempestades de fogo eram menos críticas para a sobrevivência dos Pyr? A Wyvern predisse que essas três tempestades de fogo eram essenciais para os Pyr, que tinham que ser

exitosas para que tivessem a oportunidade de lutar na guerra final com os Slayer.

Eram importantes? Erik não sabia e não tinha ninguém a quem perguntar. Os Slayer estavam em silêncio, quase ausentes de sentido no mundo de Erik e desconfiava disso. Magnus não se rendeu e não estava morto ou desaparecido.

Magnus estava tramando algo em alguma parte. Erik queria saber o que era e temia a verdade. Em tempos passados teria buscado seu antigo inimigo, mas agora ele e Eileen tinham uma filha, o que significava que a próxima Wyvern seria sua filha e precisava defendê-la. Também significava que não podia acudir à sabedoria da Wyvern até que Zoe fosse capaz de falar. Poderia ser que não fosse capaz de consultá-la até que passasse a puberdade. Seus poderes masculinos não adiantavam nada. Erik não sabia como funcionava a Wyvern e havia uma escassez de informações na literatura. Eileen procurou.

Erik não tinha informação e ninguém a quem perguntar. Não era seu assunto favorito. Assim caminhava com uma Zoe irritada e tentou aliviar sua própria ansiedade.

—Estive pensando. — Disse Eileen, sua voz surpreendendo Erik que se virou para olhá-la na porta do quarto, com o cabelo solto e bonito, a camisola até os joelhos.

— Pensei que estava dormindo.

— Eu. — Ela pegou uma garrafa de suco da geladeira e encheu um copo, olhando para ele com um sorriso. — Sabia que há um eclipse lunar parcial esta manhã?

— Não, eu apenas busco eclipses totais. — Erik disse, no entanto, o eclipse parcial poderia ser a razão de sua ansiedade. Nunca foi sensível aos eclipses parciais antes, mas muito mudou no mundo Pyr. Por isso Zoe não dormia bem? Pelo que estava por vir?

Eileen tomou um pouco de suco, observando Erik cuidadosamente e sem dizer nada.

— Você pensa em algo. — Disse.

— Há três eclipses lunares parciais este ano. Um deles hoje. — Ela olhou para o relógio. — Em quinze minutos será total. Então haverá um em julho e outro em agosto.

— E?

— Parcial não é uma sombra? O que acontece se estes eclipses são sombras de dragão?

— Isso é ridículo. Slayer não tem tempestade de fogo...

— Mas um dos dragões de sombra não é um Slayer, verdade?

Erik olhou assombrado enquanto entendia.

— Delaney.

— Delaney. — Eileen concordou e terminou o suco. — Não tenho certeza se conta como um dragão de sombra, na verdade. Talvez apenas nas sombras.

— Era um Pyr morto quando se viu obrigado a tomar o Elixir do sangue de dragão que ressuscita os mortos e os transforma em dragões de sombra...

— Mas não estava morto o suficiente para que sua alma tivesse abandonado seu corpo.

Ante ao olhar de Erik, Eileen encolheu os ombros.

— Isso significa em termos Pyr, que a faísca divina dentro dele ainda não regressou à grande Wyvern.

— Magnus não pode corrompê-lo. — Disse Erik. — Delaney não era um Slayer quando bebeu o elixir também e se negou a converter-se em um.

— Onde está?

— Não tenho certeza.

— Não pode sentir sua presença?

— Não sinto.

Eileen o observou e ele sentiu-se obrigado a dizer mais. Erik suspirou.

— Sei que liquidou seus bens. Vendeu seu carro, sua casa em Seattle e metade da empresa de turismo ecológico que começou com Niall a um preço mínimo. Não voltou a se encontrar com Sloane para o tratamento, também. Ele não responde ao antigo chamado.

Conhecia o olhar de Eileen, sabia que não gostaria da resposta.

— Delaney não quer ser encontrado. Tenho que respeitar seu desejo de privacidade e seu conhecimento sobre a sua própria realidade.

Quando Eileen falou, seu tom era tão neutro que Erik sabia que tinha fortes sentimentos sobre sua escolha.

— O que acontece se tiver uma tempestade de fogo? Poderia Delaney ter uma tempestade de fogo?

Erik viu que sua filha o olhava com os olhos muito abertos. Aos três meses de idade, ela era muito jovem para realmente dar sentido ao que via e Erik sabia, mas ainda assim não podia negar o sentimento de que entendia muito mais do que ninguém esperava. Agora ela o observava tão solenemente que poderia estar lendo seus pensamentos. Questionando sua escolha, assim como Eileen. Era em momentos como este que Erik acreditava que Zoe já fosse a Wyvern, que sua alma era antiga e já à altura, e que era simplesmente seu corpo que ainda não estava pronto. Ele decidiu dar uma oportunidade a seu instinto. Talvez houvesse outras maneiras de chegar ao que ela sabia.

— Ajudar-me-ia Zoe? — Murmurou na antiga linguagem, essa forma de expressão que os seres humanos não podiam escutar. A criança piscou uma vez antes de fixar seu olhar nele. O escutou? Parecia que sim.

— Há uma estranha conexão entre vocês dois, isso é verdade. — Disse Eileen suavemente.

— Incomoda você?

— Fascina-me. Mas então tenho uma tendência a acreditar em coisas sobre almas antigas, buscando umas as outras. — Seus olhares se encontraram e Erik sorriu para sua esposa e companheira. Ela lhe

ensinou que nem tudo era lógica e que não haveria benefícios sem riscos.

— Vamos encher uma panela com água. — Sugeriu impulsivamente. — O ovo do dragão se rompeu além da reparação, mas às vezes a água funciona.

— Ou um oceano pode ser um espelho escuro. — Disse Eileen. Ela encheu uma panela, fechou as persianas e apagou as luzes. Estavam juntos na cozinha escura, a bebê estava na cintura de Erik entre eles. Zoe estava mais tranquila. Erik beijou a testa da menina e sussurrou em seu ouvido.

— Vamos Zoe. Ajude-me a trazer uma visão que me dirá o que fazer. — Logo passou à antiga linguagem. — Ajude-me Wyvern.

Erik olhou com assombro quando a menina estendeu a mão rechonchuda até a superfície da água com os dedos estendidos. Logo ficou sem fôlego quando a superfície da água ondulou com nuvens escuras. Inclinou-se mais perto, dobrando sua atenção na visão emergente, seu coração saltou quando uma cena se evidenciou. Ele olhou com avidez enquanto as nuvens de ébano se abriram para revelar um líquido vermelho.

— O Elixir do sangue de dragão. — Erik murmurou, lembrando-se da visão que teve em um sonho com Sigmund.

A menina esticou sua mão mais perto, quase tocando a água. Do elixir fluiu um enorme dragão vermelho. Erik viu apenas um reflexo antes de desaparecer na escuridão do elixir novamente. Estremeceu com a compreensão do que fazia o elixir. As nuvens se abriram ainda mais, revelando uma cova, com o elixir dentro em uma parede.

— É o santuário onde Magnus tem a fonte do elixir guardado. — Murmurou.

— É aí onde Delaney está? — Perguntou Eileen.

A cena girou, então apareceu uma entrada como um labirinto e fora um carro estacionado. Um homem alto de cabelo castanho avermelhado estava sentando no assento do condutor e Erik reconheceu Delaney imediatamente. Ele parecia decidido.

— Ele acha que pode eliminar o elixir sozinho. — Disse.

— Magnus não gostará muito do plano. — Murmurou Eileen. — Onde está exatamente o elixir?

— Em um santuário, mas não sei onde. Vamos ter que encontrá-lo.

As nuvens cobriram a superfície da água e Erik pensou que a visão terminou. Beijou sua filha, convencido de que ela lhe deu um presente, mas ela se retorceu e esticou a mão de novo. Para seu assombro, uma linha de ouro, semelhante a que uma vez apareceu na superfície do Ovo do dragão, desenhou o continente da América do Norte em brilhante ouro.

— Uau. — Disse Eileen, que nunca viu o Ovo do dragão.

Erik nem sequer se atrevia a piscar, para que não perdesse nenhum detalhe. O coração estava acelerado. Zoe já estava em grande alcance. Uma linha de longitude e uma de latitude se formaram para triangular uma posição.

— Ohio. — Disse Eileen, inclinando-se adiante para olhar. — No sul.

— Vamos. — Disse Erik, em direção à porta. Sentiu a mudança aumentar dentro dele, chegando de forma que não pode negar. Ele estava calculando, com certeza poderia voar até Ohio em questão de horas, talvez no momento de impedir Delaney de cometer um erro.

Eileen colocou a mão em seu braço para detê-lo. — Não tão rápido senhor Sorensson. Não se lembra de como Delaney tentou pegar o filho de Sara e de Alex, quando estavam grávidas?

— Essa não era a intenção de Delaney. Magnus plantou esse comando em seu subconsciente e não pode negar.

— Por isso se exilou. — Eileen estava sombria. — Para proteger as crianças Pyr. — Ela chegou até ele e pegou a menina que agora dormia nos braços de Erik e logo o olhou. — Tem que encontrar uma maneira de ajudar na tempestade de fogo de Delaney sem arriscar Zoe.

Seu ponto foi bem recebido. O coração de Erik se apertou. Se os Slayer se apossassem da nova Wyvern, bom, Erik nem sequer considerava a possibilidade. Não podia deixar a criança sozinha com Eileen, não sem

defesa. Não se atrevia a levá-las para perto de Delaney. Franziu o cenho, preso entre suas responsabilidades.

Eileen, como com frequência, tinha uma solução.

— Lembre-se que a marca de um grande líder está em sua capacidade para delegar.

— Não posso enviar Donovan ou Quinn...

— Devido a que Quinn não irá sem Sara e Garrett, e Donovan não irá sem Alex e Nick. — Eileen concluiu, depois de pensar.

— Sloane. — Disse Erik. O botânico poderia ser capaz de ajudar Delaney com este desafio.

— E Niall? — Sugeriu Eileen. — Eram sócios e amigos. Ele pode enviar atualizações pelo vento.

— Niall tem um telefone celular. — Erik se viu obrigado a tomar nota desse fato. — Todos têm.

Eileen começou a rir.

— Não me venha com isso. Vocês Pyr adoram muito sua antiga forma de conversar para perder a oportunidade de usá-la.

— É uma tradição. — Insistiu Erik. Sentia agora a totalidade do eclipse, mesmo sendo parcial fazia seu corpo querer se transformar.

Eileen sorriu, chegando perto para lhe dar um beijo no rosto.

— Faça o que tiver que fazer, então venha para a cama conosco. — Ela lhe devolveu o olhar, com os olhos se agitando sobre ele quando a necessidade de mudar ficou mais forte. Ele sabia que ela entendia. — Logo.

Erik não podia discutir com isso. Fechou as persianas, deixando a sala na escuridão, depois, rendido ao impulso de seu corpo, mudou de forma. Sentiu-se bem ao deixar o fluxo de energia atravessar seu corpo e se entregou. Sentia-se poderoso e invencível, forte em sua casa. Lembrou-se que a Wyvern podia se negar à chamada da lua, mesmo no eclipse total, e se perguntou se tal habilidade poderia ser aprendida.

Então Erik fechou os olhos e se concentrou, tentando determinar as posições de Sloane e Niall. Niall estava com Thorolf, provavelmente discutindo, mas Erik pensava que eles poderiam fazer isso, juntos. Se pudessem melhorar sua tolerância de um para com o outro. Ou pode ser que não. Apenas podia tentar fomentar melhores relações entre os membros de sua equipe. Para ser justo, compartilhava alguma irritação de Niall, com a tendência de Thorolf de exigir algo de si mesmo.

Erik enviou um convite, esperando que os três respondessem. Comprovou a fumaça marcando o perímetro ao redor da casa e logo procurou ao redor por qualquer um dos companheiros. Era um hábito, não era tão confiável como fora uma vez, mas se assegurou do mesmo.

Não passou muito tempo antes de Erik sentir a sombra do eclipse. Estremeceu, enquanto deixava seu corpo mudar novamente para a forma humana. Levou um momento para reagrupar os pensamentos antes de se unir a Eileen. Pelo menos, tinha completa fé em que os Pyr o seguiriam. Não era tão bom como cuidar de tudo por si mesmo, mas estava aprendendo a aceitar como suficiente.



Delaney estava dirigindo pelo campo de Ohio, quando chegou o assalto. Ele começou a mudar de repente, sem nenhuma intenção de fazê-lo. Não pôde parar a mudança. O dragão nele ganhou ascendência e essa realidade aterrorizou Delaney. Perdeu o controle do carro de aluguel, seu calcanhar apertou o freio enquanto o carro deslizava pela rodovia. Parou, inclinando-se na neve. Saiu pela porta justo quando a mudança aconteceu completamente, rodando através dele com poder ilimitado.

O que estava acontecendo? E por quê?

Estava escuro, muito escuro para uma manhã e Delaney abruptamente se lembrou do por quê. Haveria um eclipse parcial, mas seu corpo estava obviamente respondendo a ele. A fera interior estava completamente solta, com uma fúria aterradora. Desejava o Elixir do sangue de dragão.

O desejo era tão violento que seu corpo estremeceu, era como um

viciado que tinha sua dose negada. Seu ventre doía, ardia e queria como nunca quis antes. Era por que esteve no santuário do Elixir? Ou algo mudou em seu interior? Todos os Pyr sentiam a necessidade de mudar em um eclipse total. Deveria ter sido relativamente fácil negar o impulso sob um eclipse parcial. Mas não foi assim. Pior ainda, seu corpo exigia o Elixir, que o alcançasse e bebesse.

Não havia maneira de Delaney fazer isto. Ele apertou os dentes e lutou contra seu próprio corpo e suas exigências. Deixou-se cair em um campo de neve. Deu a volta, lutando contra seu corpo, tentando infringir dor, uma dor que poderia recobrar seus sentidos. Lutou contra o imperativo de voar, para ir buscar o elixir, beber profundamente. Para perder sua alma para sempre.

O pesadelo se aproximou então, agredindo-o durante o dia, já que a cada noite não se atrevia a fechar os olhos e dormir. Suportou isso mil e uma vezes. De certo modo, era mais terrível que despertar e ver sua ameaça. Delaney viu a terra verde de sua infância e tentou obrigar a visão a sair de seus pensamentos. Sabia onde o pesadelo o levaria, o que o destino tinha para o planeta e os seres humanos que viviam nele, e não queria voltar a vê-lo.

Mas o pesadelo era implacável. Tinha sua mente e não a soltava. Viu a propagação da indústria em toda a superfície do planeta, devorando a natureza virgem que mal se mostrou para ele. Documentou as selvas caídas e vazamento de petróleo, as espécies de aves eliminadas e cobertas de óleo. Viu as colunas de contaminação que se elevavam ao céu, viu o mercúrio cair dos corpos dos peixes. Viu rios vermelhos, como o sangue de Gaia se estendendo através de seu território.

Esse era o efeito sobre a natureza. Também mostrava o mal dos corações e mentes dos homens. Viu a injustiça e o genocídio, a violência, fome e pobreza. A contaminação da água e dos poços, o ar muito tóxico para ser respirado e a chuva radioativa. Documentou os defeitos de nascimento pela exposição a contaminações e crianças jogadas nos lixos. Viu seres humanos ficarem doentes e morrerem, viu o egoísmo aumentar e pessoas condenarem umas as outras em benefício próprio.

Delaney viu a perspectiva egoísta dos Slayer na mente dos homens e na terra de Gaia. E viu Gaia adotar represálias em um esforço para salvar a si mesma. Foi testemunha das inundações, tornados, tsunamis e

terremotos. O planeta estava em suas ultimas forças, disposto a fazer qualquer coisa a si mesmo e aos seres humanos que se destruíam com seu poder.

Mas ainda assim a sombra se estendeu. Lutou quando foi tirado de novo da terra, como se estivesse sentado em um planeta distante e era tudo uma prova. Mas o coração de Delaney estava na terra com Gaia, com as pessoas que chamaram o planeta de sua responsabilidade. Como Pyr, foi proteger o tesouro dos dois.

Assim menosprezou a visão da sombra deslizando-se pela superfície da terra. Era como ver um eclipse, com exceção de que a Terra foi empurrando a sombra em lugar da lua. Neste dia, sentiu sua frieza até a medula e sabia que o Elixir era como uma toxina atuando dentro de si. Atravessando a escuridão do planeta, lembrou-se da antiga historia do dragão no céu, devorando a lua durante um eclipse. Mas estes dragões, os Slayer, devoravam a própria Terra.

Ouviu o vento e a chuva, ouviu os gritos dos seres humanos em perigo. Ouviu os furacões contra a margem e ouviu o desespero que chegava com a noite, alimentado pelo terror do desconhecido. A sombra mais profunda, causando mais estrago na superfície da terra, passando gradualmente em seu rosto.

Delaney estava frio, mais frio do que jamais esteve e em sua visão, a terra estava ficando congelada. Observou a grama crescer, viu as árvores e os edificios presos no gelo. Viu o gelo se estendendo sem descanso por toda a terra, movendo-se como mercúrio, roubando a vida e a vitalidade de tudo o que tocava. Tudo ao seu alcance ficava frio.

Quando o eclipse foi total, quando a Terra foi completamente devorada pela sombra, o planeta brilhou na escuridão. A sombra passou, a luz voltou, mas a Terra estava totalmente diferente. Seus rios congelaram. As montanhas foram enterradas na neve. Os bosques brancos com o gelo.

Estava silencioso. Não havia nenhum movimento. O brilho do gelo refletia a luz do sol, brilhante e reluzente, mas horrível. O Elixir consumiu o planeta, exterminando tudo sobre ela e preservando o que sobrou. Morte.

E tudo porque Delaney não tomou a iniciativa de destruir o Elixir. A duração de um eclipse de manhã era de quatro horas e trinta minutos. Delaney sentiu cada segundo. Passou toda a manhã no campo de uma

fazenda, enquanto a neve caía constantemente, com a mente obsessiva pela visão do que poderia acontecer.

Ninguém o viu triunfar sobre a necessidade de seu corpo, não nesse campo remoto no meio de uma tempestade de neve. Ninguém o viu se transformar de novo, em sua forma humana, e em pé, ofegante e exausto, na neve. Ninguém o viu secar o suor da testa, tremendo com sua horrível experiência. E ninguém viu a determinação dura nos olhos de Delaney.

Não iria lutar esta batalha novamente. Um monstro viciado despertou em seu interior, um que não pudesse controlar e confiar. Chegou muito perto de perder a luta e estava decidido a nunca se render aos Slayer e seu Elixir. Estava muito perto do santuário do Elixir. Pelo menos seu corpo lhe permitia detectar a fonte com maior precisão. Teria que encontrá-lo e eliminá-lo, não importando o preço para si mesmo.

Saiu do campo e procurou por observadores. Quando não viu ninguém, mudou de forma e procurou pelo carro. Sentia-se mortal novamente, sua forma de dragão manso e fácil de controlar. Delaney não se deixou enganar. O próximo eclipse seria pior.

O carro arrancou de imediato, dando-lhe apenas um momento para observar a encosta. Era uma lembrança de que a mudança involuntária não poderia acontecer mais. No próximo eclipse, Delaney estaria morto e o Elixir seria destruído.

Capítulo 1

Delaney decidiu atacar o santuário do Elixir do Sangue de Dragão na manhã de sábado. Não havia dúvida sobre seu sonho na noite de sexta-feira. A fumaça de dragão de Magnus para marcar o perímetro do santuário era quase superficial, e certamente se rompeu. Não teria nenhum problema para entrar no santuário do Elixir. Delaney não precisava se preocupar em sair.

Não poderia convocar os *Pyr* para ajudá-lo, não queria arriscar que Magnus o obrigasse a se voltar contra eles ou que eles estivessem em perigo, com em sua última missão. Estava sozinho. Percebeu a presença de Magnus em Ohio, bem como a do atual favorito de Magnus, Jorge. Os *Slayers* pareciam ter reunido mais integrantes, talvez para se fortalecer com o Elixir.

Passou a semana observando as medidas de segurança externas de Magnus, que não eram preocupações de valor. Infelizmente, não tinha certeza do que iria encontrar no interior do santuário, onde o Elixir era armazenado e como exatamente iria destruí-lo, o que tornava difícil a formulação de um plano de ataque. Delaney não estava feliz com essa falta de informação, mas mais que infeliz com a dúvida que se alimentava dentro dele.

Uma vez foi corajoso. Uma vez foi confiante. Uma vez seu irmão, Donovan, chamou-o de temerário. Uma vez ele teria apenas entrado no santuário e confrontado tudo, na certeza de seu próprio sucesso. Mas o Elixir lançou uma sombra sobre seu coração, fazendo-o duvidar de sua capacidade e seu sucesso, tornando tudo impossível. Sua falta de sono crônica não ajudava. Ele desprezava o que se tornou. Era hora de resolver a questão.

Delaney sabia que estava em uma missão suicida. Não se importava. Morrer deveria ser melhor do que viver como ele viveu nos últimos anos, e se pudesse conseguir alguma coisa com a sua morte, tanto

melhor.

Poderia destruir a fonte do Elixir do sangue de dragão de modo que Magnus não pudesse fazer mais dragões sombra dos *Pyr* mortos. Os *Slayers* não seriam capazes de beber o elixir para se tornarem mais fortes, também. E ninguém jamais teria que sofrer o que ele sofreu, sendo forçado a tomar o elixir contra a sua vontade. Não, nenhum *Pyr* jamais teria medo de dormir novamente.

Delaney passou um ano se preparando, dominando suas habilidades de luta, e deixando seu corpo em perfeitas condições. Vendeu tudo que tinha e fez a sua vontade, preparou-se para sua própria morte.

Delaney estava em forma, por assim dizer. Ele não abraçou o Elixir, por isso não se transformou em um Slayer. Detestava a forma como a semente da sombra que Magnus plantou em seu coração se recusava a sair, odiava como foi incapaz de parar o ataque à esposa grávida de Donovan, Alex. Sua ação foi repugnante e condenável. Exilar-se de seus companheiros foi a única opção.

Delaney dirigia seu carro de aluguel sem rumo na sexta-feira à noite, lutando contra o cansaço. O pesadelo recorrente pressionava a parte traseira de seus pensamentos, ameaçando consumi-lo se ele sucumbisse à necessidade de dormir. Sua visão sombria o deixou trêmulo e desanimado, não podia se arriscar mais nesta noite. Dirigiu pelas estradas rurais, campos de neve sob o luar pelos bosques de galhos nus. Só quando ficou doente de sua própria companhia, viu luzes.

Delaney parou em um estacionamento da pousada por instinto, e percebeu que era o anseio da companhia dos humanos, que ele e os *Pyr* foram acusados de proteger. Ele não parou para pensar duas vezes. Caminhou para o bar barulhento, saboreando os sons de risadas e música, a visão de pessoas dançando e celebrando. Todos ignoravam o que ele faria, assim como os seres humanos sempre se esqueciam dos esforços dos *Pyr*, mas seu otimismo continuaria. Isso fazia com que valesse a pena.

Ele pediu uma cerveja e uma tequila antes que uma mulher batesse em seu cotovelo.

— Ei, esta é uma festa privada. — Começou ela, ficando em silêncio quando uma faísca saltou entre seus dedos e o cotovelo de Delaney.

Ele sentiu seus olhos se ampliarem quando um calor desconhecido o percorreu como um incêndio. Mesmo que ele nunca tivesse sentido isso antes, Delaney sabia exatamente o que era. Sua tempestade de fogo. Sua última chance de fazer a coisa certa. Era um presente e um sinal, os *Slayers* não tinham uma tempestade de fogo, assim Delaney sabia que a Grande Wyvern o abençoou com uma segunda chance. E ele iria usá-la.

Seu sangue pareceu claro e ele ficou muito consciente de todos ao redor dele. Sentiu um desejo tão afiado e quente que quase lhe tirou a respiração, e sabia qual o papel da mulher na vida dele. Era assim que seu corpo funcionava e a previsibilidade aumentava. Não doeu que a pequena ruiva a seu lado fosse a mulher mais bonita que ele já tinha visto. Ela era tão pequena e delicada como uma fada, mas mais curvilínea do que qualquer fada poderia ser. Seu cabelo era uma massa longa e com grossos cachos de ouro acobreado, os olhos eram azuis e brilhantes de curiosidade. Ela parecia querer rir, lembrando-o de um feixe de luz do sol dançando sobre o mar.

Ela era tão diferente dele como um ser humano poderia ser. Usava um traje preto brilhante que destacava a curva dos seios e uma saia preta que glamorosamente dançava em volta dos quadris. Seus brincos balançavam com uma pedra âmbar, uma de suas pedras favoritas, e que batia contra seu rosto enquanto falava. Ela estava usando saltos muito altos com tiras formando as sandálias pretas, mas mesmo com elas, apenas alcançava o centro de seu peito. Ela também estava um pouco insegura sobre eles, como se não estivesse acostumada a usar esses saltos altos.

Ela apertou os lábios, lançou-lhe um olhar, e tocou com os dedos seu cotovelo, mais uma vez.

Gostava que não sentisse medo. A faísca da tempestade de fogo apareceu na hora, iluminando as feições com um esplendor dourado. Ela deu um passo para trás com espanto, equilibrou-se, agarrando a borda do bar, mas não fugiu. Em vez disso, ela lambeu o dedo e fez um som de assobio. Então riu.

Foi o som mais encantador que Delaney já ouviu. Sua risada era mais baixa do que esperava, a risada de alguém que amava a vida e aproveitava o momento. Ele poderia admirar isso. Ela não sentia medo dele ou da tempestade de fogo e isso tinha que ser um bom sinal.

Delaney fixou seu olhar e soube com absoluta clareza como iria passar sua última noite. Ele faria mais um jogo para a equipe. Consumiria a tempestade de fogo e daria a Erik outro *Pyr* para as fileiras de seus guerreiros. Era a coisa certa a fazer.

— Você é de fogos de artifício real. — Disse ele calmamente e ela sorriu. O sorriso iluminou seu rosto e Delaney percebeu que ela sorria com frequência. Encontrou-se sorrindo para seu prazer, a expressão de sentimentos estranhos em seus lábios. Era bom.

— Você roubou a minha piada. — Reclamou ela, sem parecer ofendida, nem um pouco. — Eu iria mandá-lo embora, mas talvez haja mais em você do que os olhos podem ver. — Ela lançou-lhe um olhar interrogativo e seus olhos brilhavam com malícia. — Talvez eu deva dizer que é uma coisa quente.

— Talvez nós devêssemos descobrir até onde as faíscas voam.

Ela riu de novo e Delaney se sentiu menos sobrecarregado.

— Ou seja, quem brincava com fogo se queimava.

— Agora, você roubou minha piada. — Reclamou ele.

— Eu jogo limpo. — Ela riu de novo, em seguida, esticou a mão. — Ginger Sinclair. A eterna dama de honra, a melhor chefe e organizadora de festas, em quatro municípios.

— E a luz da noite. — Disse Delaney, querendo apenas fazê-la rir novamente. Ela obedeceu e pareceu triunfante. Alegre. Ousada.

— Delaney. — Disse ele, estendendo a mão. Quando seus dedos se fecharam sobre os dela, o calor da tempestade de fogo percorreu seu corpo no ponto de contato, deixando-o brilhante ao seu passo. Deixando-o incapaz de pensar em qualquer coisa, exceto tirar Ginger daquela blusa e saia. Tinha sardas em seus seios, muitas delas que se estendiam por seus seios e nos ombros. Queria encontrá-las todas, acariciá-las, beijá-las. Enquanto isso, os olhos de Ginger se arregalaram e ela prendeu a respiração, levantando suas bochechas rosadas quando olhou para ele. Ela engoliu visivelmente.

— Delaney o quê?

— Só Delaney.

Seus olhos brilharam de novo, um sinal de que ela não estava intimidada por ele.

— Tudo isso é muito misterioso. Poderia ser demais para uma pequena garota do campo, como eu.

— Eu acho que você pode lidar com tudo o que tiver.

Seu sorriso ficou tímido e ela deixou seu olhar deslizar sobre ele novamente.

— Talvez.

— *Tudo* que tenho. — Ele corrigiu.

Seu sorriso se ampliou.

— Talvez.

— Talvez um pouco de química seja tudo o que precisamos.

— Talvez. — Ginger balançou a cabeça, e seu olhar voltou às suas mãos entrelaçadas. Delaney deixou deslizar o polegar em sua pele, saboreando sua suavidade sedosa. Uma trilha de faíscas seguiu o rastro de sua carícia lenta. Ginger olhou para ele, depois lambeu os lábios. — Eu acho que bebi demais. — Disse ela, e afastou-se. — Você não acha que está quente aqui?

— Vai ficar mais quente. — Prometeu Delaney suavemente, e ela corou. O garçom trouxe a cerveja e uma dose, mas Delaney não estava interessado em afogar mais suas mágoas. Ele estava interessado em seduzir a pequena e perfeita Ginger.

O DJ colocou em uma música lenta, um ritmo perfeito. Delaney pagou a bebida e girou Ginger em direção à pista de dança.

— Vamos lá, eles estão tocando minha música.

Ela lançou um olhar sobre o ombro dele, inclinando a cabeça para encontrar seu olhar.

— Minha avó me disse para não dançar com estranhos. — Ela

estava sorrindo, então ele sabia que ela estava brincando. Paquerando, talvez. Sentia-se bem. Leve. Mais perto da felicidade que se foi há muito tempo. Iria aproveitar ao máximo o momento.

— Eu só danço música lenta. Você está me rejeitando? — Ele deixou seus dedos deslizarem até seu braço nu e Ginger estremeceu com o que ele sabia que era desejo.

— Minha avó também disse que só se vive uma vez. — Disse ela com firmeza, e pegou a mão dele. Ela girou pela pista de dança para enfrentá-lo, a antecipação em seus olhos. A pista era velha, com luzes pulsantes no chão e as luzes vermelhas e azuis faziam sombras intrigantes em sua saia.

— Mostre-me seu melhor, Delaney, sem sobrenome. — Ela o desafiou e Delaney não precisou de um segundo convite. Sabia que fariam mais do que dançar uma música lenta juntos, antes que a noite acabasse. Quando ele puxou Ginger para seus braços e a tempestade de fogo brilhou entre seu peito e seus seios, ela prendeu a respiração e olhou para ele com admiração. Foi quando ele soube que ela sabia, também.

— Só se você me mostrar o seu. — Ele murmurou. A malícia em seu sorriso fez seu coração saltar.

— Temos um acordo, figurão. — Delaney, sem sobrenome, era quente. Não somente ele era o cara mais bonito na pista de dança, não apenas iria dançar, mas ele fazia Ginger se sentir como uma rainha. Sabia que seus amigos estavam observando, não duvidava que estivessem se perguntando de onde ele vinha, mas ela não se importava. Ele estava completamente obcecado por ela e se sentia bem. Poderiam estar sozinhos. Ginger estava começando a desejar que estivessem sozinhos.

Ele era alto, mais do que apenas alto, maior que todas as pessoas no bar. Ele era magro, mas com ombros amplos e seu jeans mostrava suas pernas e seu traseiro vantajoso. Parecia que ele se exercitava o tempo todo. Talvez tivesse um emprego em uma academia. Vestia uma camisa polo listrada e uma jaqueta de couro, o verde da floresta de seus olhos, combinava com a camisa e deixava o seu cabelo mais ruivo. Seu cabelo era cortado curto, tão curto que o corte e sua postura a faziam pensar se ele estava no serviço militar.

Ele tinha essa autoridade tensa, também, com uma expressão tão

impassível que seu sorriso súbito saia como um dom. Ela gostou da cruz celta de prata que ele usava em uma corrente prateada no pescoço, era bonita e falava que tinham uma fé comum maior que eles próprios. Havia sombras à espreita em seus olhos, de todos os modos, levou uma batida de coração mais para ele sorrir, fazendo Ginger acreditar que viu mais do que qualquer outra pessoa.

A volta da guerra, então. Não fisicamente, mas emocionalmente ferido. Ginger poderia se relacionar com isso. De repente, não pareceu tão deprimente não ter um acompanhante para festa que ela planejou para seus dois melhores amigos. Parecia mais destino. Delaney era um perfeito cavalheiro, fazendo-a girar e olhando bem, com os olhos brilhantes de admiração quando ela virou as costas. Ele não era um predador ou uma pessoa violenta, Ginger podia sentir esse tipo de coisa. Ele estava assustado, mas não era mau.

Mentiu sobre a dança lenta: uma vez que começaram, continuaram a dançar, independentemente do que o DJ tocasse. Ginger estava quente e sabia que estava corada, não era o melhor para uma ruiva, mas ela nunca teria imaginado, pelo fascínio óbvio de Delaney por ela. Sua atenção a fazia se sentir linda. Sexy. Ousada.

A música mudou para um ritmo lento novamente, as luzes escureceram e Delaney a balançava em seus braços e, sem dúvida, ela estava feliz por estar ali. Estava certo. Era fácil cair contra o peito, se aconchegar, apenas para desfrutar de um homem que a tratava bem. Ginger sentiu irradiar calor dele e sentiu seu perfume, masculino e limpo. A enxurrada de faíscas que dançavam sob todos os pontos de contato fazendo cócegas e chiando, fizeram-na rir.

— Como você faz isso? — Ela perguntou, inclinando a cabeça para trás para vê-lo.

— Fazer o quê? — Perguntou, mas ela sabia que ele estava se escondendo.

— As faíscas.

— Eu pensei que fossem fogos de artifício. — Disse ele, a voz baixa quando sorriu para ela. Sua expressão intensa fez seu coração saltar uma batida. — Pensei que você fosse a pessoa que deixava as coisas quentes.

Ginger riu. Ela não estava tão bêbada para perder a cabeça, mas estava se sentindo impulsiva. Ela seguiu seu coração por muito tempo e nunca cometeu nenhum erro e havia algo em Delaney, sem sobrenome, que chamou a atenção dela e segurou-a rapidamente. Ele estava um pouco perdido, mas sentiu sua integridade e honra.

Moveram-se lentamente com a música, encaixando-se melhor do que ela poderia ter esperado. Seus seios roçaram o peito dele, o toque casual deixando-a em fogo. Ginger estava bem ciente de quanto tempo estava sozinha. Dançar com Delaney lhe deu uma boa ideia do que poderia fazer com ele.

A mão de Delaney repousava sobre sua cintura, firme e possessiva. Ela gostava de seu peso, gostava ainda de seus dedos se movendo lentamente. Já estava quente, mas sua carícia atizou o fogo em suas veias. O desejo se acendeu e aumentou a chama. Ginger não acreditava em coincidências. Não acreditava que as pessoas se uniam por acaso. Acreditava em destino e descobrir a que ou quem, você precisava se juntar na certa. Sua intuição lhe dizia que Delaney precisava dela e tinha uma forte sensação de precisava dele, também. Completamente sóbria na terça-feira de manhã, ela poderia esperar para ver melhor. Um pouquinho bêbada, em uma sexta-noite, depois de mais um casamento de pessoas que ela apresentou um ao outro, Ginger se entregou ao impulso.

Aproximou-se de Delaney, colocando o rosto em seu peito. Ele hesitou apenas por um momento, antes de puxá-la mais apertado no círculo dos seus braços. Um cavalheiro. Ginger sorriu. Ela o leu bem. Sentia-se rodeada por sua força e suspirou com prazer, seus dedos deslizaram para o cabelo em sua nuca. Ela engoliu em seco quando ele descansou o queixo contra o alto da cabeça e fechou os olhos enquanto a respiração deslizava pelo cabelo dela.

Eles se moviam com facilidade, mantendo o ritmo da música, como se tivessem dançado juntos mil vezes. Como se fosse para ser assim. Ginger manteve os olhos fechados e ouvia as batidas do coração de Delaney e, pela primeira vez, não soube por quanto tempo. Ela teria sido feliz se a música durasse para sempre, mas claro, isso não aconteceu.

— Vamos animar, pessoal! — A voz do DJ soou abruptamente através do bar, seguida pela forte batida de uma música. As luzes começavam a vibrar intensamente e a pista de dança, de repente ficou

lotada. Delaney e Ginger se separaram com relutância e ela viu um eco de sua própria surpresa, em sua expressão. Ela viu o desejo e viu que ele iria esperar por ela para dar o primeiro passo. Ela o fez.

Ginger estendeu a mão e pegou a de Delaney, dando um aperto em seus dedos. Houve um clarão de luz entre as mãos, uma chama laranja que ela achou ser a manifestação de seu desejo.

— Há algo entre nós. — Disse Ginger, levantando a mão ao peito. As faíscas dançaram novamente, piscando amarelo e laranja ao redor de seus dedos, em seguida, um esplendor em suas mãos. Ela olhou para elas com admiração, incapaz de explicar sua presença. As luzes pulsantes chegaram, disfarçando as faíscas da vista casual, mas Ginger podia sentir o seu chiar. — Parece magia.

— Não é magia. — Delaney concordou silenciosamente. Seus olhos estavam escuros, cheios de mistério e sombra. Ele era solene e intenso, vigilante, deixando-a marcar o ritmo. Mas talvez perto o suficiente.

— Você sente isso também?

Ele balançou a cabeça.

— Eu senti assim que você tentou me mandar embora. — Seu sorriso relutante fez seu coração saltar uma batida. Como se fosse possível. Ginger riu da verdade disso.

— Pontos pelo esforço?

— Pontos pela coragem. — Ficou sério, então, seu olhar de admiração. — Há algo muito sexy em pessoas que acreditam em si mesmas.

Sua mão deslizou ao longo de sua mandíbula, em seguida, passando pelo cabelo e colocando-o na parte de trás da cabeça. Foi uma carícia possessiva, que a fez vibrar até os dedos dos pés e deixou sua boca seca. Ginger sabia o que iria fazer e, por um lado, ela desejou que ele se apressasse. Por outro lado, era delicioso que se movesse tão lentamente. Assim, deliberadamente. Ele a fazia ansiar por mais.

Delaney observou Ginger em fogo lento, com a convicção de que na realidade estava olhando para ela. Ginger era uma substituta do afeto de

outra mulher antes, e era sensível sobre ir por esse caminho novamente. Delaney, no entanto, parecia se maravilhar com ela e determinado a deixá-la saber que ela era o que queria.

Se não fosse sexy o suficiente, se realmente não gostasse da franqueza que em alguns homens acharia irritante, tinha então seu beijo. Ele inclinou a cabeça lentamente em direção a ela, dando-lhe tempo para evitá-lo se tivesse sido seu plano. Como se pudesse. Ginger deslizou as mãos sobre os ombros de Delaney e colocou sua cabeça entre as mãos, inclinando o rosto para cima. Sua boca se fechou sobre a dela com certeza, não deixando nenhuma dúvida de que ele estava afirmando que a queria. A ela.

Ginger se derreteu. Seu beijo era firme e convincente, as mãos suaves e fortes. Foi um beijo com o qual Ginger sempre sonhou, confiante, honesto e decidido. Com intenção de dar prazer para conseguir o mesmo em troca. Ela deixou Delaney saber que o aprovava. Inclinou-se contra ele, os seios esmagados contra a força rígida de seu peito enquanto passava as mãos por seu pescoço. Sentia seus músculos sólidos sob suas mãos e sabia que ele era mais forte do que imaginou. Mas ele era terno com ela, moderando seu poder. Ginger nunca teria chamado a si mesma de frágil, mas gostava de ser tratada como um tesouro. Delaney não tentou restringir sua paixão, não desaprovou o seu desejo ou a sua comunicação do mesmo. Simplesmente aprofundou seu beijo. Ginger estava cativada. Estremeceu quando ela correu os dedos sobre seu cabelo curto e ela sentiu sua ereção contra seu estômago. Delaney a queria, como ela era. Não poderia haver afrodisíaco mais potente do que isso.

Delaney abriu uma mão em toda a volta de sua cintura, levantando-a nos dedos dos pés enquanto suas línguas se entrelaçavam e dançavam. Ginger sentiu o calor do desejo queimar dentro dela, sentiu o desejo do corpo mais do que apenas um beijo. Ela o beijou com fervor, incentivou para que ele respondesse imediatamente ao seu toque.

— Uau! — Tanya disse de perto. — Leve-o para fora, Ginger, ou seja legal.

Ginger pulou ao som da voz de sua melhor amiga. Seu rosto aqueceu, ela corou, mas Delaney fechou os braços protetoramente ao redor dela. Para sua surpresa, ela e Delaney estavam brilhando, como se estivessem no meio de uma fogueira. Algum idiota deve ter virado um dos

holofotes amarelo sobre eles. Incomodou Ginger, mas não incomodou Delaney. Ele roçou os lábios em sua testa, depois se inclinou para sussurrar em seu ouvido. Seu tom baixo o suficiente para repercutir em suas veias, sua expressão intensa o suficiente para eliminar suas reservas.

— Eu tenho um carro de aluguel. — Disse ele baixinho. — Vamos dirigir.

— Não. — Disse Ginger, falando tão firmemente que se encontrou com seu olhar de surpresa. — Venha para casa comigo.

Ele hesitou, olhando profundamente nos olhos dela.

— Você tem certeza?

— Você está me rejeitando, gostosão?

Delaney balançou a cabeça, como se estivesse surpreso por ela poder imaginar uma coisa dessas.

— Você disse que bebeu demais. — O olhar dele ficou cálido, seus dedos deslizaram em seu rosto tão lentamente que Ginger tremeu de calor. Suas palavras ficaram roucas antes de sua confissão. — Não me arrependo de nada do que fizemos, então não quero que você se arrependa, também.

Seu toque teria dissolvido seus joelhos, se as suas palavras não o tivessem feito antes. Ginger sentia-se quente o tempo todo e conhecia um bom homem quando o via.

— Vamos para casa. — Disse ela, colocando a mão na sua e caminhando para a porta.

Para a surpresa de Delaney, Ginger afastou-se das luzes brilhantes do bar e para uma rede de estradas não iluminadas. As linhas elétricas corriam ao lado deles, de polo a polo, luzes ocasionais queimavam na escuridão das casas bem afastadas da estrada. Eles andaram em silêncio, no brilho da tempestade de fogo entre eles. Estava nevando, os flocos brancos caíam do céu em uma dança sem fim. O mundo parecia calmo, pensativo, à beira de uma mudança profunda.

Quando Delaney olhou para Ginger, ela sorriu para ele. Gostaria que ela nunca vacilasse em sua confiança por ele. A dele certamente não vacilaria. Em sua instrução, Delaney chegou a uma calçada ao lado de

uma grande placa que ele não podia ler no escuro. A casa ficava a várias centenas de metros da estrada, à esquerda, era antiga, com dois andares e ornamentos pendurados nas vigas. Havia um velho celeiro, atrás dela, então um grande celeiro moderno, várias centenas de metros para frente. Uma luz iluminava o enorme espaço entre a casa e os celeiros. Ele podia ver a silhueta de painéis solares no telhado do celeiro novo, embora pudessem não ser eficazes, com tanta neve.

Ele estacionou na porta da cozinha, ao lado de uma caminhonete grande vermelha desbotada. Ginger saiu do carro antes que ele pudesse abrir a porta, saltando os degraus do alpendre de madeira. Ela não balançou sobre os calcanhares tanto como fez no bar. Delaney a seguiu, com um sentimento de descoberta por ela estar em sua casa. A casa era velha, de madeira. Estava em boa forma, bem conservada, as persianas de cada lado de cada janela estavam intactas e em linha reta. Ele sentiu o cheiro de estrume e palha no ar fresco, aromas de terra cultivada.

Delaney perdeu as fazendas, mas não o trabalho duro que encontrou nelas no passado, nem a integridade e senso de unidade com a terra. Sentiu uma pontada de arrependimento por vender a sua própria terra, em seguida, pensou que era irrelevante. Talvez a conexão de Ginger com a terra fosse parte do que ele achava tão sedutor nela. Ela girou antes de destrancar a porta e lançou-lhe um sorriso.

— Muito tempo na cidade. — Disse ela com um encolher de ombros. — Inclusive tranco as portas aqui.

— Isso é apenas sensato.

Ginger riu, um som alegre que iluminou o coração de Delaney.

— Coisas de uma cidade de gente louca, de acordo com a minha avó. — Ela imitou um tom severo. — *Não tem sentido viver em algum lugar onde não está seguro ou não se sente seguro.* Isso é o que ela sempre dizia.

Delaney entendeu que a avó de Ginger havia falecido.

— Você se sente segura aqui? — Ele perguntou curioso.

Ginger olhou a luz tremular sobre os campos, no céu e no celeiro, sorriu para Delaney.

— Depende. Há algo a ser dito sobre o som de outras pessoas por perto. Foi estranho voltar aqui, é tudo calmo.

— Voltar para a terra.

— Essa é a parte que eu gosto mais. — Ela pareceu prestes a dizer mais, então olhou para ele. — Você cresceu em uma fazenda? — Ele sentiu que ela estava mudando de assunto, talvez para esconder algo de sua própria história.

— Eu trabalhei em uma fazenda por um longo tempo. — Delaney omitiu o detalhe de que ele havia mais tarde comprado a propriedade da fazenda. — O dono disse-me que quando tivesse terra sob as unhas, eu nunca iria tirá-la. — Ele encolheu os ombros. — Ele estava certo.

— Sim. — Ginger concordou suavemente. — Eu nunca poderia perder esse lugar. — Ela suspirou. — É bom saber de onde vem sua comida e ver sua conexão com a Terra a cada dia.

— É agricultora, então?

— Bem, não o suficiente. Eu quero ter uma fazenda orgânica, cultivar legumes no mercado, todos orgânicos, principalmente as variedades. — Ela fez uma careta. — É muito de trabalho duro, mas eu posso sentir a diferença.

— Isso é comum por aqui?

Ginger riu.

— Não! Todo mundo pensa que eu tenho loucura pela cidade. Eles estão esperando para me ver fracassar.

Ele viu os lábios dela se apertarem quando ela olhou para os campos e soube então a profundidade de sua determinação.

— Você não vai falhar. — Ele disse suavemente.

Ela encontrou seu olhar com um sorriso, uma convicção atraente em seus olhos.

— Não. — Ela disse com confiança. — Eu não vou. Daqui a dez anos, talvez vinte anos, eles não serão capazes de acreditar que nunca

fizeram nada de diferente. Vou encontrar uma maneira de fazê-lo. Por agora, existem as garotas e elas estão trabalhando muito.

— As garotas?

— Fazenda Sinclair sempre foi uma fazenda de gado leiteiro. Eu tenho uma centena de vacas no estábulo, a maioria delas prenhas. — Ela sorriu. — Sempre tivemos Guernseys, mas estou adicionando outras raças ameaçadas de extinção.

— São mais fáceis na terra.

Ela sorriu para ele.

— Exatamente! Tanya foi para a escola culinária comigo e me seguiu de volta até aqui, para se tornar uma produtora de queijo artesanal. Então conheceu Steve e isso foi tudo.

—Então se uniram.

— Sim e não. — Ela corou um pouco. — As pessoas me chamam de casamenteira, mas é como colocar os ingredientes juntos para um suflê. Você acaba sabendo quando tem algo especial.

Delaney entendia exatamente o que ela queria dizer.

— Eu amo isso aqui. — Olhou através dos campos, desta vez com orgulho, e Delaney seguiu seu olhar. Ele sentiu seu vínculo com a terra e sua determinação para fazer a diferença. Ele admirava sua certeza e queria saber mais sobre seus planos para o futuro. Para sua própria surpresa, sentiu uma sensação de algo em comum com ela, por assim dizer, uma que apenas aumentou seu senso de união. Ele poderia viver assim, seguindo os mesmos objetivos. Delaney ouviu a noite e inalou o ar frio, sabendo que seus sentidos eram mais acentuados do que os dela.

Ele sentiu o cheiro de Slayer, à distância, e *Pyr* a uma distância maior. Sentiu o cheiro do Elixir de sangue do Dragão, não tão longe que poderia ser esquecido, em seguida, o gado e adubo e vida selvagem. Sentia a borra de café na cozinha de Ginger, roupa fresca, o seu perfume, e foi enganado pela combinação de Ginger com a terra que ele tanto amava. Ele se concentrou nos aromas mais estreitamente associados com a humanidade, com os deveres de Ginger e olhou para o brilho vívido de

seus olhos. Ela era sua companheira destinada. A tempestade de fogo não mentia. Mas mesmo o fraco perfume dos Slayer deu uma urgência à reação dele.

Ela era tão frágil. Tão vulnerável. Alheia ao perigo. O desejo de proteção de Delaney abalou sua urgência, mas, apesar de seu poder, sabia o que tinha que fazer. A convicção de que satisfazer sua tempestade de fogo seria a última coisa que Delaney faria na vida deu uma força para o momento. Ele sentiu um nó na garganta enquanto parava ao lado de Ginger.

— Em que tipo de fazenda você trabalhou? — Ela perguntou abruptamente.

— Fazenda de cavalos. — Ele a seguiu até a varanda, parando ao lado dela. Ela inclinou a cabeça para trás para observá-lo, cobiçando as nuances de suas respostas. Ele não tinha dúvida de que ela iria vê-las.

— Árabes?

Delaney balançou a cabeça, ouvindo a dúvida de que fez eco em sua própria cabeça.

— Não, cavalos de corrida. O proprietário não gostava de como eles eram tratados no mundo das corridas. Mais do que animais, como máquinas. Eu não gostava muito.

Ginger estava olhando para ele, a compreensão em seus olhos.

— Não criamos cavalos de corridas.

— Os belgas e Clydesdales?

— Entre outras raças de trabalho.

Ela colocou a mão na sua e viu as faíscas resultantes com um sorriso.

— Mais glamorosos do que as vacas leiteiras.

Delaney apertou a mão dela, sentindo o quão pequena ela era.

— Nem todos gostam de leite?

Ela sorriu para ele.

— Eu sim. — Ela franziu o nariz. — E eu gosto das vacas. Elas têm uma serenidade que é boa. — Ela suspirou. — Ou talvez eu só esteja acostumada com elas. Não posso imaginar estar aqui sem as vacas no pasto.

Eles ficaram em silêncio por um instante, de mãos dadas na varanda, Delaney com o coração batendo pelo que estavam prestes a fazer. Ele sentiu o brilho da tempestade entre as palmas das mãos, um calor que ele poderia imaginar ser uma ressonância das semelhanças em suas perspectivas.

Ele queria ver sua fazenda e ouvir seus planos, conhecer suas vacas e falar sobre o futuro. Não podia fazer isso, não poderia pedir mais dela do que ela já estava lhe dando. Ela iria ter seu filho, depois de tudo.

— Você tem certeza? — Ele perguntou de novo, as palavras e formavam uma nuvem branca na noite fria.

Ginger sorriu para ele.

— Você não estaria aqui se fosse de outra forma, Delaney, sem sobrenome.

— Shea. — Disse ele, lembrando-se da escuridão dentro dele quando ela poderia ter facilmente esquecido. — Delaney Shea. — Era a primeira vez que ele falava o sobrenome de seu pai. Sempre usou o sobrenome de sua mãe, sem nada, porque seu pai tinha se rendido aos Slayer. Usar Shea agora era um poderoso lembrete do que Magnus fez com ele. Mas a confissão de seu nome fez Ginger se iluminar.

— Delaney Shea. — Ela repetiu com satisfação. — Um bom nome irlandês.

— É irlandês. — Delaney concordou, inclinando-se para beijá-la antes que revelasse mais. Era muito fácil conversar com Ginger, muito fácil dizer as coisas para fazê-la sorrir. Era melhor que Ginger soubesse o mínimo possível sobre ele e não mais. Seria mais fácil para ela aceitar o seu desaparecimento, se não soubesse onde procurar. Ele deveria ter inventado um sobrenome, mas era tarde demais para isso. Então Ginger escorregou sua língua em sua boca e Delaney se esqueceu de tudo, menos a mulher em seus braços.

Capítulo 2

O calor subiu pelo corpo de Delaney de todos os pontos de contato com Ginger, fazendo seus lábios chiarem e seu sangue esquentar. A tempestade era uma chama de ouro, iluminando seu desejo e levando-o ao inferno.

Os cílios de Ginger vibraram para baixo, arrebatadores em sua expressão. Os dedos dela agarraram a parte de trás de seu pescoço, as costas arqueadas, ele sentiu os picos tensos de seus mamilos. Ela poderia ter sido feita da luz do fogo, toda faísca, paixão e calor. Ela era quente e tinha um dourado lindo. Ele a viu como a fonte da luz da tempestade, uma faísca radiante que aquecia seus pensamentos mais escuros.

Ela era a aurora que o despertou de um longo pesadelo. Ele tinha que fazer isso, dar uma noite de prazer a ela. Delaney aprofundou seu beijo, Ginger gemeu de prazer. Centelhas saltaram no ar à sua volta, caindo na neve além da varanda, iluminando a noite. Delaney abriu a porta da cozinha, em seguida, pegou Ginger em seus braços, beijando-a novamente. Ele levou-a para a porta, nunca rompendo o beijo, e chutou a porta fechando-a atrás deles.

Ela pegou seu rosto nas mãos e beijou, como se ela não conseguisse o suficiente dele. Delaney concordava com isso. Ele tinha dificuldade para acreditar que uma vez com Ginger seria suficiente. Ela chutou as suas sandálias de salto alto e ele as ouviu cair da escada atrás deles. O quarto tinha uma colcha feita à mão na cama. Uma cômoda de pinho simples e cadeira correspondente era a única mobília no ambiente. O piso da casa era de pinheiro de grande porte, polido e brilhante.

Delaney caiu sobre a cama no quarto escuro, com os braços cheios de luz do sol que era Ginger. Ela rolou para cima dele, e sentou-se. Seu cabelo estava despenteado, o rosto corado, e seu batom manchado. Seus

brincos dançavam contra seu rosto. Ela parecia amarrotada e viva, espumante e animada. O desejo em seus olhos era o suficiente para fazer Delaney perder o fôlego.

— Muitas roupas. — Disse ela, franzindo o nariz num gesto que deixou sua aparência jovem e bonita. Ela saiu de seu casaco e lançou-o no chão, então se inclinou sobre ele para roubar um beijo. Delaney agarrou seu traseiro e segurou-a mais perto, gostava de como ele sentia-se envolvido pelo seu perfume. Ela gemeu em seu beijo, esfregando-se contra ele, e mesmo com as roupas, ele pensou que iria perder a sua mente.

Seu desejo estava em vermelho vivo, não porque se passou um longo tempo desde que esteve com uma mulher, e sim porque ele passou a vida sem uma mulher como Ginger.

— É a sua vez. — Disse ela, rolando de lado momentos depois.

Delaney não precisava de um segundo convite. Ele se levantou e puxou a jaqueta, pendurando-a no encosto da cadeira.

— Claro. — Ginger brincou. — Mostre-me.

Ela apoiou o queixo sobre a mão dela para vê-lo, com os olhos dançando. Ela estava deitada de barriga para baixo, e o ângulo o deixava ver profundamente seu decote. Delaney vislumbrou um mamilo rosado e o olhar fez o seu jeans se apertar. Sua saia tinha se levantado, revelando a curva madura de seu traseiro e ela chutou os pés, brincando no ar. Ele poderia devorá-la.

Ele se agachou, apoiando as mãos no colchão e tocou seu nariz com o dela.

— Isso não é o que eu vou mostrar para você. — Brincou ele.

Ela sorriu com um brilho de desafio nos olhos. Eles eram tão azuis como o céu da meia-noite, cheio de cintilações que poderiam ser estrelas.

— Promessas, promessas. — Então ela suspirou e olhou as unhas, supostamente cansada pela demora.

Delaney não se enganou. Suas brincadeiras, porém, eram contagiantes. Ele pegou um de seus pés, sua mão fechando-se ao redor de seu tornozelo para que ela não pudesse se esquivar. Ele correu as pontas

dos dedos sobre o arco, então fez cócegas na sola de seu pé.

Como ele esperava, Ginger era delicada. Ela gritou e lutou, contorcendo-se de modo que a saia subisse ao redor da cintura. Delaney foi impiedoso, capturando o outro tornozelo e repetindo a sua provocação para que ela se contorcesse.

— Pare, pare! — Ginger gritou, e ele encontrou-se se divertindo com suas palhaçadas. Ele segurou os pés contra o peito e olhou para o comprimento de suas pernas, deixando-a ver que ele estava surpreso pela visão. Ela usava uma calcinha de renda preta, meias pretas e cinta liga. O negro contra a sua pele cremosa era dramático e muito sexy. Esta mulher era sua fantasia.

— Meias e ligas? — Perguntou ele, o desejo o deixando quase incoerente.

Ginger corou, embora ela suspirasse com simulação.

— Chame-me de otimista. — Ela soltou uma risadinha, então, não mais com vergonha de sua roupa sexy.

— Eu gosto de meias e ligas. — Admitiu Delaney, as suas palavras soaram baixas. Esse foi o eufemismo do século e ele suspeitava que Ginger ouviu muito em seu tom. Suas bochechas queimaram em vermelho vivo.

— Então, o otimismo foi recompensado.

— Ainda não. — Ele murmurou. Manteve seus tornozelos presos de lado, ela era pequena o suficiente, dobrados e para cima. Ele pegou uma liga entre os dentes, em seguida, viu seu olhar atônito quando ele desprende-a.

Ginger engasgou e olhou para ele, um lampejo de faíscas dançavam entre a boca de Delaney e sua pele. Ele sentiu sua própria respiração contra a pele, sentiu o calor subir rapidamente em sua carne. Ele passou a língua em sua pele perfumada, sabendo que nunca se esqueceria do cheiro de sua loção.

Ele repetiu o truque com a outra liga, tomando seu tempo soltando suas meias. Então soltou seu tornozelo, fechou as mãos ao redor de suas coxas. Passou os dedos por debaixo das meias, acariciando sua pele

macia. Ela era suave e forte, obediente. Ele foi assaltado pelo cheiro de seu perfume. E desejo.

Delaney lentamente deslizou as mãos pelo comprimento das pernas de Ginger, levando as meias para seus pés, o material grudando nas palmas das mãos. Um brilho de ouro e calor seguiu suas mãos, estalando contra a sua pele, deixando-a corada e ofegante.

Ele pegou a calcinha de renda preta com a ponta do dedo e puxou-a para baixo, para seus joelhos. Ginger prendeu a respiração, mas não se afastou. Ele jogou sua calcinha por cima do ombro, em seguida, caiu de joelhos, com as pernas sobre seus ombros. Ele inalou profundamente seu cheiro, saboreando a suavidade de suas coxas, então se inclinou para tocar com a língua o seu calor agradável.

Uma faísca saltou de sua língua para ela, fazendo-a ofegar. Delaney fechou a boca sobre ela, provocando-a com o prazer. Ela se contorcia e ele trancou as mãos na cintura, segurando-a parada para o prazer que ele estava determinado a dar. Ele sentiu o calor gerado entre eles, sentiu o desejo aumentar. Ouviu bater o coração de Ginger, seu pulso latente, sentiu a respiração rápida, como se fosse a sua. A tempestade queimava mais entre eles, instando-o a ser mais insistente a cada momento que passava, a cada carícia. Ele sentiu que Ginger pairava sobre o prazer de sua liberação e sentiu uma onda de ternura por essa mulher, essa centelha que iria levar seu filho. Esta mulher fascinante que nunca mais veria. Ele fez uma pausa, deixou-a se contorcer, suspirou e ela gemeu de frustração.

— Provocador. — Ela disse e alcançou os seus ombros.

Delaney passou a língua através de seu calor, de forma deliberada e firme, roçando o clitóris dela com os dentes. Ginger gritou sua liberação, retorcendo-se na cama diante dele quando ele prolongou seu prazer. Não tinha certeza de quem desfrutou mais do orgasmo. Quando ela tremeu e se acalmou, ele colocou um beijo no interior de sua coxa, passou a mão sobre o comprimento suave da coxa, em seguida, soltou-a no colchão. Ele se endireitou, bebendo da visão dela.

— Oh. — Ginger disse baixinho, surpresa pelo silêncio.

— Oh. — Delaney ecoou. Ela riu. Era fácil brincar com Ginger, e desejou por um segundo poder ficar com ela. Seduzi-la ainda mais

devagar. Até mesmo construir um futuro.

Mas não tinha esse direito. Pegaria o que pudesse e ficaria feliz com isso. Delaney balançou as meias de Ginger, enroladas ao redor de seus tornozelos, e as amarrou com um nó preguiçoso na cabeceira da cama.

— Não se mova. — Disse ele, sabendo que ela poderia facilmente soltar-se. Ele gostava de olhar para ela, no entanto, amarrotada e meio nua, surpresa e satisfeita.

— Você vai fazer valer o meu tempo?

— O que você acha?

Ela riu de novo.

— Bem, com base na experiência recente, eu diria que as chances de ser muito bom são altas. — Não havia dúvidas de sua satisfação em seu sorriso caloroso e Delaney se sentiu bem. Como se finalmente tivesse feito algo certo. Como se tivesse voltado para sua juventude. Ginger descansava na cama, olhando-o sem vontade de ir a qualquer lugar.

Delaney arrancou sua camisa e dobrou-a na cadeira, em seguida, tirou as botas e jeans. Meias, cueca e a camiseta que ele vestia por baixo da camisa e jaqueta, juntaram-se à pilha dobrada, e então ele virou-se para observar sua companheira de prazer. Ele usava apenas a corrente de sua mãe, porque jurou nunca mais tirá-la. O olhar de Ginger caiu sobre ele, tão certo como uma carícia, e deixou cair sobre sua ereção.

— Ah. — Disse ela novamente, sorrindo com um entusiasmo familiar.

Delaney tirou-lhe as meias lentamente, deixando deslizar os dedos sobre sua pele. Ela estremeceu quando faíscas dançaram entre eles.

— Não se mexa. — Ele sussurrou.

— Eu receberei uma recompensa?

— Não, você já não teve uma?

— Isso é passado. — Ela riu para ele. — Eu quero outra.

Delaney deu a volta e se ajoelhou no colchão ao lado dela. Ele soltou a parte de trás de sua brilhante camisa e puxou o zíper da saia. Ela rolou de costas, tirando a saia e jogando-a no chão.

— Os velhos hábitos costumam a morrer. — Disse ela, em seguida, seu sorriso se alargou quando o olhar dela caiu em sua ereção novamente.

Ele tirou a camisa, em um gesto suave, revelando a renda de seu sutiã sem alça. Ele não deveria ter se surpreendido, combinava com sua roupa de baixo, mas ele ficou momentaneamente impressionado com o esplendor de sua companheira.

— Muito grande? — Ela sussurrou o primeiro tremor de dúvida em seu tom. Delaney não iria deixá-la imaginar que era nada menos do que magnífica.

— Muito perfeito. — Disse com firmeza, em seguida, segurou seus seios. Gostava da forma madura, a plenitude e a abundância dela. Suas curvas falavam de paixão e vida, de prazer, e todas as coisas as quais ele foi condenado a deixar para trás. As coisas que Magnus e seu Elixir tinham roubado dele.

Inclinou-se, desejando que as coisas pudessem ser de outra forma, e colocou um beijo reverente nos seios de Ginger. Tirou o seu mamilo da renda e passou a língua por ele, fazendo-a gemer de novo. Em instantes, o sutiã estava no chão e eram apenas os dois, nus na cama de Ginger. Eles se acariciavam e sussurravam, explorando e saboreando, buscando a sensibilidade de cada um e explorando repetidamente. Provocaram um ao outro, a luz da tempestade de fogo entre eles.

E quando ele finalmente se enterrou dentro dela, olhando para as luzes dançando nos olhos dela, o medo de Delaney evaporou.

— Oh. — Ela sussurrou, com as mãos em seus ombros e seu olhar azul fechado no dele.

— Oh. — Delaney ecoou, não se incomodando em esconder que estava muito excitado também.

Ela se aproximou e beijou a bochecha dele, sua respiração, deslizando sobre sua pele e fazendo-o ferver.

— Eu sabia que estava certa sobre você. — Ela murmurou.

Delaney não teve tempo de perguntar o que ela queria dizer. Ela era muito apertada, muito quente, muito perfeita. Ginger puxou-o para um beijo, enquanto seu pulso ficava tão alto como um trovão e ele tomou sua boca triunfante. Moveu-se dentro dela, espantado pelo ato sexual poder ser tão glorioso e íntimo. Ginger era vital e apaixonada. Era honesta e sincera. Era tudo que Delaney tinha procurado em sua vida. Ela era mais que suficiente. Mas não era sua para manter.

Desejava com muita intensidade que as coisas fossem diferentes entre eles, que eles pudessem ter uma chance, que pudessem ter se encontrado em outro momento e em outra época quando ele era normal.

Em seguida, a onda de desejo percorreu-lhe, empurrando o pensamento de lado, deixando apenas a sensação de anseio. Eles moveram-se juntos, o seu temor refletido nos olhos, ampliados pela mancha amarela da tempestade. Eles se empurravam um contra o outro mais e mais forte, seus corações batendo em uníssono, a conexão entre eles se estreitando mais com cada estocada.

O quarto ficou mais quente, o suor deslizando através dos cabelos de Delaney, caindo entre os seios de Ginger, o brilho em seus lábios por seus beijos frenéticos. O inferno da tempestade de fogo ardeu mais brilhante e mais quente do que Delaney poderia ter acreditado possível, até que de repente, culminou em um clímax. O quarto recebeu uma chuva de faíscas amarelas brilhantes. Delaney teve que fechar os olhos contra a luz e Ginger gritou antes de gemer.

Delaney se inclinou sobre ela, apoiando seu peso nos braços, embora estivesse cansado. Ele tinha a sensação sedutora de que, finalmente, tinha voltado para casa.



Delaney estava na escuridão com Ginger dormindo a seu lado, mais uma vez lutando contra o desejo de seu corpo de dormir. Teria sido fácil dormir na cama de Ginger, fácil acreditar que sua vida tinha mudado e que tudo seria diferente por causa da tempestade de fogo.

Delaney sabia melhor. Sabia que o pesadelo estava esperando para reivindicar seus pensamentos e destruir sua confiança. Sabia que esse momento, embora precioso, era uma ilusão. Estava assustado com a lembrança do efeito do eclipse nele e a convicção de que algo de mal espreitava dentro dele. Poderia despertar a qualquer momento. Não havia futuro, para ele ou para os *Pyr*, enquanto o Elixir existisse.

Ainda estava nevando, os flocos de neve caíam rápidos e grossos fora da janela. Ele acompanhou a espiral desde o céu escuro insondável, sabendo que o mundo estaria coberto de silêncio branco pela manhã. Estava relutante em se mover. Queria ficar com Ginger, descobrir seus segredos, conhecê-la bem, como ele se conhecia.

Mas Delaney sabia que este momento era apenas um intervalo. Ela foi roubada de seu destino, só porque a Grande Wyvern lhe deu a oportunidade de se reproduzir antes de morrer. Delaney estava grato por este presente e grato por esta noite, mas isso realmente não mudava nada. Não podia. Tinha uma missão, que escolheu tomar e tinha que cumpri-la.

Delaney não poderia deixar de pensar no que Ginger pensaria dele na manhã seguinte, quando ela acordasse e descobrisse que ele partira sem dizer uma palavra. Ele não queria pensar em sua irritação quando descobrisse que ele deixou-a grávida. Ela era resistente e criaria o seu filho bem, mas ele sentiu uma dor aguda chegar, ao pensar no que era obrigado a fazer.

Em todo caso, estar com Ginger redobrou sua determinação de destruir o Elixir. Sabia que não iria nunca trair a mulher que compartilhou tanto de si mesma com ele. Ele tinha que fazer o mundo seguro para ela e para o filho que nasceria a partir desta noite. Ele não tinha escolha.

Delaney sentia muito arrependimento. Observou a neve caindo por mais tempo do que deveria. Com Ginger ao lado dele, sentia uma paz dentro de si, mesmo que não a sentisse desde a sua prisão. Sentiu seu otimismo, e uma sensação de possibilidades. Sentiu o retorno de seu antigo eu confiante, um de quem quase se esqueceu. Lembrou-se que este momento não poderia durar, era um momento roubado. Ele ainda queria.

Foi a constatação de que os *Slayers* podiam sentir a tempestade que levou Delaney à ação. Eles já estavam perto. Sentiu medo de que já

tivesse colocado Ginger em risco. Enviou uma mensagem no antigo modo de falar para Erik, concisa e urgente:

— *Defenda minha companheira na minha ausência.*

— *Espere por mim.* — Foi a resposta de Erik tingida de irritação.

— *Não. Prometa.*

Houve uma pausa, uma hesitação que deixou Delaney feliz por não estar na presença de Erik. Erik poderia fazer Delaney mudar de ideia, com argumentos convincentes, poderia enfraquecer sua determinação. As palavras vieram, finalmente, fazendo o alívio percorrer o corpo de Delaney.

— *Você sabe que vou. Mas espere por mim.*

Delaney ouviu a relutância na concessão de Erik, mas animou-se da mesma maneira.

— *Você sabe que não posso.* — Ele deu o nome de Ginger e local para Erik, conhecer os detalhes era desnecessário. Entre o calor da tempestade e os poderes de previsão de Erik, o líder dos *Pyr* provavelmente já tinha uma boa ideia de sua localização. Mas Delaney tinha que ter certeza.

Quando Erik tentava continuar a discussão, Delaney fechou sua mente contra o poder de persuasão do antigo modo de falar, não querendo mesmo ouvi-lo. Ele tinha um foco. Erik iria encontrar Ginger. Erik viria. Erik iria garantir que o filho de Delaney fosse protegido pelos *Pyr*. Erik poderia responder as perguntas inevitáveis de Ginger. Erik iria ver o filho de Delaney e ele nunca o faria.

Delaney fez o que pôde. Agora tinha que fazer o que precisava ser feito. Soprou fumaça enquanto estava deitado ao lado de sua companheira destinada, soprou um fluxo ininterrupto de fumaça de dragão. Ele guiou-a para cercar a casa dela, teceu uma barreira que, tradicionalmente, teria sido considerada como uma barreira impenetrável a qualquer outro *Pyr*.

Sabia que, mesmo que soltasse a fumaça de proteção marcando o perímetro, era menos confiável do que foi uma vez. Sabia que Magnus e seus asseclas tinham encontrado uma forma de violar a barreira da fumaça de dragão, mesmo sem a permissão do *Pyr* que a criou. Era uma

violação aos *Pyr* que tinham trabalhado no mundo durante séculos e um mau presságio para o futuro.

Era uma evolução derivada do Elixir de Sangue de Dragão. Beber o Elixir dava aos *Slayers* estes poderes sobrenaturais, poderes que deveriam ser reservados à Wyvern. Delaney estava determinado em destruir a fonte do Elixir com cada respiração de fumaça de dragão que ele exalasse.

Se nada mais, no entanto, o anel de ressonância da fumaça de dragão marcava completamente o território e levaria Erik diretamente para a casa de Ginger. Sabia que era uma desculpa, soltar a fumaça de dragão no perímetro não faria nenhuma diferença e nem lhe daria mais tempo com Ginger. Ele saboreou cada segundo, enquanto ela dormia enrolada contra ele.

Quando Delaney terminou, quando a fumaça estava tão espessa e profunda, deu-lhe um beijo no cabelo emaranhado e ficou assustado com a faísca que saltou de seus lábios em sua têmpora. Deve ter sido apenas o último vestígio da tempestade, suas brasas. A tempestade estava satisfeita; Delaney sabia. Ele e Ginger ficaram íntimos e ela daria à luz ao seu filho. Talvez ele tivesse imaginado a faísca. Talvez tenha sido uma manifestação de sua tentação de ficar, para conversar com Ginger, para explicar. Mas se esperasse mais um minuto, Delaney perderia a força de vontade de fazer o que tinha que ser feito.

Ele se esforçou para deixar a cama quente, ignorar como Ginger rolou para o vale onde ele tinha ficado e suspirou contente. Vestiu-se rapidamente, sabendo que havia muito em jogo para hesitar. Ele deixou a casa em silêncio, esperando que o som do motor do carro não acordasse Ginger.

Estava frio o suficiente para parar o coração quando pisou fora, ou talvez fosse outra coisa que fez seu coração se apertar quando ele ultrapassou o limite, mas Delaney sabia o que tinha que fazer. Devia a seu filho um futuro. Ficar não mudaria nada. Na verdade, o atraso só diminuiria a chance de seu sucesso.

Ginger acordou com uma sensação de que o mundo era bom. Espreguiçou-se, deixando-se despertar lentamente. Três dos edredons de sua avó estavam empilhados em cima de sua cama, leve como uma pluma, mas quente o suficiente para tentá-la a ficar parada ali. Claro, havia

outras razões para ficar na cama. Uma grande razão chamada Delaney.

Ela tinha razão sobre ele, estava absolutamente certa. Mais uma vez, seus instintos lhe tinham dirigido em linha reta e estava contente por tê-los ouvido.

Ginger manteve os olhos fechados por um longo momento, querendo guardar a sensação de calor e aconchego. Delaney era um amante incrível, um que a deixou saciada e com fome de mais. Fazia um bom tempo desde que ela cumprimentou o dia com uma atitude tão positiva. A morte de sua avó afetou grandemente Ginger e desenraizou seu otimismo habitual, fê-la se perguntar se um mundo no qual ela foi deixada sozinha poderia ter realmente se tornado um bom lugar. Claro, ela fixou um sorriso no rosto e tocou sua vida, mas não sabia quantos amigos enganou. Não estava nos genes Sinclair se romper em público, render-se, ou a admitir uma fraqueza.

Em particular, não havia ninguém para testemunhar a verdade. Ginger reconhecia que havia um motivo, assim como sua avó sempre dizia. Reconhecia que a solidão aguçou seus instintos e a deixou mais preparada para aproveitar a oportunidade quando aparecesse ou atravessasse a porta. Um ano atrás, ela teria deixado Delaney em pé. Um ano atrás, ela teria esperado e esperado que ele se aproximasse dela.

Mas agora, Ginger sabia que a vida era o que você fazia a respeito, e que sempre havia um relógio em algum lugar. Quando Delaney entrou no bar na noite anterior, ela sentiu como se o conhecesse. Talvez fosse seu coração, que o reconheceu. De qualquer forma, ela tinha que falar com ele, mesmo que isso significasse fazer o primeiro movimento. Ela se sentiu bem flertando com ele. E o que veio depois foi ainda melhor. O melhor de tudo, era apenas o começo de algo que Ginger sabia que seria bom, seria exatamente o que ela estava esperando. Ela sabia que, em seu interior, fez exatamente a escolha certa. Talvez estivesse em seus genes.

Ela se esticou, em seguida, estendeu a mão sobre o colchão, à mão se movimentou sob a camada de mantas e o lençol de algodão liso, os olhos ainda fechados. Mas não havia ninguém ali.

A cama estava fria. Acordou de repente, virou-se e olhou ao redor da sala. Delaney se foi, e não apenas do quarto. Não havia nenhum som de outra pessoa na casa, nenhum cheiro de café, sem respingos do chuveiro ligado. As roupas de Delaney tinham desaparecido. Não sobrou nada, além

de seu perfume no travesseiro e a lembrança de seu toque sedutor.

Ginger percebeu tardiamente que acordou com o som do motor de um carro. Ela saiu da cama mais rápido do que jamais fez em sua vida e encostou-se no gelo do interior da janela antiga. Duas faixas na neve eram tudo o que marcavam a presença do carro de aluguel de Delaney. Elas não tinham ainda sido cobertas pela neve, mesmo que os flocos caíssem rapidamente. Ele não poderia ter ido longe. Ele não iria muito mais longe, sem responder a ela. A boa notícia era que as vacas estavam em fase de transição e não precisavam ser ordenhadas de manhã. As galinhas podiam cuidar de si mesmas. Não havia nada para impedi-la de perseguir Delaney Shea.

Ginger queria algumas respostas antes que ele desaparecesse de sua vida. Grande sexo não acontecia por acaso, ela sabia que seus instintos nunca erravam. Se nada mais, Delaney podia olhar nos olhos dela quando ele a abandonasse. Ele lhe devia isso. Se não muito mais.

Ginger vestiu uma calça jeans e um colete de lã sobre uma blusa de algodão e camiseta. Ela pegou um par de meias grossas em seu caminho para fora da porta do quarto, passou um mínimo de tempo no banheiro, e correu pelas escadas abaixo com os cabelos presos num rabo de cavalo. Suas botas e jaqueta estavam ao lado da porta traseira, seu chapéu e luvas preso nos bolsos da jaqueta. A picape estava fria como gelo e ela fez uma pequena oração quando virou a chave. A velha picape estava ficando cada vez mais mimada, e o frio a deixava pior.

O motor roncou na terceira tentativa, então estalou. Ela deu um pouquinho de gasolina, do jeito que a avó lhe ensinou e começou um ronronar áspero. *Ha!* Ginger tirou a neve das janelas e telhado, então raspou o gelo do para-brisa. Ela olhou para a pista muito antes de voltar para a picape, e decidiu que seria um bom dia para viajar preparada. Desceu até a cozinha, deixando o carro funcionando, e remexeu na bolsa, ela estava no balcão. Seu celular poderia ter ficado para ser recarregado, mas não era tão surpreendente que ela esqueceu isso na noite anterior. Ela o levou assim mesmo. Sua carteira e as chaves foram para seus bolsos. Pegou a lanterna de emergência, bem como um cobertor extra. Estava indo em direção à porta quando viu o rifle de sua avó encostado no canto, como sempre esteve. Lembrou-se de sua determinação em não usá-lo, e a maneira como Lucas, o filho do vizinho que ajudava com as vacas, zombou dela.

— Que tipo de chefe não sabe de onde vem a carne? — Ele perguntou. — Que tipo de chefe não tem sangue em suas mãos? — Havia algo irritante sobre Lucas e era mais do que sua suposição de que Ginger deveria sair com ele. Lucas mostrou-lhe coiotes ao redor do celeiro no inverno anterior, e ela suspeitava que ele estivesse tentando assustá-la. — Um coiote não pode derrubar uma vaca. — Ela insistiu, sabendo que estava certa. Lucas sorriu, sua condescendência fazendo Ginger desejar bater nele. — Não se pode contar sempre com coisas selvagens conhecendo as regras, garota da cidade.

— Mesmo na cidade, as coisas seguem seus instintos selvagens. — Ginger retrucou.

Lucas desapareceu sorrindo.

— Por aqui, às vezes você tem que resolver as coisas, garota da cidade, você mesma. Ele se inclinou. — Às vezes, você tem que sujar as mãos.

Foi sua avó que, incapaz de se levantar da cama, fez Ginger permanecer reta.

— Um coiote não pode atacar uma vaca. — Ela disse, tossindo entre cada palavra. Então ela apontou o dedo para a neta. — Você está certa, Lucas está tentando ver o que está fazendo. Mas um coiote pode levar um bezerro, especialmente um doente ou um jovem. Você não pode correr o risco de predadores aparecerem aqui quando a primavera chegar.

Foi a primeira vez que sua avó disse *você* ao invés de *nós*. Foi quando Ginger percebeu que ela iria morrer, e que sua avó sabia, também. Sabia que não tinha nada a provar a si mesma, nem para Lucas, apenas para sua avó. Ela pegou a espingarda no canto, limpou-a do jeito que aprendeu com seu avô, carregou-a e estava pronta para perseguir o coiote. Ela atirou no coração, para matar. Limpou-a assim como o avô lhe ensinou.

Então Ginger arrastou o cadáver para o local onde Lucas sempre estacionava seu caminhão no período da manhã. Ela deixou um longo rastro de sangue vermelho na neve. Lucas nunca disse uma palavra, embora ela o visse olhar na manhã seguinte o estacionamento antes que entrasse no celeiro. Ginger não sabia o que aconteceu com a carcaça. Mas sabia que Lucas nunca mais a chamou de menina da cidade novamente. E

ela viu sua avó assentir com satisfação quando soube da notícia.

Ela morreu três dias depois.

O fato de que ela notou o rifle nesta manhã, dizia a Ginger que ela poderia precisar dele. Não podia imaginar o porquê, mas era um instinto, agarrando-o, colocou uma caixa de munição no bolso, apenas para o caso. Ela pegou a pá do alpendre, também, e colocou-a na parte de trás da picape, apenas para o caso de ficar presa.

A neve ainda estava caindo rapidamente, acumulando-se com uma pressa alarmante. A picape aqueceu e as janelas estavam claras. Ginger lentamente guiou-o. Os pneus tinham grande tração, apesar da profundidade da neve, e os faróis iluminavam a trilha dos pneus de Delaney. Ela colocou o caminhão vermelho, grande em quatro rodas motrizes, em movimento sem nem mesmo pensar sobre o que faria com ele sem gasolina, e foi em frente.

No final do caminho, Ginger saiu e olhou mais de perto as faixas dos pneus de Delaney. Ela estudou a distância entre os pneus, a largura de cada um, a quantidade de neve. Então ela se dirigiu para a estrada. Na estrada lateral tranquila, as marcas de Delaney eram as únicas vistas, mas isso não iria durar. Ginger Sinclair iria encontrar seu homem.

Capítulo 3

O cheiro dos Slayer e do Elixir levaram Delaney para o Monte da Serpente na semana anterior, e era seu destino no dia seguinte. Fez muitas pesquisas até a localização do local, e poderia caminhar por ali de olhos vendados. Certamente não seria difícil encontrá-lo na neve.

O Monte da Serpente era uma fortificação, uma esfinge de uma serpente sinuosa ao lado do rio Brush Creek. A figura da serpente tinha quatro ou cinco metros de altura, feito de terra e pedra amontoada, e quase um quarto de milha de comprimento. Em um extremo, a sua cauda enrolada numa onda, no outro, sua boca estava aberta. Havia uma forma oval antes da boca e as pessoas tinham discutido sobre o seu significado. Era uma plataforma oval de algum ritual esquecido? O que representava o ovo? Um sol? Sua data de construção era de cerca de 900 anos atrás, mas a identidade de seus construtores era tão incerta como o seu significado.

Mas então, Delaney analisou, os arqueólogos nunca contaram aos *Pyr* o que eles sabiam do Monte da Serpente. Havia apontado que a cabeça da serpente estava alinhada com o pôr do sol do solstício de verão e alguns tinham declarado interseções entre a cauda e os anéis com os equinócios e solstícios. Alguns haviam sugerido ligações entre o Monte da Serpente e outros montes maciços de pedra, como Stonehenge. Havia teorias de que sua construção foi em reação à observação do cometa Halley em 1066 e a Nebulosa de Câncer em 1054. Outros especulavam que o Monte da Serpente estava alinhado com as estrelas na constelação de Draco. *Dragão*. O Dragão.

Delaney sabia que não era coincidência o último detalhe. Ele imaginava que Magnus Montmorency, líder dos Slayers, escolheu deliberadamente esta obra antiga, protegida como um parque estadual há mais de cem anos, como o marcador para o santuário do Elixir de Sangue de Dragão. Foram os romanos, depois de tudo, quem chamou a

constelação de Dragão e Magnus nunca foi capaz de resistir a uma referência à sua própria origem.

Talvez ele também gostasse que seu tesouro estivesse escondido sob um pedaço de terra protegida. O Monte da Serpente podia ser escavado, mas o trabalho nunca seria profundo o suficiente para descobrir a verdade.

O Monte da Serpente, também estava localizado em uma área de geologia estranha para a região. Tinha uma estrutura explodida de cerca de cinco quilômetros de diâmetro e era composto por rochas falhas, incomum para Ohio. Esse tipo de rocha era encontrado em locais de impacto de um meteorito ou erupção vulcânica, e as opiniões estavam divididas quanto ao que causou essa formação rochosa e todos apontavam para um meteorito.

Delaney sabia que foi um meteorito. Sabia que havia metais pesados enterrados nas profundezas da terra sob a esfinge, metais com vibrações, ele podia senti-los. Rafferty, ele suspeitava, seria muito consciente da presença desses minerais estranhos, dada a sua forte afinidade com a terra. Rafferty seria capaz de nomeá-los individualmente, como velhos amigos.

O que Delaney ainda não sabia era se o impacto do meteorito também abriu fissuras, fendas, falhas, que se estenderam nas profundezas da terra. A água teve milhões de anos para ampliar essas falhas, corroer a rocha, molécula por molécula. Onde antes existiam rachaduras, havia cavernas. Um labirinto. E no centro do labirinto, diretamente abaixo do monte oval misterioso e profundo na terra, estava o santuário onde Magnus guardava o Elixir do Sangue de Dragão.

Delaney não sabia de nada disso, e não se importava. Apenas sabia para onde iria e por quê. O Monte da Serpente não estaria aberto aos visitantes tão cedo, mas Delaney estacionou seu carro de qualquer maneira. Ele tinha uma caminhada a fazer.

A neve estava fofa, obscurecendo a paisagem sob o sutil branco. O sol era um globo pálido em um céu nublado, não oferecendo nenhuma iluminação e calor além da própria neve. Fazia frio quando Delaney saiu do carro, mais frio quando a neve caiu dentro da gola do casaco e pousou em suas mãos. Delaney estremeceu. Não estava vestido adequadamente

para o clima, mas não se preocupava. Ao meio dia ele estaria morto, de qualquer maneira.

Delaney marchou em direção ao Monte da Serpente, com um propósito, a neve afundando-se em seus joelhos. O portão foi facilmente ultrapassado e não havia ninguém presente para desafiá-lo. Ficou impressionado com a aura mágica do lugar, o sentido de que ele era potente e especial. O vento parecia se aproximar ainda da esfinge, mas sem o penetrante frio.

A dor de cabeça estourou entre os ouvidos de Delaney, assim que saiu do carro. Vibrava com uma insistência que o lembrava de seu pesadelo recorrente, e ele se recusou a deixar tal promessa escura invadir seus pensamentos. Não podia se dar ao luxo de permitir sua determinação enfraquecer. Delaney seguia a música em seu sangue, o chamado de sereia do Elixir em suas veias, em busca de sua fonte. Delaney não gostava do lugar, muito menos do sentimento de que foi subvertido e torcido por Magnus. Quanto mais cedo pudesse destruir o Elixir, melhor.

Delaney passou o Monte da Serpente, seguindo a trilha. Deslizou para o rio quando tentou pegar o caminho estreito que usou no outro dia, enchendo seus jeans e botas de neve fria. Ficou em pé, com a ajuda de alguns robustos cedros, seguindo o curso do rio Brush Creek. Poderia ter mudado de forma, mas Delaney sabia que a consciência de Magnus seria mais nítida quando ele tomasse a outra forma. Não esperava chegar sem ser anunciado, mas permaneceu na forma humana, mais do que poderia ter sido o ideal. Talvez fosse uma forma de retardar o inevitável.

Pulou a cerca que marcava a fronteira das terras da propriedade da sociedade histórica. Pegou o primeiro sopro de fumaça de dragão e sentiu a ruptura da marca do território. Magnus estava perdendo a vantagem?

Não. Delaney percebeu outras rupturas na fumaça de dragão marcando o perímetro ao redor do santuário e adivinhou que estavam deliberadamente à esquerda. Magnus não estava interessado em manter os *Pyr* fora do santuário, não se aparecessem para o primeiro gole do elixir que iria deixá-los em dívida com os Slayer para sempre.

Delaney continuou até o ponto onde o rio corria, o buraco quase escondido pela espessa vegetação de cedros. Encontrou este local no início da semana, mas marcou toda a extensão de sua exploração.

Sua cabeça latejava, a dor de cabeça cada vez mais forte com cada passo que dava para mais perto do santuário, e estremeceu contra o brilho da neve. Não sabia o que iria encontrar dentro deste buraco, exceto que o Elixir estava lá. O perfume dos Slayer era forte e Delaney adivinhou que vários deles também estiveram recentemente neste local.

Ele ergueu o olhar, procurando no horizonte, e olhou a casa na neve, não muito longe através dos campos. Era a residência mais próxima. Delaney se perguntou se esta pessoa era a dona da terra, se ele ou ela tinha alguma ideia de que um acesso a outro mundo se escondia na propriedade. A casa parecia nova, de construção baixa e larga, e sua garagem estava fechada como algumas estradas na área.

O cheiro dos Slayer emanava em ondas tão fortes que Delaney de repente adivinhou quem era. Estreitou os olhos e sentiu o cheiro dos indivíduos, não surpreso ao descobrir as identidades dos Slayers naquela casa. Balthasar. Mallory. Jorge.

Três dos homens de Magnus. E três outros Slayers que Delaney não sabia o nome. Eles poderiam estar à esquerda, ou ainda na casa, escondidos em suas profundezas. Seus aromas eram fracos, mas preocupante. Não havia cheiro de Magnus, mas Delaney sabia que alguns dos Slayers mais velhos tinham aprendido a disfarçar o cheiro. Ele não tinha nenhuma dúvida de que Magnus estava presente e contabilizava.

Os cheiros se aproximavam do ponto onde o rio mergulhava na terra e ficaram impregnados com o cheiro do Elixir. Seu perfume era esmagador, inebriante, picante e exótico. Sedutor. Promissor. Enganoso. Fazia cócegas nos sentidos de Delaney, provocando com possibilidades falsas e promessas vazias.

E a visão do pesadelo que o atormentava se aguçou, empurrando seus pensamentos. Ele viu a escuridão e gelo, viu a sombra devorando a terra da mesma forma que um eclipse parecia consumir a lua. Mas a Terra nunca saía da sombra do Elixir.

Delaney afastou seus pensamentos e olhou para a casa distante. Magnus precisava ver a eliminação de sua fonte de poder. Era um desafio que o antigo Delaney teria feito, uma aposta ousada que ele teria oferecido antes de ser preso. Era a escolha certa, para morrer como uma vez viveu. Delaney enviou três palavras para a casa silenciosa, para Magnus no

antigo modo de falar.

— *Venha me impedir.* — Era uma provocação, que ele sabia que Magnus tomaria. Delaney não esperou por uma resposta. Esforçou-se pela borda de pedra, escorregadia dentro do buraco, e deixou o rio levá-lo para a terra. Era como um tobogã, ainda que irregular, e se preparou para a sua chegada. Estava escuro, escuro como breu, a luz da manhã desaparecendo rapidamente atrás dele enquanto deslizava para baixo. E estava frio como gelo.

Sentiu um impulso de luz vermelha, antes de vê-lo, sentiu o cheiro do Elixir aumentando absurdamente. Seu corpo saiu da rota de acesso, e rolou pela pedra dura. O rio dançava e borbulhava, esculpindo seu curso subterrâneo. Delaney se levantou e olhou para o brilho vermelho através da abertura diante dele, onde a água não alcançava. Sua cabeça bateu no tempo com o impulso vermelho. Como se já fosse parte da toxina do Elixir.

Havia uma grade de ferro bloqueando a abertura, que proporcionaria uma enorme barreira para um intruso humano, mas não era muito substancial para um dragão. Delaney mudou de forma com a velocidade de um relâmpago, motivado pela sombra do Elixir aumentando em sua mente. Ele se sentia grande e forte, mais poderoso e determinado do que já foi há algum tempo. Era um presente da tempestade de fogo, com certeza nasceu de sua convicção de que seu legado continuaria. Delaney iria fazer a diferença e iria fazer isso agora.

Ele recuou, situando-se diante do portão, e lançou um fluxo de fogo do dragão. O ferro aquecido ficou vermelho, depois branco, em seguida, começou a derreter. Ele rasgou o aço enfraquecido solto com uma garra, quebrou as dobradiças e fechaduras, e as lançou de lado. Nada poderia detê-lo agora. Voou para o labirinto, movendo-se com toda a velocidade, determinado a deixar seu destino para trás. A destruição da fonte do Elixir estava atrasada.

O estacionamento do Monte da Serpente era o lugar mais estranho para Delaney ter parado e o último lugar que Ginger esperava encontrá-lo. Mas as marcas do carro a levaram diretamente para lá, e o carro de aluguel era o mesmo Pontiac marrom no qual entrou na noite anterior.

Ele ainda tinha aquele grande arranhão no painel. Ginger olhou as pegadas que fazia uma trilha na neve. Porque diabos Delaney veio a um

parque fechado e no meio de uma nevasca? Ela admitiu que pudesse haver muitas coisas que não sabia sobre seu amante sexy. E talvez ela estivesse prestes a descobrir uma delas.

A neve caía de forma constante, encobrindo o parque, em silêncio. O vento era quase inexistente, e a quietude combinava com a cascata incessante de neve que poderia ter sido reconfortante em outras circunstâncias.

Neste momento, Ginger estava nervosa. Ela não sabia o porquê, não podia nomear seu medo, mas não gostava do que estava acontecendo. Seguiu as pegadas de Delaney. Lembrou-se que havia uma trilha entre a esfinge e o rio, destinada a dar aos visitantes uma boa visão do monte da terra misteriosa. Caminhou pela neve profunda, tentando se lembrar se passou pelo parque na sexta ou sétima série. Talvez Delaney tivesse perdido sua viagem da escola.

Ah. Era melhor, Ginger disse a si mesma, descobrir que ele chegou a um monumento nacional e não a casa de outra mulher, ou voltado para sua casa até a metade, ou...

Ela parou quando viu as pegadas de Delaney desviando-se da trilha para continuar ao lado do rio. Não havia nada, apenas mato, pelo menos na medida em que conhecia. Um galho de cedro estava quebrado e parecia como se tivesse escorregado na pista de neve, fazendo cair uma chuva de neve até a superfície congelada do rio.

As marcas continuavam inconfundíveis. Não havia mais ninguém no parque. Por que Delaney iria até ali? Por que agora? Ginger mordeu o lábio inferior, sua sensação ruim de repente aumentou.

Delaney estava fazendo uma transação de drogas, onde não poderia ser testemunhado? Isso explicaria o sigilo e o imperativo de fazer a reunião. Pessoas que levavam cicatrizes podiam se meter em todos os tipos de situações complicadas, sem realmente entender o que estavam fazendo. Ginger não conseguia pensar em outra explicação plausível. A neve caía, acumulando-se em seus ombros, e ela empurrou com as costas das mãos. Poderia ser tolo continuar, mas não havia nada que fizesse Ginger abandonar sua busca agora. Estava muito curiosa para sair sem saber a verdade.

Fosse o que fosse. Se estivesse errada sobre Delaney, queria saber

que erro cometeu e quão errada estava. A única maneira de alguém aprender algo, isso sua avó lhe ensinou, era rever sua má escolha. Mesmo que ainda tivesse um forte sentimento de que Delaney era um bom homem. Será que sua intuição estava muito errada? Ginger precisava saber com certeza. Mas não iria segui-lo cegamente e desprotegida.

Ginger voltou para a caminhonete, pegou o rifle, e refez seus passos. Respirou fundo, depois seguiu o rastro de Delaney, embora com um pouco mais de cautela do que ela usou antes. Esperava que a curiosidade não matasse o gato. As coisas não ficaram mais promissoras quando Ginger seguiu em frente.

As pegadas de Delaney seguiam o riacho. Sabia que ele se dirigia contra a corrente do rio, mesmo que houvesse uma fina camada de gelo sobre o riacho que ocultava sua superfície em movimento. O gelo não era forte o bastante para suportar muito peso, provavelmente por causa da corrente por baixo. Ginger viu onde as patas dos guaxinins romperam com a água fria.

A última coisa que queria era um mergulho, então não pisou no gelo. Mesmo assim, Ginger teve dificuldade para manter sua posição no terreno acidentado. Ela viu que Delaney se segurou nos cedros, pois seus ramos estavam ocasionalmente dobrados e muitos estavam desprovidos de neve e ela fez o mesmo.

Parou por um momento onde ele escalou o muro, que marcava o perímetro da propriedade guardada e que protegia o monumento. A propriedade além deveria ser privada, e ela iria invadir. Por outro lado, Ginger duvidava que alguém a seguisse em um dia como este. Pulou o muro por si mesmo.

Havia campos abertos visíveis além da encosta que ladeava o riacho, e ela podia ver várias casas. A mais próxima era nova, de estatura baixa, um amplo bangalô fechado. Um redemoinho de fumaça subia preguiçosa de sua chaminé na manhã fria.

As outras, mais longe, eram casas antigas, como a sua. Pensou que talvez a próxima fosse a fazenda Van Vliet. Tinham cabras leiteiras marrons. Estreitou os olhos e tinha certeza que viu animais marrons se movendo ao lado do galpão atrás da casa velha.

O olhar dela voltou para a casa nova, e lembrou-se novamente de

Paul Van Vliet se gabando do preço que conseguiu pela venda de um pedaço de terra a alguns comerciantes do baixo leste. Esta foi em uma das visitas a sua avó, talvez dez anos atrás. Ela se lembrou de todos brincarem sobre Paul dar a este empresário os números de seus telefones. Dinheiro nunca foi fácil de encontrar no condado de Adams e inevitavelmente apareceram aqueles que se ressentiram da fortuna repentina de Van Vliets.

Era a casa o destino de Delaney? Sentiu uma espécie de sensação de que ele como um estranho pudesse ter uma conexão com o único forasteiro em outra área. Se assim fosse, porque não apenas dirigir até lá e bater na porta? Talvez ela estivesse vendo conexões que não existiam.

Ginger seguiu as pegadas de Delaney, notando que continuavam do mesmo lado do riacho, do lado oposto da casa. Até onde ele foi? Ela fez uma curva e viu a descida das pegadas em um buraco na neve.

A água borbulhava ao redor. Uma inspeção mais detalhada revelou que uma parte do riacho passou à clandestinidade, a partir deste ponto e que um buraco aparecia nas pedras. Ginger se afastou um pouco da neve e olhou para dentro do túnel que parecia cair em direção ao centro da terra. Tinha cerca de três metros de diâmetro, era escuro e úmido.

Olhou ao redor, mas não havia nenhuma dúvida do que tinha acontecido. Não tinha pegadas de partida. Delaney foi para o buraco. Não tinha saído ainda.

Mas outro conjunto de trilhas vinha da beirada do riacho, em parte obscurecendo as pegadas de Delaney. Elas também eram do tamanho das botas de um homem, como Delaney, mas com uma pisada diferente. Tinha menos neve fresca nelas que as pegadas de Delaney. Alguém o seguiu até o túnel.

Delaney estava sabendo? Era essa pessoa a qual ele planejou se encontrar?

Ginger iria descobrir.

Ela estava no buraco, deslizando para baixo do túnel molhado sob seu traseiro antes de perceber que as pegadas que perseguia tinham se materializado do nada. As faixas começavam no limite do gelo sem interrupção até o riacho. O homem não estragou a superfície de neve,

atravessando o riacho ou quebrando o gelo. Ele não seguiu a mesma trilha como Ginger e não vinha de qualquer outro ponto. Era como se não tivesse existido antes de deixar a marca de sua bota a doze metros da entrada do túnel. Ele poderia ter se lançado de paraquedas desde Marte. Exceto que não havia paraquedas.

Talvez já tivesse ali de pé, à espera de Delaney, quando a neve encheu suas pegadas que marcavam sua chegada. Mas então, por que havia tanta diferença na quantidade de neve nas pegadas dos dois homens? Se ele tivesse estado à espera de Delaney, certamente teriam entrado no buraco juntos, verdade?

O mau pressentimento de Ginger ficou mais forte, mas era um pouco tarde para isso. Caiu sobre a pedra molhada, ganhando velocidade como uma criança em um tobogã em um parque aquático. Não podia parar, não conseguia ver onde estava indo no escuro, não sabia o quanto ela já tinha caído ou onde iria parar.

Até que caiu de traseiro, como sua avó teria dito, em uma pequena antecâmara. A água caía em uma cama esculpida no chão, borbulhando e espirrando na escuridão. O chão da câmara estava seco e as paredes foram esculpidas na rocha.

Ginger levantou-se e estremeceu com seu jeans molhado. Estremeceu com o frio contra sua pele. Foi quando percebeu que podia ver, porque a câmara estava iluminada com uma luz vermelha opaca. A luz parecia pulsar. Sentiu-se arrepiar.

O celular dela fez um som um pouco alegre que significava que estava fora de uso. Ginger puxou-o de seu bolso, apenas para confirmar que realmente estava sem bateria. Estava sozinha.

Ginger verificou seu rifle. A luz vermelha vinha de uma fissura no lado mais distante. Havia um portão trancado sobre o fosso, mas aquele pedaço de metal foi arrancado de suas dobradiças e deixado de lado. Ginger aproximou-se com cautela, colocando a mão na grelha descartada. O metal estava tão quente que ela rapidamente puxou a mão.

Quem estava com Delaney, quem estava derretendo portões de aço, não estava muito à frente dela. Grande. Ginger disse a si mesma que não estava ouvindo a música assustadora que sempre surge em filmes de terror, acompanhando a má decisão da heroína em descer as escadas do

porão e descobrir o que estava escondido ali. Aquela música que indicava que a heroína estava indo direto para o problema, tipo serial killers e situações desagradáveis.

Não havia música na caverna.

Ir para frente era a coisa sensata a fazer.

Uh-huh.

Ginger não acreditava, mas ela foi assim mesmo. Tinha que saber. Respirou fundo e aliviada, através da abertura. Entrou silenciosamente, como se estivesse sendo perseguida por um coiote, só que desta vez não tinha ideia de quem ou o que era a presa. Esperava que a vítima não fosse ela mesma.

Delaney parou diante do Elixir do Sangue de Dragão e olhou para ele com horror e espanto. Não sabia o que esperava, mas não era isso. Seu corpo respondeu à sua proximidade, a fome tomando conta dele.

Seria tão fácil satisfazê-la e beber do Elixir.

Assim, fácil de render-se.

Delaney deu um passo para trás, balançando a cabeça.

Quando ficou preso na caverna escura de Magnus, o Elixir era levado para Delaney em um copo ou uma seringa, forçado por sua garganta ou injetado nas veias quando ele era incapaz de resistir.

Era escuro e frio na caverna, sem indícios de dia ou noite, não sentia a passagem do tempo. Mas o Elixir deixou seus momentos mais escuros ainda. Delaney lembrou-se da colisão entre o Elixir e seu corpo, os arrepios que o sacudiram, como se espalhasse suas trevas vis nas suas veias. Ele tomou três vezes e nunca se esqueceria da forma como cada dose era mais horrível que a anterior. Lembrou-se da dissociação da sua própria natureza, os fantasmas e pesadelos, os breves momentos de clareza e a convicção de que estava perdendo sua mente. O que ele perdeu sob a influência do Elixir foi seu coração.

A terceira e última caverna, após o terceiro portão de ferro, se distinguiu por seu tamanho. O chão da caverna era irregular, marcado com a passagem de água e generosamente enfeitado com depósitos

minerais. Do teto pingava estalactites, algumas delas ocre branco e outras, todas elas banhadas pela luz vermelha que emanava do outro lado da caverna.

A luz vinha de um frasco de cristal de rocha maciça que parecia fazer parte da parede oposta. Delaney não podia dizer se tomou a forma naturalmente, o que era pouco provável, ou foi tão habilmente esculpida e instalada no que parecia ser parte do desenvolvimento natural da caverna. Um conjunto de escadas foi esculpido a partir do cristal da rocha e em espiral ao redor dele e ao longo.

O cristal estava nublado e, obviamente grosso, sua superfície devidamente brilhante. No entanto, seu conteúdo não podia ser discernido. Um líquido vermelho turvo chegava à borda, emitindo um pouco de vapor. Estava úmido nesta caverna, o ar frio com cheiro de decomposição, de sangue e destruição. O cheiro característico do Elixir.

Feria seu nariz e apertava seu estomago. Sentiu a sombra da lâmina sobre seus pensamentos, sentiu o monstro dentro dele acordar com um rugido. Uma fome voraz, que só seria saciada por ele. Delaney nunca ingeriu voluntariamente, reclamou seu corpo e deixou-o balançando com a necessidade.

Delaney tinha que destruir o frasco, imediatamente. Sabia que poderia quebrar o cristal da rocha e podia ver os efeitos na pedra. A força venceria neste dia.

Delaney já tinha mudado de forma e levantou voo com um propósito. Voou em direção ao frasco em alta velocidade, soprando fogo do dragão. Era difícil respirar fogo, mas talvez isso fosse parte do efeito do Elixir. Soprou mais forte. Enquanto se aproximava, cuspiendo fogo, viu o brilho do cristal de rocha um pouco abaixo da agressão do calor.

Soprou fogo até ficar quase em cima do frasco, em seguida, lançou-se contra seu ombro, batendo o seu peso dentro do cristal. Ele bateu com tudo o que tinha, a fera dentro dele gritando pela injustiça de sua escolha. O frasco estremeceu, mas não se quebrou.

Delaney repetiu o movimento três vezes, até que sua respiração estava ofegante e sentia-se sem forças. Cada vez que se aproximava, isso aumentava o desejo e seu poder sobre seu corpo diminuía levemente. Mas seu ataque não fez qualquer diferença. Além do Elixir borbulhar dentro do

frasco em maior velocidade, nada mudou.

Poderia simplesmente beber um pouco. Isso ajudaria.

O pensamento deslizou em sua mente, vindo de alguma parte e de lugar nenhum, ameaçando perverter o seu conhecimento do que era certo. Delaney atacou o frasco novamente, e novamente, sem qualquer efeito visível.

Um gole. Tomaria apenas um gole.

Delaney sentiu pânico quando o pensamento tornou-se mais persuasivo. Não poderia ter chegado tão longe e desafiado Magnus para encontrá-lo, apenas para falhar.

Animado com a chance de fracasso, Delaney agrediu o frasco novamente. Ele bateu com sua cauda, jogou seu peso contra ele, arranhou a superfície com suas garras. Soprou fumaça e fogo. Agarrou os lados do frasco e tentou se livrar dele soltando-o das paredes da caverna, os seus esforços apenas conseguiram fazer o Elixir se turvar mais por trás do cristal.

Então Delaney vislumbrou um olho, justo diante dele. O olho era grande, vermelho, e estava submerso no frasco. E não apenas qualquer olho, era o olho de um dragão. A pupila tinha um corte vertical. Aquele olho parecia olhar diretamente para ele antes de desaparecer na escuridão vermelha.

Delaney sentiu-se enjoado com a importância do que ele viu. O Elixir moveu-se em silêncio, escondendo o que acabou de revelar. Delaney nunca viu a origem do Elixir, nunca vislumbrou a origem da temida substância. Nunca realmente pensou sobre o que o criou, mas naquele momento, ele entendeu.

E ficou horrorizado novamente.

Era, afinal, o chamado Elixir do Sangue de Dragão. Gritou em fúria e fincou as garras no cristal. Tentou arrancá-lo de seu lugar, batendo seu ombro no frasco, uma e outra e outra vez. O chão da caverna tremeu com a força de seus esforços, mas o cristal não mostrou nenhuma falha.

— Certamente você não pode imaginar que pura força vai funcionar.

Magnus disse, em seu antigo modo de falar ecoando nos pensamentos de Delaney.

Delaney se virou, sabendo que não estava sozinho. Viu um vislumbre de Magnus em forma humana antes do líder dos Slayers mudar de forma e saltar no ar para atacar.

A câmara parecia imediatamente menor. O antagonismo de Magnus era intenso, mas não tinha nada da fúria de Delaney. Este era o Slayer que introduziu o veneno no corpo de Delaney. Este era o Slayer que o atormentou e quase destruiu. Este era o Slayer que Delaney odiava acima de todas as criaturas.

Era hora de Magnus pagar.

Magnus voou diretamente para Delaney, os olhos brilhantes de raiva. O par de garras bloqueado na pose de combate tradicional, colidindo com uma vingança. Eles caíram com a força do ataque de Magnus, Delaney girou para empurrar Magnus para o frasco.

A caverna tremeu com o impacto. Diferente do Elixir que rodou um pouco mais rápido, o frasco permaneceu intocado.

— *Mais difícil do que parece.* — Magnus murmurou, claramente sem surpresa.

— *Como muitos de nós.*

Magnus sorriu enquanto seu controle apertava.

— *Tem certeza que não prefere tomar um gole?*

— *Não é um acaso.*

— *Vou deixar-te para ele.* — Magnus ameaçou, rindo com a perspectiva. — *Segura-lo até que você se renda.*

A perspectiva era horrível. Delaney cortou a barriga do Slayer com suas garras traseiras, girando livre do aperto de Magnus quando ele recuou. Bateu no Slayer com sua cauda, enviando Magnus rolando pelo ar.

Estava claro que Magnus confiava em sua ajuda para fazer o

trabalho sujo. Delaney correu atrás do Slayer, sabendo que ele poderia levá-lo para baixo.

— *Vá em frente e tente.* — Disse Delaney, sarcástico. Magnus se virou e voou para ele novamente. Eles fecharam as garras mais uma vez, mordendo e cortando em uma vingança.

Seus corpos entrelaçados caíram no chão da caverna. Magnus mordeu Delaney e saiu de seu controle pouco antes de bater no chão. Quebrou uma estalactite quando ele se virou, deixando uma camada de rocha ocre em suas asas. A estalactite se abalou quando ele caiu, fazendo vibrar o chão.

O Elixir borbulhou.

Eles ergueram suas garras e atacaram novamente, as expressões sombrias. As asas agitavam a poeira do chão da caverna e a luz do Elixir criava longas sombras sinistras de suas silhuetas.

Quando circularam um ao outro e Magnus moveu-se para a luz, Delaney viu a escama que faltava no peito do Slayer. Era difícil acreditar que Magnus pudesse ter amado alguém mais do que a si mesmo, mas talvez essa autoadoração fosse a fraqueza indicada pela escama perdida.

Delaney não se importava. Sabia onde bater para machucar, a escama que faltava era o único lugar vulnerável de Magnus.

— *Você é lento.* — Magnus murmurou, seu sorriso predatório. — *Talvez você tenha sentimentos mistos sobre mim.*

— *Talvez não.*

— *Morto ou vivo, eu vou levá-lo e fazer você meu.* — Magnus ameaçou, os olhos brilhando amarelos. — *Ao vir aqui, você deixou tudo mais fácil para mim de uma vez por todas.* — A convicção de Magnus de sua própria invencibilidade era clara, mas não havia nenhuma maneira de Delaney deixá-lo ser bem sucedido.

Era Magnus quem iria morrer.

— *Você nunca vai me ter.* — Delaney retrucou. — *Eu vou destruí-lo primeiro.*

Magnus riu, mas Delaney atacou. O frenesi de seu ataque pegando, claramente, o antigo *Slayer* de surpresa.

Isso não era nada comparado ao que Delaney faria.

Capítulo 4

Ali estava alguém à sua frente. Ginger ouviu o sussurro, como pegadas na pedra, em seguida, um baque forte que fez o chão tremer na caverna subterrânea. A segunda pancada foi menos veemente, mas ainda poderosa.

O que ela ouviu ao lado soou como homens em combate. Ouvia um grunhido ocasional, o som de um golpe de carne batendo, a rachadura de um osso. Pedras se quebraram, o chão tremeu e houve um clarão de fogo.

Delaney estava em apuros! Alguém ou alguma coisa gritou com raiva, o que foi tudo o que Ginger necessitava para incentivá-la a se adiantar. Ela nunca foi de ficar para trás e observar quando ela poderia fazer a diferença, e não queria ter uma razão para começar agora.

Ela ergueu o fuzil, atravessou a última abertura, e congelou em choque. Não foi a luz vermelha misteriosa que a parou, apesar de pulsar banhando a câmara com uma luz da cor de sangue. Não foi o recipiente de cristal de rocha enorme com líquido turvo do outro lado da câmara que a interrompeu, ou até mesmo o fato de que parecia ser uma estranha fonte de luz. Foram, definitivamente, os dois dragões lutando que surpreendeu Ginger.

Ela piscou e olhou, seus olhos a estavam certamente enganando-a, mas os dragões continuaram a lutar. Eram criaturas enormes, da mesma forma que seria de esperar que fossem dragões, enrolados com força feroz. Possuíam uma beleza perigosa.

Um tinha escamas que poderiam ter sido esculpidas em esmeraldas, moldadas para captar a luz. Em seu musculoso ventre as escamas eram cobre, assim como as garras em cada uma das suas quatro

patas. Seus olhos brilhavam verdes e seus dentes eram numerosos e pontiagudos.

Seu adversário tinha escamas em todas as cores nubladas de jade, que variavam de quase branco ao verde-escuro. Suas garras eram de ouro, e ele parecia maior e mais grosso do que o dragão de cobre e esmeralda. Ambos tinham asas enormes que poderiam ser de couro, embora o de jade tivesse uma garra de ouro no final de cada asa.

Eles lutavam violentamente, aparentemente sem regras. Ginger viu brigas de bar o suficiente para entender que o perdedor iria morrer. Mas onde estava Delaney? Não havia nenhum sinal dele. Tinha um dos dragões o comido?

Ela não conseguia ver outra saída da caverna além do túnel que ela acabou de usar, e Ginger sabia que não era grande o suficiente para que qualquer um pudesse ter passado sem que ela o soubesse.

Olhou para o ventre dos dragões, lutando em cima dela e se perguntou se um era mais arredondado do que o outro. Será que uma pessoa sobreviveria sendo engolido por um dragão? Estava frio nesta caverna, apesar do fato de que ela parecia estar cheia de vapor. Ao mesmo tempo, Ginger sentiu um tipo diferente de calor em suas veias.

Lembrava as centelhas que ela imaginou saltando entre ela e Delaney na noite anterior. Certamente, o calor lento do desejo era o mesmo que ela sentiu na noite anterior. Ginger sentiu um brilho em sua pele, uma vibração de luxúria em suas veias, e se admirou por poder se excitar com a luta entre dragões.

Mas ela o fez.

Eles eram musculosos e bonitos, puramente masculinos, mas era mais do que isso. Ela foi definitivamente despertada, exatamente como com Delaney. Era um momento ruim para tais pensamentos.

O dragão esmeralda feriu o outro com sua cauda e o dragão de jade rolou através do ar, mal perdendo o ritmo. Ele gritou de volta para o de esmeralda, que soltou fogo. O esmeralda se abaixou, mas o jade pegou-o pela ponta da cauda jogando-o contra a parede da caverna, fazendo-o estremecer e inalar de forma audível.

Ginger adivinhou que iria cuspir fogo, talvez assar o esmeralda. O dragão esmeralda tinha outras ideias. Mergulhou contra o jade, enrolando a cauda ao redor da cauda do dragão de jade para segurá-lo. Eles se enrolaram entre si, mordendo e lutando pela supremacia, como jibóias, cada um tentando espremer a vida fora do outro.

Eles caíram, pousando pesadamente e fazendo subir uma nuvem de poeira vermelha. O jade rodou e cravou suas garras nas asas do esmeralda. O sangue vermelho fluíu sobre as garras de ouro.

O dragão esmeralda se contorceu e virou-se para o jade, libertando-se das garras do dragão maior enquanto rasgava a carne do dragão de jade. Ele jogou o dragão jade contra a grande coluna de líquido vermelho e, novamente, o chão saltou. O dragão esmeralda cravou suas garras no peito do dragão jade.

O dragão jade gritou quando as garras o rasgaram. Seu sangue correu escuro como breu sobre suas escamas gloriosas enquanto se contorcia no aperto do dragão esmeralda.

— *Você não pode realmente me ferir.* — Provocou. — *Não quando os meios de recuperação estão tão perto.*

— *Vamos tentar.* — Resmungou o dragão esmeralda, com firme determinação.

Ginger piscou. Ela tinha *que* estar imaginando que ele parecia Delaney.

O dragão esmeralda rasgou o peito do jade, deixando seu adversário ofegante de dor, batendo forte em seu adversário com sua cauda. Em seguida, ele bateu o dragão jade contra o frasco maciço.

O dragão jade deslizou sem força pelo cristal liso, acertando o cristal esculpido. Ele girou, inclinando-se de costas contra o cristal, e parecia sorrir para seu adversário.

Seu olhar balançou toda a câmara. O coração de Ginger pulou de terror. Sabia que ele a tinha visto quando os seus olhos brilharam. Uma nuvem de fumaça veio de suas narinas e seu sorriso aumentou.

— Oh, olhe. — Disse ele, lançando-se em voo com uma velocidade

surpreendente. — O almoço está servido.

Ginger não esperou por apresentações. Ela levantou a arma e atirou. Seu tiro acertou o dragão jade no joelho, mas ele não pareceu notar. Ela não estava completamente segura de que o tiro sequer penetrou suas escamas. Isso não o impediu nem o atrasou. Se qualquer coisa, apenas o irritou.

Ele cuspiu fogo quando se lançou sobre ela, temível e aproximando-se rapidamente. Ginger disparou novamente, mas seu tiro não acertou. Ela girou e correu para o corredor que levava de volta para a superfície e a sanidade.

O dragão esmeralda gritou, mas Ginger não se preocupou em olhar. Ela preferia evitar os dois. O dragão jade foi rápido, mais rápido do que ela imaginava, e ele agarrou-a com suas garras antes que ela chegasse à segurança. Ginger soltou a arma quando foi levantada do chão.

O dragão jade foi para o alto, o seu sorriso ainda mais malicioso em sua proximidade. Ele tinha muitos dentes. E pareciam afiados. E se tivesse comido Delaney? Se assim fosse, eles poderiam estar juntos mais cedo do que Ginger tinha esperado. Só não estariam em nenhuma condição de conversar.

Ginger lutou, mas não adiantou. Ela chutou, lutou e inclusive mordeu os dedos do dragão. Não fez diferença. Ele soprou outra baforada de fumaça, em seguida, abriu a boca levemente. Ela viu as chamas cintilando no fundo de sua garganta, e fechou os olhos quando ele exalou. Fumaça a cercava, o cheiro de fogo e cinzas, e lutou com nova força.

Não fez diferença.

Ginger esperava que ele tivesse uma indigestão antes da primeira das chamas lamberem a pele dela. Ela cheirou o casaco queimado e soube que seria a próxima. Então, a salvação veio do mais improvável dos lugares.

Delaney ficou chocado ao ver Ginger na caverna. Ele sentiu o calor, mas atribuiu-o aos seus esforços da luta contra Magnus. Ela se sentia como a tempestade, mas ele tinha certeza que era impossível. Sua tempestade acabou. Eles se saciaram.

Mas Ginger estava ali e ele estava chiando mais uma vez. Ela era uma tola por segui-lo, mas isso não significava que ela deveria morrer por seu erro. Magnus já a tinha arrebatado e soltou seu fogo de dragão. Felizmente, ele estava focado em torturar a humana e, obviamente, a Delaney. Delaney não tinha dúvidas de que era uma exibição, e que Magnus iria tentar despertar alguns comandos embutidos nos pensamentos de Delaney.

A presença de Ginger enfureceu-o como nada mais poderia, e a perspectiva dela ser ferida enviou um choque de adrenalina através de seu corpo. A sombria ameaça do Elixir desapareceu de seus pensamentos, o poder sobre a sua confiança eliminado quando encontrou o efeito. Ele tinha que salvar Ginger.

Delaney caiu sobre o antigo *Slayer* em um turbilhão de garras e dentes. Ele não se importava de onde infligiria danos a Magnus, apenas que o fizesse. Sua sede de sangue teria o assustado em outras circunstâncias, tão violento e poderoso, mas Magnus não merecia menos. O animal estava solto e, desta vez, Delaney sentia-se feliz.

— *Junte-se a mim.* — Magnus murmurou no antigo idioma, quando foi golpeado.

— Nunca! — Delaney gritou. Ele endureceu contra a tentativa inevitável de Magnus de controlá-lo.

Ginger olhou para ele, seu espanto claro. Ela teria reconhecido sua voz?

— *Reconheça que os seres humanos são os vermes que infestam o planeta.* — Magnus continuou. — *Pegue esta como sua primeira vítima, um prêmio comemorativo para a adesão ao lado dos Slayers.* — Ele respirava fogo em Ginger e ela gritou quando sua jaqueta começou a queimar.

Delaney ficou lívido. Arrancou o tendão na parte superior das asas de Magnus, então afundou os dentes no ombro do Slayer. Magnus gritou, rompendo o fluxo de fogo do dragão, e girou para lutar.

Delaney arrancou Ginger das mãos do Slayer, passando-a para sua garra de trás e sufocando as chamas com seu aperto. Ele ficou chocado com a grande faísca que saltou entre eles, o zumbido do desejo que se instalou dentro dele.

A tempestade era inegável, o brilho radiante de sua garra em Ginger não deixando nenhuma pergunta.

— Nada como uma tempestade de fogo. — Disse Magnus com alegria. — Muito, muito interessante.

Delaney mergulhou para a escama que faltava no peito dourado de Magnus, afundando sua presa na pele revelada ali. Magnus urrou de dor, o sangue negro vomitou sobre Delaney. Ginger gritou.

Magnus começou a entoar um canto baixo, uma canção antiga que ressoava profundamente dentro de Delaney. Delaney sentiu o ímpeto de atender a vontade de Magnus, ele sentiu o desejo de fazer o que o líder dos Slayers queria dele, mas também sentiu o pulso agitado de sua companheira. Seu coração trovejou, o seu cérebro cheio de fúria vermelha que insistia em destruir.

— *Mate-a.* — Magnus ordenou baixo e insistente, no antigo idioma. Delaney bateu o Slayer na parede de pedra e Magnus estremeceu quando um osso se quebrou dentro dele. — *Mate-a agora.*

Delaney não obedeceu ao comando. Ele mataria Magnus de uma vez. Rasgou a carcaça do Slayer com uma violência que era estranha para ele, afundando a garra nas entranhas de Magnus, e obrigando-o a se aproximar. Magnus urrou de dor.

— *Mate-a!* — Magnus gritou.

Delaney pegou o Slayer e girou-o na caverna, não se importando que o corpo de Magnus quebrasse estalactite atrás de estalactite, não se importando que as pedras que caíam enchessem a câmara de poeira. Ele estava furioso. O sangue de Magnus caía no chão da caverna, queimando tudo o que tocava. Ginger amaldiçoou suavemente, seu coração acelerado e depois calmo. Delaney notou que ela desmaiou em suas mãos, o rosto pálido.

— *Você não pode negar-me!* — Magnus gritou em fúria enquanto lutava.

— *Eu posso.* — Delaney caiu sobre o Slayer no chão da caverna, observando que ele não se levantou imediatamente.

Os órgãos de Magnus se mostravam pela ferida aberta, seu sangue preto se espalhando rapidamente por todo o chão da caverna. Delaney podia sentir o cheiro da sujeira que saía das veias do Slayer, o ódio e as trevas, e quis que não tivessem nada em comum.

Gostou de derrotar Magnus. Delaney sentiu uma alegria selvagem quando Magnus caiu, assim como suas entranhas e seu sangue derramado. Ele poderia ter desfiado o Slayer. Poderia tê-lo atormentado com a dor, assim como Magnus o teria torturado. Seria justificado.

Teria também feito exatamente como eles.

Delaney viu o ódio em si mesmo e ficou horrorizado. Poderia ter se rendido a ele por completo, a sua violência sob a falsa bandeira da justiça.

Percebeu o brilho em sua garra. A tempestade queimava mais e mais insistente, sua luz cegando seu coração. O seu brilho enchia, abafando a fera interior e sua sede de destruição. Lembrou Delaney do valor da temperança, da necessidade de não agir por vingança.

Ginger estava presa na garra de Delaney, assustada, mas viva. Sua presença esclareceu a situação de Delaney, deixou-o ciente do que estava em jogo. Sentiu seu coração sincronizar com o ritmo frenético do dela, sentiu sua respiração combinar, sua mágoa assustada. A ligação o reforçava, enchia-o de luz e poder.

Foi ela que tornou fácil negar Magnus, os Slayers e o Elixir.

Deixou mais fácil dar um passo atrás em sua raiva.

Delaney escolheu não deixar a fera ganhar. Ele não iria se tornar uma máquina estúpida, cruel e assassina. Ele não iria deixar Magnus fazer isso com ele. Esse foi o verdadeiro triunfo.

Quando Delaney se afastou do corpo de Magnus estava sangrando, o fascínio pelo Elixir sumiu. Seu corpo não ansiava por ele com a mesma veemência. Seu corpo ansiava por Ginger, em vez disso. Sua verdadeira natureza foi abafada à luz da tempestade e sua promessa para o futuro.

Magnus se contorcia, apoiando-se em suas garras da frente e soprando fogo de dragão misturado com fumaça. Não podia fazer mais, não podia levantar-se do chão, mas vomitou seu veneno, tanto quanto

pôde. Tentou mais uma vez seu comando nos pensamentos de Delaney, mas era mais fácil ignorá-lo a cada vez.

O ar ficou espesso com fumaça de dragão e fogo de Magnus. O Elixir parecia agitar-se mais no frasco de cristal, como se respondendo à angústia de Magnus.

Magnus começou a mudar entre as formas, quase certamente contra sua vontade, passando rapidamente entre humano e dragão. Delaney ficou surpreso ao vislumbrar uma salamandra verde, aparecendo como uma fase de transição.

Assim, Magnus dominou a habilidade da Wyvern também.

Delaney sabia que Ginger não seria capaz de respirar muito mais do ar viciado que Magnus estava criando, o fogo do dragão roubando o oxigênio da caverna. Ele tinha que sair dali rápido. Além disso, ele sentia outros Slayers chegando em ajuda a Magnus.

Ginger deu a ele o dom de negar os comandos subliminares de Magnus e a chave para banir a fera alimentada pelo Elixir. Ginger tinha que sobreviver. Mesmo que isso significasse que o Elixir também.

Delaney reuniu toda sua força e mergulhou pela última vez no frasco maciço. Ele trovejou com toda a força que conseguiu reunir, dirigindo seu ombro para o cristal da rocha. A caverna inteira vibrou com o impacto. Uma única rachadura apareceu no frasco.

Grânulos de prata se formaram sobre a rachadura e escorriam para o chão. Eram estranhos, como prata líquida, e Delaney não conseguia entender o que eram. Poderia ter coletado, mas Ginger gemeu e se mexeu.

Tão perto como a vitória poderia estar Delaney tinha que garantir a sua segurança, em primeiro lugar. O Elixir poderia esperar. Percebeu que se quebrasse o frasco, iria enviar o seu bálsamo em cascata sobre Magnus. Deixaria Magnus arrastar-se até as muitas escadas para o seu gole de reparação em vez disso.

Delaney saiu da caverna e Magnus mudou de volta à forma humana, no último minuto, para escapar através do portal pequeno. Ele segurou Ginger com cuidado, pegou seu rifle, e fez seu caminho às pressas pela passagem do labirinto. Antes, descobriu como chegar passando pela

margem do rio.

Pelo menos o ar fora estava limpo. O calor da tempestade circulava ao redor deles, iluminando seu caminho com seu brilho dourado. Delaney não conseguia entender sua presença, mas era inegável.

Por que não foi saciada? O que a persistência da tempestade significava? E o que ele iria fazer sobre isso? Não poderia deixar Ginger sem gerar seu filho, não sem abandonar seu dever para com seus companheiros *Pyr*. Primeiro, ele teria que sair da caverna vivo. E se ele tivesse que assustar Ginger para não segui-lo novamente a fim de garantir sua própria segurança, que assim fosse.

Ginger despertou com um persistente e suave toque de dedos contra sua bochecha. Ela ouviu estalos e viu faíscas de luz brilhante através de seus cílios. Sentia-se quente, embora o jeans ainda estivesse molhado. O calor lânguido que rolou através de seu corpo lhe disse quem estava segurando-a contra seu peito largo.

— Vamos, Ginger. — Delaney disse, e ela sentiu como ronronar o som de sua voz. — Você tem que acordar para que possamos sair daqui.

Sua urgência era clara.

Ginger abriu os olhos, quase esperando encontrar dragões nas proximidades. Em vez disso, ela estava no que parecia ser a primeira caverna no pé da rampa, onde parte do riacho passava à clandestinidade. Ela sentou-se, consciente da presença vigilante de Delaney, mas não completamente pronta para encontrar seu olhar.

Ela estendeu a mão e logo uma faísca surgiu entre eles. Ela não mais estava bêbada. O que estava acontecendo? Onde estava?

— Assim é melhor. — Delaney disse com satisfação, como se a faísca não tivesse acontecido. Ele puxou-a, para ficar em pé, evidentemente, não inclinado a falar. — Vamos lá. Vamos.

Ginger não se mexeu, porque percebeu que ouviu a sua voz sair do dragão esmeralda e cobre. Isso era impossível.

Poderia achar que tinha sonhado a coisa toda, mas a frente de seu casaco preto estava queimada. Seu rosto estava corado, como se ela

tivesse uma queimadura de sol leve. E o cano de seu rifle, ao fechar a mão, estava quente.

— O que está acontecendo? Onde você estava? — Ginger não era o tipo de pessoa a ter alucinações. Ela não tinha uma imaginação vívida. Ela era, de fato, conhecida por sua acentuada capacidade de observação e sua capacidade de nomear as coisas que via. O que normalmente era como eles estavam. Isso não explicava as faíscas. Ou os dragões lutando.

— Mais tarde. — Disse Delaney. — Falaremos sobre isso mais tarde.

Como poderia a voz de Delaney ter vindo de um deles?

— Agora, funciona para mim. — Ginger insistiu. Ela pensou em Jonas e a baleia, então encontrou o olhar de Delaney. Viu preocupação nos olhos dele, assim como um pouco de cautela. Não tinha sentido andar com rodeios. — Onde você estava? Será que ele o cuspiu inteiro?

Ela sabia que não imaginava que Delaney se afastava um pouco dela.

— Quem?

Ela ouviu em seu tom que ele sabia exatamente de quem ela estava falando, mas estava fingindo o contrário. A indignação a fez rapidamente se levantar e espetar um dedo em sua direção.

— Você sabe quem! O dragão esmeralda e cobre. Eu ouvi sua voz saindo dele. Será que ele te engoliu inteiro e depois cuspiu?

— Não. — O tom de Delaney era plano e ele dirigiu-se para a rampa. Claramente, ele não queria falar sobre isso ainda.

Ginger não se mexeu.

— Então o que diabos aconteceu lá?

— Falaremos sobre isso mais tarde. — Sua expressão era sombria. — Vamos sair daqui antes.

Ginger cruzou os braços sobre o peito.

— Eu não vou a lugar nenhum sem uma explicação. Se você pensa que eu acho essa coisa toda de homem mistério atraente, você pode pensar novamente.

— Agora. — Delaney disse a única palavra, baixa e forte.

Ginger teria argumentado, mas havia algo estranho nele. Ele se virou para ela, sua intensidade parando a questão que se levantou em seus lábios. Parecia, de repente, maior, mais perigoso e determinado. Mais predatório e poderoso.

Pela primeira vez, ela sentiu um pouco de medo dele.

O corpo de Delaney brilhava azul nas bordas, como se ele não estivesse inteiramente ali. O cabelo se eriçou na parte de trás do pescoço de Ginger, seu corpo mais cauteloso do que o resto dela. Ele deu um passo em direção a ela e ela apoiou-se, com medo do que ele poderia fazer.

Os olhos de Delaney, porém, era realmente a parte mais estranha dele. Eles eram de um verde brilhante, como se iluminado por dentro. Mas suas pupilas eram fendas verticais, como os olhos de um réptil. Como os olhos de um dragão.

Hora de ir.

Ginger não esperou para ver nada mais. Ela apertou sua arma contra o peito e correu pela encosta acima, usando apenas uma mão. Não foi fácil, mas não iria deixar sua arma para trás.

Ginger subiu a encosta com uma velocidade recorde, nunca olhando para trás. Ouviu Delaney atrás dela, o que só a fez andar mais rápido. Ela rasgou a palma da mão na pedra e ficou encharcada até os ossos no caminho.

Sentiu um calor no traseiro frio, como se Delaney fosse uma fogueira correndo bem atrás dela. Ela sentiu o desejo estúpido de novo, inoportuno e indesejável como era, e rangeu os dentes de irritação por sua própria fraqueza.

Ele podia ser o homem mais sexy que ela já conheceu, mas havia problemas que exigiam uma revisão.

— Mais rápido. — Murmurou Delaney logo atrás dela, sua voz

baixa o suficiente para fazê-la tremer. — Eles estão muito perto.

Ela não perguntou quem.

Não tinha certeza se queria saber.

Ginger saiu à luz do dia, piscando com a brancura brilhante da neve. Teve tempo de ver dois dragões que desciam do céu, e dois homens desconhecidos na estreita margem do rio. Então Delaney empurrou-a de lado, pulou sobre ela, e saltou para o ar.

No momento que Ginger olhou para cima, um dragão estava subindo rapidamente. Um cobre e esmeralda.

E, mais uma vez, não havia nenhum sinal de Delaney.

Ginger ouviu a pressa do vento no bater de asas. Os dois homens na margem do rio tinham desaparecido quando ela olhou novamente, um som chegou de dois dragões ganhando altitude logo atrás do esmeralda.

Cinco dragões.

Um dos dragões atrás do esmeralda parecia ser feito de ametista e prata. O outro parecia ser escamado em todas as cores de turmalina, com sombreado do verde ao roxo e por cima de seu comprimento, cada escama era como prata.

Ginger ficou olhando. Estava molhada e fria, mas muito surpresa também. Ela, de repente, sentiu-se tonta e sentou-se na neve, dizendo-se que era uma escolha, mas sabendo que seus joelhos não se sustentariam.

Ela colocou o rifle nas mãos e saboreou seu peso familiar. Era bom segurar algo sólido, algo que era exatamente como ela sempre soube que seria e não mostraria sinais de mudança. A arma era reconfortante e real.

Mesmo que fosse inútil contra dragões até agora. Um dragão que se aproximava era ágata, castanho-avermelhado e dourado com escamas verdes alinhadas como pedra e acentuadas com ouro. O outro era notável, vermelho, com ouro e pérolas que pareciam incorporadas.

Os dragões pareciam ainda mais como feras de joias fabulosas na luz, mas estavam longe de ser ornamentais. O dragão de cobre e esmeralda atacou o ágata com rapidez. Ginger tinha a estranha sensação que ele a

estava defendendo. O par de garras bloqueou, em seguida, caiu no ar, cortando e se debatendo.

Será que os dragões tomariam partido? Ou o esmeralda só a queria para seu próprio almoço?

O dragão ametista assumiu o dragão granada, cuspidando fogo, fazendo com que o dragão granada recuasse. Entretanto, o dragão turmalina voou atrás dele e atacou do outro lado. O dragão granada gritou e girou, travado entre dois oponentes. Era uma luta violenta e grosseira, mas Ginger não conseguia afastar seu olhar.

— Isso vai ser curto e doce.

O som da voz de um homem atrás dela fez Ginger levantar-se outra vez e girar com o rifle pronto.

Capítulo 5

Ginger tinha medo dele. Delaney disse a si mesmo que era bom. Não começou a mudar de propósito, mas seu corpo reagiu à presença de uma ameaça à sua companheira. Não teve a intenção que Ginger visse a verdade, mas agora que ela viu, disse a si mesmo para se conformar.

Seria mais fácil deixá-la se ela o temesse ou desprezasse. Delaney sabia que ela era inteligente e resistente, e o calor do fogo que ela provocava nele era de uma forma muito básica. Mas tinha medo dele. E ele podia garantir que ela ficaria com mais medo. Talvez, depois de testemunhar a plenitude da verdade, ela não se importaria por ele tê-la abandonado.

Neste caso, seria mais fácil ele fazer o que precisava ser feito. Mesmo que o medo de Ginger conseguisse provar que a mãe dele tinha razão. Inclusive se o fizesse se lamentar de tê-la assustado. Ginger era muito, muito obstinada, muito malditamente atraente. Se não pudesse se defender da tempestade de fogo, teria que assustá-la e faria dela o que ele se recusou.

Delaney foi banido por um longo tempo, tempo suficiente para que ele soubesse à quais sombras ele pertencia. Ainda assim, ressentia-se da própria verdade como nunca se ressentiu antes. Enfureceu-se com a injustiça do direito à primogenitura quando atacou Mallory. O único tipo de criatura mais indigna de respeito do que Delaney, era um *Slayer*. A

derrota dos Slayers era essencial para proteger sua companheira, e era apenas um bônus. Comunicava sua ira.

Um homem alto parou diante de Ginger na borda do mato, as mãos apoiadas nos quadris enquanto observava avidamente a batalha. Ginger supôs que sua indiferença para com ela era encenação, e que estava completamente ciente do que ela fazia. Obviamente, ele foi o único a falar. Os longos cabelos loiros escuros estavam presos em um rabo de cavalo, e a calça jeans apertada revelava que ele era bem construído. O curto colete preto o fazia parecer maior, e a forma sombria convenceu Ginger que ele também viu uma série de brigas de bar. E que até mesmo participou delas.

Sem olhar diretamente para ela, ele chegou a empurrar o cano da espingarda com a ponta dos dedos, direcionando-a para longe de si mesmo. A tatuagem de dragão nas costas da mão esquerda atraiu os olhos de Ginger, e a fez pensar.

Convenceu-a de calar a boca por um instante. Era impossível para os homens se transformarem em dragões, não era? Então, para onde foi Delaney? E de onde veio o dragão cobre e esmeralda?

Ginger se afastou para longe do estranho, mantendo a boca momentaneamente fechada. Não fazia muito sentido apontar o dedo perguntando quem ele era. Ele tinha quase trinta centímetros mais que ela e parecia poder segurá-la com uma mão.

Acima, o dragão granada gritou quando o turmalina cortou-o com suas garras. Sangue negro salpicou e o homem alto puxou Ginger para fora do caminho. O sangue chiou quando caiu na neve e soltou um pouco de vapor.

— Eu só estou aqui para protegê-la. — Ele disse com voz arrastada, sem tirar os olhos da batalha.

— Não, se eu disser o contrário.

Ele lançou-lhe um olhar.

— O seu nome é Delaney, se não estou enganado, mas não imagino que vá deixar você ir.

Ginger não sabia do que ele estava falando, embora tivesse que

admitir que Delaney a deixou encantada na noite anterior.

— Eu vou correr. — Disse ela com veemência, e falava sério.

— E Delaney vai encontrá-la. — Ele falava com tanta confiança que Ginger acreditou nele.

Onde estava Delaney? Ginger observou a cabeça do dragão de cobre e esmeralda, na batalha contra o ágata, e lutou contra o óbvio. Será que ele se transformou no dragão? Pensou nisso. *Impossível*.

Enquanto isso, a luta continuava. O dragão granada podia ter recuado, mas o ametista pulou nas costas dele. Enterrou os dentes no ombro do dragão granada, enquanto o dragão turmalina soprava fogo no dragão granada, que gritou de dor e lutou, mas parecia incapaz de sair do aperto mortal dos dois.

O dragão de cobre e esmeralda estava batendo no dragão ágata, dando-lhes golpes e mais golpes, com a cauda. Lutava mais violentamente do que os outros e encarava claramente cada batalha até a morte. Uma espiral rodou, o dragão ágata tentando queimar o esmeralda ou rasgar-lhe as asas. O esmeralda era mais rápido e ágil, talvez mais motivado. Ele atacou o dragão ágata, e uma garra furou o olho do dragão. Este urrou de raiva e dor, então se lançou sobre o esmeralda.

Era uma luta sangrenta, suja, por isso mesmo viciosa, o que fez Ginger entender que os perdedores podiam morrer.

— Onde *está* Delaney? — Perguntou ela, vendo-se incapaz de desviar o olhar da carnificina. Suspeitava a resposta, mesmo que fosse louca. Deveria deixar alguém dizer em voz alta.

O homem alto falou.

— Ele é o dragão cobre e esmeralda. — O olhar era divertido quando olhou para Ginger. — Somos dragões, metamorfos. Ele não mencionou isso?

— Não. Estranhamente, isso não surgiu na conversa.

O homem riu alto.

Ginger não disse mais nada. Que outra explicação racional poderia

haver para que a voz de Delaney viesse do dragão, na caverna abaixo? Apesar de que, racional, podia ser considerado exagero.

— Você pode notar que ele está defendendo-a de Mallory e Baltazar.
— Observou o homem alto.

— Ele pode estar defendendo você.

Seu companheiro riu de novo.

— Eu posso cuidar de mim mesmo.

— Eu também posso. — Ginger agarrou o rifle um pouco mais apertado. Poderia iludir esse cara, passar por ele e correr? Ele era um obstáculo formidável e parecia pensar que era responsabilidade dele mantê-la exatamente onde estava. Ele seria mais rápido do que ela, também, dada a altura dele.

Ficou parada, esperando pelo momento oportuno, e olhou para o céu novamente ao ouvir o som de um trovão distante. Era um momento estranho para um trovão. O dragão esmeralda rugiu quando arremessou contra o ágata através do céu. Os dragões ametista e turmalina devem ter adivinhado a intenção dele, porque o dragão granada girou, estava sangrando muito, e lançaram-no contra o ágata.

Os dois dragões colidiram com um baque forte, batendo a cabeça um no outro. Ginger estremeceu, mesmo que não estivesse torcendo por nenhum dos dois. O dragão granada caiu do céu, os olhos fechados.

— Cuidado! — Disse o homem alto, arrastando Ginger para trás, ao invés de dar uma chance a ela para seguir-lhe as instruções. Moveu-se rapidamente, o que deveria bastar.

O corpo do dragão granada bateu ao cair por entre as árvores, quebrando galhos enquanto caía no córrego. O gelo na superfície rachou e se quebrou imediatamente, e o corpo caiu através do gelo vários metros de água. Ele não se mexeu.

O homem alto manteve a mão na frente de Ginger do mesmo jeito, e ela notou que ele tinha tons brilhantes de azul nos olhos, assim como Delaney, na caverna abaixo.

Teria ele a intenção de protegê-la, também? Por quê?

Ginger teve que admitir que, ter dragões que cuspiam fogo como defensores, soava como um bom plano, mesmo que ela não entendesse o que estava acontecendo. O dragão de cobre e esmeralda uniu forças com o turmalina e o ametista, para combater o dragão ágata. O dragão ágata não revidou, porém, girou e recuou, respirando lenta e profundamente enquanto olhava para o trio.

— Fumaça de Dragão. — Disse o homem alto, baixinho.

— Eu não vejo nenhuma fumaça. — Disse Ginger.

— Eu vejo. Nossos sentidos são mais agudos do que os seus. — Ele se contorceu involuntariamente e insistiu que ela fosse mais para trás na floresta. — Está queimando, que merda. — Estremeceu novamente e pediu para Ginger afastar-se do corpo do dragão caído.

Ginger não quis discutir com ele. Colocar distância entre ela e os dragões, houvesse fogo e fumaça invisível ou não, era uma boa ideia na concepção dela. O trio de dragões em voo se retirou com tanto cuidado que Ginger entendeu que havia uma coisa desagradável sobre fumaça de dragão. O ametista se moveu em direção ao dragão ágata, mas foi repellido de repente por algo que o fez gritar de dor.

— Estúpido. — Murmurou o companheiro, e o dragão ametista olhou para ele.

Enquanto isso, o dragão ágata descia continuamente em direção ao companheiro caído, pairando acima do corpo dele. Ele respirava lenta e progressivamente, de forma quase meditativa.

— O que ele está fazendo?

— Defendendo o cadáver com fumaça de dragão. — Disse o homem alto, em tom sombrio. — Defendendo-se com ela, também.

— Por quê?

— Está fazendo isso para que não possamos pegar o corpo de Mallory e garantir que continue morto.

Ginger olhou para o companheiro, que parecia sério.

— Isso tem algum sentido?

—Tem. — Lançou-lhe um sorriso torto, então os olhos se estreitaram e ele olhou para o céu novamente. — Outro *Slayer* se aproxima.

Ginger mal vislumbrou uma forma escura no céu distante, antes do homem alto agarrá-la pelo cotovelo. Podia ser um pássaro se aproximando, mas ela sabia que não era. Era muito, muito maior do que um pássaro. E tinha certeza de que soltava fogo. Ele parou e pairou no horizonte, como se estivesse decidindo o que fazer.

— Hora de irmos embora. — O homem alto puxou Ginger em direção ao estacionamento, estabelecendo um ritmo ao qual ela se esforçou para acompanhar. A neve dificultava a caminhada, especialmente devido à altura dela, mas Ginger estava motivada. Ela ficou feliz quando viu sua fiel caminhonete vermelha, tão reconfortantemente normal, polvilhada com uma generosa camada de neve.

— Eu vou dar o fora, então. — Disse ela, marchando em direção à caminhonete, à sanidade e ao mundo real.

— Não tão rápido. — Disse o homem alto, embora sem tocá-la.

Ginger se virou para olhar, imaginando o que ele queria dizer, então, viu três dragões saindo do céu. Eles eram graciosos apesar do tamanho, movendo-se como atletas. Eram enormes e ver a abordagem deles deixou-lhe a boca seca.

Também a animou de uma forma estranha. Ela sentiu um arrepio, como chamas lambendo os dedos dos pés, como o desejo desabrochando no ventre, e decidiu que realmente precisava de um café da manhã.

Mas ela não podia ir embora. Estava paralisada pela visão do dragão cobre e esmeralda. Ele liderava o caminho, o turmalina e o ametista logo atrás, e foram direto para ela.

Era realmente Delaney?

O vento soprava a cada batida das enormes asas do dragão cobre e esmeralda à medida que se aproximava. Ginger prendeu a respiração sob o peso do olhar do dragão. Ele estava olhando para ela, o olhar fixo sobre ela enquanto voava mais perto. Os olhos eram verdes. Assim como os de Delaney. E a forma intensa de olhar lhe era muito familiar.

Ginger engoliu em seco, mas manteve-se de pé. Havia um desafio nos olhos dele, como se dissesse para continuar procurando-o, para fazer a conexão, para entender o que ele era. Ginger nunca recusou um desafio em toda a vida. Ela olhou diretamente para trás do dragão e esperou pelo pior. Ela sentiu o calor e o formigamento crescerem quando ele chegou mais perto, aquele desejo incontrolável que a fez se render ao impulso na noite anterior.

Uma luxúria crescendo dentro dela, em curto circuito, fazendo-a se esquecer de tudo, exceto o sexy sorriso de Delaney.

— Você deve fechar os olhos. — Aconselhou o homem alto.

— Não mesmo. — Ginger apertou a arma, mas a manteve a seu lado.

— A transformação é difícil para o ser humano testemunhar. — Insistiu.

Se houvesse uma transformação, Ginger queria ver tudo. Era a única maneira de acreditar que era possível. Ela olhou sem piscar para o dragão cobre e esmeralda, enquanto ele descia até o estacionamento.

— Apenas digo que... — Acrescentou o homem alto, mas Ginger o ignorou. Ela forçou os olhos a permanecerem abertos, olhando para o dragão enquanto ele se aproximava. Ele pareceu hesitar por um segundo, como se ele também fosse avisá-la dos perigos da escolha, mas Ginger não estava interessada em ser enganada. Ela queria a verdade. E a queria agora. Qualquer que fosse o inferno. Ela ergueu o queixo e os ombros. Os olhos brilhavam.

Em seguida, o dragão de cobre e esmeralda aterrissou graciosamente em frente a ela, lançando uma rajada de neve enquanto descia. Ginger se perguntou o que um caçador pensaria das marcas, ela sentiu o desejo enfraquecer seus joelhos, e esqueceu todo o resto, além do dragão.

Ele estava olhando para ela com aqueles estranhos olhos verdes, olhando-a tão fixamente que Ginger quase estremeceu. A neve se derreteu ao seu redor, deixando um espaço em volta da terra nua. Então a voz de Delaney veio da boca do dragão.

— Não tente entender. — Ele a aconselhou, a familiaridade da voz rasgando o coração de Ginger. — Talvez seja apenas um sonho.

— Eu nunca me queimei em um sonho antes. — Ginger retrucou, arrancando um pedaço enegrecido da jaqueta.

— Olhe para longe, se isso a incomodar. — Disse ele, mas ouviu o desafio no tom dele. Se ele achava que ela era uma garota frágil, que não podia aguentar as coisas difíceis, podia pensar duas vezes.

— Não em sua vida. — Disse ela.

— Não vai chegar a esse ponto.

Ginger não falava sobre a própria vida.

O dragão brilhou diante dos olhos dela. Era estranho, mas em um minuto, ele era claramente um dragão e, no minuto seguinte, o perímetro do corpo brilhava com uma estranha luz azul. As bordas piscavam, como uma chama de gás, mesmo sem ser. A distinção precisa entre ele e o mundo em volta se tornou mais turvo, menos fácil de ser percebido. A forma dele se transformou e cresceu com menos clareza definida, mudando diante dos olhos dela.

Ginger tentou ver todas as transformações de uma só vez, e isso talvez tenha sido o erro dela. Ela lançou o olhar sobre o dragão, olhando para as alterações, observando as diferenças, observando como uma forma se transformava em outra. *Impossível.*

Ela viu os olhos reptilianos do dragão se transformar nos olhos de Delaney, viu a garra afiada se transformar em um dedo, observou como as asas dobradas sobre si mesmas desapareceram nas costas dele. *Impossível.*

Ela viu os dentes afiados sumirem, viu-o encolher de tamanho até ficar humano, viu desaparecer o rabo como se tivesse sido absorvido. *Impossível.*

Ginger viu as roupas aparecerem, parecendo ser desdobrada de debaixo de uma das escamas, de modo que a forma humana nunca ficou nua naquele estacionamento de Ohio, no meio de uma tempestade de neve de fevereiro. *Impossível.*

Mas tudo aconteceu diante dos olhos dela. Ginger se forçou a permanecer com os olhos abertos, quando podia tê-los fechado. Mas quando ele estava quase completamente transformado, quando a criatura diante dela estava voltando a ser Delaney, o mesmo que passou a noite anterior na cama dela, o cérebro de Ginger abruptamente se recusou a aceitar mais dados sensoriais.

A mudança estava ocorrendo rapidamente, muito rapidamente para Ginger aceitar o que viu, tão rapidamente que Delaney conseguiu pegá-la na forma humana quando ela desmaiou.

— Calma. — Disse Thorolf quando Ginger desmaiou. Delaney não sabia se o novo membro da equipe *Pyr* de Erik estava sendo sarcástico ou estava admirado, e ele não se importava muito. Deveria estar se sentindo mais triunfante do que nunca, já que conseguiu assustar Ginger novamente. Ao invés disso, ele se sentia como um idiota.

Era estranho, mas neste dia sentia a combinação familiar de potência e confiança novamente. Sentia que a tempestade o ajudou a encontrar seu antigo eu novamente. Ele bateu forte em Magnus, o suficiente para derrubar o antigo Slayer, ainda que temporariamente. Ele tirou Ginger do santuário e derrotou os Slayers que chegaram para fazer o trabalho sujo de Magnus. Quando acabou não apareceram mais. Era a hora de levar Ginger para o mais longe possível do perigo.

Ele segurou Ginger antes que ela caísse e apertou-a contra o peito, surpreso novamente pela persistente centelha da tempestade. Ele foi duplamente surpreendido pela própria proteção em relação a ela. Ela deveria ser apenas um meio para um fim para ele, o porto para o filho, mas Delaney pôde perceber que Ginger não era daquelas mulheres que se esquece facilmente.

Ele também estava ciente da desaprovação dos *Pyr*s pela decisão de assustá-la.

— Ela queria ver. — Disse ele, ouvindo a defensiva no tom de sua voz.

— Às vezes os seres humanos estão errados sobre o que querem e o que é bom para eles. — Disse Sloane, mudando suavemente, enquanto caía ao lado de Delaney. O *Pyr* farmacêutico era um dragão turmalina na forma alternativa.

Delaney engoliu a réplica afiada, sabendo que foi Sloane quem ajudou a curá-lo. Ficou feliz que os *Pyr*s aparecessem para ajudá-lo, mas a tempestade só dizia respeito a ele mesmo.

Sloane e Thorolf viram as faíscas que saltavam entre Ginger e Delaney, mas Delaney não iria falar sobre o brilho persistente de ouro. Não fazia qualquer sentido que o fogo ainda ardesse, mas não iria transformar a própria satisfação em um esforço de equipe.

O dragão ametista pousou e mudou de forma, tornando-se Niall, o *Pyr* com maior afinidade com o elemento ar. Niall também foi sócio de Delaney por anos na empresa de turismo ecológico que os dois fundaram. Delaney ficou contente por vê-lo quando Niall fez-lhe um gesto ríspido.

Como nos velhos tempos. Eles questionaram quando Delaney insistiu em vender a sua metade do negócio para Niall no início do ano, e Delaney temia que ele tivesse terminado uma boa amizade para sempre. Disse a si mesmo, então, que não se importaria, e não ficou realmente surpreso ao saber que a conclusão estava errada. Era bom ver Niall novamente, era bom ter o *Pyr* lutando ao lado dele.

— Então, é sua tempestade. — Disse Niall. — Eu me perguntava por que queimou tão forte por mim. Parabéns.

— Obrigada. — Delaney sentiu aquela sensação familiar de ser parte de uma equipe. Perdeu esse sentimento. Sabia que os *Pyr*, muitas vezes, sentiam mais fortemente as tempestades de fogo daqueles com quem tinham uma ligação pessoal. Ele e Niall foram caminhando de volta, mas ele ainda não esperava que alguém sentisse como sua tempestade. Muito menos aparecendo para ajudar a defendê-la.

— Por que você não se satisfaz ainda? — Niall perguntou brusco como sempre.

— Pensei que eu houvesse.

Thorolf sorriu.

— Você não sabe?

Delaney lançou um olhar de morte para o novo recruta.

— Algo estranho está acontecendo.

Sloane apertou os lábios e cruzou os braços sobre o peito, e Delaney pode ver que estava pensando furiosamente.

— Figuras. — Ele disse calmamente, mas Delaney não teve tempo de falar sobre isso. Tinha que começar a afastar Ginger da proximidade dos Slayers. Ele foi até sua caminhonete vermelha. Segurando Ginger, verificou que ela estava respirando normalmente e estabilizou as batidas do próprio coração. Ele não conseguia acreditar que ela o havia seguido e estava grato por ela não ter se machucado. Ela era leve como uma pluma nos braços, e não se encaixavam tão bem quanto na noite anterior.

Ele se sentiu travado novamente entre a missão com a qual se comprometeu a realizar e sua tempestade.

— Espere um minuto, você não pode simplesmente ir embora. — Disse Niall. — O que você estava pensando, entrando no santuário do Elixir sozinho? Se fosse ferido ou mesmo morto, alguns dos Slayers poderiam ter feito de você um deles ali.

Delaney lançou um olhar para seu antigo amigo.

— Eu pretendia morrer lá dentro.

— Como teria sido se você realmente morresse?

— Eu teria feito isso, de alguma forma. — Delaney falou com sombria convicção, odiando que a acusação de Niall fizesse algum sentido. — Eu tenho a motivação para fazer isso acontecer.

— Você deveria ter me chamado para ajudar. — Niall argumentou.

— E vê-lo morto, também? — Delaney balançou a cabeça. — Não, eu sei muito bem que jamais colocaria qualquer um de vocês nessa situação, por opção.

— Estamos melhor lutando como equipe. — Niall insistiu. — Eu teria respondido ao seu chamado.

Delaney ficou muito contente ao ouvir aquilo porque sabia que ele nunca teria pedido a ajuda de um amigo.

— Eu tenho que destruir o Elixir sozinho. — Disse ele, ouvindo o tom resolutivo na própria voz. — É o único jeito. — Ele olhou para Ginger e

sentiu uma dúvida.

— É um plano louco. Magnus nunca permitirá isso. — Disse Sloane.

— Magnus é duro demais. — Disse Delaney. — Eu deixei que a coragem dele se esparramasse por todo o chão do santuário.

Niall assobiou entre dentes.

— Isto porque você não é um lutador.

— Eu tenho uma causa agora. — Disse Delaney, e Niall acenou com compreensão.

— Eles estão vindo? — Thorolf perguntou quando viu Sloane olhar para trás com os olhos apertados.

— Eles estão cuidando de Mallory, provavelmente levando-o para o Elixir.

Enquanto isso, o olhar de Niall foi para Ginger. Ele não disse nada, apenas viu que Delaney olhava constantemente, com expressão pensativa.

— *Você pode contar comigo.* — Ele disse no antigo modo de falar, e Delaney soube que Niall ficaria atento a Ginger na ausência de Delaney. Era uma sensação boa.

Sloane caminhou entre os demais, com expressão sombria.

— Você deixou Magnus ferido perto do Elixir, certo?

Thorolf bufou.

— Era o que precisávamos. Magnus ainda mais resistente do que nunca.

— E Mallory morto, com amigos próximos o suficiente para dar o Elixir para ele. — Sloane disse com um suspiro.

— Esse não era o plano dele. — Niall disse, defendendo Delaney.

— Mas foi assim que aconteceu, de qualquer maneira. — Thorolf cobrou.

— Eu tinha que tirar Ginger de lá. — Disse Delaney. — Eu vou voltar e terminar o que comecei.

— Sozinho? — Sloane perguntou.

— Sozinho. — Delaney sentiu os *Pyr* trocando olhares, mas não estava interessado na opinião deles. Estava feliz por terem aparecido, mas sabia o que tinha de fazer. Eles não iriam fazê-lo mudar de ideia, mesmo sendo seus amigos. Colocou Ginger no banco do passageiro da caminhonete com cuidado.

— Ela está ferida? — Sloane perguntou.

— Não. — Delaney disse, sem esconder o alívio. — Só está em choque.

— Porque ela não sabia a verdade. — Thorolf forneceu. — Eu tive que dizer a ela.

— Você não deveria ter dito! — Niall respondeu. — É apenas mais uma verdade para fazê-la fugir.

— Eu não tive escolha. — Thorolf ergueu as mãos, a censura de Niall obviamente, pegando um nervo.

Delaney virou para a direita sobre sua cabeça.

— Ela perguntou para onde ia. Não é estúpida, acho que ela estava a caminho de perceber isso.

— Ótimo. — Niall disse mais uma vez, passando as mãos pelos cabelos louros e deixando-o em desalinho. — Você tem o dom de complicar as coisas.

— Eu apenas tentei ajudar. — Disse Thorolf, de forma petulante.

— Espere um minuto. — Sloane disse lentamente, dirigindo-se a Delaney. — Você consumiu o Elixir, o que o coloca um passo mais perto de ser um *Slayer*. Não deveria ter uma tempestade.

Delaney fixou em Sloane um olhar firme.

— Quem você está chamando de *Slayer*? O sangue que corre em

mim é vermelho.

O *Pyr* congelou, chocado ao ouvir aquilo. Todos sabiam que o sangue de Delaney ficou negro após sua libertação, em seguida, mudou de volta ao vermelho quando Delaney escolheu se sacrificar se necessário, para salvar a companheira de seu irmão Donovan. Ele se misturou uma vez que era predominantemente vermelho, mas por vezes se tingia de negro. A mudança de cor era uma fonte contínua de frustração para Delaney, e também, a causa de seu desespero. Ele sabia o que viu no santuário, no entanto.

— Não há trevas nele? — Sloane perguntou, o tom tão afiado quanto o olhar.

Delaney estava decidido.

— Nenhuma. — Ele tirou a jaqueta e empurrou a camiseta, deixando Sloane ver a ferida que Magnus fez nele. A ferida enrugada estava vermelha como um rubi.

Sloane olhou para Ginger, em seguida franziu a testa, pensando. Delaney viu os cílios de Ginger baterem. Ela abriu os olhos, o olhar fixo em Delaney. Ele viu a surpresa dela ao olhar rápido para ele, como se tivesse confirmado que ele era um homem novamente. Para sua surpresa, ela fez uma incrível imitação de Desi Arnaz.

— Certo, gostosão, você tem algumas explicações que dar.

— *Gostosão?* — Niall perguntou, nitidamente confuso, mesmo com o antigo linguajar.

— *Nós nos conhecemos na noite passada e foi consumada a tempestade.* — Delaney respondeu. Sentiu o choque dos companheiros.

— *Em uma noite?* — Niall disse.

— *Você não perdeu tempo, não é?* — Sloane brincou.

— *Não admira que ela o chame de gostosão.* — Thorolf acrescentou, e os três *Pyr* riram juntos. Delaney sentiu um calor na nuca e viu Ginger olhar para eles. Ela se afastou bruscamente do abraço e faíscas iluminaram o local onde os dedos se aferravam nos braços de Delaney.

Os *Pyr* recuperaram o fôlego.

— *Só que não foi saciada.* — Sloane murmurou, com os olhos brilhando. — *Que estranho.*

Ginger olhou os quatro homens.

— Qual é a graça? — Perguntou ela. — O que eu perdi? — Ela jogou a mão na direção dos *Pyr* e se virou para Delaney. — Quem são esses caras e por que eles estão aqui? O que aconteceu lá embaixo, perto do riacho? Havia dragões realmente? — Ela lançou um olhar acusador para o céu com evidente frustração. — E por que há tanto trovão na terra?

— Parece que você tem muitas explicações para dar. — Niall estendeu a mão. — Dê-me as chaves, gostosão, e você pode levar a dama para casa.

— Casa de quem? — Ginger exigiu, estreitando os olhos.

Delaney não a culpava por estar insegura com a chegada dos *Pyr*. Eles apareceram de repente, depois do acontecido.

— Podemos voltar? — Delaney perguntou. — Eu posso explicar as coisas para você, mas vai demorar um pouco.

— E eles?

— Eles fazem parte desta história.

— Então, eles são seus amigos?

Delaney encontrou o olhar de Niall e viu um inesperado lampejo de humor ali. Os outros *Pyr* entenderam a hesitação de Delaney, a convicção de que ele era muito diferente para esperar camaradagem dos companheiros de antes.

No entanto, os *Pyr* apareceram para ajudar a tempestade dele. Sloane e Niall lutaram ao lado de Delaney como nos velhos tempos, e Thorolf montou guarda junto à companheira de Delaney. O vínculo entre eles era forte e a lealdade inalterada pela escuridão que o fez agir contra os próprios impulsos no passado. Era mais do que ele merecia e esperava, e estava contente com a presença deles.

— Sim. — Delaney disse com satisfação, sentindo que a mudança que Ginger tinha feito dentro dele tornara possível para ele reclamar lealdade aos *Pyr* mais uma vez. — Sim, eles são meus amigos.

Capítulo 6

Delaney apresentou os outros homens rapidamente, em seguida, jogou as chaves do carro alugado para Niall. Ginger ainda estava tentando dar sentido à forma de dragão, não aos homens. Ela apenas testemunhou a transformação de Delaney, mas viu Sloane e Niall como homens ao lado dele em um momento e como dragões logo em seguida.

Além disso, ouviu e sentiu o dragão granada cair, sacudindo a terra com tanta força que a fez bater os dentes. Sentiu o sopro do dragão jade e, se sua memória não estivesse ruim a jaqueta enegrecida estava ali, como prova. Definitivamente, ela estava bem acordada.

Por um lado ela queria voltar e ver o dragão caído novamente, aquele a quem chamaram de Mallory. Ela queria certificar-se de que ele estava morto e confirmar que era realmente um dragão. Por outro lado, parecia mais inteligente deixar os dragões mortos.

Insistiu em dirigir, a necessidade de fazer algo normal para colocar os pensamentos em ordem. Delaney sentou-se calmamente ao lado dela, parecendo mais à vontade na caminhonete velha do que ela se sentia.

Ginger supôs que deveria sentir mais medo de Delaney do que dela. Tinha medo do que ele poderia chegar a ser, mas ele a *tinha* protegido. Havia também a distração do brilho do desejo. A lembrança da noite juntos e a ternura, oprimiam-lhe as dúvidas. Até o momento.

Talvez fosse porque o calor entre eles fosse mais forte do que nunca

e impossível de ser ignorado. Voltou os pensamentos para uma direção muito básica, o que dificultava para Ginger ser lógica. Ele lançou um olhar na direção dela com uma expressão de quem sabia algum segredo.

Ginger se arrepiou. Era isso que significava ser seduzido?

Ginger voltou a olhar para a estrada. Gostava de como a presença de Delaney a fazia se sentir, no entanto, sexy e poderosa. Ela se pegou admirando a força das pernas longas de Delaney, o formato do queixo, o brilho do cabelo vermelho. Deveria ter pensado no que ele acabou de fazer, mas estava se lembrando dele como o amante atencioso que foi. Ele a deixou formigando. E querendo mais.

Ela podia sentir o cheiro da pele dele e a cabine da caminhonete parecia muito menor do que se lembrava. Ela pensou em tudo o que fizeram juntos, e em como Delaney lutou justo contra um dragão, porém forte, e sentiu redobrar o interesse por ele.

Havia algo de fascinante em um homem que era simultaneamente amante e guerreiro, um homem que poderia usar a força quando necessário, mas ser gentil em outros momentos. Esse era exatamente o tipo de homem que Ginger sempre esperou encontrar.

O fato de ser um dragão desafiou sua crença.

Mas ela tinha visto quase tudo nesta vida.

Incrivelmente, sua explicação era a que tinha mais sentido.

Shifters Dragão.

Ginger agarrou o volante e disse a si mesma para se concentrar na estrada. Ela dirigia com cuidado em meio à neve, à vontade na familiaridade do veículo, sabendo que poucas pessoas estariam na estrada naquela manhã. A maioria teria juízo para ficar em casa, tomando um bom café e esperando.

A consciência da presença de Delaney ao lado dela crescia a cada instante de silêncio que se passava. Podia ouvir a respiração dele. O calor emanava dele e parecia crescer entre eles. Ela desligou o aquecedor, mas isso não fez diferença dentro da cabine, que se encheu com um brilho dourado e os flocos de neve derreteram no momento em que tocaram o

parabrisa.

Delaney esperava com paciência que Ginger falasse. Ele deveria saber que a realidade não era fácil para alguém aceitar. Ela lançava um olhar ocasional para ele e ficou espantada pelo quão bonito ele era, como foi na noite anterior.

— Conte-me. — Ela pediu, assim que voltaram para a estrada.

Ele se recostou no assento e ela percebeu que ele estava incerto sobre o que ela diria.

— Há muito para contar. — Disse ele, mas ela sabia, pelo tom pensativo, que ele não iria evitar a conversa. — Faça uma pergunta para que possa começar.

— O que era aquilo na caverna? E quem era o dragão jade?

Delaney fez uma careta.

— Eu preciso começar bem antes disso. Somos metamorfos de dragão, como você viu, e somos chamados *Pyr*.

— Por quê?

— É a palavra do grego antigo para fogo.

— Você é tão velho a ponto de ser nomeado pelos gregos antigos?

— Nossa espécie sim. Eu não sou tão velho assim.

Ela lançou-lhe um olhar curioso, e viu-o olhando para ela. Ele manteve o olhar, convidando-a a fazer a pergunta óbvia. Os olhos eram normais, olhos humanos, com sombra verde. Aquele olhar a deixava ainda mais consciente da presença dele e excitava seus sentidos femininos. Mesmo sabendo o que ela fazia com ele.

Sua avó sempre dizia que era incrível o que uma pessoa podia aprender a aceitar, e Ginger percebeu a verdade naquelas palavras novamente. Apenas algumas horas atrás, ela não tinha ideia de que ainda houvesse dragões metamorfos, sem falar que tinha levado um para casa. Não fazia muito tempo, seu cérebro foi incapaz de processar a mudança de Delaney, mas agora ela estava disposta a aceitar a idade avançada dele.

Teria apostado que seria capaz de ver toda a transformação agora, sabendo o que estava por vir, mas não estava completamente pronta para ser voluntária. Ainda.

— Quantos anos você *tem*? — Ela perguntou, ao invés disso.

— Quatrocentos e cinquenta anos, mais ou menos. — Delaney disse como se isso não importasse, com tanta naturalidade que Ginger acreditou nele. Não era, afinal, a primeira coisa impossível que ela ouviu naquele dia. — Eu nasci em 1564.

Ginger piscou.

— Você não nasceu aqui.

— Não. Na Irlanda. — Olhou pela janela para os campos por onde passavam. — De certa forma, isto me lembra daquele lugar. Sua fazenda traz as lembranças de volta.

Ginger supôs que a Irlanda deveria ter sido completamente agrícola no século XVI. E foi aí onde ele trabalhou em uma fazenda, nascido e criado na terra. Era mais fácil aceitar o que ele dizia quando considerava cada fato individualmente.

— Você é imortal, então?

— Não. Envelhecemos lentamente. — Ele esperou, mas Ginger apenas balançou a cabeça, absorvendo aquele detalhe. Ela estava sentada com um homem que tinha quatrocentos e poucos anos. Não era um homem, era um *Pyr*. Um homem que se transformava em dragão.

A estrada foi ficando mais difícil de discernir a cada momento que passava. Ginger supôs que os arados não tinham saído ainda, mas então, qual seria o ponto, se a neve continuava a cair tão espessa e rápida?

Delaney continuou a falar.

— Nossa tarefa é proteger os tesouros da terra, e é aí que fica complicado. Os *Pyr* incluíram os seres humanos entre esses tesouros, assim como os quatro elementos e a própria Terra. Há muito tempo atrás, alguns *Pyr* decidiram que os seres humanos eram muito destrutivos, e que tinham que ser exterminados para proteger o planeta. Esses *Pyr* ficaram conhecidos como *Slayers*.

— Porque assassinavam os seres humanos?

— Sim, bem como os *Pyr* que defendem os seres humanos.

Ginger assentiu, entendendo um pouco do que testemunhou.

— Mocinhos e bandidos. Estou entendendo até agora.

— Tradicionalmente, transformar-se em *Slayer* é uma escolha. Dizia-se que os *Pyr* nasceram e os *Slayers* foram criados.

— Eu ouvi um ‘mas’ aí.

— Mas... — Delaney cedeu, lançando-lhe um sorriso que fez seu coração acelerar. — Os *Slayers* encontraram o Elixir do Sangue de Dragão. Estávamos justamente no santuário que guarda a fonte do Elixir.

— Esse frasco de cristal de rocha grande com o suco vermelho nele.

Delaney assentiu.

— E o dragão de jade era Magnus, líder dos *Slayers*, que defende o Elixir com sua própria vida.

— Por quê?

— Porque muitos *Slayers* querem tomar o elixir. Ele confere, supostamente, a imortalidade, e ajuda um *Slayer* ferido a se curar mais rapidamente do que o normal.

— Os *Pyr* não bebem?

Ele balançou a cabeça, resolutivo.

— É o mal. — Ginger não disse nada. Poderia acreditar nisso. Aquela substância, vermelho escuro, tinha um aspecto desagradável. — Ele também dá àqueles que bebem de bom grado a capacidade de descobrir alguns outros poderes.

— Como?

— Mudando a formas diferentes entre dragão e homem. — Ele suspirou. — Cruzando uma fumaça de dragão para marcar o perímetro.

Ginger entendeu que nem todos os dragões metamorfos descobriam que a fumaça de dragão queimava.

— Então, por que você estava lá?

— Para destruir o Elixir. — Delaney falou com calor inesperado, a paixão pela busca revelada naquelas poucas palavras.

— Por quê? — Ele olhou para ela, toda a determinação em chamas, e Ginger sentiu a necessidade de esclarecer o que quis dizer. — Eu quero dizer, é o mal, mas parece que você tem um interesse pessoal nisso.

— Eu tenho o interesse mais pessoal de todos. — Admitiu Delaney, abaixando a voz. Ele parecia perigoso e deliberado, e Ginger reprimiu um arrepio, mesmo sabendo que tal animosidade não era dirigida exatamente a ela. Ela não queria olhar nos olhos dele. — Bem, eu provei o Elixir.

Era a última coisa que Ginger teria esperado que ele dissesse.

Ginger virou cabeça para o lado enquanto olhava para Delaney, e inadvertidamente girou o volante para um lado. A caminhonete desviou, derrapando na estrada, mas Delaney estendeu a mão e agarrou o volante, endireitando o curso. Ginger disse a si mesma que estava com o coração aos pulos porque quase caiu na vala. Ela sabia, porém, que era a proximidade de Delaney que lhe acelerava o pulso. Pouco importava a confissão dele. E se ela tivesse perdido alguma coisa da explicação? Não eram apenas os bandidos que tomavam o Elixir? Delaney era um *Slayer*?

O calor sedutor que fazia ferver-lhe o sangue não ajudava Ginger a pensar direito. Mesmo enquanto tentava entender o que ele disse, ela pensava na língua de Delaney buscando uma resposta, as pontas dos dedos deslizando sobre os seios, os lábios contra sua orelha. A luxúria a percorria. Ela pensou seriamente em deixar a caminhonete cair na vala, só assim poderia tirar esses pensamentos da cabeça.

Mas os outros *Pyr* estavam bem atrás deles.

Ginger gostaria de um pouco mais de privacidade do que isso.

Engoliu em seco e agarrou o volante, dizendo a si mesma para manter a mente afastada desses pensamentos. Ela estava na própria caminhonete, com um cara que poderia se transformar em um dragão, um

cara que poderia ser um dos caras maus, e tudo que ela conseguia pensar era em sexo. Tentou encontrar uma razão lógica para Delaney, mas tinha certeza que era um cara bom que se uniu aos caras maus.

— Você bebeu o elixir para se tornar imortal como os Slayers? — Ela perguntou enquanto a caminhonete voltava com segurança para o meio da estrada.

— Eu tomei à força, contra a minha vontade. — Delaney falou, com amargura.

Ginger tinha certeza de que ele não escolheu se tornar do mal.

— Como?

Delaney fez uma careta.

— Vamos recuar um pouco. O Elixir, sabe, pode ressuscitar os mortos.

— Fala sério.

— Estou falando sério. Os corpos dos *Pyr* que morrem, mas não ficam expostos aos quatro elementos dentro do meio-dia solar de 12 horas pode ser ressuscitado se o Elixir for dado a eles. Eles não têm alma, porque a deles volta para a Grande Wyvern, então esses corpos são simplesmente máquinas. Eles não têm moral e podem ser comandados para fazer qualquer coisa.

— Vampiros. — Disse Ginger, fazendo uma curva com cuidado. Ela viu muitos filmes tarde da noite, durante as noites sem dormir, desde que sua avó morreu.

— Zumbis. Dragão da sombra é como os chamamos. Eles têm lembranças das vidas deles, mas sem emoção, sem moral, sem alma. São difíceis de serem destruídos. — Calou-se então, e ela entendeu que eles estavam perto do ponto crítico da questão.

— É por isso que o dragão ágata defendeu o corpo do granada. — Disse ela, vendo novamente o sentido por trás do que testemunhou.

— Sim. — Delaney disse categoricamente. — Gostaríamos de nos assegurar que Mallory fosse exposto aos quatro elementos, mas Baltazar

preferiu proteger o corpo dele. Mallory, provavelmente, já tomou o Elixir. Provavelmente, já é um dragão da sombra.

Ginger estremeceu.

— Mas então, Magnus não está morto?

Delaney fez uma careta.

— Provavelmente não. Ele estava perto o suficiente do Elixir e provavelmente tinha mais.

— E está mais forte do que nunca. — Ginger viu o aceno de Delaney e entendeu porque o humor dele estava sombrio. — Você não acabou com ele.

— Era mais importante tirar você de lá.

Oh. Ginger sentiu um leve formigamento de prazer. Delaney abandonou sua busca para garantir a segurança dela. Mesmo fazendo com que a missão ficasse mais difícil no final, era difícil não ficar satisfeita com a necessidade dele de protegê-la. Ela lançou um olhar para ele e viu-o franzir a testa para os campos por onde passavam. Provavelmente tentando descobrir como faria para salvar sua missão.

Ela fez uma pergunta para que ele começasse de novo.

— Como você destrói um dragão da sombra?

— Tem que desmembrá-lo e incinerar as partes, então espalhar as cinzas ao vento. — Delaney estremeceu. — Eles continuam lutando, não importa o quanto os corpos estejam feridos, por isso não é fácil destruí-los.

Ginger continuou dirigindo. Ela realmente não queria pensar em enfrentar um adversário como aquele, que não perdia um passo quando era decapitado. Eles provavelmente tinham olhares vazios, assim como os zumbis dos filmes, e eram incansáveis na determinação de cumprir as ordens dadas a eles. Quantos *Pyr* morreram ao longo dos séculos? Quantos de grande força, um vampiro como Magnus foi capaz de derrotar? Ginger não queria pensar nisso ainda.

A neve rodopiava contra o parabrisa, fazendo com que parecesse que ela dirigia em um protetor de tela. A estrada era impossível de

distinguir da vala, de modo que ela apenas seguia uma linha paralela às linhas de energia. Ela podia ver as luzes do carro alugado atrás deles e percebeu que, se nada mais, os *Pyr* seriam capazes de puxar a caminhonete para fora da vala se ela calculasse mal onde era a estrada.

Delaney ainda não tinha falado então Ginger tentou estimulá-lo.

— Mas eu ainda não entendo como você tomou o Elixir.

Delaney se esticou, como se a lembrança o deixasse agitado.

— Eu estava mal, fui muito ferido em uma batalha e os *Slayers* pegaram meu corpo para que não ficasse exposto aos elementos.

— Você estava morto?

— Sim. Eles me prenderam e me obrigaram a tomar o Elixir, mas minha alma não tinha deixado o meu corpo.

— O que significa isso?

— Significa que eu era um experimento. Normalmente os dragões das sombras são feitos de cadáveres que a alma desocupou. Tradicionalmente os *Slayers* que se voltam contra os *Pyr* beberam o Elixir por escolha própria.

— Mas você era *Pyr* e ainda tinha sua alma.

— Exatamente. — Delaney sorriu, mas não havia humor na expressão dele. — O que significava que a batalha que se alastrou em mim para dominar meu corpo quase me deixou louco.

Ele olhou para baixo, franzindo a testa, e Ginger lhe deu tempo para juntar os pensamentos. A expressão era desenhada, e ela se lembrou novamente dos veteranos de guerra que voltavam para casa, não fisicamente feridos, mas psicologicamente, não mais do mesmo jeito que eram, também.

Era estranho que ela supusesse, inicialmente, que ele fosse um recruta. Ele tinha a mesma disciplina e unidade como os homens que ela sabia que se juntaram aos militares, mas estava a serviço de uma força diferente. Ainda era uma luta para o bem, no entanto.

Delaney continuou baixinho, depois de um minuto.

— Eles me soltaram e eu pensei que tinha triunfado sobre a maldade do Elixir, mas Magno embutiu comandos no meu subconsciente enquanto eu estava no cativeiro. Cada vez que os *Pyr* lutavam contra os *Slayers*, Magnus acionava esses impulsos enterrados e me fazia agir contra a minha própria vontade.

— Isso é ruim.

— É. — Ele olhou para ela, a expressão assombrada. — Eu ainda tentei atacar a companheira do meu irmão e a do amigo dele, tentei roubar o bebê dele. — Ele engoliu em seco, as sombras nos olhos claros. — Eu não queria fazer isso, mas não conseguia ignorar o comando de Magnus.

Ginger pôde ver como a lembrança doía. Também notou que nenhum dos *Pyr* que conheceu apresentou-se como irmão de Delaney. Ginger franziu a testa para a estrada. A confissão de Delaney fazia com que ela acreditasse que o Elixir não conseguiu transformá-lo em um *Slayer*. Incomodava-a que ele tivesse sido obrigado a agir daquela forma. Ele estava com os mocinhos. Os instintos dela estavam certos.

Ah.

— Seu irmão não está aqui, não é? — Ela perguntou.

Delaney balançou a cabeça.

— Ele não confia em mim. Eu não confio em mim mesmo. Não quero fazer nada contra Alex e Nick. É melhor não ficar na presença deles.

Ginger entendeu que Delaney perdeu o irmão e tinha medo do que Magnus fizesse com ele, medo de que ele pudesse ser obrigado a fazer algo contra sua vontade novamente.

Partia seu coração que alguém, Magnus, colocasse o veneno na mente dele. Ela estendeu o braço e pegou a mão dele, dando um rápido aperto nos dedos. Ele fechou a mão ao redor da dela, parecendo dar boas-vindas à simpatia que ela estava oferecendo. Faíscas saltaram do ponto de contato, provocando um brilho na pele de Ginger e deixando-lhe a boca seca.

Os pensamentos foram direto para as possibilidades de ser a terra,

à direita, na pista. Esse cara tinha algum efeito sobre a sua libido. Não era uma coisa de dragão metamorfo, porque os outros *Pyr* eram homens atraentes, mas não fizeram seu coração saltar. Apenas Delaney.

Ele continuou em silêncio, daquela maneira intensa.

— Você tem que saber que o impulso mais forte de um *Pyr* é defender sua companheira, contra alguém ou alguma coisa.

Companheira. Era uma palavra forte, que fazia Ginger tremer. Ela conseguia compreender aquele desejo primitivo, no entanto. Lidou com testosterona o suficiente enquanto estava na fazenda para reconhecer o poder da demanda biológica. E respeitá-la. Seriam os dragões ou a testosterona primitiva em ação? Foi por isso que Delaney a protegeu? Porque ele a considerava sua companheira? Eles certamente tinham ficado juntos na noite anterior, e como. A ideia de ele sentir-se possessivo com ela fez seu desejo aumentar. Esse era exatamente o tipo de distração de pensamento que Ginger não precisava. Delaney deu um aperto nos dedos dela.

— Alguma coisa mudou, Ginger.

— O que você quer dizer?

— No santuário. Magnus tentou mandar em mim e não funcionou.

— O que ele mandou você fazer?

— Matar você.

Oh. Ginger não conseguia pensar em dragões assando-a, rasgando-a, ou comendo-a. Ela não se atrevia a deixar-se lembrar de quando viu a garganta de Magnus e o calor das chamas queimando sua jaqueta. Se ela sentisse realmente medo teria saído e corrido aos gritos da caminhonete, para longe de Delaney e de todas as coisas estranhas que estavam acontecendo em sua vida, naquela manhã.

Em vez disto ela pensou na neve. Pensou na vida real. Pensou no celeiro que precisava limpar, as vacas que precisavam ser controladas, e no café que precisava ser feito. Sentia a expectativa de Delaney esperando mais perguntas, mas ela precisava de um minuto para digerir o que já ouviu.

Ele deu-lhe aqueles minutos, e a compreensão dele a fez aquecer novamente. A neve rangeu sob os pneus da caminhonete enquanto rodava em silêncio. Ginger viu a caixa de correio e dirigiu-se para a própria garagem. Estacionou no lugar habitual e desligou o motor. O carro de aluguel dos *Pyr* estacionou ao lado de Delaney, mas eles não saíram do carro, também. O silêncio na cabine da caminhonete parecia carregado, erótico, perigoso. Ginger decidiu que precisava de mais do que alguns minutos para rever seu plano.

— Acho que todo mundo está com fome. — Ela pegou a maçaneta da porta, poupando um olhar a Delaney. Ele estava olhando para ela com uma intensidade que a fez querer se enroscar nele. Os olhos estavam verdes, mas normais. A admiração no olhar dele fez seu coração acelerar e as reservas se dissolverem.

Ela se lembrou tardiamente do que ele disse.

— Você nunca me disse por que não fez o que Magnus ordenou que fizesse.

Delaney sorriu um pouco, uma curva brincalhona apareceu em um canto da boca. A boca de Ginger ficou seca ao se lembrar de como essa boca poderia beijar, onde ele a beijou e como a fez se sentir.

— Você. — Ele murmurou. — Eu conheci você e isso mudou tudo. — Seus olhos dançavam sobre ela, como se estivesse surpreso.

Ginger se arrepiou. Esse homem tinha um perigoso poder sobre ela, a capacidade de fazê-la se esquecer de tudo sobre ele. Realmente deveria colocar alguma distância entre eles. Mas, ao invés disso, ela soltou a maçaneta da porta e a voz se tornou um sussurro.

— Fale sério.

— Estou falando sério. Eu acho que é a magia da tempestade. — Ele deslizou a mão sobre a dela, os dedos entrelaçados com facilidade possessiva. Sentiu o aumento de calor sob a pele, o desejo fazendo o pulso se acelerar. A mão dele era forte e quente, e os dedos, protetores e confiáveis ao longo dos dela. Gostava que a mão dele fosse muito maior que a sua, que fosse mais alto, musculoso e bonito. E ele a queria.

— O que é uma tempestade? — Ela sussurrou.

— Isto. — Disse ele, a palavra dita em tom baixo o suficiente para fazer ferver o sangue dela. Ele levou a mão à boca, pressionando um beijo contra a palma, enquanto a olhava. O beijo chiou, soltando faíscas na cabine da caminhonete, faíscas que iluminaram seu rosto e fizeram o peito dela se apertar.

Ginger engoliu em seco. Delaney apertou a mão dela contra o peito, prendendo-a entre a palma da mão e as batidas do coração. Ela sentiu o poder da pulsação dele, os olhos se arregalaram como que combinando o ritmo ao próprio. Seus corações pareciam bater como um só, lançando uma luz dourada que saía dos dedos entrelaçados, luz essa que derreteu suas reservas. Ginger se sentiu um pouco tonta, um pouco perdida em meio ao verde brilhante do olhar de Delaney.

No entanto, ao mesmo tempo, ela não conseguia imaginar estar em outro lugar. Encontrou alívio ao se aproximar dele, colocando-lhe a outra mão no ombro. Ela o viu sorrir, a satisfação aquecendo a luz em seus olhos ainda mais.

— A tempestade marca o encontro de um *Pyr* e com a companheira a ele destinada. — Ele sussurrou, e ela sentiu a voz dele, tanto quanto ouviu.

Companheira. Outra vez esta palavra.

— Quantas companheiras você tem?

— Apenas uma. — Respondeu Delaney e roçou os lábios contra a têmpora dela. Ele sorriu levemente. — Só uma é realmente tudo o que qualquer *Pyr* precisa.

Ginger prendeu a respiração com a onda de desejo que a percorreu, o cheiro que deslizou sobre sua pele com o toque dele. Ela gostava de pensar que não era facilmente encantada, mas Delaney Shea a tinha enrolada ao redor de seu dedo mindinho. Mesmo que ele fosse um dragão metamorfo. Envolvida ao redor de sua garra, talvez.

Ele deslizou a mão para sua nuca, puxando-a para mais perto, e tanto quanto ela queria o beijo, Ginger tentou ser a garota cética da cidade que sempre foi.

— Por que eu deveria acreditar nisso? — Perguntou ela.

— Você viu a tempestade. — Disse Delaney. — Já sentiu o calor e agora sabe o que significa. — Ele arqueou uma sobrancelha, olhando poderoso e sexy. Havia um pouco de dragão na expressão confiante e isso fez com que o coração de Ginger pulasse de desejo. — A tempestade só acontece uma vez na vida. Não pode ser perdida, porque as faíscas, literalmente, voam.

— Eu pensei que tinha imaginado isso.

— Você pensou errado. — Delaney se inclinou para ela, a expressão cheia de intenções. Ginger prendeu a respiração e estremeceu quando ele tocou sua face. Sentiu aquela ternura, novamente, a carícia da luz que podia fazer o sangue dela cantar. A admiração nos olhos dele fez seu coração bater. — Você é a única.

— Para quantas mulheres você já disse isso? — Ela perguntou suavemente, tentando esconder o quão eficazmente as palavras e o toque a afetavam.

— Só uma. — Disse ele com força. Ela olhou para cima e viu os olhos dele brilhando, enquanto seu olhar percorria seu rosto. Ginger podia jurar que ele estava dizendo a verdade. — Apenas para você.

As palavras de Delaney a emocionaram, e ficou impossível para ela ir embora. O pensamento racional se rendeu à guerra para a sensação e o desejo, sabendo que a batalha estava perdida. O coração de Ginger saltou quando ele se inclinou para beijá-la. Ela sabia o que ele era. Mas ainda pensava que ele era o homem mais sexy que já conheceu.

E ela queria o beijo dele, esse beijo, mesmo que não fosse a escolha mais sensata que ela já tomou em toda a vida. Às vezes, sua própria avó dizia que uma mulher tinha que seguir seu instinto. Ginger estava apostando em sua intuição com este homem.

E parecia certo. Tão certo e tão bom quanto o beijo dele.

Delaney não gostou quando Thorolf bateu os dedos na janela da caminhonete. Não tinha importância quando o *Pyr* escolhesse intervir, teria sido sempre cedo demais. O beijo de Ginger era doce e quente e valia a pena saborear, então Delaney não ficou contente com a interrupção. Estava começando a entender por que Niall achava Thorolf tão irritante.

— Ei, eu podia fazer um pouco de café. — Thorolf gritou, batendo no vidro novamente. — Está frio aqui fora. — Delaney ouviu o mais novo recruta Pyr bater os pés e tinha certeza que ouviu a risada de Niall e Sloane.

Delaney interrompeu o beijo com relutância, depois sorriu para Ginger. Ela estava corada, os lábios mais vermelhos do que nunca.

— Eles não são os caras mais sutis do planeta. — Disse ele.

— Não. — Um sorriso fugaz tocou seus lábios. — Eu acho que não. — Ela lançou um olhar para Delaney, suspirou e em seguida abriu a porta. Ela pulou para fora da caminhonete. — Na verdade, eu podia tomar um café também. — Ela bateu a porta da caminhonete, em seguida, caminhou tão rápido para a porta da cozinha que na metade do caminho ele pensou que ela estava tentando escapar dele.

— *Problemas no paraíso.* — Thorolf disse no antigo modo de falar e Delaney o ignorou. Ele saiu da caminhonete e seguiu Ginger.

Ela estava sobrecarregada? Poderia respeitar que ela pudesse precisar de um pouco de espaço para entender tudo o que disse a ela, e sabia que a tempestade era uma distração também. Aquele beijo o abalou, deixou-o furioso de desejo e não pensava em nada além de voltar para o quarto, para outra tentativa de saciar a tempestade.

— *Eu achei que parecia um bom beijo.* — Niall acrescentou, em tom provocativo, mas Delaney ignorou.

— *Precisamos estabelecer um limite com fumaça.* — Sloane refletiu, obviamente tentando restabelecer o equilíbrio entre todos eles.

— *De qualquer forma não vale à pena, já que agora os Slayers podem romper a barreira.* — Thorolf murmurou.

Delaney sabia que o acréscimo relativamente recente à equipe Pyr de Erik ainda tinha que dominar a arte de respirar a fumaça.

— *É melhor que nada, com certeza.* — Niall disse, mostrando um pouco da mesma irritação para Delaney. — *Melhor do que você poder respirar, sem dúvida.*

Os olhos de Thorolf brilharam, então ele e Niall olharam um para o

outro. A animosidade recíproca estava bem estabelecida, e não interessava a Delaney. Ele viu Ginger olhar sobre o ombro e para o céu, franzindo a testa.

— *Você vai enganá-la?* — Thorolf perguntou.

Delaney balançou a cabeça.

— *Não. Vou dizer a verdade.* — Ele foi para a varanda de Ginger em seguida, encerrando a conversa, porque não queria os conselhos dos Pyr sobre como lidar com seu relacionamento com Ginger. Não sabia o que faria, ainda esperava morrer e ele queria que ela soubesse, pelo menos, que foi honesto com ela. Mesmo que houvesse uma verdade maior a ser compartilhada.

Ginger empurrou a porta da cozinha, segurou seu peso com o corpo, enquanto encolhia os ombros e tirava a jaqueta antes que olhasse para a mesa e congelasse.

— O café está pronto. — Rafferty, um dos mais antigos Pyr estava sentado à mesa, as longas pernas estendidas e cruzadas na frente. Ele tinha as mãos em volta de uma caneca de café fumegante e Ginger olhou dele para a panela ainda no fogão. — Eu espero que você não se importe por ter feito um pouco. Achei que todos iriam precisar.

— Quem é você e o que está fazendo na minha casa? — Ginger exigiu.

Rafferty levantou-se, expondo todo o charme cortês.

— Rafferty Powell, ao seu serviço. — Ele inclinou-se levemente. — A porta estava destrancada, então pensei que seria inteligente esperar a tempestade aqui dentro.

Ginger olhou para a varanda, em seguida, de volta à mesa.

— Eu me esqueci de trancar a porta. — Lembrou-se, falando quase para si mesma antes de olhar para Rafferty novamente. — Mas não há nenhum carro e não há rastros.

Rafferty sorriu.

— *Eu ouvi a batalha.* — Ele disse no antigo modo de falar.

— Trovão novamente! — Ginger disse, com óbvia frustração.

— Ele é um amigo meu, na verdade. — Disse Delaney.

Os olhos de Ginger se estreitaram.

— Outro amigo? Ou outro *Pyr*?

— Ambos. — Delaney e Rafferty disseram em uníssono.

Ginger fechou os olhos por um minuto, enquanto dava um suspiro profundo.

— Quantos de vocês existem?

— Não o suficiente. — Rafferty disse, e parecia que Ginger iria desafiar a resposta dele.

Delaney se adiantou e tocou-lhe o cotovelo. A faísca fez os olhos de Rafferty se arregalarem.

— Sente-se, vou lhe servir um café.

— Preto, por favor. — Disse ela, afundando-se numa cadeira. — Eu preciso de algo bem forte para começar a manhã.

— E isso não é um trovão. — Delaney continuou, enquanto servia o café. — Você está ouvindo o antigo modo de falar.

Os *Pyrs* ficaram atrás, de pé em todo o perímetro da cozinha, exceto Rafferty, que se sentou novamente. Eles estavam esperando que ele tranquilizasse sua companheira e, apesar de Delaney apreciar a cortesia, estava começando a desejar que eles não fossem tão bons em criar problemas.

— O que é esse antigo modo de falar?

— É como nós nos comunicamos, uns com os outros. Nossos sentidos são mais sensíveis que os sentidos humanos, assim podemos ouvir sons em frequências mais baixas. Quando nos comunicamos no antigo idioma, isso soa como um trovão para os seres humanos.

Ginger arqueou uma sobrancelha quando Delaney colocou uma caneca de café sobre a mesa à sua frente.

— Então, agora você tem segredos para mim, também?

Rafferty escondeu o sorriso atrás da caneca, enquanto tomava um gole de café. Os olhos cintilantes mostravam que ele estava se divertindo.

— Por que isso é engraçado? — Ginger perguntou.

— Porque companheiras nunca se dão bem com o modo antigo de falar. — Afirmou Rafferty. — Estou sempre interessado nas explicações e racionalizações do indivíduo *Pyr* antes do resultado inevitável.

A tensão de Ginger diminuiu sob a influência do comportamento calmo de Rafferty. Ele tinha esse efeito sobre os seres humanos, com aquela forma lenta e suave de falar. Era a afinidade que tinha com o elemento terra que lhe dava aquela aura reconfortante.

— Qual é o resultado inevitável? — Ginger perguntou.

— Os *Pyr*s sempre desistem do antigo modo de falar na presença de suas companheiras. — Afirmou Rafferty com total confiança. Ele sorriu para Ginger. — Não se deixe enganar, companheiras têm um poder perigoso sobre os *Pyr*s, apesar da ferocidade dos cuspidores de fogo.

Ginger fez um som de aprovação e olhou para Delaney de maneira expectante. Era uma concessão pequena a se fazer. Ela poderia voltar para assustá-la mais tarde.

Era a tempestade minando sua condenação. Delaney sabia disso, mas não podia evitar.

— Eu não vejo nenhuma razão para que não se deva falar da forma que Ginger possa ouvir. — Disse ele, e foi recompensado com um sorriso. A visão fez seu coração saltar uma batida e ficou chocado com o poder que aquela mulher já tinha sobre ele.

— Absolutamente. — Niall concordou rápido, apoiando Delaney. Sloane e Thorolf assentiram com a cabeça, então Ginger alargou o sorriso. Delaney se sentiu aliviado, o momento foi salvo, mas não iria durar muito.

Capítulo 7

— Espero que todos estejam com fome. — Disse Ginger, e houve um murmúrio geral de aprovação. Delaney gostou de ver seu olhar de satisfação e pensou que desistir do antigo modo de falar, por um momento, era um preço pequeno a pagar.

Ela tomou um gole de café, em seguida levantou-se. Atravessou a cozinha, rapidamente garantindo que cada um dos Pyr tivesse uma caneca de café e colocou mais. Ele a seguiu enquanto ela abria a porta do outro lado da cozinha e ficou surpreso ao ver um grande frigorífico de aço inoxidável e o freezer.

— Eles não parecem ser bons na cozinha. — Disse ela com um sorriso. Ela abriu o congelador e ele ficou surpreso por quão cheio estava. — Tanya e eu temos congelado a comida para a recepção do casamento. Aqueles dois mil aperitivos são a última parte. — Lembrou-se do que disse sobre ser uma chef treinada e ficou intrigado.

Ginger, por sua vez, puxou um pedaço de bacon congelado.

— Bacon Heirloom¹? — Ele adivinhou, e ela sorriu.

— Criados organicamente no município mais próximo. — Ela concordou.

¹ Marca de Bacon

— Deixe-me fazer algo para ajudar. — Disse Delaney, e ela deixou-o começar a fritar o bacon. Ele ficou impressionado com a eficiência com que ela se movia e sabia que ela tinha um plano para preparar a refeição. Ele ficou fora de seu caminho enquanto fritava o bacon, mas observou.

Niall, Sloane, e Thorolf tentaram ficar invisíveis e não entraram na cozinha já repleta de músculos. Rafferty olhava com diversão, tomando seu café, Delaney e Ginger trabalharem juntos.

Delaney sentiu Ginger parar ao lado dele. Ela segurava duas caixas de ovos, mas sabia que ela não estava apenas avaliando o progresso do bacon.

— Por que os seus amigos estão aqui? — Perguntou-lhe em voz baixa. — É por que você foi destruir o Elixir?

Delaney tentou avisá-la.

— Eles ainda podem ouvir.

— É por causa da tempestade. — Disse Rafferty, provando que a alegação de Delaney era verdade.

Ginger voltou-se para considerar o *Pyr* mais velho. Claramente surpresa por terem ouvido as suas palavras.

— Os sentidos *Pyr* são afiados. — Murmurou Delaney, e ela balançou a cabeça em compreensão.

— Nós também podemos perceber a tempestade. — Rafferty disse, calmamente continuando a sua explicação. — Não importa onde estamos. — Ele colocou uma das mãos, espalhando os dedos como se estivesse saboreando o calor de uma fogueira. — Nós podemos sentir o calor, possivelmente porque é nossa obrigação para com a nossa própria espécie, facilitar a tempestade de fogo quando podemos.

Ginger lançou um olhar para Delaney, deixando claro seu ceticismo.

— Vocês ajudam um ao outro, trazendo sorte?

— Isso não é só o que a tempestade faz. — Declarou Rafferty.

— Eu sei que a tempestade marca o encontro de um *Pyr* com sua companheira destinada. — Disse Ginger, segurando as caixas de ovos. — Delaney me explicou isso.

Rafferty olhou de volta à Delaney, que encolheu os ombros.

Ginger pegou o olhar dirigido a Delaney.

— Há mais, não é? O que mais a tempestade significa?

Delaney lambeu os lábios. Os *Pyr* esperaram em silêncio, já tendo lhe dado muita corda para se enforçar. Rafferty olhou com expectativa. Niall estava sufocando um sorriso. Sloane desenvolveu uma fascinação pelas pontas dos dedos e o próprio Thorolf estava sorrindo. Delaney teria gostado de ter tido esta discussão com Ginger em seu próprio tempo. Ou talvez não. Sentiu que Ginger não era o tipo de pessoa que fingia. Ginger colocou os ovos na mesa e apoiou uma mão no quadril.

— O que você está escondendo de mim? Vamos lá, cuspa.

— A tempestade também significa que a companheira concebe o filho do *Pyr*. — Delaney admitiu.

Ginger fez um gesto de uma mão.

— Não existe tal possibilidade. Eu tomo pílula. — Ela teria voltado para o fogão, mas Rafferty falou.

— Isso não importa. — Disse ele e Delaney desejou que não tivesse dito.

— Desculpe-me? — Ginger olhou para Rafferty novamente.

— A pílula é conhecida por ter uma pequena taxa de falhas para evitar a concepção. — Rafferty encolheu os ombros. — Eu garanto que a tempestade irá garantir que acontecerá entre você e Delaney.

Delaney estremeceu com esse detalhe no ar. Por mais que estivesse contente por ter o apoio de seus companheiros *Pyr*, eles tinham uma tendência a serem irritantes. A vida teria sido muito mais fácil se tivessem se calado.

Ginger tinha os olhos brilhantes quando ela se virou para Delaney

novamente.

— Você sabia sobre isso?

Ele sentiu o calor de volta em seu pescoço.

— Bem, sim. Esse é o ponto...

Ginger interrompeu.

— Você pretendia deixar-me grávida, sem falar comigo sobre isso antes? — Ela perguntou, erguendo a voz. — Você não acha que eu poderia ter outros planos para os próximos 20 anos da minha vida? Não acha que deveria ter perguntado? — Ela jogou as mãos para o alto. — Oh, não, é verdade, você saiu esta manhã, sem sequer falar comigo!

— Ginger, eu...

Ela balançou um dedo para ele e ele deu um passo para trás, fugindo de sua raiva.

— Você planejou uma noite para derrubar-me! Você *planejou* deixar-me grávida. Quem infernos você pensa que é?

Delaney não tinha uma boa resposta para ela. Ele só pensava em seu dever como Pyr, não pensou nas implicações para Ginger, e se sentiu um tolo com o resultado.

— É minha responsabilidade. — Começou ele, mas ela o interrompeu novamente.

— Responsabilidade? Quem sou eu? Apenas um útero para usar? Eu não posso acreditar que pensei que você fosse um cavalheiro. — Ela praticamente rosnou, enquanto abria uma caixa de ovos. — Eu não posso acreditar que eu pensei que você fosse um bom...

— Ginger, eu...

Ela se virou para ele novamente.

— Você realmente acha que é fácil para uma mulher criar um filho sozinha? — Ginger balançou a mão. — Como ficaria a mente de uma criança que vai ser um mutante de dragão...

— Nós *Pyr* não adquirimos nossas habilidades até a puberdade. — Rafferty interrompeu suavemente.

— Ótimo! — Disse Ginger, enfrentando o mais velho dos *Pyr*. — Isso me daria de doze ou treze anos para descobrir como explicar isso na escola. — Ela olhou para Delaney, com as mãos na cintura, e ele pensou novamente que ela era uma pessoa um pouco irascível. — O que estava na sua cabeça? Ou talvez o seu planejamento estivesse sendo feito um pouco mais embaixo.

Delaney arrastou os pés, sentindo-se como se estivesse em frente a Erik, o líder dos *Pyr*.

— Eu acho que não estava pensando claramente...

— Bem, não em mim. — Ginger rosnou com irritação, depois se virou e dirigiu-se para o fogão. Deixou cair uma frigideira de ferro fundido sobre ele com tanta força que ele temia que um ou outro rachasse. Ela estava furiosa e cada *Pyr* na cozinha sabia disso.

Delaney não olhou para seus companheiros. Sua tempestade não estava indo bem e ele não sabia o que fazer sobre isso. Apenas não tinha certeza porque ainda estava em chamas. Poderia ser Ginger? A pílula contraceptiva?

Uma coisa era Delaney ser um shifter com forma de dragão. Outra coisa era esse dragão ter decidido, unilateralmente, que ela deveria ter seu filho e já haver tentado engravidá-la sem discuti-lo primeiro; então, tinha planejado desaparecer para sempre sem lhe dizer a verdade. Homens! Ou poderia ser *Pyr*!

Ginger quebrou os ovos com tanta força que cada gema abriu. Os *Pyr* teriam ovos mexidos no café da manhã, que era malditamente mais do que mereciam, dado o modo como eles apareceram sem ser convidados, com a expectativa elevada.

Talvez mudar para a forma de um dragão deixasse um homem arrogante. Talvez os detalhes não importassem. Delaney foi inteligente o suficiente para se manter fora do caminho de Ginger. Na verdade, todos os *Pyr* mantiveram-se de cabeça baixa, murmurando baixinho um para o outro na mesa. Eles não usaram o seu antigo modo de falar, no entanto, Ginger podia ouvir suas palavras. Niall parou ao lado dela e ofereceu

ajuda, ela apontou para pratos e talheres, preferindo não ficar perto de Delaney ainda. Tinha que entender seus pensamentos primeiro.

Uma criança. Filho de Delaney. A perspectiva tinha um apelo de perigo, que apenas provou que ela não estava pensando claramente. Ginger queria ter filhos, tanto quanto se sentia atraída por Delaney. Sozinha e grávida não era sua maneira preferida para começar uma família. Esperava que Rafferty estivesse errado sobre a pílula. Não, ela *orou* que Rafferty estivesse errado sobre a pílula.

Quando a mesa ficou pronta, Ginger colocou Niall para trabalhar fazendo torradas. Ginger imaginou que eles precisavam de algo maior que um pedaço de pão, e a torradeira só fazia duas fatias por vez. Thorolf pôs a mesa conforme sua instrução, o Pyr levantou-se rápido quando ela pediu ajuda.

Em outra ocasião, ela teria se divertido pela forma como eles ficaram assombrados com ela. Neste momento, porém, Ginger estava zangada demais para se importar. Delaney planejou deixá-la grávida. Ginger estava começando a questionar seriamente a confiabilidade de sua intuição. Seus instintos estavam errados? Era uma estranha ironia que a melhor casamenteira da região fosse incapaz de arrumar um partido decente para si mesma. Sem dúvida, ela acharia engraçado num outro dia. Talvez no dia em que seu próximo período iniciasse, na hora certa.

— Deixe-me ver as feridas de novo. — Sloane pediu para o outro, no lado oposto da cozinha.

— Estou bem. — Delaney disse, com impaciência óbvia. Ginger podia senti-lo olhando para ela, mas ela fingiu ignorá-lo. Ela bateu os ovos até espumar, em seguida, despejou-os na manteiga chiando na panela. Foi claramente injusto ela encontrar esse homem sexy. Seu corpo a estava traindo, indo para o lado errado. Ela espetou uma espátula nos ovos.

— É o meu trabalho decidir isso. — Argumentou Sloane, e Ginger ouviu Delaney soltar um suspiro de concessão. Ela o viu pelos cantos dos olhos e viu que a camisa de rugby caiu sobre a cadeira da cozinha que ela tinha abandonado.

Ginger olhou sobre seu ombro e seu coração parou. Delaney estava com o peito nu em sua cozinha, tão liso como ela se lembrava, e ele estava olhando diretamente para ela. Era bronzeado e musculoso, tão magnífico

na luz do dia como foi à noite. Ele parecia tenso, irritado, e tão sexy como nunca viu.

Tinha um corte feio no peito e Sloane franziu a testa enquanto verificava a ferida. Sua cruz de prata era ainda mais bela do que os detalhes que ela se lembrava e brilhava contra sua pele bronzeada. Delaney parecia ser indiferente aos murmúrios de Sloane, embora estremecesse quando Sloane pegou algum remédio de sua mochila e esfregou-o na ferida.

A atenção de Delaney se fixou em Ginger que ficou presa por seu olhar. Ela olhou para ele, mesmo que ela cheirasse os ovos queimando um pouco. Sua expressão era sombria e ela perguntou se ele estava mais irritado com ele ou com ela. Ela era, geralmente, menos impulsiva do que fora na noite anterior.

Ergueu a mão para ela como se estivesse fazendo um apelo em seu próprio nome, e Ginger sentiu sua resolução enfraquecer. Ela girou para mexer os ovos na panela. Disse a si mesma que não se importava se ficassem muito marrons de um lado, mas se ocupou em não queimá-los mais.

Delaney esperava que ela tivesse um filho dele. Havia mais nessa história do que ela sabia? O olhar nos olhos dele a fez pensar que o tinha condenado sem julgamento, ela não deveria saber todos os fatos em primeiro lugar? Será que estava louca por sequer pensar em dar-lhe uma chance de explicar?

Sua imaginação começou a conjurar as possibilidades. Talvez ela estivesse errada, que ele não pretendia deixá-la esta manhã. Talvez ele quisesse voltar. Quão permanentes eram os Pyr nas relações com suas companheiras? Ginger sabia que, em algum nível, ela não deveria nem mesmo ser tão curiosa; a curiosidade a deixava a um passo de perdô-lo, mas ela estava. Isso provavelmente era um mau sinal, mas Ginger não pôde evitar. Ela era curiosa e não havia nenhum ponto em negar a verdade.

— Vermelho, vermelho, vermelho. — Sloane estava dizendo com aprovação, o que não fazia sentido nenhum para Ginger. — Não há uma gota de sangue negro em suas veias.

Ginger olhou por cima do ombro de novo, vendo Sloane pinçar as

feridas de Delaney.

— Eu disse isso. — Delaney franziu a testa, sua atenção fixa em Ginger. Ela virou as costas novamente, antes que ele pudesse pegar seu olhar. Conhecia suas fraquezas. Ouvir não era o mesmo que entregar toda a razão, mas se Delaney a tocasse, ela seria um caso perdido. Talvez um caso perdido e grávida. Caramba. Sua avó devia estar rolando em seu túmulo, quando Ginger foi tão impetuosa?

— Desde quando? — Sloane exigiu.

— Eu disse a você.

— Diga-me outra vez. — Sloane soou muito impaciente. — Isso é sério, Delaney. Eu preciso tentar entender o que está acontecendo com você.

Delaney soltou um som de frustração.

— Tudo bem. Desde ontem.

— A tempestade. — Disse Rafferty, com indisfarçável satisfação. Quando Ginger espreitou, viu que o outro *Pyr* parecia bem impressionado, mas a sua admiração era por Delaney. Ou sua boa sorte.

Ela supôs que, se já que esperou 400 anos para cumprir o seu destino, deveria ser um momento muito especial. Delaney lhe deu o crédito por sua capacidade de negar Magnus. Ele quis dizer pessoalmente, ou a tempestade em geral? Ginger preferia muito mais pensar que ela causou um forte impacto sobre Delaney, talvez tão poderoso como a impressão que ele causou nela, mas uma força da natureza era responsável pela mudança.

— Então, sua tempestade começou quando terminou a de Donovan. — Ponderou Sloane. — Faz um pouco de sentido, uma vez que dizem que nossas tempestades de fogo queimam mais que todas.

— E são as melhores na cauterização de nossas feridas. — Afirmou Rafferty.

Ginger limpou a garganta. Ela manteve a calma no tom, como se estivesse menos interessada do que estava.

— Se você está falando sobre a tempestade, Delaney, você não deveria me incluir no debate?

— Ela está certa. — Niall disse rapidamente, e Ginger ficou contente por ter um aliado. Ela notou os olhares trocados pelos Pyr, em seguida, colocou os ovos em um prato e levou-o para a mesa. Niall pegou o bacon e empurrou para baixo o botão da torradeira mais uma vez. O Pyr hesitou por um minuto, então ela deu a Thorolf a colher para se servir.

— Coma enquanto está quente. — Disse ela, e ele não precisou de um novo incentivo para começar com seu prato.

— Isso está muito bom. — Disse Thorolf, logo depois.

— É o que eu faço. — Disse Ginger, mais interessada nos Pyr que em sua culinária. Thorolf a olhou com curiosidade. — Eu sou uma chef. Cozinho. Esses são os ovos orgânicos das minhas galinhas, e bacon da fazenda Smith, porco orgânico, pão integral da loja de alimentos naturais na cidade.

— A manteiga é fenomenal. — Disse Sloane.

— Tanya bate para mim, do leite das minhas vacas. Ela faz uma pequena mistura de queijo artesanal e utiliza o meu leite e os das cabras dos Van Vliets.

Rafferty sorriu e saudou-a com seu café.

— É bom não ser o único em sintonia com as músicas da terra. Obrigado por sua hospitalidade, especialmente porque estamos aqui sem sermos convidados.

Os outros Pyr se juntaram a ele para agradecer a Ginger e ela encontrou-se um pouco ruborizada, pois eles exageraram em seus louvores.

— É apenas bacon e ovos.

— Eu nunca comi bacon e ovos como estes. — Disse Thorolf.

Niall assentiu, então encarou Delaney.

— Eu não posso acreditar que você foi atrás do Elixir depois de

sentir sua tempestade. Você tinha que saber que poderia não voltar.

— Ou talvez não quisesse voltar mesmo. — Esclareceu Sloane.

Ginger olhou para Delaney com alarme. Uma coisa era assumir uma missão nobre, outra bem diferente era esperar morrer fazendo isso.

Delaney permaneceu de pé com as costas contra a parede, os braços cruzados sobre seu peito nu. Seus olhos eram escuros e sua expressão impossível de ler.

— Vocês não têm outro lugar para ir?

— Eu não. — Niall, disse com determinação. — Não, se você está tão determinado a realizar uma missão suicida.

Ginger abaixou o garfo, incapaz de comer, em seu desânimo.

— Ginger e eu precisamos conversar. — Delaney disse sombrio. — Sozinhos.

Ginger estava de completo acordo com isso, mas os Pyrs ficaram onde estavam.

— Nós todos precisamos conversar. — Disse Sloane. Quando Delaney poderia ter argumentado mais uma vez, Sloane fixou-o com um olhar. — Destruir o Elixir é uma tarefa muito pesada para um único *Pyr* assumir sozinho.

— É minha responsabilidade! — Delaney argumentou.

— Quem disse? — Rafferty perguntou suavemente.

Delaney ignorou. Sua boca definiu-se em uma linha de teimosia que fez Ginger lembrar-se de sua avó.

— Olha o que aconteceu quando você tentou. — Rebateu Sloane. — Mallory está, provavelmente, bebendo do Elixir enquanto nós conversamos.

— Outro *Slayer* difícil de derrotar. — Disse Thorolf, revirando os olhos.

Niall balançou a cabeça.

— Sente-se e coma.

Delaney manteve-se de pé.

— E Magnus, ao pé do Elixir, pronto para mais. — Thorolf acrescentou. — É foda, não importa como olhe. — Ele pegou a colher no prato de ovos mexidos. — Se você não vai comer, eu vou acabar com isto.

— Estou tentando me lembrar porque sou amigo de vocês. — Queixou-se Delaney. — Por que vocês não dizem o que realmente pensam?

— Não atire. — Disse Sloane levemente. — Mas nós gostamos de você vivo. — Os outros riram, enquanto Delaney olhava furioso.

— Deveríamos ter ido juntos. — Niall argumentou. — Deveríamos ter elaborado um plano...

— E pelo menos um de vocês não teria voltado. — Retrucou Delaney. — Eu vou cuidar dele eu mesmo, no meu caminho e no meu tempo. É minha responsabilidade.

— Por quê? — Rafferty perguntou novamente.

— Como? — Niall exigiu.

Delaney olhou para os dois em um silêncio obstinado. Ginger tinha que admitir que os amigos de Delaney faziam mais sentido do que ele.

— Mas você não acabou de experimentar? Não viu o seu plano falhar? — Niall continuou, a sua maneira contraditória. Ele esfaqueou seus ovos com o garfo. — E para quê? Ter seu peito rasgado e bem aberto e não conseguir nada. Você costumava ser inteligente o suficiente para admitir quando estava errado, agora não importa quando você precisa de um novo plano.

— Ninguém, mais ninguém vai passar pelo que passei. — Delaney disse, seu tom áspero. — Você não tem ideia de como diabos o Elixir brinca com sua mente. Eu vou cuidar disso.

— Como? — Niall perguntou novamente.

— De alguma forma. — Disse Delaney com força.

O Pyr calou-se, então, suas expressões eram sombrias enquanto comiam. Assim como Ginger poderia respeitar a determinação de Delaney para proteger seus amigos, ela não gostava da ideia de sua morte, em sua defesa.

— Sente-se. Coma. — Sob o comando ríspido de Rafferty, Delaney finalmente vestiu a camiseta novamente e se juntou ao grupo. Rafferty apontou com a colher para Thorolf. Niall lançou um soco brincalhão para Delaney, mas este não reconheceu o gesto.

O silêncio era opressor. Ginger comeu, mas não sentiu o gosto da comida, seus pensamentos rodopiando com tudo o que ouviu.

— Por que você? — Rafferty perguntou de novo, as suas palavras tranquilas acompanharam Delaney enquanto terminava sua refeição.

— Por que não eu? — Delaney perguntou com irritação.

— Consigo pensar em uma série de razões. — Niall começou, mas Delaney olhou para ele.

Afastou o prato.

— Olhe. Quem destruir o Elixir não vai voltar. Isso é um dado. — Falava com uma convicção que fez Ginger olhar para ele, horrorizada. Aquelas sombras estavam de volta em seus olhos. — Tem que ser eu.

— Por quê? — Rafferty perguntou de novo, seu tom ainda leve.

— Você vai me dizer que não tem nada pelo que viver? — Niall perguntou. Ginger sentiu o olhar do Pyr sobre ela. — Eu acreditaria nisso há seis meses, mas não vou agora.

Delaney ignorou esse comentário, também, embora o coração de Ginger saltasse uma batida.

— O frasco deve ter quebrado. — Disse ele com força. — Eu o atingi com tudo o que tinha.

— O frasco? — Sloane perguntou, seus olhos se iluminaram com curiosidade.

— O Elixir está armazenado em um frasco enorme, que parece ter

sido esculpido em cristal na rocha. — Disse Delaney. Ele pegou um guardanapo e desenhou o layout do santuário sobre ele, além de um esboço do frasco. O Pyr inclinou-se para estudá-lo enquanto ele trabalhava. — Há escadas que rodeiam o frasco até o cume. É na terceira e última caverna depois de entrar no santuário. — Ele começou a dizer outra coisa, mas franziu o cenho e ficou em silêncio. — Ele deve ter quebrado.

— Assim, não pode ser destruído com a força. — Disse Rafferty.

— Interessante. — Começou a torcer um anel incomum que usava na mão esquerda. Poderia ter sido feito de vidro preto e branco junto. O Pyr assistiu a seu gesto e ela percebeu que eles ficaram desconcertados.

Qual era o problema com o anel? Estava Rafferty enviando outra mensagem que ela não podia ouvir?

— Isso é apenas mais uma prova que temos que trabalhar juntos. — Sloane empurrou o prato vazio para o lado e colocou os dedos juntos, enquanto considerava Ginger. — E isso significa *todos*, não um de nós. — O Pyr assentiu com a cabeça e olhou para Ginger novamente. Sentia-se como um inseto sob uma lupa. — A tempestade trouxe-a para isso, e você deve estar um pouco confusa. — Sua expressão era grave e seu jeito pensativo. — Será que Delaney lhe falou sobre o Elixir?

Ginger assentiu.

— Que ele foi obrigado a tomá-lo e quase o fez enlouquecer.

— Certo. — Sloane assentiu. — Porque ele não se transformou em um Slayer em primeiro lugar, não o tornou imortal como fez com os *Slayers* que bebem por escolha própria. Porque ele não estava morto, não o transformou em um dragão de sombra. O que eu pude descobrir, é que ele deve ter ficado preso entre os vivos e os mortos. — Sloane indicou a ferida de Delaney. — *Slayers* tem sangue negro. Diz-se que a escuridão de seu sangue é um reflexo da escuridão em seus corações, e um sinal da retirada dos poderes da Grande Wyvern.

— Por quê? — Ginger perguntou. Ela sentia a tensão entre os Pyr diminuir, uma vez que voltaram sua atenção para explicar a situação para ela. Podia sentir o alicerce de sua familiaridade com o outro, a raiz de suas antigas amizades e sabia que eles estavam com raiva apenas porque Delaney estava se colocando em risco. Ela podia respeitar isso.

Rafferty, entretanto, pegou o esboço de Delaney e virou-o. Ele começou a escrever em toda a parte de trás da folha de papel e Ginger presumiu que ele estava fazendo anotações. Os outros *Pyr* o ignoraram, talvez por isso ser um hábito dele.

Ela gostava de saber que eles se conheciam bem e tinham algumas peculiaridades de tolerância com seus amigos. Isso era o que fazia uma amizade, na opinião de Ginger. Ela também gostava que eles tivessem aparecido para ajudar a tempestade de Delaney, mesmo que isso significasse discutir com ele ao fazê-lo.

— *Slayers* têm sangue negro, porque escolhem o interesse próprio acima do bem coletivo. — Niall explicou.

— Porque escolhem a sombra sobre a luz. — Disse Sloane.

— Por que isso é importante?

— Porque o sangue de Delaney se manteve e não mudou. A princípio, quando ele voltou para nós, estava escuro e os olhos dele estavam vazios. — Sloane franziu a testa e Ginger pensou novamente em zumbis de filmes de segunda. — Era como se o seu espírito tivesse sido banido para um canto escondido de si mesmo.

Isso confirmou a impressão de Ginger, de Delaney ter sofrido algumas provações. Ela assentiu com a cabeça em compreensão. Delaney levantou-se e passou pela cozinha, claramente inquieto.

Estava ele ansioso para morrer? Ou simplesmente não gostava de ter a sua fraqueza discutida tão abertamente?

— Mas depois ele foi atraído pelo calor da tempestade de Donovan. — Rafferty acrescentou, empurrando a folha de papel de lado e colocando o lápis em cima dela. — A luz perfurou sua escuridão, chamando-o como um farol.

— Nós sempre sentimos o calor da tempestade. — Acrescentou Delaney. Ela apreciou que ele estivesse tentando ajudá-la a compreender seu mundo. — Mas nós sentimos mais intensamente quando é a de alguém que conhecemos bem.

— Eu fui atraído pela sua, por exemplo. — Niall disse, depois sorriu

para Ginger. Ela entendeu então que ele e Delaney eram bons amigos, e era por isso que ele estava tentando amenizar a situação. — Não é bem como uma mariposa para a chama.

— Esse era o papel de Delaney. — Rafferty disse, seu tom de brincadeira.

— No entanto, perto dela. — Concluiu Niall.

— Então, o que aconteceu com a tempestade de Donovan? — Ginger perguntou, intrigada com a história que eles estavam contando.

— Ele é meu irmão. — Disse Delaney.

— E a exposição a sua tempestade deixou vermelho o sangue de Delaney de novo. — Disse Sloane.

— Esclarecido isso. — Afirmou Rafferty.

Niall apontou um garfo para Sloane.

— Quando Delaney protegeu Alex, a companheira de Donovan. — Rafferty explicou. — O fez potencialmente por decisão própria.

— Ele foi ferido na luta que se seguiu. — Niall, disse, acenando.

— E o seu sangue correu vermelho. — Sloane celebrou com satisfação. — Mas desde então, vacilou para frente e para trás, o ascendente era vermelho, mas havia a mancha preta no fluxo. Houve uma mudança, mas não uma recuperação completa.

— É deprimente. — Delaney olhou para fora da janela. O olhar novamente atormentado, cheio das lembranças de algumas provações e Ginger sentiu pena dele.

— Mas você disse que alguma coisa mudou. — Ginger lembrou. — Você disse que se sentiu capaz de negar o comando Magnus no santuário.

Ele sorriu para ela, à mudança em sua expressão fazendo seu coração saltar.

— Eu consegui, e isso foi por sua causa. — Ele segurou o olhar dela, deixando-a ver sua condenação. — Isso não foi uma mentira, Ginger.

Ela não pode deixar de sorrir para ele. O que apenas provou que ela era uma otária completa para este homem. E talvez não tão brilhante como sempre pensou que fosse. Ginger desviou o olhar do sorriso de Delaney, concentrando-se em um pedaço de pão frio. Tinha gosto de serragem orgânica, mas ela comeu mesmo assim.

— Por causa da tempestade. — Afirmou Rafferty. — Sua habilidade para negar Magnus é pelo sangue correndo vermelho novamente. É um sinal de cura.

— A tempestade cura as nossas feridas. — Disse Niall.

Sloane franziu o cenho.

— Mas o que não entendo é porque a tempestade ainda está queimando.

— Quanto tempo normalmente queima? — Ginger perguntou, e cada *Pyr* desenvolveu um fascínio pelo prato. O pescoço de Delaney ficou corado de novo, mas ele era o único que poderia atender o seu olhar. — O que eu disse?

— Algo que eu disse, temo. — Ele admitiu, rispidamente. — A tempestade queima até que o *Pyr* e sua companheira fiquem íntimos. É quando eles concebem.

Ginger sabia o suficiente sobre a biologia para discutir a questão.

— Isso não acontece imediatamente. Leva pelo menos uma semana para o embrião se implantar no útero.

Delaney contraiu a mandíbula.

— Isso acontece imediatamente para nós.

— Na primeira vez, sempre. O *Pyr* e sua companheira só têm que fazer sexo uma vez para fazer o trabalho. — Thorolf disse alegremente, erguendo um dedo para Ginger, depois de servir-se de mais ovos. — Ei, nós sabemos por que você é chamado de gostosão.

Delaney disse a seus amigos que ele e Ginger tiveram relações sexuais. Por que ela imaginou que ele seria mais cauteloso do que isso?

— Thorolf! — Delaney protestou, mas Ginger já estava de pé, deixando a mesa. Ela sabia que seu rosto estava vermelho. Virou-se quando Delaney tocou seu cotovelo. Faíscas saltaram de seu toque, mas ela se afastou até que seu traseiro colidiu com o balcão. Sua expressão não era de arrependimento, isso acabou com ela.

— Você *disse* a eles? — Ela exigiu. — O que disse a eles?

Ginger levantou a mão antes que Delaney pudesse responder. Ela cometeu um erro e ela iria corrigi-lo imediatamente.

— Não, espere. Eu não quero saber. Isso é o suficiente. Você tenta me engravidar, sabendo que pretende destruir o Elixir e se matar, iria me deixar grávida e sozinha, diz aos seus amigos sobre seu desempenho e eu quase fui morta por dragões ainda por cima. — Ela apontou para a porta. — É isso aí! A cozinha está fechada. Todos vocês, fora!

— Ginger, não foi assim... — Delaney disse, começando a fazer um apelo que Ginger não queria ouvir.

— Não há nada que você possa dizer para salvar esta situação. — Disse ela, e quis dizer cada palavra. — Na verdade, você pode me deixar em primeiro lugar e procurar seu caminho.

— Eles perguntaram por que eu não satisfiz a tempestade antes de ir atrás do Elixir. — Argumentou Delaney, a sua própria voz ficando alta quando ele ficou de pé. — Eu tive que defender minha decisão! Tive que dizer a eles que cumpri com a responsabilidade dos Pyr...

— E sobre sua responsabilidade comigo? — Ginger exigiu. — E sobre minhas escolhas? E sobre *a minha* privacidade? — Ela deu uma tapa na testa. — Ah, espere, isso não importa. Eu sou apenas uma *companheira*. — Ela apontou para a porta novamente. — Fora!

Capítulo 8

Ginger pensou que Delaney iria desistir da luta, mas em vez disso, ele tinha um olhar determinado. Ele foi atrás dela, perseguiu-a até o outro lado da cozinha. Estava tão decidido a discutir seu caso que ficou surpresa. Não foi ele quem planejou ir embora? Por que ele deveria saber o que ela achava dele? Mas queria saber.

Ginger odiava como ela achava interessante o fato. Seus olhos brilhavam.

— Eu tive que dizer a eles que eu cumpri com minha responsabilidade Pyr, de satisfazer a tempestade. Admito que eu não pensei muito...

Delaney foi atingido por ela, mas Ginger interrompeu.

— Deixe-me explicar algo muito básico para você. — Disse ela. —

Eu acredito no amor e eu acredito em romance. Eu acredito que duas almas podem se encontrar e construir um futuro juntos, um com base no respeito mútuo e escolhas. Acredito na criação de uma família, não por impulsos biológicos, e acredito que a espera por isso vale a pena. Acredito que vem de graça.

Delaney cruzou os braços sobre o peito, mas não a interrompeu.

Ginger respirou fundo.

— Sua tempestade faz sentido para mim, como uma espécie de coisa de destino. Você parece vê-la como uma necessidade reprodutiva, como uma égua que entra no cio e está na mesma baia com o garanhão.

— Eu nunca disse isso!

— Não precisa. Eu vi nas entrelinhas. E se você não estiver interessado em ter uma relação permanente, então eu não estou interessada em ter um filho e a tempestade que se dane.

— A tempestade é uma marca do destino. — Disse Delaney.

— Bem, eu acredito no livre-arbítrio, também. — Ginger retrucou. — Você não tinha o direito de fazer esse tipo de escolha por mim. Você foi absolutamente, totalmente, fora da linha, e desde que não entende isso, não há nada para falar. — Ela apontou para a porta. — Fora.

Rafferty começou a aplaudir. Um gesto que lhe valeu um olhar feroz de Delaney.

— Eu gosto de mulheres fortes. — Rafferty disse com seu tom de provocação. — Isso mantém as coisas interessantes.

— Mas a tempestade não deveria estar mais queimando. — Sloane se lembrou. — Como Thorolf disse, deveria ter sido saciada, bem, você sabe.

— Ginger... — Delaney deu um passo mais perto e Ginger sentiu uma onda de calor. Seus dedos dos pés se dobraram em suas botas e ela ficou ciente da largura dos ombros de Delaney. E o apelo em seus olhos.

Este homem era perigoso. Podia fazer Ginger esquecer tudo o que sabia ser verdade, e agir contra seus próprios interesses.

— Espere. — Disse ela quando ele chegou mais perto e eliminou sua capacidade de pensar com clareza. — Se a tempestade queima até a concepção, então eu não estou grávida, estou?

Rafferty balançou a cabeça.

Ginger respirou fundo.

— Bem, então, só existem duas possibilidades, não é? — Disse. — Ou a minha pílula está funcionando. — Ela apontou para Delaney. — Ou você errou o alvo, gostosão.

Os olhos verdes de Delaney brilharam com fogo.

Sloane ficou com a expressão pensativa.

— Agora, isso é uma ideia interessante. — Ele refletiu.

Ginger não estava interessada nas suas conclusões. Ela pegou o casaco e puxou as botas.

— Eu tenho uma fazenda para verificar. Quando eu voltar, é melhor que todos tenham ido embora.

— Ginger, nós precisamos conversar.

A maneira como Delaney disse seu nome era sedutor e sensual, lembrando-lhe da maneira como ela tremeu sob seu toque na noite anterior. Teria sido fácil ouvir sua explicação e até plausível. Teria sido mais fácil se render a ele novamente, para arrastá-lo de volta para seu quarto para outra rodada. O homem tinha a capacidade de mexer com o seu pensamento e ela estava certa em mandá-lo embora. Mesmo que se sentisse mal.

A única boa notícia era que ela, evidentemente, não estava grávida. Ela deu sorte, e não iria contar com isso para acontecer novamente. Se colocar distância entre ela e Delaney fosse a única forma de conseguir isso, ela o faria.

— Eu acho que você já disse muito. — Ginger parou na porta. — Seria bom se você lavasse os pratos, mas acho que é esperar muito.

Niall estremeceu.

— Ai. — Disse Thorolf. — Nada pode ir para o lixo. — Acrescentou e foi comer mais uma vez.

Sloane estava perdido em pensamentos, como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa. Rafferty estava absolutamente imóvel, exceto o olhar sobre todos na cozinha. Ginger sabia que ele estava observando cada nuance de resposta e tinha a sensação de que gostava de sua explosão. Ginger não olhou para Delaney. Ela não se atreveu. Simplesmente saiu, deixando a porta da cozinha bater atrás dela. Era raro querer ir para o celeiro, mas estava farta o suficiente dos Pyrs para ficar escutando besteira. De seu celeiro e de sua cozinha. Ah.

Bem, isso foi bem. Delaney girou sobre seus chamados amigos e fez seu espetáculo de humor péssimo.

— Obrigado por nada. — Disse ele. Sabia que tinha que prosseguir nesta missão, sozinho e, mesmo com a tempestade, sabia que poderia lidar com isso. Havia um enigma a ser resolvido sobre a quebra do frasco do Elixir, mas iria resolver isso também.

Assim como o mistério do por que sua tempestade continuava queimando. A última coisa que precisava e a única coisa que poderia acabar com suas chances de sucesso, pelo menos com Ginger era a presença coletiva dos Pyrs.

— Mais uma vez, tenho que perguntar se vocês não têm um lugar melhor para ir.

Rafferty recostou para saborear seu café.

— Eu sempre gostei de sentar na primeira fila em uma tempestade de fogo.

— Este não é um exercício em grupo!

— Mas seu sucesso com as preocupações de Ginger é de todos nós, cara. — Disse Thorolf. — Como sempre diz Erik, precisamos de mais *Pyrs*.

— Eu poderia suportar menos *Pyrs*, *pelo* menos na vizinhança. — Retrucou Delaney. — Por que vocês não me deixam? Eu vou ligar se precisar de vocês.

— Certo. — Niall olhou-o com afeto. — O menino aprende a lutar e

acha que pode chutar o traseiro de todo o mundo por si mesmo. Espere até eu contar para Donovan.

Thorolf espetou o garfo no ar e apontou para Delaney.

— Você precisa de ajuda com os *Slayers*. Sem Niall e Sloane, você estaria bebendo o Elixir agora.

— Estaria protelando seus efeitos novamente. — Respondeu Delaney. — Eu sou mais do que isso, e posso lidar bem.

— Seu plano é uma merda e deve ser inteligente o suficiente para saber isso. — Thorolf comeu com gosto, mesmo enquanto criticava. Sua atitude só deixou Delaney mais irritado.

— Meu plano é o único plano. — Insistiu Delaney.

— O direito de Delaney. — Sloane disse abruptamente, levantando-se. — Eu tenho outras coisas para fazer, além de ficar onde não sou querido.

Delaney não foi o único surpreso com a mudança de atitude. Rafferty olhou para Sloane com consideração.

— Como o quê? — Thorolf desafiou.

Sloane sorriu.

— Quero colocar em dia minha leitura.

— Ah! — Afirmou Rafferty, como se isso fizesse todo sentido. Ele esvaziou sua caneca de café com satisfação, em seguida, colocou-a de lado e se levantou. — De repente, lembro-me que também tenho coisas para fazer.

— Você realmente não nos quer por perto? — Niall perguntou para Delaney. Ele ainda estava sentado na mesa e parecia relutante em sair.

— Não. — Delaney foi inflexível. — Eu preciso falar com Ginger. Sozinho.

— Você precisa *seduzir* Ginger, homem. — Thorolf corrigiu.

Delaney olhou para ele.

— O que também não vai acontecer com tanto público. Você ouviu a mulher. Para fora.

— Você tem que prometer não ir atrás do Elixir sozinho novamente.
— Disse Niall.

— Eu não tenho que prometer nada. — Argumentou Delaney. — Eu sei o que tenho que fazer, e sei o que enfrento. Você não.

— Delaney... — Niall começou a discutir novamente.

— Olha, pode respeitar minha escolha sobre este assunto? — Delaney exigiu, sabendo que seu tom de voz era agudo. — Eu não quero ajuda. Não preciso de ajuda. Vocês todos precisam sair. Agora.

Thorolf e Niall trocaram um olhar e levantaram-se, por sua vez.

— Se você insiste. — Niall, disse com relutância óbvia.

— Eu insisto.

Os Pyrs caminharam para a porta, seus passos revelando seus respectivos níveis de entusiasmo para afastarem-se, mas Rafferty parou na frente de Delaney.

— Você vai ver que não é tão simples quanto acredita. — Disse com confiança. Havia sabedoria em seus olhos escuros e compreensão. Suas palavras eram baixas e saiu lentamente de seus lábios.

Delaney se preparou para o conselho do antigo *Pyr*, que era o mais entusiasmado com a ideia da tempestade. Ele não tinha dúvidas de que Rafferty faria um comentário ou dois, e sabia que esses comentários não mudariam sua mente.

— Você tem que reconhecer que a Grande Wyvern escolhe uma companheira para cada um de nós, que melhor pode nos ajudar a descobrir o que precisamos saber. — Afirmou Rafferty. — O *Pyr* e sua companheira podem ser duas metades de um todo. Os companheiros trabalham juntos, para melhor cumprir seus respectivos destinos.

Delaney passou a mão sobre seu cabelo.

— Certo, eu deveria ter conversado com ela. Eu entendo que

agora...

— Mais do que isso. — Rafferty interrompeu com força silenciosa. — A Grande Wyvern vai exigir muito mais de você do que isso. — Prendeu Delaney com um olhar fixo por um momento, então girou e caminhou até a porta. Ele ergueu a mão esquerda, deixando o anel branco e preto capturar a luz. Esse anel era tudo o que restava de Nikolas e Sophie, e só de olhar para ele roubava o fôlego dos pulmões de Delaney. — Existem muitos tipos de sacrifício e, às vezes, o que parece ser o maior não é o maior depois de tudo.

Delaney estava impaciente com a tendência de Rafferty para fazer comentários enigmáticos.

— O que é que isso quer dizer?

Rafferty sorriu.

— Essa escolha de viver pode ser mais difícil do que escolher morrer.

Delaney não sabia o que dizer sobre isso. O sacrifício mútuo de Nikolas e Sophie foi fundamental na destruição da caverna escura de Magnus, afinal. Eles morreram para limpar aquele lugar sujo da terra e não foi uma limpeza pequena.

Como pode ser errado para ele optar por fazer um sacrifício semelhante, e entregar sua própria vida em troca de destruir o Elixir? Como podia ser errado se entregar para fazer do mundo um lugar mais seguro e melhor? Como podia ser errado para ele garantir que nunca seu filho ou seus companheiros tivessem que sofrer o que ele sofreu? Não podia ser. Rafferty apenas não entendia a situação.

Rafferty nunca sentiu o Elixir tentar reivindicar seu corpo.

Rafferty nunca conheceu o desespero de perceber que seu corpo estava manchado para sempre e que a única maneira de fazer a sua vida valer a pena era morrer como Sophie e Nikolas fizeram.

Delaney segurou o olhar do *Pyr* mais velho sem vacilar, completamente convencido de que estava certo.

— Esse não é o caso aqui.

Rafferty o observou por um longo momento, depois se virou com um encolher de ombros.

— Não tem sentido ficarmos onde não somos bem-vindos. — Disse ele, com uma cordialidade que não convenceu Delaney. O Pyr deixou a cozinha e fez uma pausa para examinar o céu da varanda.

Niall murmurou algo, mas Rafferty o silenciou com um toque no ombro. O gesto foi tão rápido que Delaney poderia ter perdido se não estivesse prestando atenção. Então, perguntou o que seus amigos estavam fazendo. Achou que iriam embora.

Rafferty olhou para trás a partir da varanda.

— Agradeça a Ginger novamente pelo café da manhã, por favor. — Ele sorriu. — Vamos deixar a louça para você.

— Não é apenas esta bagunça que você está deixando para mim. — Queixou-se Delaney e Rafferty riu.

Em seguida, os quatro saíram, mudando de forma em um único salto da varanda de Ginger. A neve rapidamente obscureceu a visão deles, enquanto subiam. Pelo menos os vizinhos não os veriam. Pelo menos eles tinham ido embora. Delaney pegou seu casaco e se dirigiu para o celeiro, seguindo as pegadas das botas de Ginger. Tudo o que tinha que fazer era descobrir a melhor forma de se desculpar com ela. Teria que persuadi-la a tentar saciar a tempestade mais uma vez, já que estaria na mesma casa com ele. Sentia a pressão do tempo, e sabia que tinha de atacar o Elixir novamente em breve, antes dos Slayers se recuperarem do assalto desta manhã. O primeiro era o primeiro.

Ginger abriu a porta do celeiro, empurrando-a com força contra o peso da neve. Deslizou o suficiente para entrar e deixou-a entreaberta para poupar esforço mais tarde. O celeiro estava úmido e quente, de qualquer maneira. Ela estava fervendo de raiva, mas se esforçou a acalmar-se antes de se aproximar dos animais.

Eles sempre puderam sentir quando estava agitada e a última coisa que ela precisava era de um bando de touros irritados, causando-lhe problemas. Já teve o suficiente de machos neste dia em particular. A fazenda da família de Ginger era antiga, mas ela mudou o foco de seus negócios, desde que renunciou a seu emprego na cidade e voltou para

casa. Sempre criaram gado leiteiro e vendiam o leite, a lembrança mais próxima dessa época era a chegada do caminhão de leite todos os dias do ano, independente do tempo ou férias. Aprendeu sobre ordenha, melhoramento genético e manejo do rebanho desde quando começou a andar, ouvindo avidamente a sabedoria de seus avós sempre que possível.

Quando o avô de Ginger morreu, sua avó decidiu ficar na fazenda, gerenciando a carga de trabalho. Ela alugou o campo no qual seu avô cresceu, deixando Silas Hargreaves na fazenda vizinha, até que a área plantada pôde ser usada como troca por forragem em quantidade o suficiente para o rebanho. O terreno de fundo foi utilizado para pastagem, como sempre. E sem um homem por perto, sua avó começou a automatizar as funções na fazenda. Ela nunca teria saído da fazenda, era sua identidade, assim sua avó encontrou um modo de ficar. Ginger a respeitava e admirava isso.

Ginger sonhava com a vida na cidade, até que chegou lá. Perdeu um pouco de sua casa a cada minuto que ficou afastada, mesmo adorando a escola de chef de cozinha e adorando cozinhar. Quando sua avó admitiu que a exploração leiteira não estivesse bem financeiramente, Ginger voltou para Ohio, assim que desligou o telefone. Seu trabalho no restaurante não foi capaz de competir com o fascínio do Ohio rural e o desafio de tirar as Fazendas Sinclair do vermelho. Sob a liderança de Ginger, a automação pegou velocidade. Ginger negociou melhores condições com Silas, e empregou seu filho Lucas para ajudar com o trabalho na fazenda de gado leiteiro.

Sua experiência como chef fez Ginger encontrar fontes locais de alimentos, aprender sobre os métodos orgânicos de produção, e sobre a preservação das variedades. Todos esses interesses se reuniram na nova Fazenda Sinclair. Ela herdou algumas vacas Guernseys, e o rebanho de sua avó começou o registro de programas de melhoramento para a raça, e começaram com a venda de sêmen. Ginger começou a olhar para outras fontes para ramificar. Ela tinha três Kerrys nos Estados Unidos, e um pequeno rebanho de ordenha Shorthorns².

Amava a todos. As vacas eram calmas e sua presença dava a

² Shorthorns - Uma raça grande, pesado gado doméstico com chifres curtos. A raça foi desenvolvida na Inglaterra

Ginger uma tranquilidade que nunca sentiu na cidade. Era apaixonada pelos protocolos de criação, a garantia de qualidade e acompanhamento de linhagens. O sêmen dos touros mantinha a fazenda e ela acabou construindo um novo celeiro e utilizava alta tecnologia de painéis solares no telhado. Tanya pagava pelo leite Guernseys para fazer o queijo artesanal, também.

Ginger teve que lutar com Lucas para mudar o funcionamento da fazenda: ele era resistente à mudança, mas ela precisava de ajuda com o trabalho físico e ele estava à mão. Lucas era cético sobre tudo o que ela fazia; o que significava que Ginger ainda tinha que cultivar mais terra com métodos orgânicos. Lucas não fazia isso. Ela simplesmente tinha que persistir, como sua avó sempre lhe disse para fazer. Teria sido bom, no entanto, ter um parceiro de apoio, em vez de um funcionário obstrucionista. Seria bom ter sorte, como Tanya, seguir seu coração e encontrar sua alma gêmea neste caminho.

Ginger entrou no celeiro com um suspiro de satisfação. Chutou a neve das botas e respirou profundamente o ar úmido, o cheiro de esterco, palha e de vaca. Ouviu as vacas fazendo barulho ao perceberem sua presença, e avançou em direção ao corredor central para vê-las.

Então pegou a vassoura, deixou perto da porta. As galinhas bateram suas asas, Reginald, o galo, queixou-se. O galo tinha uma espetacular plumagem, herança de sua raça, mas ele também tinha muita atitude. E defendia o celeiro de forma eficaz. Ginger, entretanto, estava com tolerância zero para as disputas masculinas de território, neste dia em particular.

— Frango ao Vinho! — Ginger gritou como de costume, levantando a vassoura.

Reginald cantou como se estivesse discutindo com ela. O galo voou para Ginger, cheio de garras e bico, as penas se espalhando em uma exibição majestosa. Ele queria sangue.

Ginger virou a vassoura e deu a primeira batida. Se ele fosse uma bola de beisebol, não teria ido muito longe, mas foi um golpe o suficiente para ser insultuoso. Reginald caiu dentro do cerco, onde as galinhas cacarejavam. Em seguida, gritou de indignidade. As galinhas se afastaram de seu caminho, também cacarejando. Ginger sempre pensou que soavam

como se estivessem rindo dele. Reginald parecia tão desganhado e insultado, enquanto se levantava que Ginger quase sentiu pena dele. Mas não era bem assim. Ele furaria seus olhos se tivesse uma oportunidade.

— Silêncio, seu velho encenqueiro. — disse Ginger. — Ou seu tempo na panela virá mais cedo do que o esperado.

Ele estalou e desfilou, como se ele fosse triunfal. Reginald geralmente brigava apenas uma vez e depois desistia. Neste dia particular, ele foi fiel à forma, começou a bicar o chão, como que alheio à chegada de Ginger.

Ginger deixou a vassoura de lado para o caso de precisar dela na saída. Ela pegou um punhado de ração e lançou no galinheiro, vendo as galinhas arranhar e cacarejar.

O celeiro era um edifício novo, elegante e brilhante, um grande investimento. As paredes eram feitas de um plástico translúcido, duro, mas deixava a luz entrar no celeiro. Também foi usado na construção materiais reciclados, o que Ginger gostava. O painel solar no telhado mantinha as luzes acesas no celeiro, e também os refrigeradores e o equipamento de ordenha.

Nestas seis semanas, porém, não havia leite. As vacas estavam prenhas ou secas, assim o celeiro estava quieto. Ginger gostava destas seis semanas antes do parto começar, era bom, pois lhe dava uma pausa.

Os painéis translúcidos também deslizavam para melhorar a ventilação. Alguns agricultores deixavam seu gado dentro desses celeiros o tempo todo, mas Ginger ainda gostava de deixar o rebanho pastar. A luz do sol, sua avó insistia sempre, era bom para eles e sua produção de leite. Ginger concordava.

Darian, um touro Kerry na primeira baia, deu suas habituais boas-vindas. Ginger sorriu quando se aproximou dele. Ele era pequeno e negro, mais suave do que qualquer touro que já conheceu. Seu temperamento não afetava sua capacidade de fazer o trabalho, já que teriam dois bezerros de Darian nesta primavera. Uma prenha Kerry estava na baia ao lado de Ginger, enquanto outra estava em Dakota do Norte. Darian esfregou o focinho na beirada da baia quando ela o tocou, demonstrando o prazer de tal modo que fez o sorriso de Ginger se alargar.

— Eu tenho que cuidar das meninas, primeiro. — Disse ela. — Você sabe como elas são. — Ela pegou feno fresco para ele e colocou ali para mantê-lo ocupado. — Eu estarei de volta logo.

Ele soltou um mugido baixo, como se entendesse perfeitamente, e bateu o casco. Sua cauda se levantou quando ele abaixou a cabeça para morder sua comida. As duas vacas Kerry, uma prenha e outra não, estavam deitadas na parte de trás, ruminando. Ginger as deixou.

Ginger pegou uma pá e caminhou pelo corredor central do celeiro, apreciando como as vacas Guernsey se voltavam com sua presença. Começaram a mugir à medida que passava pelo corredor, balançando suas caudas. Elas eram uma raça tranquila, mesmo para vacas, e excelentes produtoras de leite. Sua avó sempre vendeu o leite Guernsey, como um prêmio por causa de sua gordura e elevados níveis de proteína. Tanya ficava entusiasmada com isso. Nenhuma das vacas estava lactante nesta época do ano, muitos de seus ventres arredondados com seus bezerros prestes a chegar. Outras eram jovens demais para procriarem e Ginger encontrava-se com um intervalo raro de descanso, com uma pausa na rotina de ordenha duas vezes por dia.

Na última baía à direita estavam os Shorthorns prenhas. Um dos benefícios desta raça, além da produção de leite, era sua fiabilidade em conceber cada ano. As vacas de Ginger provavam que o ditado era correto e se orgulhava disso.

Ela se questionou os Shorthorns sabiam qualquer coisa sobre os *Pyr*. Pela primeira vez pensou nisso. Hmm.

Ginger saudou as vacas enquanto caminhava pelo corredor central do celeiro. Mesmo que tivesse um rebanho de cerca de uma centena de vacas, ela contava todos os animais a cada primavera. Ela continuou o costume de sua avó de nomear todos os nascidos no mesmo ano, com nomes que começavam com a mesma letra. As informações eram registradas em seus chips e brincos, mas Ginger tentava se lembrar do nome de cada vaca. O computador apresentava seus nomes quando entravam na sala de ordenha duas vezes por dia, bem como todas as suas informações.

Ela se dirigia a elas por seus nomes, sabendo que provavelmente errava de vez em quando. As vacas não pareciam se importar.

— Ei, Jessie, Jasmine e Jessica. — Disse ela, tocando o focinho enquanto passava.

A rotina diária era mover as vacas, quer para a seção mais distante do galpão ou do pasto, em seguida, limpar a área em que passavam a noite. Estava familiarizada com as vacas e elas se arrastavam atrás de Ginger, enquanto se dirigia para o portão.

Normalmente, Lucas fazia esse trabalho, mas Ginger sabia que ele não iria aparecer com este tempo. Se tivesse sorte, Hargreaves poderia limpar o caminho quando aparecesse. Isso seria de muita ajuda. Se não, ela faria isso sozinha. Sua avó lhe ensinou a ser autossuficiente.

— Germaine e Gertrude, como vão? Bess e Betânia, Bárbara e Beulah, vocês dormiram bem?

Ginger notou que os touros Guernsey, em baias individuais, na extremidade, não apareceram quando ela falou. Isso era estranho. Eles eram geralmente mais curiosos do que as vacas.

— Dolores e Dorothy, Dotty e Desiree, como estão minhas meninas esta manhã? — Ginger manteve sua saudação, seu olhar nos touros. O que eles estavam vendo? Suas caudas sequer balançavam, pareciam preocupados. — Nadine, Nancy e Natalie, vocês estão lindas hoje.

Os touros nem sequer a olharam, seus olhares estavam fixos em um ponto que não conseguia ver, na última baia. Ginger começou a sentir-se mal novamente. Mas seus instintos estavam provando não ser confiáveis. Ginger afugentou o medo e racionalizou. Era provavelmente um coelho ou uma marmota. E realmente, não poderia ser surpreendida por uma criatura selvagem querendo sair nesse frio. Os touros, porém, não se adaptavam bem às mudanças em sua rotina.

— Teresa e Terrilyn, que cílios lindos. — Ginger estava cerca de três quartos do caminho até o centro, quando Thomas bateu com o casco e soltou uma baforada. Sua baia era a mais próxima para onde os touros estavam olhando, e ele era o menos tolerante com qualquer um em seu espaço. Mesmo coelhos.

Thomas se abaixou, Ginger sabia que estava irritado. Os outros touros ecoaram sua reclamação, os cascos batendo no chão do celeiro. Micah baixou a cabeça e patas no chão.

Uh-oh.

As vacas olharam naquela direção, facilitando o movimento dos touros e se movendo com cautela. Grandes. Agora ela teria um estouro. E tudo por um coelho com frio.

Ginger caminhou para o final do corredor, com efeito, balançando a pá.

— Quem está aí? — Ela gritou, realmente não esperava uma resposta. Continuou falando, porém, imaginando que iria assustar o coelho e evitar o problema. — Não há espaço neste celeiro para bichos silvestres. — Disse ela, enquanto virava a esquina.

E parou congelada.

Um homem estava ali, um estranho. Ele era quase tão alto quanto Delaney, mas seu cabelo era curto e seus olhos eram azuis. Ele estava sorrindo, mas seu sorriso deixou Ginger arrepiada. Havia algo em seus olhos, algo que deixava seu olhar predatório e perigoso.

Ele tinha um sorriso assassino nos lábios. Seu sorriso se ampliou com sua surpresa óbvia.

— Que surpresa cruzar a fronteira. — Disse ele, e Ginger não conseguiu identificar seu sotaque além do fato de que ele era estrangeiro. — Certamente seu limite contra selvagens *criaturas* não se aplica a mim, certo?

Ela deu um passo para trás, perguntando como ele entrou em seu celeiro, sem deixar pistas. Perguntava-se como ele passou por Reginald. Seu sentimento ruim aumentou.

— Como você chegou aqui? — Ginger exigiu, esperando parecer mais resistente do que se sentia.

— Um pequeno truque da Wyvern no qual venho trabalhando. — Disse ele, o que não fazia absolutamente nenhum sentido.

Então ele riu e foi o som mais malicioso que Ginger já ouviu. Thomas soltou um grito, mas Ginger tinha outras preocupações. Quando o corpo do homem começou a brilhar azul nas bordas, Ginger sabia exatamente o que iria acontecer. Ela soltou a pá e correu.

Capítulo 9

Eles poderiam muito bem ser todos vacas. Esse foi o pensamento de Jorge enquanto mudava de forma e pegava a companheira de Delaney. Os seres humanos eram plácidos, estúpidos e previsíveis, assim como as vacas. Uma grande parte deles também eram tímidos. Como a companheira de Delaney e sua escolha estúpida de correr, dado que nunca poderia fugir de um dragão em ataque, as vacas corriam longe do corredor central do celeiro. Elas empurravam umas as outras contra as paredes exteriores, mugindo e pisoteando, agrupando-se no perímetro e tão longe de Jorge quanto possível.

Ele mudou a forma em um salto, saboreando o impulso extra de energia que o Elixir enviava por suas veias. Este último gole o deixou mais forte do que nunca. Estava a um passo de substituir Magnus como líder dos Slayers.

Magnus não precisava saber disso. Deixá-lo-ia confiar em Jorge. Deixá-lo-ia compartilhar seu vasto acervo de conhecimento com Jorge.

Deixá-lo-ia esvaziar a mente e o que sobrou de seu coração, e quando não houvesse mais nada com que Magnus pudesse contribuir, Jorge eliminaria o antigo Slayer.

Teoricamente, o Elixir conferia a imortalidade. Na realidade, todos tinham uma fraqueza. Jorge acreditava que todos poderiam ser assassinados, e ele estava disposto a testar sua teoria. Viu como Magnus chegou perto da morte, quando Erik feriu o antigo Slayer e deixou seu corpo longe do bálsamo curativo do Elixir. Foi Jorge que fez de tudo para ajudar Magnus então, mas esta situação não se repetiria. Especialmente se ele fosse o único a derrubar Magnus, quando fosse declarado que o antigo Slayer era inútil.

O Elixir reparava e reabastecia, mas mesmo aqueles que beberam dele sempre precisavam de mais. A imortalidade era assim, dependia não apenas do fornecimento permanente do Elixir, mas rápido acesso a ele. Especialmente quando sofriam alguma lesão.

Jorge tinha um plano para garantir a sua própria longevidade, que ainda precisava de alguns ajustes. Teria tempo para refinar os detalhes, tempo para deixar Magnus ousado e absorto em seu próprio crescimento do poder. Quando Jorge tomasse a liderança dos Slayers, o papel seria digno de suas habilidades.

No momento, porém, ele desempenhava o papel de laiaio disposto de Magnus.

Ele foi enviado para recolher uma companheira. Jorge riu quando pegou a mulher pequena em suas garras, e gostou de como ela lutou contra ele. Todos os seus esforços não eram nada para ele, segurou-a cativa facilmente em uma garra.

Voou diretamente para o teto, estourando-o e deixando um buraco. Ele gostava de destruir coisas que os humanos construíam e desfrutou com o grito de frustração que a companheira de Delaney soltou. A neve rodopiava ao redor dele em um turbilhão de branco, mas seu senso de direção era tão infalível como seu olfato. Ele subiu bem consciente de que estava sendo seguido. E por quem.

— Eu acabei de construir esse celeiro!— Gritou, e chutou-o com nova fúria.

Jorge riu-se.

— Eu não me preocuparia com isso. — Disse ele, e seus olhos se arregalaram de espanto. — Você tem problemas maiores agora.

Ela olhou para ele.

— Se você me comer, eu vou lhe dar uma indigestão.

Jorge riu de novo.

— Até amanhã, você gostaria que eu apenas tivesse comido você. — Disse ele, deixando-a se preocupar com isso.

Delaney entrou furioso no ar atrás dele, exatamente como Jorge previu. Jorge girou no ar e a mulher gritou de medo. Mesmo que estivessem a menos de cem metros acima do solo, não havia nada visível, apenas a neve que voava em todas as direções.

— Parece familiar? — Jorge balançou a companheira lutando ante o lívido *Pyr*, em seguida, jogou-a para sua garra de trás. Ela não gritou, o que foi decepcionante. Ela tentou chutá-lo quando ele a pegou. Jorge deu-lhe um aperto o suficiente para fazê-la suspirar.

— Deixe-a fora disso! — Delaney gritou, mas Jorge apenas riu.

Ele jogou a companheira à sua outra garra traseira, esperando um instante a mais de tempo antes de pegá-la. Ela teve um instante para pensar que ele iria deixá-la cair, e desta vez, ela soltou um grito de medo. Jorge agarrou-a no ar. Delaney voou na direção dele e o par de garras da frente trancado na pose tradicional de combate.

Delaney não cuspiu fogo, provavelmente em um esforço para proteger sua companheira, mas Jorge não tinha essa preocupação. Magnus disse apenas que ela teria que permanecer viva. As feridas eram opcionais, como sua consciência.

Jorge soltou um fluxo vicioso de fogo em Delaney e o *Pyr* estremeceu quando o ombro foi chamuscado. Suas escamas esmeraldas ficaram escuras, mas Delaney girou e bateu a cauda em Jorge. Ele acertou o *Slayer* nas costas e Jorge fugiu para fora do alcance, escondendo o quanto o golpe o atingiu.

Delaney era mais forte do que Jorge esperava. Mas ele tinha um ponto fraco, um presente e contabilizado. Sua companheira.

Jorge jogou a companheira novamente, apenas por diversão, respirou um pouco de fogo nela. Ela gritou quando o casaco pegou fogo, bateu as palmas nas chamas, mesmo enquanto caía através do ar.

Delaney gritou e atacou. Jorge pegou a companheira em suas garras, jogou suas chamas na parte de trás do casaco, em seguida, jogou-a o mais longe que pode. Desta vez, ela gritou mais satisfatoriamente.

Delaney, como previsto, escolheu salvar sua companheira. Ele correu para seu corpo caindo, dando a Jorge uma visão clara de suas costas. Jorge não perdeu tempo. Ele se lançou em Delaney, e agarrou-se às costas, com as quatro patas. Delaney rugiu quando Jorge fincou as garras nas asas dianteiras, mas se contorceu e virou a luta. Bateu forte em Jorge com sua cauda e rasgou-lhe a barriga com suas garras de trás. Delaney jogou Jorge para trás com a força de seu ataque.

O sangue de Jorge correu negro, picando a sua própria pele escamada com seu calor corrosivo. Que o seu revestimento pudesse ser danificado fez Jorge enraivecêr. Nesse momento, ele decidiu que se importava mais com derrotar Delaney que cumprir a ordem de Magnus.

Deixaria a companheira cair para sua morte. Era mais importante que Jorge liquidasse Delaney. Era impensável que a sua própria beleza tivesse sido manchada, e Delaney teria que pagar por isso.

— Você nunca vai me derrotar. — Jorge provocou Delaney. As garras se trancaram novamente e Jorge manteve-se firme, garantindo que Delaney não pudesse perseguir sua companheira em queda. Ele riu quando o Pyr lutou contra o aperto. — Eu bebi mais do Elixir do que você. E vou curar minhas feridas.

— Você está preservado, não vivo. — Retrucou Delaney, enquanto lutavam. — Não é o mesmo.

— Eu estou vivo como você.

— Você só está *em conserva*. — Delaney mostrou os dentes e mordeu Jorge direto na garganta, enterrando os dentes profundamente e sacudindo o Slayer. Ele rasgou o peito de Jorge, em seguida, jogou-o de lado quando o aperto Jorge diminuiu levemente.

Jorge estava tão chocado com a crueldade da agressão de Delaney como sua condenação. *Em conserva?*

Delaney disparou em direção a sua companheira, abandonando Jorge, que rugiu com irritação e em seguida soltou fumaça de dragão. Ele soltou a fumaça em seu oponente, mas Delaney antecipou o movimento. Voou em um padrão irregular, evitando o calor da fumaça. Seu curso levou-o diretamente ao de sua companheira em queda.

Para a decepção de Jorge, Delaney chegaria a tempo.

Delaney pegou sua companheira quando ela estava apenas a vinte metros do chão, depois subiu de novo com ela em segurança em suas garras. Ela aplaudiu e Delaney girou no ar, os olhos brilhantes e sua cauda fluindo, enquanto ele encarava Jorge nos olhos. Suas asas batiam continuamente à medida que ele pairava.

Apesar de seus ferimentos, Jorge não era alvo fácil. Ele mergulhou para Delaney e o golpeou forte, fazendo-o perder o ritmo de seu voo. Golpearam um ao outro com suas caudas, caindo pelo céu enquanto lutavam. Jorge procurou desesperadamente a escama que faltava em Delaney, ele deve ter perdido uma, como regularmente perdiam os Pyr que amavam suas companheiras, mas as escamas de Delaney estavam intactas.

O ferreiro já tinha reparado a armadura de Delaney?

Jorge não se importava. Ele poderia fazer isso com sua força. Atacou Delaney com vigor. Trancou as garras em Delaney e não soltou. Delaney tentou passar sua companheira para a garra de trás, mas Jorge respirou um fluxo grosso de fumaça de dragão para intervir.

Delaney se encolheu com o toque da fumaça e Jorge capturou a companheira. Ela lutou contra o aperto, mas era muito fraca em seus esforços para importar. Delaney foi atrás dela, mas a fumaça fez recuar suas garras. Ele era persistente, porém, abrindo caminho através da fumaça e indo mais longe do que Jorge teria antecipado.

Jorge soltou rápido uma fumaça, fazendo um casulo ao redor da companheira com a sua marca de fronteira. Ele segurou-a rapidamente na garra de trás, cortando e atacando Delaney com suas outras garras.

Jorge voou mais alto, fugindo e Delaney caiu para trás, rosnando, claramente incapaz de retaliar por causa da fumaça. Jorge soltou mais fumaça, visando Delaney, a intenção de encobrir-lhe com a substância letal e sugá-lo. Ele poderia deixar Delaney vê-lo ferir sua companheira. Isso iria adicionar tempero ao momento. Jorge teve tempo para se sentir triunfante em seu plano antes que Delaney revelasse sua força.

Jorge foi atacado por baixo. Delaney voou para cima, rápido e forte, à direita através da fumaça de dragão, as garras do Pyr cravando profundamente nas genitais de Jorge. Jorge gritou de dor e rolou através do ar para lutar, impressionado quando Delaney estreitou os olhos contra a fumaça e se manteve no ataque. Delaney não era imune à fumaça. Ele a estava ignorando.

As escamas de Delaney foram murchando e ficando escuras, mas ele não se afastou. Na verdade, as garras de Delaney trespassaram profundamente as partes privadas de Jorge, seu agarre enviando uma dor excruciante através de Jorge. A dor o distraiu por um momento fatal.

Delaney cortou a garra traseira de Jorge, naquele momento, arrancando-lhe o pé. Jorge ficou horrorizado ao ver a queda do próprio pé em direção a terra, a companheira de Delaney ainda firmemente em seu agarre. A dor era lancinante.

Jorge foi fortalecido por sua raiva. Debatia-se e esmurrava Delaney. Desabou sua fúria sobre o Pyr que se atreveu a mutilá-lo, a raiva selvagem dando-lhe poder.

Delaney amoleceu e Jorge deixou-o cair, esperando que o impacto quebrasse os ossos. Talvez demorasse a notificar Magnus sobre a queda do Pyr. Talvez ele se esquecesse de garantir que Delaney bebesse mais do Elixir. Delaney caiu o suficiente para ficar longe de Jorge, então despertou de maneira tão abrupta que Jorge sabia que foi enganado. O Pyr pegou sua companheira e colocou-a no chão, onde ela prontamente escapou das garras decepadas de Jorge e chutou-as. Jorge caiu sobre o Pyr, puxando-o para cima e voando alto no céu.

Ele soltou tudo o que tinha em Delaney, não confiando em sua percepção de que a força do Pyr estava sumindo. Ele rasgou o ombro de Delaney, odiando como o sangue fluiu vermelho, cortou a asa do Pyr na sua raiz, queimou, e espancou. Então ele jogou o corpo do Pyr na terra,

ofegante em seu próprio esforço, observando seu oponente aterrissar com força.

Delaney não se mexeu novamente. Seu sangue corria vermelho na neve, a mancha aumentando enquanto sua companheira olhava. Ela correu em direção a ele, fazendo algum ruído patético humano. Delaney voltou à sua forma humana, parecendo quebrado e maltratado, pálido contra a neve.

Ele ainda não se mexeu.

Jorge não achava que ele iria viver muito tempo. Isso era bom o suficiente para Jorge. Infelizmente, em seu estado atual, ele não poderia desafiar Magnus. Em vez disto, teria que cumprir sua missão e manter-se em favor de Magnus, até que se curasse. Jorge desceu e pegou os dois, a companheira e sua própria garra. Prendeu-os juntos, curtindo sua repulsa.

— Eu lhe disse que você teria maiores preocupações. — Disse Jorge lentamente, depois riu enquanto ela lutava. Ele subiu novamente, pouco consciente de suas lutas, e marcando um rumo para a casa de Magnus.

Sabia exatamente qual a recompensa que ele demandaria de seu, assim chamado, superior pelas indignidades que sofreu nesta missão. Magnus iria pagar caro por isso.



— É como se ele tivesse um desejo de morte. — Niall reclamou. Ele, Thorolf e Rafferty haviam parado em um restaurante na estrada da fazenda de Ginger. Thorolf insistiu que precisava de um pedaço de torta e estava em seu segundo pedaço, desde que ele foi incapaz de decidir sobre a maçã ou cereja.

A garçonete, Mary, estava, aparentemente, encantada com o apetite de Thorolf. Não poderia ter sido a própria desculpa de encanto de Thorolf, sem contar Niall, que imaginava que eram necessários todos os tipos para fazer um mundo.

— Não é, porém. — Rafferty disse. Ele apenas tomou um gole de

café e Niall teve a sensação de que o antigo *Pyr* estava classificando suas lembranças de histórias antigas.

— O que você quer dizer?

— Nada mesmo. — Reconheceu Rafferty, batendo sua caneca com uma caneca. — Tenho certeza que Sloane nos trará algumas respostas melhores, quando ele retornar com o antigo tratado.

— Isso vai levar a maior parte do dia. — Niall reclamou, observando Thorolf terminar a torta com gosto. — Ele tem que percorrer todo o caminho para sua casa na Califórnia e voltar.

— Eles têm dezesseis tipos de torta. — Thorolf contribuiu. — Estou bem aqui por um tempo.

— Você vai engordar.

O desdenho de Thorolf para a ideia era claro.

— Em seus sonhos. Eu sou o homem metabolismo. Traga a torta. — Ele ergueu a voz e agitou o garfo. — Ei, Mary, eu posso provar a de mirtilo, por favor?

Niall considerou o alto *Pyr* com irritação.

— O ar está denso com o cheiro de Slayer. Se ficar aqui, eu garanto que vai haver mais a fazer do que comer torta e flertar com garçonetes.

— Bom. — Thorolf disse. — Eu gosto de uma briga, quando mais suja, melhor.

Niall tinha que admitir que o recruta *Pyr* mais novo fosse um lutador eficaz. Era o único talento de Thorolf, que Niall podia ver. Mesmo que tivesse sido o único a encontrar Thorolf, havia algo sobre a atitude casual do outro *Pyr* que irritava Niall. Ele nunca pensou em si mesmo como puritano, mas a linguagem e a forma de Thorolf deixavam Niall sentir-se tão inflexível e constrangido pelo protocolo quanto seu pai ficava.

A última coisa que Niall queria era uma versão mais jovem de seu pai, tenso e inacessível, e ele nunca se sentiu assim até que conheceu Thorolf. Não foi a comparação que o colocou em um bom humor, e culpou Thorolf pelos lembretes indesejados do passado.

Rafferty ficou batendo os dedos sobre a mesa, uma expressão anormal de urgência para o antigo *Pyr*.

— Eu acho que devemos ir. — Disse ele com cuidado. — Como Delaney pediu.

— Isso é loucura. — Niall argumentou. — Há muitos *Slayers*, e ele tem essa ideia louca de que pode destruir o Elixir sozinho...

— E por que ele tem essa ideia? — Rafferty perguntou suavemente.

Niall levantou a mão.

— Eu não sei. Foi muito triste quando ele me vendeu a sua parte no negócio. Ele disse que a vida não valia a pena viver com a escuridão do Elixir em suas veias.

Mary trouxe a torta e colocou-a diante Thorolf.

— Eu coloquei sorvete sobre ela dessa vez, também. — Ela disse com um sorriso. — Tudo bem?

— Ótimo. — Disse Thorolf com apreço. — Você sabe esta torta é incrível, a melhor que eu já comi.

Ela sorriu.

— Talvez você volte para julgar os outros treze tipos.

Thorolf sorriu e Niall revirou os olhos.

— Talvez eu só vá ficar aqui, comendo torta, até que saia do turno.

— Oh! Eu só trabalho até seis hoje.

Thorolf exalou e soltou os ombros.

— Que bom que você tem dezesseis tipos de torta.

Mary corou e sorriu.

— Os senhores precisam de mais café?

— Não, obrigado, estamos bem. — Disse Niall, sua forma menos

animadora do que Thorolf. Mary correu para o balcão, enquanto Thorolf comia.

— Você não tem que assustá-la. — Thorolf resmungou, mas Niall o ignorou.

— Ele disse que não poderia viver com isso. — Niall continuou sua explicação para um Rafferty vigilante. — Eu pensei que fosse um pouco sinistro, no momento, mas achei que ele iria sair dessa. Ele certamente não queria falar.

— E ele vendeu tudo?— Rafferty perguntou.

— Ele me disse que estava fazendo uma liquidação total. — Niall franziu o cenho. — Eu teria comprado aquela casa em Seattle, mas ele já vendeu. Eu amava esse lugar.

— Ele o fez. — Afirmou Rafferty. — O que me interessa é que Delaney nunca foi tão inclinado ao desespero.

— Mas o Elixir...

— Exatamente. O que o Elixir fez com ele?

— Roubou a sua confiança, deu-lhe pesadelos, fê-lo infeliz. — Niall encolheu os ombros. A lista era longa, mas cada item tinha uma semelhança com os outros. Ele não via sentido em continuar.

Os olhos de Rafferty brilharam.

— Suscetível aos comandos de Magnus. — Ele acrescentou.

— Certo. Como o que Magnus usou quando a companheira de Donovan estava sob ataque ou o comando subliminar para sequestrar Alex e Sara, quando estavam grávidas.

— Ou o comando de Magnus, para Delaney matar Ginger. — Thorolf acrescentou, apontando com o garfo. — O comando que ele negou hoje.

— Ele negou todos os três comandos. — Rafferty observou. — Ou por se recusar a cumpri-los diretamente ou afastando-se da cena.

— Assim, a estratégia de Magnus é ineficaz. — Concluiu Niall. — Essa é uma boa notícia.

— Talvez não tão boa. — Rafferty balançou a cabeça, para a surpresa de Niall. — E se são apenas distrações?

Niall encontrou o olhar do *Pyr* mais velho.

— Você quer dizer que Delaney pode negá-los porque eles são menos importantes, porque não é realmente o que Magnus quer que ele faça?

Rafferty assentiu.

Thorolf olhou entre eles, o garfo no ar.

— Então o que Magnus quer que ele faça?

Niall se recostou na cadeira, sentindo-se doente com as implicações da ideia de Rafferty.

— E se Delaney considera que ele tem que destruir o Elixir sozinho porque é isso que lhe disse Magnus? E se esse é o verdadeiro comando subliminar?

— E é o que ele não pode negar, porque ele nem mesmo pode reconhecê-lo como vindo de fora de si. — Concluiu Rafferty.

— Mas por quê? — Niall exigiu. — Magnus obtém seu poder do Elixir.

Rafferty encolheu os ombros.

— Talvez a resposta esteja no tratado que Sloane foi para recuperar.

Thorolf piscou.

— Então por que nós deixamos Delaney sozinho? Será que ele não precisará de ajuda se Magnus estiver atrás dele?

— Porque é a única maneira de revelar o plano de Magnus. — Afirmou Rafferty. Ele se levantou e jogou uma nota de vinte na mesa. — Nós não temos que abandonar Delaney, mas temos que dar a aparência de

abandono. Eu vou me encontrar com Erik em Chicago, e atualizá-lo.

— E o antigo idioma?— Thorolf perguntou.

Rafferty balançou a cabeça.

— Isso é muito complexo para o antigo idioma. Eu gostaria de consultar Donovan e Quinn também...

— Mas eles não vão chegar tão perto com suas companheiras, não até termos a certeza que Delaney não atacará. — Disse Niall, vendo o plano de Rafferty. — Eu vou ficar, no entanto. Não me importo com o que me custar. Delaney é meu amigo.

O *Pyr* mais velho assentiu, sem surpresa.

— Eu imaginei. Nós vamos convocar Erik, em seguida, enviar atualizações, conforme necessário. — Ele sorriu levemente. — Eu sei que você não vai, Niall, mas duvido que os Slayers fiquem perturbados com um *Pyr* por perto.

— E Sloane vai voltar. — Niall concordou. — Eu vou tentar disfarçar meu cheiro, do jeito que eles fazem.

— E eu? — Thorolf perguntou, olhando entre os dois. Ele tinha terminado o outro pedaço de torta e Mary tinha cortado fatias generosas.

— Você vai estar ocupado comendo torta. — Niall acusou quando também se levantou.

— Eu vou ficar também. — Thorolf disse. Niall estava um tanto irritado por esta decisão e aliviado por ela. Tão chato como achava Thorolf, estava contente por ter mais apoio nas proximidades, caso as coisas não corressem bem para Delaney.

— Eu vou dar a Delaney algum tempo com Ginger, e então voltar e ver se consigo colocar algum sentido nele. — Disse Niall.

Rafferty assentiu.

— Tenha cuidado. Não faça suposições.

Thorolf colocou mais vinte dólares em cima da mesa, em seguida,

acenou para a garçonete.

— Mais tarde, Mary. — Disse ele.

— Promete? — Ela disse, sua maneira graciosa quando se aproximou para pegar o dinheiro. Ela começou a entregar o troco, mas Thorolf tocou em sua mão rapidamente.

— Fique com o troco. Parece um dia devagar hoje.

Ela sorriu.

— Obrigada! Você voltará?

Thorolf piscou.

— Pode apostar que sim.

— Bom. — Disse ela, observando os três saírem.

— *Eu não vou perguntar a verdadeira razão por você ficar.* — Niall disse no antigo idioma, e Thorolf sorriu.

— *Eu vou cobrir seu traseiro, e isso é tudo o que deveria importar.*

Rafferty lançou-lhes um olhar.

— *Você pode tentar fazer algo construtivo.*

— *Soltar fumaça.* — Thorolf disse, imediatamente. — *Eu preciso de algumas dicas e prática.*

Não foi uma troca razoável à presença de Thorolf na batalha, e Niall ficou contente de algo para fazer.

— *Ok, vamos caminhar para mais distante para Rafferty poder mudar, então, encontrar um lugar para soltar um pouco de fumaça.*

— *O anel vai ressoar, e alertar os Slayers em qualquer local que você escolher.* — Rafferty lembrou.

— *Então devemos fortalecer a marca limite de Delaney na casa de Ginger.* — Thorolf sugeriu.

Niall teve que admitir que não fosse um mau plano. Talvez houvesse mais para o jovem *Pyr* do que viam seus olhos.

Havia dias em que Magnus Montmorency ficava estupefato com a sua inteligência e astúcia. Este se revelava um deles. Tomou um gole do segundo copo do Elixir, no conforto de seu bangalô, e observou os passos da companheira de Delaney pela sala onde ela estava confinada. Ele tinha vidros espelhados instalados em muitas das paredes desta casa, e podia olhar todos os quartos sem ser observado.

Ela estava frustrada, de forma clara. Andou pelo lugar uma dúzia de vezes, mas naturalmente não encontrou nada. Era uma prisão muito bem decorada e Magnus estava contente por deixá-la se cansar na futilidade de tentar uma fuga. Sua inquietação o divertia, bem como sua confiança. Ela era pequena e delicada, o que significava que ela seria mais fraca do que a maioria das mulheres. No entanto, ela tinha essa convicção de que poderia garantir sua própria liberdade. Esse espírito era atraente de uma maneira, mas seu estilo calmo não era o mais atraente para ele. Ele preferia as mulheres impetuosas, aquelas que exibiam seus ativos e pintavam seus rostos.

Esta companheira, no entanto, era muito vulnerável. Magnus gostava desta parte mais que todas. Gostava dela impotente dentro de sua casa. Ele tomou outro gole, saboreando a colisão fria do Elixir com suas feridas. Fez uma careta enquanto se levantava, mesmo quando a dor em seu estomago diminuiu. Ele estaria curado até a noite, mas isso não seria rápido o suficiente.

Por mais que não gostasse de atraso, tanto quanto se ressentia de prudência, sabia que, neste caso, seria sábio deixar-se curar totalmente. Seu peão estava provando ser mais resistente do que imaginou.

— *Você poderia convencer Delaney com o antigo idioma.* — Jorge sugeriu sempre atento, e nunca confiável.

O pé esquerdo de Jorge estava em um molde e ele estava mancando, um resultado de sua batalha com Delaney. O pé desmembrado e o toco de tornozelo de Jorge foram mergulhados no Elixir antes que os dois fossem fundidos, os cabelos loiros de Jorge também estavam queimados de um lado, e o Slayer imediatamente raspou o cabelo, fazendo-o parecer ainda mais cruel, mais frio com os olhos azuis, mas

mancar prejudicava seu olhar ameaçador.

Magnus suspeitava que houvesse outra razão para Jorge mancar, uma dor um pouco mais forte acima, mas era indelicado perguntar pela lesão na virilha. Ele viu um estremecimento ou dois que lhe contaram tudo o que precisava saber.

Magnus não ficou impressionado com a extensão da lesão de Jorge. Afinal, Jorge apenas enfrentou Delaney, e Delaney já havia sido ferido. Ou seu novo protegido era um lutador menos eficaz do que ele imaginava ou Delaney estava mais motivado. A segunda possibilidade era interessante. Foi um plano que valeu a pena.

Magnus também não se sentia divertido com a avareza e desespero nos olhos de Jorge, quando ele exigiu mais do Elixir que Magnus se inclinou a conceder. Ele não faria suposições sobre o Jorge, não importasse quão adulator o Slayer mais jovem tornou-se. Talvez devesse ser mais cauteloso quando Jorge se tornasse mais encantador.

Magnus levantou a mão para descartar a ideia de Jorge.

— A manipulação requer uma mão sutil. Não pode haver nenhum indício de que a ideia não lhe é própria.

Jorge olhou como se devesse ter alegado o ponto, mas decidiu contra ele. Magnus particularmente gostava quando Jorge continha seus instintos em um esforço para ganhar seu favor. Seu mais novo aprendiz era muito mais transparente do que ele adivinhava, o que se adequava a Magnus muito bem.

— Vamos entreter nossa convidada. — Disse ele, convocando seu sorriso mais gracioso quando se moveu para a porta entre os dois quartos. — Seria imperdoável eu permitir que fique entediada.

Jorge riu e Ginger se virou ao som de sua diversão quando a porta se abriu. Ela cruzou os braços sobre o peito e estreitou os olhos enquanto observava o par entrar no quarto. A expressão dela estava cheia de ressentimento e frustração, um sinal de que ela era ainda mais transparente do que Jorge.

Bom. Seu olhar sobre Jorge se acendeu e os olhos dela se estreitaram. Então, ele revelou-se a ela na forma humana.

Tolo.

Magnus sorriu.

— Peço desculpas pela demora em recebê-la em minha casa. — Disse ele, hospitaleiro. — E Jorge nem mesmo pegou seu casaco!

— Está bem. — Seu tom era hostil. — Vou mantê-lo, obrigada.

— Não, não, eu devo insistir. Há uma queimadura na manga, assim como na parte traseira. Vou ter que o consertar enquanto nos visita. — Magnus estendeu a mão para Jorge, deixando seu dedo indicador mudar para uma garra de dragão. A coloração vermelha na unha estava um pouco mais veemente do que na última vez que ele tomou um gole para reparação.

Mas não era nada. Tudo se resolveria em breve. Enquanto isso, Ginger olhava para ele com horror. O choque foi suficiente para que Jorge fosse capaz de levantar o casaco de seus ombros antes que ela pudesse detê-lo.

— Não é melhor? — Magnus perguntou, quando Jorge saiu do cômodo com o casaco. Ele apontou para um sofá perto da parede de vidro de frente para o pátio interior. A neve caía em uma sinfonia silenciosa fora das janelas. — Venha, sente-se.

— Eu não pretendo ficar.

Magnus ignorou esse comentário tolo.

— Devo pedir-lhe uma bebida? — Ele ergueu o copo meio vazio, esperando que ela reconhecesse o líquido vermelho turvo dentro dele. Seus olhos se arregalaram levemente. — Um pouco de Elixir, talvez?

Ginger estremeceu e Magnus permitiu-se uma risada.

— Não, obrigada. — Ela olhou para ele, presa entre os olhos dele e o vidro, em seguida, respirou fundo. — Você não ficou ferido esta manhã? Bem mal?

— Sim. — Magnus sorriu e abaixou-se para um divã. Ele não tentou suprimir a sua careta com a pontada de dor em seu estômago. Tomou um gole, olhando para ela sobre a borda do copo.

Ela o considerou por um minuto, em seguida, marchou ao redor do divã e sentou-se no outro, de frente para ele.

— Qual é a do Elixir, afinal?

Ela tinha coragem, Magnus tinha que conceder isso a ela.

— Você sabe o nome completo dele?

— Elixir do sangue de Dragão. E há algo no frasco.

— Alguma coisa? — Magnus perguntou. — Ou alguém?

— Eu não entendo. — Os olhos dela sugeriam que sim.

Sua curiosidade interessava Magnus e tentou induzi-lo para lhe dizer mais do que o absolutamente necessário. Não importava, afinal, ela estaria morta dentro de horas e ele se divertiria compartilhando seu brilho com um público ávido.

— Deixe-me lhe contar uma história sobre um dragão, que era conhecido como Cinabre³.

— Esse não era o seu nome?

— Não inicialmente. Ele era um escravo, um estrangeiro. — Magnus não conseguia esconder completamente seu desprezo. — Ignorando os poderes de seu corpo da maneira mais lamentável.

— De onde ele era?

— Eu não sei! Alguns dizem que do deserto, onde ele foi criado por selvagens.

Ela não disse nada para isso.

Magnus aqueceu sua história.

— A primeira vez que chegou a Roma, foi conhecido como Sahir. Ele morava na rua, graças a sua inteligência, até que alguém lhe mostrou

³ Cinabre - Sulfeto vermelho, natural, de mercúrio; uzífuro.

uma grande bondade. — A voz de Magnus endureceu com ressentimento pelas lembranças. — Ele não entendia essa honra do *ilustre cavaleiro* levá-lo com ele, muito menos dar-lhe um nome romano digno.

— Quem foi?

— Sylvanus Secundus. — Magnus ainda amava o som do nome, ainda amava a sugestiva história que seu escravo não possuía. Nunca existiu um Silvanus, o primeiro. Certamente nunca existiu um pai romano legítimo para esse escravo.

— O que aconteceu com o escravo?

— Uma situação lamentável. Ele foi condenado por sacrilégio por causa de um cadáver. — Magnus deixou de fora os detalhes pertinentes de como seu escravo tinha a ordem de fazer exatamente o que fez, e como sua captura foi premeditada. Ele olhou Ginger com um olhar que sabia ser de inocência. — Preso em flagrante, por assim dizer. Foi decepcionante e chocante, especialmente para seu dono.

— Uh-huh. — Disse Ginger, então obviamente mordendo a língua. O que fez Magnus gostar ainda mais dela.

— Nós romanos não tínhamos nenhum senso de humor sobre tal sacrilégio, e ele foi imediatamente condenado ao trabalho nas minas. Como não era o primeiro delito, ele foi enviado para Sisapo.

Ela observou-o atentamente.

— Eu deveria saber onde ou o que é isso?

— É chamado agora Almadén, na Espanha. — Ele olhou para ela, mas ela balançou a cabeça. — Continua sendo um dos maiores depósitos de cinábrio em todo o mundo, e ainda é uma mina de trabalho.

— O que é cinábrio?

Deslumbrante estupidez. Magnus abafou um suspiro.

— Sulfeto de mercúrio. Uma pedra vermelha, que pode ser usada para fazer pigmento vermelho. Os chineses usaram para tingir tecidos. Os bizantinos usaram-na para colorir a tinta. — Magnus tomou o último gole de Elixir de seu copo, um gole que ele saboreou enquanto a companheira o

olhava com desgosto. — Foi também usada medicinalmente, para promover a imortalidade. Ah, e seu nome coloquial era sangue de dragão. — Ele sorriu.

Ginger desviou o olhar.

— Mercúrio não é tóxico?

— Sim, é por isso que os criminosos foram designados a trabalhar na mina. Eles trabalhavam até morrer de envenenamento por mercúrio, fazendo o serviço para o bem do Império, em seus últimos dias. — Magnus cuidadosamente colocou o copo sobre uma mesa lateral. — O estranho foi, porém, que Sylvanus Secundus nunca morreu.

Ela piscou e ele quase pôde ver seus pensamentos voarem.

— Porque ele era um *Slayer*?

— Não, não. A luta entre *Pyr* e *Slayers* ocorreu quase mil anos depois, minha querida. Fazer tais distinções seria anacrônico.

— Bem. Meu conhecimento sobre dragões é um pouco instável.

Magnus sorriu.

— E perdoável. Secundus Silvano foi um *Pyr*. Embora um *Pyr* que conhecia pouco de suas habilidades ou sobre seus companheiros. — Magnus parou no ponto exato para ela, para ela não perder nada. — Um *Pyr primitivo*, mas seu sangue corria vermelho.

— Eu não entendo.

— Os *Pyr* não são afetados por envenenamento com mercúrio da mesma forma que os seres humanos. Talvez a teoria do poder do cinábrio para criar a imortalidade vem de observar-nos sob seus efeitos. Eu não posso realmente dizer, mas quando Silvanus não morreu, em 20 anos, quarenta, cinquenta anos, eu tive que descobrir o porquê. Fui a Sisapo, apenas para descobrir que ele estava praticamente no comando do local. Poucos supervisores estavam ansiosos para se expor ao veneno, assim lhe pagavam extra para fazer seu trabalho, nunca imaginando que ele sobreviveria a todos eles.

— Entendo.

Ela ouviu apenas uma pequena parte da história, no entanto.

— Não só o seu sangue corria vermelho, mas sua pele estava vermelha e seus cabelos tinham ficado ruivos. Quando ele mudou para a forma de dragão, suas escamas, que foram uma vez o amarelo glorioso de citrino⁴, foram tornando-se escarlate. A propagação da coloração ficou vermelha desde a raiz e estendeu-se por todas as escamas. Ele era magnífico, e não o Pyr do qual me lembrava.

— Como você sabia que era ele?

Magnus sorriu.

— Eu sabia.

— Como?

— Cada *Pyr* tem um cheiro característico. Reconhecemos a presença um do outro a uma distância grande.

— Porque vocês têm os sentidos aguçados. — Ela olhou para ele. — O cheiro dele não mudou?

Magnus sorriu, apreciando não ter que explicar tudo.

— Alterou-se, tornou-se mais frio, mas a nota de fundo era a mesma. Pense na diferença entre a loção para o corpo e a água de colônia da mesma fragrância.

— Tomate fresco contra preservados, são tomates ainda, mas levemente diferentes.

— Sim! Exatamente. — Magnus ficou contente quando ela mostrou alguma habilidade. — Veja, ele ficou tão cheio de mercúrio que alterou seu metabolismo, e isso me fez lembrar uma velha noção, que um Elixir poderia ser criado a partir do sangue de um *Pyr* que foi submetido a uma intoxicação radioativa. Compreensivelmente, havia poucos voluntários para testar o antigo conto.

⁴ **citrino** (*ci-tri-no*) Da cor da cidra ou do limão. Qualquer fruto semelhante ao limão, como a laranja, a tangerina etc.

— Você testou com ele.

Magnus sorriu.

— Poderíamos dizer que, ficando na mina por tanto tempo, Sylvanus efetivamente se ofereceu.

— Mas ele não sabia o que você sabia.

— Claro que não. Sua inclinação era para servir, não para investigar. — Magnus suspirou e voltou para sua história. — Ele poderia ter vindo em um maior controle sobre o tempo, mas os romanos perderam o controle de Baetícia, agora Espanha, por esse tempo e o caos reinava. Ele continuou a trabalhar nas minas para os visigodos, chamando a si mesmo Cinabre como se ele fosse uma pessoa diferente. Eles fizeram algumas perguntas, enquanto o minério era extraído. — Magnus zombou. — Bárbaros mercenários, cada um deles.

Ele viu a cintilação nos olhos da companheira e leu seus pensamentos.

— Posso não ser um altruísta. — Disse ele. — Mas eu gosto de pensar que tenho um certo refinamento.

— Claro. — Ela murmurou, sua dúvida clara.

Magnus olhou-a por um momento, discutindo se ela deveria pagar por seu ceticismo, então decidiu que era mais útil viva. No momento.

— Foram os mouros que duvidaram. Que adivinharam a verdade e quiseram saber o segredo que prolongava sua vida. — Magnus encolheu os ombros. — Eles foram bastante persistentes em seus estudos.

— Eles descobriram a verdade?

— Eles suspeitaram que houvesse algo diferente em Cinabre. Eles eram grandes curiosos. Eu tive que agir antes que provassem. Tive que intervir antes que Cinabre contasse o que sabia. — Magnus empurrou o copo de lado com a sua garra. — Tive que agir para proteger a nossa espécie, então fiz o que deveria ser feito.

— Você o matou, assim ele não poderia falar. — Ela adivinhou.

— Eu agi em minha própria defesa. — Magnus sorriu. — Eu o persuadi a confiar em mim, e ele o fez.

— Você o matou!

— Ele não está morto. Não tecnicamente. Ele está preservado nesse frasco, exalando o suco que dá a imortalidade a todos que o bebem.

A companheira estremeceu, não compartilhando a satisfação com Magnus ao terminar sua história.

— Ele não pode voltar à vida, pode?

— Lamentavelmente, não. — Magnus disse, sem arrependimento verdadeiro em seu tom. — Veja, o Elixir extrai seu poder da sua força de vida. Ele está sendo lentamente sugado, por assim dizer, ao longo dos séculos.

Seu olhar caiu sobre o copo vazio.

— Então, você esteve bebendo sua força vital, uma porção de cada vez. Você o enganou para verificar a veracidade dessa história antiga.

— E que provou ser verdade.

— Será que ele sabe?

— Eu não me importo. A questão importante é que ele empalidece a partir da entrega de sua força de vida. — Magnus disse calmamente. — Seu tempo de utilidade está passando, e ele deve ser substituído na fonte do Elixir por uma fonte nova.

— Com o quê? — Ela segurou a respiração quando fez a conexão. — Com *quem*?

Magnus levantou-se, com agrado pelo Elixir ter diminuído sua lesão ainda mais.

— Venha comigo. Temos que ir para o pátio para o próximo capítulo da história.

A companheira o acompanhou até a porta, precedeu-o para o pátio em seu gesto. Ela teve tempo de tremer e girar para enfrentá-lo antes de

Magnus bater e trancar a porta. Ela ficou presa no pátio, enquanto ele estava dentro da casa, perfeitamente posicionado para observar a raiva em seu rosto.

— Ei! Eu preciso do meu casaco! — Ela foi inteligente o suficiente para perceber que não iria buscá-lo. Ela bateu no vidro com os punhos, fazendo quase nenhum som. Não havia limites para o benefício de comprar coisas de qualidade. Magnus ouviu o ritmo característico do regresso de Jorge, seu gesso batendo no chão, sem graça, enquanto ele mancava mais.

— *Vidro duplo?* — Jorge perguntou.

— *Triplo.* — Magnus disse. — *E colorido.* — Ele suspirou com satisfação quando a companheira marchou ao redor do perímetro do pátio, tentando cada porta e batendo em cada painel de vidro. Tão frágil. Ela morreria ao cair da noite, se Delaney viesse ou não. Mas Delaney apareceria. A tempestade iria obrigá-lo a vir, e então ele seria preso. O plano de Magnus foi executado perfeitamente. Ele era muito apaixonado por seu brilho próprio.

— Devo-lhe dar outro copo? — Jorge perguntou, pegando o copo vazio Magnus.

— Não, obrigado. — Magnus sorriu para seu servo, sabendo exatamente o que Jorge queria. — Você tomou o segundo por conta própria?

Jorge abaixou o olhar.

— Claro que não, não sem a sua permissão.

Era mentira, mas uma que Magnus sentiu-se inclinado a ceder.

— Então, por favor, tome um gole, como uma recompensa pelo dia de trabalho bem feito.

Ambos sorriram, cada um tão desconfiado quanto o outro. Em seguida, Jorge mancou pela sala, movendo-se com um novo propósito.

Magnus tamborilou os dedos, considerando suas opções. Ele precisava de um pouco de descanso para deixar o Elixir fazer o seu melhor trabalho, tudo isso antes que Delaney aparecesse em seu novo santuário. Ele deixaria Jorge no comando do ataque inevitável de Delaney a casa e a

captura, a fim de garantir sua própria força.

A companheira poderia desacelerar seu ataque, por assim dizer, em determinado momento. Entretanto, sentia a necessidade de um plano alternativo. O tempo era a essência e Delaney estava para revelar-se ilusório. Magnus poderia garantir que não houvesse outro candidato, outro *Pyr* de sangue vermelho infectado com o envenenamento por mercúrio.

Mas Jorge não seria quem Magnus enviaria para esta incumbência. Não havia nenhuma razão para este aluno saber tudo. E ele era tão facilmente manipulado.

— *Acho que posso deixar você no comando da captura de Delaney.*
— Magnus disse assim que Jorge chegou à porta.

O *Slayer* mais jovem olhou para trás, incapaz de esconder seu prazer previsível.

— *Claro.*

Magnus bocejou e se levantou, esfregando o estômago e fazendo caretas como se doesse mais do que realmente sentia.

— Eu preciso de um descanso. Estarei em minha suíte. — Ele se arrastou por todo o quarto, fingindo uma fraqueza que não sentia, ciente do olhar ambicioso de Jorge. — Chame Mallory para mim. Eu tenho uma tarefa para ele cumprir.

— Eu posso fazer isso. — Disse Jorge, com a sua ambição clara.

Magnus se virou para olhar para ele.

— Mesmo que você não possa fazer tudo por mim. Devo salvar seus conhecimentos para os detalhes mais importantes. — Ele sorriu.

Jorge hesitou apenas um instante antes que ele também sorrisse.

Tolo.

Uma vez que Mallory entendeu o desafio que lhe foi dado e deixado a ponderar seu curso de ação, Magnus trancou a porta de sua suíte. Confiante de que não seria perturbado novamente, Magnus moveu-se mais rapidamente.

Abriu a porta escondida em uma parede, que revelou um lance de escadas. Escondido em um nicho em frente à porta havia uma urna funerária com o nome AURELIA inscrito na base.

Magnus sorriu para si mesmo quando levantou a tampa da urna. Ah, Aurélia. Sua esposa estava morta há muito tempo e, ocasionalmente, ele sentia saudade. Naturalmente, as cinzas de Aurélia não estavam dentro da urna, não depois de todos estes séculos. O que ele mantinha na jarra era um talismã mais poderoso. Ele avistou a urna e uma pedra arredondada do tamanho de um ovo caiu em sua mão. Uma pedra de sangue. E não apenas um plasma qualquer, mas um inscrito com símbolos antigos para os quatro elementos dos Pyr.

Aurélia tentou usar esta pedra. Ela a encontrou e reconheceu pelo que era, ou pelo menos o símbolo do poder que era. Uma mulher sensível e bonita, possuía conhecimento e ambição, que dirigiu a Magnus anos antes, sentindo sua verdade e vendo sua riqueza. Ele limitou-se a saborear o banquete que lhe ofereceu, por que Aurélia era uma amante criativa e apaixonada. E discreta.

Mas uma noite, uma noite depois de ter se saciado novamente dos prazeres que ela oferecia sem qualquer promessa em troca, ela casualmente lhe mostrou a pedra de sangue. Magnus reconheceu a pedra instantaneamente. Só podia ser a coisa que ele procurava e tentou esconder sua excitação, Aurélia o conhecia muito bem.

E ela estava observando-o atentamente. Aurélia o manipulou brilhantemente e fez Magnus casar-se com ela em troca de uma promessa de entregar a pedra. Isso só foi o início dos jogos entre eles, o início da busca por possuir tanto a mulher quanto a pedra. Magnus surpreendeu-se por Aurélia ter sido capaz de enganá-lo e mantê-lo fascinado por décadas a fio. Ela foi uma adversária digna, sua feiticeira, e Magnus perdeu seu coração à sua astúcia e poder de manipulação. Ele a amou e perdeu, e as espécies responsáveis pela morte de sua amada nunca ganhariam o seu perdão.

Que os seres humanos tivessem sido manipulados por Magnus, a fim de, finalmente, dar-lhe a posse incontestável do plasma foi um detalhe que ele escolheu esquecer. Também optou por esquecer que a pedra de sangue foi o motivo pelo qual Sylvanus Secundus foi enviado para recuperar o cadáver de Aurélia. Magnus reivindicou a pedra antes de

condenar seu escravo.

Inundado por lembranças agridoces, Magnus tocou com seus lábios a pedra antiga. A hora de usá-la apareceu novamente. Guardou no bolso, bem como uma seringa. Ele então entrou na passagem secreta, inalou profundamente os aromas de pedra e água e o anseio fraco do Elixir, em seguida, trancou a porta atrás de si. Até mesmo o cheiro do Elixir acelerou seus passos, deixou-o ansioso por um banho restaurador.

Até o momento que Delaney fosse escoltado ao santuário, Magnus estaria pronto para preservar seu prêmio e garantir o futuro. E se o Plano A falhasse, sua força seria reconstruída para a execução do Plano B. Ele tocou a pedra no bolso e sorriu. Perfeito. Seu plano era perfeito. Ele era incrivelmente brilhante, era Magnus Montmorency.

Capítulo 10

O pesadelo prendeu Delaney antes que ele tivesse a chance de lutar contra sua abordagem. Tentou manter-se acordado, abrir os olhos, mas já o tinha em suas garras. Ele viu a terra que está sendo reivindicada pela sombra e pelo gelo, e sabia que tudo sobre o planeta estava morrendo, enquanto observava. A visão mudou rapidamente, destruindo Gaia em velocidade recorde, em seguida, revelando os danos ao olhar de Delaney.

Morto.

Tudo e todos estavam mortos.

Delaney gritou de horror como o fez toda vez que teve este sonho. Ele voou em direção a terra em seu sonho, com medo e agitação, apenas

para descobrir que estava completamente sozinho. Encontrou os Pyr, um de cada vez, como sempre fazia, seus corpos congelados sob os rios ou presos dentro da terra. Ele os libertou, mas não havia fôlego em seus pulmões, não havia fogo em seus pensamentos. Cada um estava morto, mas preservado.

Desta vez, ele encontrou Ginger, presa no gelo, no rio Brush Creek. Seus olhos azuis estavam arregalados e olhando, e nenhum fôlego saía de seus lábios. Delaney quebrou o gelo para deixá-la livre, mas era duro e frio.

Morta.

Ele ouviu sua acusação e sabia que ela estava certa. Ele foi desleal. Ele tentou forçar seus próprios objetivos sobre ela, sem qualquer preocupação com suas próprias ideias. Ele tinha que se explicar a ela. Ele tinha que pedir a ela para levar seu filho, para aumentar as fileiras dos Pyr.

Delaney só esperava que tivesse a chance. Quem sabia que destino Magnus planejou para ela? O líder dos Slayers faria qualquer coisa para interferir em uma tempestade. Delaney estava devastado por sua incapacidade de proteger Ginger, por sua incapacidade de cumprir a promessa da tempestade, por sua traição a seus companheiros *Pyr*, por sua incompetência em seguir o credo dos Pyr para defender a terra e seus tesouros.

Em seu pesadelo, ele era o último de sua espécie, o único amaldiçoado a conhecer a plenitude de sua derrota. O único que não agiu ou fez a diferença. A culpa era de Delaney. Seu coração disparou, a respiração acelerou rapidamente, e ele lutou contra o pesadelo.

Acordou de repente, seu coração batendo forte e suor escorrendo por suas costas. Estava deitado na neve fora do celeiro de Ginger. Jorge foi embora. Ginger foi embora. Ele falhou. Acordar não era muito melhor que seu pesadelo. Delaney lutou contra o impulso de gritar de raiva, novamente.

— Tranquilo. — Niall, disse, irritado, colocando-se no campo de visão de Delaney. — Você está uma bagunça e eu não sou muito bom nisso, de qualquer maneira. Queria que Sloane estivesse aqui, mas não, você tinha que mandá-lo embora.

Delaney ficou chocado ao ver seu velho amigo de volta para ajudá-lo.

— Eu pensei que tivesse me deixado.

— Só por que mandou? — Niall revirou os olhos com a ideia e Delaney lutou contra um sorriso. — Como se eu já tivesse ouvido você.

Delaney estava aliviado por não estar sozinho, mas sabia que não poderia chamar seus amigos e companheiros *Pyr* para esta missão para destruir o Elixir. Era sua responsabilidade.

— Você deveria ter ido embora. É a minha luta.

— Eu deveria ter estado aqui. — Niall, disse categoricamente. — Então, você talvez não estivesse tão gravemente ferido. — Lançou a Delaney um olhar duro, mas Delaney abaixou o olhar.

Estremeceu quando Niall limpou os ferimentos, mas tentou permanecer imóvel. O outro *Pyr* franziu a testa em concentração, seus cabelos louros cobertos com neve fresca. Ele atendeu o corte nos ombros de Delaney, o resultado do ataque de Jorge nas asas Delaney, fazendo uma careta de simpatia enquanto limpava.

— Não é tão ruim. — Disse Delaney.

— Mentiroso. — Niall disse, um brilho familiar iluminando seus olhos.

— Bem, não é.

— Certo. Deve doer como o inferno.

— Não é nada comparado... — Delaney reprimiu sua resposta, não havia nada que pudesse fazer mal ao seu corpo se comparado com a agonia do Elixir. Niall ficou sério, e imaginou que seu amigo houvesse lido seus pensamentos.

Thorolf chegou então, sua forma de dragão de prata e pedra da lua quase etérea na neve. Ele mudou de forma mais suavemente do que na última vez que Delaney o viu fazer isso, mas ainda era desajeitado com o desdobramento de suas roupas. Delaney fechou os olhos, guardando os segredos de Thorolf.

— Ai. Eu espero que você tenha dado alguns golpes bons. — Disse Thorolf, o rosto pálido de Delaney dizendo tudo o que ele precisava saber sobre sua própria condição.

— Quem foi? — Niall perguntou. — Jorge?

Delaney assentiu.

— Eu decepei sua garra traseira.

— Ah! — O sorriso Niall foi fugaz. — Aposto que ficou ferido, até conseguir um pouco do Elixir.

Thorolf olhou para Delaney.

— Aqui está o que eu não entendo. Você cortou fora a garra de Jorge. Esta manhã você derramou as tripas de Magnus e em seguida bateu em Mallory. Como um lutador tão bom pode ser levado cativo por Slayers em primeiro lugar? Eles juntaram uma equipe para cima de você?

— O lutador é novo. — Niall informou Thorolf, antes que Delaney pudesse responder. — Delaney conseguiu abrir seu caminho com audácia.

— Charme. — Argumentou Delaney.

Niall sorriu.

— Bolas e besteira. Donovan costumava chamá-lo de o Demolidor.

Thorolf assentiu aprovando o conceito.

— Vai amar isso, especialmente se você está agora preparado para lutar.

— No ano passado, eu tive algumas aulas de luta contra o que pude encontrar, e passei mais tempo na academia, inclusive do que Niall passa.

— Isso tudo? — Niall perguntou levemente. Todos sabiam que Niall passava a maior parte de cada dia no ginásio.

— Isso tudo.

Thorolf assobiou.

— Uma coisa boa, visto que os Slayers estão tão determinados a levá-lo para baixo. — Niall fez a última limpeza em um corte no ombro, depois franziu a testa para algo em seu dedo. Brilhava como prata.

— O que é isso? — Thorolf perguntou, inclinando-se mais perto.

— Parece mercúrio. — Niall aproximou-se mais. — Mercúrio.

— Eu vi um pouco disso, no santuário. — Delaney disse, sentando-se para pegar a pérola brilhante no dedo. Sua pele imediatamente corou. Sua unha, logo abaixo da gota de mercúrio, ficou um tom vermelho na raiz. — Era do lado de fora do frasco do Elixir.

— Ei. — Disse Niall, verificando sua própria mão. — É um material tóxico.

Delaney examinou o mercúrio, observando a rapidez com que seu corpo respondeu a ela.

— Sua pele não mudou, não é?

Niall encolheu os ombros.

— Talvez não tenha tido suficiente exposição. Eu não estava no santuário, esta manhã.

Delaney lançou a seu amigo um olhar duro.

— Você nunca foi forçado a beber o elixir.

— Você acha que seu corpo está respondendo ao mercúrio por causa do Elixir?

— Eu sei que sua sombra ainda está dentro de mim. — Delaney disse com cuidado. — Eu me pergunto se o mercúrio é uma substância ativa.

— E eles bebem? — Thorolf estremeceu. — Qual parte dessa porcaria Magnus bebeu?

— Pode ser muita coisa. — Disse Niall. — Ele tem o Elixir por séculos, eu acho.

Thorolf encolheu os ombros.

— Por que não o mata? Mercúrio envenena pessoas todo o tempo. Se ele está bebendo, ele deveria estar morto agora.

Niall olhou para o mercúrio.

— Tem que ser uma coincidência, então. — Ele disse, mas nenhum som foi feito para convencer Delaney mais do que isso.

— Sloane pode saber. — Disse Delaney, desejando a presença dele e seu conhecimento. — Mas não é tão importante agora. Precisamos encontrar Ginger. — Colocou a gota de mercúrio no parapeito da cozinha de Ginger. Havia vasos de plantas na varanda e ele virou por cima delas, assim seriam capazes de encontrá-lo novamente.

— Você não vai atrás dela sozinho. — Niall rosnou. — Então não discuta conosco.

— Você não deveria caminhar para uma luta de qualquer forma, com essas feridas. — Disse Thorolf.

— Pelo menos deixe as coisas arriscadas para nós. — Disse Niall.

— Eles têm a minha companheira. — Delaney disse com firmeza. — Não acho que você possa me fazer parar. — Antes que eles pudessem discutir com ele, puxou o colarinho para baixo, deixando-lhes ver a sua pele se curar rapidamente. — O Elixir é bom para alguma coisa, curo-me mais rápido por causa disso.

Niall revirou os olhos.

— Apenas não assuma que você possa se encantar para sair de qualquer coisa.

— Vale à pena tentar. — Disse Delaney, e saltou para o ar, mudando a forma enquanto levantava voo. Ele levou o cheiro do vento, não surpreso por a trilha de Jorge levar para a casa nova, perto da entrada do santuário. O cheiro de sangue de Jorge era impossível de perder, lembrando-o de carne podre e mofo.

— *Bolas e besteiras.* — Thorolf murmurou atrás dele. — *Apenas como você disse.*

— Vamos ver até que ponto essa combinação combina com Ginger.

— Niall disse e, como nos velhos tempos, não havia expectativa em seu tom. Thorolf bufou com risada.

Apesar de sua convicção de que esta missão era só dele, Delaney encontrou-se feliz por ter sua companhia. Jorge não estaria sozinho na casa de Magnus, e Delaney poderia precisar de ajuda. Ele certamente queria garantir que Ginger não pagasse por ele entrar em sua vida.

Ele lhe devia mais do que isso.

Delaney tinha a intenção de ganhar em todas as frentes. Ele salvaria Ginger, iria seduzi-la mais uma vez, saciaria a tempestade, e então descobriria como destruir o Elixir sem dar a Magnus tudo o que ele queria. Sua lista de afazeres ficava mais longa, mas isso não significava que ele não poderia terminar tudo antes de morrer.

Sua avó ensinou a Ginger a cuidar de si mesma, ser independente, e estar em seus próprios pés. Sua avó insistiu que todos deviam ser autossuficientes, e que era um sinal de mau planejamento ficar encurralado ou ser deixado sem opções. Essa filosofia de independência deixava Ginger bem.

Mas mostrou suas limitações no pátio de Magnus. Sua avó, Ginger foi forçada a admitir, nunca teve que lidar com metamorfos dragões tentando matá-la. Ginger talvez não tivesse mostrado mais prudência em brigar com o Pyr antes de expulsá-lo. Ginger, porém, não estava preparada para se render.

O ar estava gelado, no pátio central de Magnus, era mais frio que qualquer lugar. Não poderia ter sido porque o pátio estava protegido, como não havia sol durante a tempestade de neve, de qualquer maneira. Pode ter sido porque cada superfície era de pedra ou vidro, mas Ginger nunca sentiu uma pedra irradiar o frio da forma como neste pátio.

Ela tinha uma suspeita de que o frio tinha a ver com a tigela grande no meio do pátio. Tinha um mau pressentimento sobre ela, sobre a forma como parecia ter uma presença maligna, mas tentou ignorá-la enquanto olhava cada porta e janela novamente. Bateu no vidro, sabendo que nem Magnus nem seus funcionários a deixariam entrar na casa novamente. E realmente, ela não queria ir para a casa. Queria sair do pátio e da casa e ir para sua casa.

Onde era bem possível que mais dragões a esperassem. Ginger tinha que admitir que houvesse dragões, não se importaria de vê-los, neste momento particular, mas duvidava que estivessem inclinados a ajudá-la, após mandá-los embora. Quão rápido os dragões podiam voar? Eles já podiam estar a meio caminho para os raios de sol da Flórida.

Delaney, porém, defendeu-a contra Jorge, apesar de suas palavras e sua atitude. Havia mais de seu compromisso com ela do que percebeu. Talvez mais do que ele percebeu. Não que isso importasse agora. Ginger esfregou os braços, tremendo contra o frio, e tentou não pensar em Delaney deitado imóvel em seu celeiro.

Sangrando.

Estaria ele morto?

Ou apenas gravemente ferido?

A lembrança fez Ginger sentir-se um pouco doente. A perspectiva de estar presa ali, sem qualquer possibilidade de assistência, porque mandou embora os Pyr, a fez se sentir doente. Ela tentou, em vez de pensar em uma maneira de sair do átrio.

Não era um deles. O lugar talvez tivesse quarenta metros de um lado, a céu aberto e a sobrecarga da neve caindo, emoldurada por vidros por toda parte. Cada parede parecia o mesmo. Suas faixas davam a volta ao redor do perímetro, mas ela ainda podia ver que tinha uma porta.

Não havia pilares ou meios de escalar as paredes. Quaisquer dobradiças e ferragens estavam no interior da casa. Vidro liso começava no pátio e estendia-se no alto sobre a cabeça de Ginger. Ela olhou as portas de vidro e adivinhou que eram de pelo menos tres metros de altura, com mais dois metros de vidro liso nas janelas. Não havia nenhuma chance de que ela pudesse alcançar a beirada do telhado, a quatro metros de altura.

Ela saltou e tentou, mesmo sabendo que era inútil. Se tivesse nascido alta. Embora alguém tivesse que ser muito alto para pular quatro metros no ar e agarrar a beirada do telhado. Do tamanho de um dragão, talvez.

Ginger estava com frio, mais gelada do que ela teria acreditado possível. A temperatura exterior nunca foi tão baixa, quando nevava,

sempre oscilando por volta de zero. Apesar de que ainda não era uma diversão, Ginger estava ficando fria muito rapidamente.

Algo estava irradiando ar gelado neste lugar. Ela olhou por cima do ombro e viu o prato grande com trepidação. Tinha que ter uns dois metros de diâmetro, montado em um pedestal, ambos feitos de pedra pálida. O líquido que o enchia brilhava vermelho e havia cristais de gelo rosados no perímetro. Ginger tinha uma boa noção do que o líquido vermelho era.

O Elixir.

Ela fez uma careta com a lembrança de Magnus bebendo um gole, como se ele saboreasse um coquetel antes do jantar. Um dragão ensanguentado.

Eca.

Lembrou-se do frasco grande no santuário com o dragão no interior e pensou sobre a história que Magnus contou de Cinabre. Ela se perguntou o quanto da história era verdade ou o quanto de verdade Magnus colocou nela. Ela teria apostado que ele armou a detenção e condenação de seu escravo, era algo que um cara legal como Magnus teria feito.

Ela se lembrou a última coisa que ele disse a ela e estremeceu novamente. Cinabre sobreviveu em sua utilidade, e Magnus precisava de outro *Pyr*, cujo sangue corresse vermelho para tomar o lugar de Cinabre, para se tornar a fonte do Elixir. Ela considerou a situação dela e o fato de que era companheira de Delaney, o que todos estes caras, dragões, pareciam conhecer e entendeu o plano de Magnus. Delaney era o seu candidato preferido. E ela estava presa ali como isca.

A ideia enfureceu Ginger. Ela interpretou muitos papéis em sua vida, mas ser a vítima sacrificial⁵ destinada a atrair o herói para a sua morte, nunca foi uma de suas escolhas.

Ela não interpretaria este papel agora. Se Delaney não estivesse morto, ela tinha que avisá-lo do plano de Magnus. Mesmo que estivesse

⁵ **sacrificial** (*sa-cri-fi-ci-al*) - adj m+f (sacrifício+al) Referente a sacrifício ou oferenda aos deuses; sacrificial.

morto, ela tinha que dizer aos Pyr, porque Magnus provavelmente escolheria outro candidato entre os metamorfos de dragão de sangue vermelho.

O que significava que ela tinha que sair desse pátio. De alguma maneira, ela iria enganar Magnus, e fazê-lo antes que congelasse até a morte. O truque era descobrir como. Ginger considerou o prato, amplo e raso do Elixir e teve uma ideia.

A fumaça de dragão era grossa em volta da casa. A que Delaney estava convencido pertencia a Magnus. Niall e Thorolf ficaram para trás da picada ardente da fumaça, mas Delaney rangeu os dentes e voou mais próximo. A dor da fumaça de dragão não era nada comparada com a angústia que ele sentiria se Ginger fosse ferida por causa das suas escolhas.

Ele sentiu o cheiro de Ginger, e ficou surpreso por ser tão forte quanto era. Ela poderia ter escapado já? Ele esperou que o perfume fosse abafado pela casa. Estreitou seus olhos quando voou mais perto, lutando contra seu desejo de fugir da mordida perigosa da fumaça. Foi deslizando sob suas escamas, queimando a carne que podia encontrar. A sensação era de puro tormento, mas Delaney tinha que saber mais. Ele viu que a casa foi construída ao redor de um pátio central, uma grande praça a céu aberto. Ele viu uma bacia grande cheia de líquido vermelho no meio do átrio, e soube imediatamente o que era.

Ele também viu uma mulher pequena de cabelos vermelhos circundando a bacia. Seu coração deu um salto ao reconhecer Ginger quando o alívio invadiu-o. Ela não tinha um casaco, sem falar em um chapéu ou luvas. Ela devia estar congelando.

No mesmo momento, Delaney sentiu a tempestade de fogo. Ginger parecia estar ilesa, mas fria e irritada. Ele não podia culpá-la por isso. Ginger estava andando rapidamente, como se pretendesse se afastar o frio, mas de repente olhou para cima, para ele.

Delaney percebeu que ela sentiu a tempestade, também. Ela deu um passo em direção a ele, mas Delaney não podia mergulhar todo o caminho até o chão. A fumaça ficava mais espessa e mais feroz a cada batida de suas asas. Se ele descesse para a casa, não conseguiria sair vivo. A fumaça de dragão estava roubando sua força de vida, criando um elo

entre seu corpo e o Slayer que a respirou.

Quanto mais tempo ficasse, mais de sua força os Slayers roubariam para si próprios. Ele tinha que ajudar a Ginger, no entanto. Circulou a casa três vezes, rangendo os dentes contra a queimação da fumaça de dragão. Esperava que ela estivesse aquecida, mas não podia durar muito mais.

Ele ouviu os Slayers se movendo dentro da casa e soube que perceberam a tempestade também. Ele não conseguia relaxar. Virou e saiu do anel grosso de fumaça de dragão, correndo de volta para Niall e Thorolf. Todo o caminho, ele repreendeu a si mesmo por não contar mais para Ginger. Ele não explicou sobre a fumaça de dragão para ela, então ela iria acreditar que ele estava a abandonando. Realmente tinha uma 'explicação' a dar. Primeiro teria que garantir a sua segurança.

Ginger abordou cautelosamente o Elixir. Ela nunca teria acreditado que uma tigela de líquido, mesmo nojento, pudesse exalar uma presença maligna. Esta taça, porém, dava-lhe arrepios. Sentia-se mais fria enquanto se aproximava dele e um nó apertava seu estômago. Ginger continuou, obrigando-se a dar mais um passo. O cheiro do Elixir brincou com suas narinas, um aroma evocativo do que exatamente ele era. Ela esperava que o suco de um dragão que estava apodrecendo por um milênio ou dois cheirasse tão mau quanto isso. O nó em seu estômago apertou e ela colocou a mão sobre sua boca. Mas deu mais um passo para perto.

O Elixir estava nublado, como leite misturado com sangue e ela recusou-se a pensar sobre o que era a parte branca da solução. Rodava na tigela grande, movendo-se incansavelmente, mesmo que não houvesse nenhuma fonte óbvia para uma corrente. Emanava frio, um frio que deslizava direito para a medula de Ginger. Ela estremeceu, mas aproximou-se.

Foi quando ela viu os grânulos de prata na borda da tigela. Havia uma borda grossa de gelo branco no perímetro e, gradualmente, mais cor de rosa e ficava mais fino sobre a superfície do Elixir. E no perímetro da bacia, fora da crosta de gelo, havia mais grânulos de prata.

Parecia que o mercúrio caía de um termômetro que sua avó quebrou várias décadas antes. Ginger ficou fascinada com as esferas rolando e ajudou sua avó a juntá-las. Foi naquela noite quando

perceberam que o ouro branco no anel de casamento de sua avó, o qual ela usava em sua mão esquerda, foi corroído pelo mercúrio.

Ginger não se atreveu a tocar a toxina, mas queria virar a taça. Derramar o conteúdo e se livrar dos Slayers ou pelo menos do seu precioso Elixir. Mas seria chamar sua atenção. E talvez, uma oportunidade. Ginger gostaria de ter um plano melhor, mas ela tinha que trabalhar com a única coisa que tinha. Um grande frasco de Elixir. Um rubor de calor a tocou no ombro, de repente, como se o sol havia saísse por trás das nuvens. Ainda estava nublado, no entanto, o céu ainda sobrecarregado de cinza. A neve continuava caindo com velocidade implacável, constantemente enchendo suas pegadas.

Ginger olhou com confusão.

Prendeu a respiração quando viu três dragões altos no céu. Eles estavam longe demais para que as cores de suas escamas pudessem ser distinguidas, mas o coração de Ginger saltou com a esperança de que soubesse quem um deles era. Ela sentiu a tempestade, depois de tudo.

Dois dos dragões recuaram bruscamente e giraram o seu curso na direção que vieram. Eles se contorceram convulsivamente e Ginger se lembrou dos comentários de Thorolf sobre fumaça de dragão queimar. A casa devia estar cercada pela fumaça. Um dragão voou mais perto, porém, movendo-se com persistência constante. Ela sorriu quando viu suas escamas de cobre e esmeralda, mesmo que parecessem enegrecidas de um lado.

Delaney estava vivo!

E melhor ainda, ele não estava abandonando-a para qualquer destino que Magnus guardava. A euforia de Ginger foi de curta duração. Ela tinha que avisar Delaney sobre o perigo para ele. Ela tinha que lhe dizer que Magnus tinha um esquema escuro para ele. Olhou para as paredes de vidro ao redor do pátio, mas não conseguiu ver nenhuma sombra que se movesse nos quartos adjacentes. O vidro era escuro, de modo que ela não tinha ideia se ela estava sendo vigiada.

Não queria contribuir para tornar Delaney forragem de Elixir. Mesmo assim, ela estava feliz por vê-lo. Ela o viu voar mais perto, seu coração martelando, o calor da tempestade bem-vindo percorrendo seu corpo. Ela fingiu estar apenas estudando o frasco, roubando tantos

olhares para cima, quanto ousou.

Não foram muitos, tanto quanto ela adoraria tê-lo encarado abertamente. Ela amava a forma como Delaney voava, com graça suave e poder, da mesma forma percebeu, de repente, que ele andava. Multidões nas pistas de dança se separaram para ele, as pessoas sentiam sua autoridade calma. Era também a maneira como ele fazia amor, tudo confiança e poder. Ele exalava graça e força, como um atleta treinado, e certo de suas habilidades.

Ela roubou outra olhada para o céu. Ele estava muito mais próximo, o que explicava por que se sentia tão quente. Suas escamas estavam enegrecidas, como se tivessem sido queimadas, a sua beleza diminuiu em batalhas recentes.

Ela ainda pensava que ele era lindo, no entanto. Havia um corte em seu ombro que pôde ver, e a crosta de rubi de seu sangue era vermelho em contraste com o verde escuro de suas asas. Ela saboreou a visão de sua fidelidade aos Pyr, a verdadeira inclinação de seu coração, então recordou que era por isso que Magnus o queria tanto.

Então ele fez uma careta e virou-se, recuando a partir de algum ponto, um inimigo invisível. Ele voou por cima do pátio, seus movimentos tornaram-se mais tensos. Ele deveria estar em agonia pela fumaça de dragão e claramente não poderia cobrir todo o caminho até ela.

Mas ele suportou a dor para deixá-la sentir o calor da tempestade. Ginger congratulou-se com seu calor e suas implicações, sabendo que ela foi rápida demais em assumir seu egoísmo. Após o terceiro circuito, Delaney saiu da curva, movendo-se para trás em um padrão irregular. Ginger viu e entendeu que não só a fumaça queimava, mas poderia dar caça. Ela mordeu o lábio quando Delaney lutou para fugir dela, e admirou quando ele nunca fez um som de protesto.

Ele recuou, mas ela sabia que ele não fora embora. Ele apareceu uma vez, suportando a dor da fumaça de dragão. Ginger entendia uma missão de reconhecimento, quando via uma. O próprio fato de que ele foi verificar deu a ela uma nova força e confiança. Ela poderia não ser capaz de escapar dessa prisão por conta própria, mas tinha três dragões do lado dela, um dos quais estava pronto para se colocar em perigo e ajudá-la. Delaney voltaria. E Ginger estaria pronta.

Ela olhou o Elixir e fez seu plano.

Capítulo 11

— Eu não entendo. — Reclamou Thorolf enquanto deixava cair outro saco de adubo no banco traseiro do carro de aluguel de Delaney.

Delaney e Niall cada um deixaram cair uma sacola no porta-malas e o carro estava mais baixo.

— Um mais? — Niall perguntou.

— Vamos terminar com isto. — Delaney concordou com um aceno de cabeça. — Nós não vamos ter uma segunda chance com esse plano.

— Mas eu não entendo. — Thorolf repetiu, após os dois *Pyr* voltarem ao celeiro. Havia uma grande pilha de sacos de cinquenta quilos de adubo na parte de trás do celeiro, um esconderijo que Delaney suspeitou que estivesse ali. Ficou feliz por tê-lo encontrado. Ficou ainda mais contente por se colocar no trabalho.

— Tem muito nitrogênio. — Niall, disse, como se isso explicasse tudo.

— Então? — Thorolf resmungou quando levantou outro saco ao ombro.

— O nitrogênio é explosivo. — Disse Delaney.

Thorolf ainda parecia confuso.

— Lembra-se do bombardeio em Oklahoma City? — Niall perguntou, seu tom impaciente. — Uma alta carga de fertilizante de nitrogênio, algum tipo de faísca, e você está pronto para ir.

— Ir para onde? — Thorolf perguntou.

Delaney lutou contra um sorriso pela exasperação Niall.

— Alto no céu.

— Eu ainda não entendo.

— Nós vamos explodir a porta da frente da casa de Magnus. — Niall, disse, num tom que refletia a sua opinião sobre Thorolf. — Ginger é inteligente o suficiente para sair quando não houver nenhuma barreira física entre ela e sua liberdade. Quando ela sair da fumaça de dragão, Delaney será capaz de pegá-la por cima. Você e eu vamos cobrir fogo com fogo e assim acobertar a fuga.

— Oh! — Thorolf jogou o saco que carregava no banco de trás. O chassi do carro estava quase raspando no chão. Ele olhou para a caminhonete de Ginger. — Nós deveríamos ter usado a caminhonete. Levaria muito mais.

— Não posso destruir o veículo de Ginger. — Delaney disse em um tom que não era permitido questionar. — O de aluguel vai servir.

— Ainda bem que não tenho qualquer vínculo afetivo aqui. — Niall disse suavemente, e Delaney olhou para ele.

— Não seria justo com ela.

Niall não pareceu convencido.

— Você gosta dela.

Delaney ignorou e fechou a porta do carro.

Thorolf passou a mão sobre seu cabelo.

— Então, quem vai dirigir?

— Eu vou. — Disse Delaney. — Posso chegar mais perto, apesar da fumaça.

— Você está ficando frito, sabe. — Niall, disse, preocupado a sua maneira. — Um desses bastardos vai ficar esperto e fazer uma canalização da fumaça, então roubar um pouco de sua energia.

— Não é tão ruim. — Argumentou Delaney.

Niall revirou os olhos.

— Talvez seja o Elixir que lhe permite resistir à fumaça melhor. — Sugeriu Thorolf. Niall e Delaney se entreolharam.

— A fumaça ainda queima. — Admitiu Delaney.

— Mas você pode aguentar mais. — Disse Niall. — E eu não aguento.

— Nem eu. — Disse Thorolf.

— Há muitas coisas que você não pode fazer. — Niall observou, e dois olhos como punhais olharam para o outro.

— Eu posso sentir muita dor, mas não isso. — Admitiu Thorolf. — Parece que a fumaça de dragão deixa-me seco.

— Porque é isso que ela faz. — Niall, disse.

Thorolf estremeceu, depois olhou para Delaney.

— Talvez um gole do Elixir não seja uma má ideia.

— É uma ideia podre. — Delaney disse bruscamente. — Isso acaba com sua vida e destrói a sua vontade de viver. Dá-lhe pesadelos e deixa você se contorcendo em um campo, como um animal, quando não há

sequer um eclipse parcial. Você está sempre com fome por mais do que está lhe matando. — Ele encontrou o olhar atônito de Thorolf. — Confie em mim. Não vá por aí. Nada disso promete coisas que vale o que você ganha. Então ele entrou no carro, ligou o motor e voltou-se lentamente. Thorolf olhou alarmado.

— Tenha cuidado. — Niall aconselhou.

— Vou fazer tudo o que tem de ser feito. — Delaney disse, vendo que sua resposta não agradou a seu velho amigo.

— Você pode contar conosco. — Niall insistiu. — Mande uma mensagem quando você estiver perto.

— Vou fazer isso.

Tanto quanto Delaney odiava admitir, ele podia precisar de ajuda e ficou contente com a presença destes dois. Ele viu pelo retrovisor que os dois *Pyr* ficaram na calçada, olhando-o fazer o seu caminho em direção à estrada principal. Niall tinha as mãos nos bolsos, sua expressão sombria. Thorolf olhou entre Niall e Delaney, sua incerteza sobre o plano mais do que claro.

Delaney, porém, sabia exatamente o que tinha de fazer.

Delaney levou muito tempo para chegar à garagem de Magnus, pelas condições da estrada e o carro andando tão baixo. Ficou com medo de bater e os danos no tanque de gasolina, enquanto o carro estava cheio de adubo explosivo, fossem irreversíveis. Escuridão estava caindo quando ele virou na entrada da garagem, apesar da noite chegar mais cedo nesta época do ano.

Esperava que Ginger ainda estivesse bem. Levou muito mais tempo do que esperava para chegar tão longe. Delaney sentiu as primeiras pontadas de fumaça de dragão logo que desceu na entrada da garagem, mas se esforçou para ignorá-la. A casa estava cercada por um muro de tijolos, que incluía alguns hectares, bem como a própria casa. Tinha que ter uns sei de metros de altura e estava tampado com picos.

Delaney sabia o que os moradores pensavam da necessidade de Magnus por segurança em um lugar tranquilo. Havia um portão de aço abaixo da rodovia, garantindo a violação somente na parede. Havia um

interfone em um pilar pouco antes do portão, mas Delaney não pressionou o botão. Ele sabia que ao Slayers não iriam deixá-lo entrar

Ao contrário, ele saiu do carro. A fumaça de dragão agrediu-o tão logo ele abriu a porta, queimando sua pele em mil lugares ao mesmo tempo. Ela escorregou debaixo de sua roupa, mas ele mudou a forma rapidamente. Isso só aumentou o seu efeito sobre ele. Entrou sob suas escamas, queimando cada pedaço de pele que tocava. Poderia ter deixado Delaney louco de dor, mas ele lutou contra a loucura antes.

E essa dor era externa. A batalha que lutou contra o Elixir foi dentro de seu coração e sua mente. Ele se lembrou de uma expressão sobre o que não matava um homem o deixava mais forte, e concluiu que a mesma lógica era aplicada a um Pyr.

Enquanto isso voou para a porta, agarrou o aço gelado, e rasgou. Em três tentativas, ele mal dobrou a porta, revelando que Magnus investiu em aço de alta qualidade.

Não foi nada comparado à motivação de Delaney, no entanto. Ele sentiu a primeira faísca da tempestade, mais fraca em intensidade do que antes, mas forte o suficiente para capacitá-lo.

Ginger estava lá, presa em uma situação por culpa de Delaney. Ela não tinha nenhuma chance de fuga ou de sobrevivência para além de seus esforços. Ele havia a ameaçado sem querer fazê-lo, mas ainda tinha que consertar a bagunça que causou.

Pensou nela, congelando naquele pátio sem casaco, e gritou com raiva. Fechou as mãos na porta e arrancou-as, lançando um caco de aço de lado. Um alarme começou a tocar, mas ele mudou de forma e dirigiu o carro para a casa o mais depressa que pôde. A fumaça de dragão aumentou de intensidade, a dor tão insuportável que ele queria gritar em voz alta.

Ele não gritou.

Dirigiu, a sua expressão sombria, sua determinação inabalável. Delaney levou Ginger para isso e ele iria tirá-la de lá. Mesmo que fosse a última coisa que fizesse.

Ginger enganchou suas mãos por baixo da borda do frasco do Elixir

e levantou com toda sua força. Ela não se moveu. Não ficou realmente surpresa. O frasco deveria ter uns dois metros de diâmetro e quase dois metros de profundidade, e parecia esculpido em pedra. Talvez fosse feito de concreto. De qualquer forma, ela não esperava que fosse leve.

Ela se agachou e considerou o ponto de onde a parte inferior do frasco encontrava o pedestal. Era possível que a fonte inteira fosse feita de uma peça, mas muito mais provável que fossem duas. A ligação entre elas poderia estar fraca.

Valeria à pena tentar. Se nada mais, Ginger apenas tinha que fazer tumulto suficiente para distrair os Slayers de qualquer esquema que os Pyr planejavam. Recuou em todo o pátio em um canto, então fez algumas flexões de joelhos para aquecer um pouco. Olhou para o frasco com o seu conteúdo do mal e aumentou sua determinação. Ela nunca antes deu um chute alto, mas este era um bom momento para tentar. Não tinha muito a perder.

Ginger correu diretamente para o frasco, saltando para o ar em direção a ele. Ela chutou alto e forte, com ambos os pés, as botas batendo na beirada. Ele balançou forte, mas não caiu. Ela, porém, caiu com o traseiro no chão. A neve ao redor afundou. Ginger olhou debaixo da bacia e pensou que podia ver uma rachadura entre o frasco e o pedestal.

Encorajada, limpou-se e repetiu o exercício, o lançamento de seu ataque a partir do canto mais próximo. Pensou que quebrar o selo seria a maneira mais rápida, mas realmente não tinha certeza. Ela correu mais, tinha uma melhor ideia da distância, e chutou mais forte, pontuando o impacto com uma mensagem. Ela caiu mais duramente e também soube que seu quadril ficaria preto e azul.

Ouviu um estalo, e o frasco deslocou levemente. Não estava mais nivelado, mas levemente inclinado. O Elixir patinou sobre as bordas, manchando a neve no pátio de um vermelho vivo. Ginger ficou em pé, sentindo triunfo.

— Que diabos você pensa que está fazendo?

A voz do homem era baixa e calma, o tipo de voz que a uma grande distância surpreendente lançava um arrepio na espinha de todos que a ouviam. Cada sílaba pingada com ameaça e intimidação.

Ginger reconheceu aquela voz. Engoliu em seco e articulou-se para enfrentar o Slayer que lhe levou ali. Em forma humana, ele era alto e loiro, mas agora o cabelo foi raspado. Ele poderia ter sido considerado bonito, mas seus olhos eram de um azul tão frio que poderia ter sido feito de gelo.

Ginger sabia que ele tinha um bloco de gelo no lugar do coração. Ela deu um passo para trás. Mesmo que nunca o encontrasse antes, teria reconhecido o perigo quando ele parou bem na frente dela. Um vislumbre diria a qualquer pessoa que este era um homem que iria matar e mutilar, e, provavelmente, aproveitar cada momento.

Ele se aproximou e Ginger percebeu que sua perna estava engessada. Ela se lembrou que Delaney cortou a garra do Slayer para libertá-la. Será que os *Pyr* e *Slayers* carregavam suas lesões entre as formas? Ela deu mais um passo para trás, saltando quando um segundo homem pigarreou atrás dela.

— Você não pode fugir. — Disse ele, e ela se virou para encontrá-lo sorrindo para ela. Ginger não conhecia esse homem, tinha cabelo escuro e olhos castanhos, e seu sotaque era francês. Havia um corte no canto externo do olho, que deve ter sido doloroso.

Ela olhou de volta para o primeiro *Slayer*, que chegou ainda mais perto. Os dois agiam com firmeza no pátio, forçando Ginger a se aproximar do Elixir.

— Estou com frio. — Disse ela. — Eu queria chamar sua atenção.

O loiro sorriu e isso só fez olhar mais hostil.

— Você tem isso.

— Bem, então talvez nós pudéssemos ir para dentro. — Ginger olhou intensamente entre deles. — Afinal, eu congelada não vou ajudar muito.

O moreno riu e o loiro sorriu mais amplamente.

— Você não entende? — Ele perguntou baixinho. — Você sobreviveu a sua utilidade, mesmo para uma isca.

— O que você quer dizer?

— Delaney sabe onde você está. Ele vai vir aqui. — O loiro abriu os olhos um pouco para dar ênfase. — Nós não precisamos mais de você.

— Mas, mas, Magnus me quer viva.

O loiro olhou para o pátio, visivelmente procurando, em seguida, encontrou o seu olhar de novo.

— Você deve perceber que Magnus está ausente.

Moveram-se ainda mais perto e Ginger se voltou, sabendo que o Elixir estava bem atrás de suas costas.

— Mas Magnus não é o chefe? Você não gostaria que ele ficasse bravo com você.

O loiro *Slayer* zombou.

— Magnus está ficando velho e fraco. Agora, ele está dormindo. Logo ele vai implorar por mais do Elixir. — Ele balançou a cabeça para seu parceiro. — Pegue-a. Vamos nos divertir um pouco, enquanto esperamos por Delaney.

O *Slayer* de cabelos escuros arrebatou Ginger por trás, tirando-a facilmente do chão. Ginger entrou em pânico e se esforçou, não fazendo absolutamente nenhuma diferença na sua situação.

— O que você vai fazer? — Ela exigiu, ouvindo sua voz subir.

O loiro olhou para ela.

— Vamos descobrir se o Elixir é verdadeiramente tóxico para os seres humanos, e em que quantidade. — Seus olhos brilharam. — Considere um pouco de experiência. — Ele acenou, seu dedo indicador direito mudando para uma garra de dragão enquanto sorria.

— A exposição ao longo do tempo é a melhor maneira de começar. — Disse Ginger descontroladamente.

Ele riu.

— Nós não estamos interessados em protocolos de laboratório humano. — Disse ele com um sorriso de escárnio. — Vamos descobrir o

que acontece quando você bebe. Essa é a proposta realmente interessante.

— Você não pode fazer isso!

— Você vai descobrir que posso ser muito persuasivo.

O moreno carregou Ginger para o Elixir enquanto ela se contorcia e lutava. Ele era mais forte e muito maior do que ela. O loiro observava, sua diversão não atingindo os olhos. Esse cara seria capaz de torturar qualquer um, ele deveria até se divertir. Isso não era um bom sinal.

O loiro sabia, Ginger adivinhou, que ela estava prestes a morrer de forma horrível. Não era sua ideia favorita, mas o moreno *Slayer* segurava-a em um aperto implacável. Ele pegou a parte de trás de seu pescoço com uma mão e empurrou o rosto para o Elixir. Este pareceu rodar mais rapidamente, como se respondesse a sua presença.

Ginger prendeu a respiração, sem querer sentir o cheiro do Elixir. Ela desviou o rosto, não querendo olhar para ele. Sentiu seu frio, porém, sentiu como se tivesse desenvolvido queimaduras na ponta do seu nariz. Teve o suficiente disso. Ela estremeceu e se contorceu, o que só fez rir ao loiro.

— Faça, Mallory. — Ele disse, e Ginger piscou.

Mallory. O *Slayer* segurando-a em cativeiro era Mallory. Ele era o *Slayer* que Delaney abateu naquela manhã, o vermelho granada e ouro, cujo corpo foi defendido pelo dragão ágata.

Ele morreu apenas horas antes. Ele segurou firmemente Ginger e ela ouviu sua grossa respiração. Ele parecia bastante animado com ela neste momento. O que significava que ele bebeu do elixir. Ele era um morto-vivo.

Eca. Estava em um daqueles filmes de fantasmas à meia-noite.

Jorge provava que os *Pyr* e *Slayers* carregavam entre formas seus ferimentos. Mallory teve seu olho arrancado, naquela manhã, mas também tinha uma grande ferida no ombro. Ginger não se lembrava qual, mas sabia que só teria uma chance de enganá-lo. Ela ficou mole, como se ela tivesse desmaiado com a fumaça.

— Não brinque. — O loiro teve tempo de dizer, antes que o aperto

de Mallory afrouxasse um pouco.

Teria que ser o suficiente.



Havia uma porta de garagem na frente da casa de Magnus, e Delaney fez a curva muito rápido, girando a direção do carro, que desviou e caiu, batendo o lado do passageiro na frente da casa.

Isso anunciou sua presença, se é que houvessem perdido a primeira. Delaney pulou para fora do carro, quando Balthasar abriu a porta da frente. Esteve a ponto de enviar uma mensagem para Niall no antigo modo de falar, mas não queria que o *Slayer* o ouvisse. Teria que esperar por um melhor momento.

— Que rude. — Disse Balthasar. Ele tinha um olho roxo de quando bateu sua cabeça contra a de Mallory naquela manhã, e olhava ressentido.

— Acho que Magnus não está recebendo visitantes. — Delaney retrucou, afastando-se da porta do lado do motorista. Já tinha atingido o tanque de gasolina de dentro do carro. — Dada a ferida desta manhã.

O alarme continuou tocando, mas Delaney estava ocupado desparafusando a tampa do tanque de gasolina, segurando sua mão atrás de seu próprio quadril. Seus dedos se atrapalharam quando a fumaça de dragão inundou seu corpo com dor e ficou com medo de demorar muito. Empurrou o pano embebido de gasolina que levou, para a abertura e sabia que teria que tentar levar Balthasar a circular o veículo.

— Ninguém saiu ileso. — Disse Baltasar, saindo da porta. — Especialmente você. Você veio para um gole de reparação do Elixir?

Delaney deixou-o dar dois passos mais perto. Balthasar já estava diante do carro e apenas alguns passos a mais e estaria no lugar certo. — Não, eu vim para acabar com você, desde que foi o único a ficar de pé. — Ele encolheu os ombros e deu um passo para trás, movendo-se em direção ao porta-malas do carro. — Não gosto de pontas soltas.

Balthasar mordeu a isca, seguindo Delaney para o lado do

condutor.

— Em seus sonhos. — Ele disse.

— Desculpe, mas quando eu sonho, não é com você. — Delaney mudou de forma, sabendo que Balthasar faria o mesmo.

O Slayer o fez, tornou-se um dragão de ouro e ágata. Delaney recuou tão rapidamente quanto pode. Balthasar arremeteu em direção a ele, furiosamente soltando fogo de dragão. Estava ao lado da porta do motorista quando o pano pegou fogo. O tanque de gasolina estava meio vazio, assegurando que houvesse uma grande quantidade de oxigênio. O tanque explodiu instantaneamente, e o carro queimou como uma vela romana.

Delaney recuou tão depressa quanto pôde, mas sua cauda ainda chamuscou pelo fogo. Balthasar amaldiçoou e seguiu logo atrás de Delaney. Suas escamas estavam em chamas e negras pela explosão.

Essa rapidez foi a única coisa que salvou a vida de Balthasar. Apenas um batimento cardíaco após o tanque de gasolina, o fertilizante explodiu. A explosão destruiu a porta da frente, fazendo pedaços de tijolo voar em todas as direções. Também dizimou a frente da casa, reduzindo-a a escombros.

Perfeito.

Ginger não esperou por uma chance melhor. Tão logo Mallory afrouxou seu aperto, ela se contorceu. Cravou seus dedos nos ombros tão forte quanto pôde.

Era o ombro esquerdo, que foi ferido. Ginger pôde sentir a crosta sob a mão dela e enterrou os dedos nele, tentando infligir dor, tanto quanto possível. Ele se curou rapidamente, mas não completamente, e ela não mostrou nenhuma vergonha em rasgar a ferida e abri-la novamente com as unhas.

Mallory gritou e tentou afastá-la, tropeçando contra o frasco do Elixir. Seu impulso foi o suficiente para fazer o frasco tombar e o Elixir transbordar pelo pátio.

Ginger cravou os dedos da outra mão em seu olho ferido. Ela estava

lutando por sua vida e não era hora de vacilar. Mallory gritou de raiva e rodou por todo o pátio, tentando afastá-la dele. Ela sentiu os dedos dele se transformarem em garras e ficou com medo dele rasgá-la em pedaços bem ali. Mas ela não parou.

— Idiota! — O loiro gritou. Mallory afastou Ginger dele e lançou-a contra uma parede de vidro. Seu corpo bateu com tanta força que o vidro vibrou. O impacto deixou-a tonta. Ela deslizou para baixo do vidro, caindo pesada na neve, enquanto Mallory brilhava azul diante dela. Ele não parecia feliz.

O loiro estava em suas mãos e joelhos no meio do pátio, lambendo o Elixir, uma vez que caiu no chão.

— Levante o frasco! — Ordenou, obviamente, sem a intenção de fazer isso ele próprio quando podia tomar mais Elixir.

— Faça você mesmo. — Mallory retrucou. Uma baforada de fumaça saiu de sua narina enquanto olhava para Ginger. Seu lábio ondulou, olhos e ombros sangravam em cor negra e ele deu um passo em sua direção com um propósito.

Não havia para onde correr. Ginger estava pensando que tinha problemas ainda maiores do que antes, quando uma explosão abalou a casa. A porta de vidro deslizante, atrás de Ginger, rachou bem no meio. Ela cambaleou para trás, caindo através da vidraça quebrada. Mallory rugiu e foi atrás dela, sua garra espalhando o vidro. Ginger não esperou por um convite e correu.

Na frente da casa destruída, Balthasar gritava e amaldiçoava. Ele correu atrás de Delaney, os olhos brilhando de fúria. Delaney levantou voo quando o *Slayer* se aproximou rapidamente. Para deleite de Delaney, Niall mergulhou do céu e atacou o *Slayer* por trás. A surpresa deu a Niall uma mão, em seguida, os dois travaram um combate furioso.

Delaney segurou o fôlego quando a carícia da tempestade de fogo o atingiu. Era um tipo diferente de calor que a queimadura infligida por fumaça de dragão. Era sensual e quente, uma onda de desejo percorria seu corpo, fazendo seu coração bater com antecipação.

Ele sabia por que estava se sentindo assim. Delaney se virou e viu uma ruiva pequena abrindo caminho através dos escombros de fumaça

com notável rapidez.

Ginger!

Ele não sabia onde os outros Slayers estavam e não se importou. Girou em voo e se dirigiu diretamente para sua companheira.

— Em suas costas. — Declarou Thorolf e Delaney percebeu o aparecimento repentino do dragão de pedra da lua e prata. A coloração de Thorolf dava-lhe boa camuflagem em uma nevasca.

Mais uma vez, ficou contente pela ajudar dos Pyrs. Os dois entraram na casa juntos, Thorolf murmurando sobre a dor infligida pelo fumaça de dragão.

— Está ficando cada vez pior!

— Vai ficar.

— Eu não aguento muito.

— Você não precisa fazer isso. Basta cobrir minhas costas e cuidar de si mesmo.

Thorolf recuou vigilante, atrás de Delaney. Ginger, para deleite de Delaney, saiu da casa e correu para a porta quebrada. Ele não viu sinais de perseguição dos Slayers, o que era estranho, mas ele pegaria qualquer chance que pudesse conseguir.

Ginger olhou para cima, talvez adivinhando sua presença por causa do calor da tempestade de fogo. Ela sorriu, dizendo-lhe que não estava tão furiosa mais. A visão de seu prazer fez a dor mais fácil de suportar.

Isto o deixou feliz por estar vivo.

Delaney prendeu a respiração e mergulhou na direção dela. Pegou Ginger com uma garra e as faíscas voaram para a neve quando seu aperto se fechou ao redor dela. O calor da tempestade o percorreu, acendendo seu desejo.

Ginger sentia-se pequena e feminina em suas mãos. Tão vulnerável e preciosa, que sua respiração ficou presa na garganta.

Ele disparou para o céu, ficando ambos fora de perigo, o mais rapidamente possível. Ela vibrou e estremeceu e ele a abraçou com mais força contra seu peito. O calor da tempestade provocava e o enganava, lembrando-lhe do que fizeram juntos.

E o que eles não fizeram. Ele se lembrou do calor dela ao redor dele, sua doçura e paixão, então olhou para encontrá-la piscando os olhos. Que ela pudesse ter senso de humor, mesmo em uma situação perigosa surpreendeu-o. Em seguida, isto alimentou sua admiração e seu desejo.

— Você está uma bagunça, gostosão. — Ginger disse levemente. Ela olhou-o, claramente avaliando o estado das suas escamas chamuscadas. — O que você fez, enquanto eu estava congelando meu traseiro?

Delaney encontrou-se sorrindo, gostando dela sentir-se o suficiente confiante de seus motivos para dar a ele uma bronca.

— Esse é o efeito da fumaça de dragão.

— A marca do perímetro. — Disse ela, e ele soube que alguém disse a ela sobre isso.

— Nós a usamos para marcar o território. Queima qualquer *Pyr* ou *Slayer* que a achesse sem ser convidado.

— Eu não vejo nenhuma fumaça.

— Não pode ser detectada por seres humanos, embora algumas pessoas sintam um calafrio quando a atravessa.

— Mais do que sentidos superperceptivos? — Ela perguntou, a provocação em seu tom.

Delaney assentiu. Ginger tremeu novamente, enquanto se aproximava mais de seu calor, e ele fechou mais a garra de forma protetora ao redor dela. Ele estava ferozmente feliz por ela estar bem. Queria celebrar esse fato, apenas com Ginger.

— Eles queriam que eu bebesse. — Ela admitiu tranquila, suas palavras como uma facada no coração. Ele não teve que perguntar o que significava.

— Quem? — Delaney estava irritado o suficiente para voltar e punir

os Slayers por aquilo que tentaram fazer com sua companheira, mas sabia que tinha de garantir a sua segurança em primeiro lugar.

— O loiro e Mallory.

— Jorge. — Uma decisão fria percorreu Delaney e sabia que, de alguma forma, iria garantir que Jorge pagasse por ter ameaçando Ginger com essa possibilidade. Ele podia sentir o ritmo galopante de seu coração e soube que sentiu mais medo do que deixou transparecer. Ela tentou disfarçar sua vulnerabilidade e seus medos. Ele segurou-a mais perto, aliviado por ter chegado a tempo.

Quem iria defender sua companheira se ele morresse destruindo o Elixir?

Era uma questão que Delaney teria preferido não pensar, mas ecoava em seus pensamentos com persistência indesejada. Será que poderia esperar que sua companheira acreditasse nessa missão, tão vigorosamente quanto ele? Será que sem a insistência da tempestade iria querer cuidar de Ginger, uma e outra e outra vez? Por que essa admiração acirrada por sua força e ousadia, fazia Delaney acreditar que ela era a companheira mais perfeita possível?

Mas que escolha ele tinha?

Niall e Thorolf apareceram de lado, nenhum deles, obviamente feridos.

— Moleza. — Disse Thorolf olhando Delaney.

— Todos eles vão beber do elixir agora. — Disse Niall, mais triste do que triunfante.

— Por que Delaney foi o único a voar através da fumaça de dragão? — Ginger perguntou. Delaney sorriu por sua necessidade de informação.

Niall riu.

— Ele era o único com motivação.

Delaney sentiu Ginger observá-lo e soube o quanto ela adivinhou da obrigação que ele sentia por ela. Ele não iria adoçar nada com uma confissão emocional, o que realmente não seria justo. Ele conhecia seu

destino, embora o seu preço fosse mais alto a cada momento que passava.

— Eu coloquei você nisso. — Disse ríspidamente. — Vou tirar você disso.

Ela olhou para ele por um longo tempo e ele evitou o olhar dela. Ela passou a mão pelo peito, um gesto de afeto casual que enviou uma pontada de luxúria por suas veias. Delaney a queria como nunca quis ninguém antes. Mas ele tinha que respeitar os planos de Ginger para seu próprio futuro.

— Era o seu carro alugado? — Ela perguntou, por fim.

— Suponho que o depósito está perdido. — Disse ele, inexpressivo, encantado quando ela riu.

— E o que era isso?

— Um monte inteiro de seu fertilizante.

— Certo. — Ela assentiu com a cabeça, pensando sobre o plano. — Bem, esse foi um bom uso para ele. Luke e eu temos discutido sobre ele já algum tempo.

Luke?

Quem era Luke? Delaney sentiu uma pontada de ciúme que o pegou de surpresa. Ele não sentia que tinha o direito de fazer perguntas sobre a vida pessoal de Ginger, dado o seu próprio plano de ir embora, mas queria do mesmo jeito.

Isso era muito ruim. Delaney olhou para ela com surpresa, mas Ginger estava franzindo a testa com frustração.

— Luke se recusa a comprar qualquer coisa orgânica. Ele se recusa a espalhar algo orgânico nos campos que ele arrenda, porque não é do jeito que ele sempre fez. Isso me deixa louca. Recusei-me a deixar que ele use essa porcaria na minha terra, por isso estava guardado desde então.

— Ele trabalha para você?

Ginger soltou um som de aborrecimento.

— Por assim dizer.

— *Luke*. — Niall murmurou no antigo modo de falar, zombando dele. — *Muita energia aí.*

Thorolf riu.

— *Eu me pergunto o que Luke sabe sobre a criação de bebês Pyr.* — Niall disse e Delaney pensou em esganar seu velho amigo pelos comentários indesejáveis.

Ginger olhou entre eles.

— O que você está falando?

— Não importa. — Disse Delaney.

Ginger se eriçou.

— Tínhamos um acordo...

— Estou provocando-o sobre Luke. — Niall disse e Delaney pode sentir o prazer de Ginger por isso. Ele sentia muito menos prazer com a interferência de Niall, mas isso não fez diferença nenhuma. Estava sendo atraído para uma teia de conexões com Ginger, o que só tornaria mais difícil fazer o que tinha que fazer. Pena que ele não conseguisse parar de pensar sobre os prazeres de seduzi-la.

— Meu vizinho. — Disse Ginger levemente, evidentemente desconhecendo a tempestade dentro de Delaney. Talvez ela não sentisse o mesmo impulso, mesmo com a tempestade radiante entre eles, o desejo pelo corpo Delaney alimentando seus pensamentos amorosos. — Bem, ele é filho de Silas, na verdade. Alugam meus campos e trabalham neles e Luke me ajuda com as vacas.

Isso não disse nada a Delaney, mas ele se recusou a perguntar mais. Não queria dar a Ginger nenhuma ideia sobre ele poder ficar. Já tinha suas próprias ideias contra ele.

— Parece-me que ninguém está planejando cometer suicídio, então não deve se preocupar com seus funcionários. — Niall disse, a sua maneira dissimulada.

— Parece bom para mim também. — Disse Ginger.

Ambos olharam para Delaney, considerando sua expressão. Delaney ignorou ambos. Concentrou-se, em vez de verificar no horizonte sinais de perseguição. Ele não queria pensar sobre o que Ginger podia ler em sua curiosidade. Ele não queria pensar sobre isso porque ainda se ressentia desse cara, Luke, e não iria perguntar sobre o relacionamento de Ginger com ele. Certamente não iria pedir mais detalhes.

O silêncio parecia estar cheio de perguntas, perguntas que Delaney não ousou fazer ou perguntar. A última coisa que precisava era de mais tentações. Ter Ginger pressionada contra o peito dele era perigoso o suficiente. Como se ela soubesse o efeito de seu toque nele, ela passou as mãos em seu peito e nos ombros levemente, acariciando-o quase ausente, o seu toque afastando-o de seus pensamentos. Se isso não era perigoso, Delaney não sabia o que era.

Capítulo 12

— Obrigada por não usar a minha caminhonete. — Disse Ginger quando eles se aproximaram de sua fazenda e a picape vermelha era visível através da neve que caía. Havia impaciência em seu tom, apesar de Delaney estar lutando para manter seu poder sobre ela casual. Fraternal. Em vez do abraço apaixonado que queria compartilhar.

— Eu tive a intenção. — Disse Delaney. — Precisamos consertar o telhado do galpão, também.

— Maldito Jorge! — Ginger disse. — É um celeiro novo, também.

— Nós vamos consertá-lo assim que pudermos; então eu vou deixar-lhe dinheiro para consertá-lo corretamente.

— Não deixará nada mais que uma pegada, não é? — Ginger perguntou, em tom irônico. — Ah, e um bebê.

Delaney sentiu-se envergonhado, e a risada de Niall não melhorou seu humor. Ele parecia tão insensível quando Ginger colocava dessa maneira. Pior, ele estava começando a sentir-se insensível. Sentiu Ginger observá-lo, provavelmente tentando ler seus pensamentos, e manteve sua expressão neutra quando os Pyr desceram juntos.

— Feche os olhos. — Ele aconselhou Ginger, o seu tom sóbrio.

— Esqueça isso. Eu sei o que esperar e eu quero ver tudo.

Delaney sabia, por seu tom teimoso, que ela não iria mudar de ideia. Ele tentou mudar rapidamente para tornar mais fácil para ela, observando que mais uma vez, ela nem sequer permitiu-se piscar. Quando seus pés tocaram o chão e ele estava em forma humana, ele a segurou em seus braços. Ela estava pálida, mas não tinha desmaiado.

— Ah! Eu fiz isso! — Disse ela, sorrindo com triunfo.

A tempestade queimou com maior intensidade quando Delaney olhou para ela, enviando uma onda de calor a todos os pontos que tocavam. Era mais forte, porque ele estava em forma humana, ou mais forte simplesmente porque não a tinha satisfeito? De qualquer maneira, queimava com mais vigor, empurrando os pensamentos de outra coisa que não fosse Ginger fora de sua mente.

Ginger corou um pouco quando sorriu para ele e ele soube que seus pensamentos estavam na mesma direção.

— Talvez vocês possam procurar um lugar para ir. — Ele disse aos Pyr.

Niall riu novamente.

— Esse é o agradecimento que recebemos. Muito obrigado, agora vá embora. — Thorolf disse com um sorriso.

— E muito obrigado, agora vamos consertar o telhado do celeiro. — Delaney respondeu. — Ginger não vai arcar com as despesas do nosso tempo aqui. — Mesmo que ele estivesse defendendo seus interesses, ele sentiu-a se afastar. Ela colocou uma mão no peito e no calor da palma de

sua mão e apertou-o.

Ele queria beijá-la.

Ele queria seduzi-la.

Ele queria ouvir o suspiro de satisfação mais uma vez.

Mas ela não queria ter seu filho sozinha. Ele teria que respeitar sua vontade, queria respeitar suas preocupações, mas seu corpo estava ordenando-o fazer o que precisava ser feito pelos Pyrs.

Ginger se contorceu até Delaney colocá-la de pé, mas ele estava relutante em fazê-lo. Havia algo maravilhoso nessa febre lânguida de desejo que a tempestade enviava por suas veias, e ele não queria que houvesse qualquer distância entre eles. Tentou manter um braço em volta da cintura, mas Ginger afastou-se dele, sua própria inclinação mais do que clara.

Delaney sabia que ele não deveria se surpreender. Ele, muitas vezes, disse que não iria ficar. Sabia que não deveria se sentir desapontado, mas estava. Sabia que não era só porque sua tempestade continuava insatisfeita, uma marca de sua incapacidade de marcar para sua equipe. Mesmo sem uma tempestade, ele teria se sentido fascinado por Ginger Sinclair.

Pensou em renunciar sua missão. Pensou em deixar o Elixir onde estava e se afastar da tarefa que escolheu para si. Pensou em aproveitar o tempo para conhecer Ginger, para seduzi-la devagar e saborear a tempestade, para construir um futuro juntos. Mas esse futuro seria sempre frágil. Seu passado viria para destruí-los, para roubar seu filho, pôr em perigo a Ginger. Enquanto o Elixir existisse, seu pesadelo se tornaria realidade.

Ele não poderia condená-la a isso. Estava preso entre o dever e o desejo, entre a sua realidade e seu sonho. Sabia o que tinha que fazer, mas sua determinação em fazê-lo estava declinando rapidamente na presença de Ginger. Ainda assim, teria que deixar as coisas bem entre eles. Tinha que tentar fazer as pazes.

Niall e Thorolf foram em direção ao celeiro para avaliar os danos. Ginger parecia ir atrás deles, mas Delaney segurou seu cotovelo. As faíscas

dançaram e ele engoliu a nova onda de desejo que rolou por sua pele.

— Espere. — Ele disse calmamente. — Eu preciso pedir desculpas a você primeiro.

O problema com Delaney era que ele era muito sexy.

Não, o problema com Delaney era que ele tinha muito poder e vulnerabilidade, tudo enrolado em um pacote delicioso, e Ginger tinha um ponto fraco por homens fortes, sim, um ponto fraco. Ela podia ver as sombras nos olhos dele e sentiu simpatia por tudo o que ele sofreu. O fato de ter sofrido a dor da fumaça de dragão a fim de salvá-la foi o suficiente para minar sua determinação para evitá-lo. Isso não era justo. Também não era justo que sua presença a fizesse pensar em repetir suas atividades da noite anterior. O homem era muito gostoso e Ginger teve que recordar a si mesma que ele queria que carregasse seu filho, sozinha, e isso não estava em sua agenda. Ela deu sorte uma vez, de acordo com Rafferty, e deveria pensar melhor antes de empurrar sua sorte. Inclusive se arrastar Delaney para seu quarto, novamente, fosse uma ideia muito tentadora. Mas a última complicação que precisava em sua vida era uma criança.

Ginger pode ter colocado uma distância entre eles, apenas para salvar-se de seus próprios impulsos fracos, mas Delaney tocou seu braço. Ela olhou para trás e perdeu-se no apelo em seus olhos. Não foi a faísca da tempestade que derreteu seus joelhos e sua resistência, mas o fato de que ele queria se desculpar. Ele fez uma careta e encolheu os ombros, tão inábil com as palavras como ela poderia esperar de um homem cujos atos falavam mais alto.

— Eu não fui justo com você na noite passada. — Disse ele, sua voz baixa. — E sinto muito. Não justifica, mas nós fomos ensinados que se recebermos o dom de uma tempestade, temos que consumá-la. Nós fomos ensinados que temos a obrigação de criar mais *Pyr*s se a oportunidade aparecer.

Ele sorriu para ela, sua expressão tão provisional que partiu seu coração, e encolheu os ombros.

— Eu não pensei em nada, além disso. — Ele exalou, em seguida, juntou suas mãos. — E realmente, não acho que poderia ter pensado em muita coisa na noite passada, exceto em você.

Sua filosofia não soava tão diferente da sua, quando formulada dessa maneira, e ela sentiu-se pisar em terreno conhecido novamente. Ginger deu meio passo mais perto dele, e teve que admitir a verdade.

— A nossa foi uma ligação muito forte, desde o início.

— E foi uma noite mágica. — Ele beijou a ponta dos dedos, seu olhar quente no dela. — Sinto muito que os Pyrs soubessem que passamos a noite juntos.

— Mas você tinha que lhes dizer que cumpriu com sua obrigação ou tentado fazer isso antes de ir a uma missão suicida. — Ginger concluiu. — Eu entendo. Vocês jogam como uma equipe.

Delaney franziu o cenho e olhou para suas mãos entrelaçadas. Suas palavras foram roucas.

— Estou feliz que a tempestade não tenha sido satisfeita.

— Você quer dizer que não estou grávida.

Ele assentiu com a cabeça.

— Mesmo que me deixe tentada? — Ela brincou.

Ele não sorriu.

— É primordial, o desejo de satisfazer a tempestade. É uma chamada para uma raça e é difícil de ignorar.

— Eu sei algo sobre instintos primitivos. — Disse Ginger. Ele olhou para ela novamente, sua confusão clara. — Eu tenho uma fazenda. Eu crio vacas leiteiras. Eu ganho um bom dinheiro vendendo sêmen de touro.

Seu sorriso foi rápido, então, transformou suas feições por um momento de tortura. Ela teve um vislumbre do homem que ele poderia ter sido, ou talvez o que ele foi uma vez, e desprezou ainda mais Magnus e seu esquema. Desejava que Delaney sorrisse mais vezes, mas sabia que isso não iria acontecer em breve.

— Certo, acho que você entende então. — Delaney disse calmamente. Seu olhar se prendeu ao dela por um longo momento e Ginger desejou que a tocasse. Ele engoliu em seco. — Eu entendo as suas

reservas, e as respeito. Eu sei o que tenho que fazer, e o que eu deveria fazer. — Olhou para cima e, em seguida, a luz em seus olhos deixou o peito dela mais apertado. — Mas você bagunçou com a minha determinação, Ginger Sinclair.

Ginger se viu sorrindo em resposta, o calor que se espalhou no coração dela não tinha nada a ver com a tempestade.

— Eu sei exatamente o que quer dizer. — Disse ela baixinho. Seus olhares de fixaram por um momento, sua intensidade deixando Ginger tonta. E ansiando por seu toque novamente.

Em seguida, o tom de Delaney mudou, tornando-se mais brusco enquanto se afastava dela.

— Devemos consertar o telhado de seu celeiro. Por que você não vai para casa e se aquece?

Ele estava saindo, mas Ginger o pegou pelo braço. Não podia explicar completamente a força de seu desejo de ajudá-lo, mas estava acostumada a ouvir sua intuição. E ficou satisfeita com sua determinação em corrigir o que a entrada dos Pyr fizeram em sua vida. Ela se atreveu a confiar em seu instinto novamente.

— Aqui está outra coisa que eu entendo. — Disse Ginger, suas palavras caindo rapidamente. — A tempestade é um dom ao Pyr para procriar e aumentar sua raça, certo?

— Isso se ele conhecer sua companheira destinada, sim. — Essa desconfiança estava de volta nos olhos de Delaney e Ginger queria saber de quem ele desconfiava mais, dela ou de si mesmo. Poderia ter adivinhado a resposta, o que a deixou mais determinada a persuadi-lo do seu próprio mérito.

— Então, há um grande programa de criação de *Pyr*s, muito parecido com as planilhas que tenho no meu escritório.

— Eu acho que sim.

— E alguém os ajuda a acontecer?

— Rafferty diria que é a Grande Wyvern. — Delaney encolheu os ombros. — Nossos deuses.

—Tudo bem. Eu posso viver com um plano de criação divina. — Ginger reconheceu. — Todos nós acreditamos que precisamos de um, é o que minha avó costumava dizer. O ponto é que existe um plano de criação, e alguém, talvez esta Grande Wyvern, escolheu você e a mim, para nos reproduzir.

— Sim. — Delaney estava olhando de perto, ouvindo cada palavra dela. Seus olhos tinham se iluminado, outro sinal de seu interesse. A tempestade parecia um incremento de calor a mais, ou talvez fosse apenas o efeito da vigilância de Delaney que fez Ginger ferver.

Ela o queria mais uma vez, este lutador sombrio tão convencido de que não tinha qualquer valor por si mesmo. Ginger podia ver os méritos de Delaney Shea, sua nobreza e força, seu senso de honra e a sua paixão. Seus amigos viam isso também.

Ginger sorriu para ele.

— Bem, na minha visão de mundo, isso significa que tem que haver um ponto. Por que você e eu? Por que não você e minha amiga Tanya? Por que não eu e o noivo dela, Steve?

Delaney quase sorriu.

— Eu acho que você tem uma ideia.

— Eu tenho. Estou pensando que a tempestade é uma espécie de amor à primeira vista, um reconhecimento instintivo de uma conexão. Talvez a conexão seja boa para nós dois. — Ela enganchou um dedo no colarinho e puxou-o para perto, deixando seu tom de desafio encher o ar. — Então eu acho que você deve isso a mim, se não a Grande Wyvern, para averiguar qual o ponto antes de se matar, para destruir o Elixir.

Seu olhar a percorreu e ela sabia que o tinha empurrado ao limite, talvez um pouco longe demais. Seu tom era firme, como se quisesse colocar uma parede entre eles.

— Você não entende o que está pedindo. — Ele tentou se afastar, mas Ginger abraçou-o.

— Talvez eu queira. Talvez seja esse o ponto. — Ginger engoliu em seco. — Talvez eu só queira ter a chance de descobrir.

— Eu não sou tão especial, Ginger. Eu tenho uma mancha...

Ela colocou o dedo sobre sua boca, silenciando-o em um flash de luz. Esse calor previsível rolou por seu corpo, proveniente de seus dedos contra os lábios, enfraquecendo os joelhos, e fazendo-a imaginar se seria tão ruim ter um filho de Delaney.

— Eu gostaria de ter a oportunidade de decidir sozinha sobre isso.

Delaney ficou em silêncio sob o seu dedo. A neve rodopiava à sua volta, envolvendo-os em um casulo branco. Ginger engoliu.

— Magnus planeja matá-lo. Ele tem um plano...

— Magnus tem sempre um plano. — Delaney disse calmamente. — Eu não quero ver você sugada pelos problemas dos Pyrs.

— Mas ele quer te matar.

— Ele tentou me matar várias vezes e não conseguiu. — Delaney falou com determinação familiar. — Não se preocupe comigo.

— Mas eu me preocupo! Você tem que ouvir isso.

— Não, Ginger. Você tem que se esquecer de nós.

— Eu nunca vou fazer isso. — Disse ela, seu tom feroz.

E Delaney sorriu. A curva rodou sobre os lábios tão lentamente que Ginger ficou paralisada. O sorriso baniu as sombras de seu olhar, deixando seus olhos claros e bem em cima dela. A voz dele ficou baixa, assim como seu braço escorregou em sua cintura. A tempestade brilhou, preenchendo o espaço entre eles com o brilho dourado da luz de velas. Ginger estava bem quente até os dedos dos pés curvados em suas botas. Sua boca ficou seca quando ela olhou para ele, saboreando como apenas seu sorriso poderia excitá-la.

— Obrigado. — Ele murmurou, estudando-a como se nunca tivesse o suficiente com ela. — Isso é mais do que eu esperava ou merecia.

— Está errado. — Ginger argumentou. — Não é o suficiente.

Algo cintilou em seus olhos, então, um vislumbre do que poderia

ser esperança. Poderia ser o desejo, um brilho radiante e persistente da tempestade. Ginger não se importava. Sabia o que queria e não estava muito preocupada com o por quê.

Chegou mais perto, pressionando os seios contra o peito de Delaney. Ela deixou as mãos irem para seus ombros, gostando como ele simplesmente esperou por ela para definir o ritmo. Ela poderia fazer seu caminho com ele e ele iria responder na mesma moeda, ou ela poderia ir embora e ele, ela tinha certeza, iria deixá-la ir. Ele era incrivelmente poderoso, mas deixou-a estar no controle. Isso foi um presente sedutor, talvez o presente mais sedutor de todos. E um beijo não iria deixá-la grávida.

Um beijo.

Era uma pequena concessão, a que ela não podia resistir.

Delaney inclinou a cabeça, seu olhar atento sobre ela e Ginger se esticou nas pontas dos pés para encontrá-lo na metade do caminho. Quando a boca se fechou possessivamente sobre a dela, Ginger suspirou em seu beijo, fechou as mãos em seu pescoço, e se rendeu ao momento.

Era uma boa ideia.



Ginger era mais do que merecia. Delaney não podia acreditar que ela lhe daria um beijo, especialmente depois de estar tão irritada pela manhã. Ele não podia acreditar que ela queria que ele sobrevivesse, e sentiu-se humilhado por sua preocupação.

Mas Ginger não entendia. Ela não sabia nada sobre o monstro que habitava dentro dele, o qual ele não podia controlar, sob a luz do eclipse, que poderia destruir tudo o que era precioso para ela.

Tanto quanto ele queria seu beijo e sua confiança, tão persuasiva como ele achou sua lógica, não queria nunca ver o rosto dela ao descobrir sua verdade escura. Seria melhor, muito melhor, que ele continuasse com seu plano e até mesmo pagasse o preço final. Seria melhor deixá-la com a lembrança dele. Ao invés de um pesadelo. Ele sabia muito sobre pesadelos.

Delaney saboreou seu beijo, sem saber se seria o último gosto dela que teria. Ela era doce e quente, fazendo-o desejar a oportunidade de passar tempo com ela. Mas o Elixir roubou isso de Delaney. E eliminar o Elixir era a única maneira como Delaney poderia igualar o placar. Ele teria a certeza de que nenhum outro *Pyr* sofreria como ele sofreu.

Ele rompeu o beijo com relutância, Ginger toda suave fazendo tudo para penetrar dentro dele. Ele queria-a, uma e outra vez. Queria levá-la ao quarto e fazê-la gemer mil vezes antes do amanhecer. Queria senti-la tremer e sentir seu calor ao redor de seu corpo.

Mas ela estava certa, ele não tinha o direito de deixá-la grávida e sozinha. Afastou-se dela e não foi fácil. Essa pequena distância não deixou a tempestade muito mais fácil de ignorar, as faíscas entre eles com uma veemência que roubou seu fôlego. Ginger olhou para ele, a luz dourada da tempestade deixando seu olhar precioso.

— Vá para dentro. — Delaney disse, sua voz rouca. — Tome um banho e se aqueça.

— Você vai embora?

— Vamos consertar o telhado do celeiro, então entraremos.

Ginger sorriu.

— Eu suponho que todos estarão com fome.

Delaney fez uma careta.

— Você não deve ter trabalho por nós ou se sentir obrigada a fazer algo. Vou lhe dar dinheiro para cobrir as compras e arrumar um profissional para cobrir o telhado...

Ginger se aproximou e colocou a mão em seu peito, o calor sacudiu-o ao seu toque, quase parando seu coração e fazendo-o fechar os olhos contra a maré do desejo.

— Você vai embora? — Ela sussurrou com urgência em seu tom.

— Não. — Delaney balançou a cabeça. — Eu tenho que ficar aqui e defender você. O calor da tempestade irá atrair outros para sua fazenda, mas vou garantir sua segurança esta noite.

— E amanhã?

— Vamos focar em um desafio de cada vez.

Não foi uma resposta verdadeira, mas ele viu que ela entendeu sua intenção.

— Você está errado. — Disse ela com veemência, depois estremeceu. — Mas se prometer que vai ficar esta noite, eu vou guardar esse argumento para mais tarde.

— Eu prometo.

Ela olhou para ele por um longo momento, depois se inclinou para roçar os lábios nos dele. Delaney fechou os olhos contra o formigamento de calor lançado por seu toque, apoiando-se contra sua forma quando seu corpo ficou tenso. Ele ergueu as mãos, puxando-a contra ele e reivindicando outro beijo, mas Ginger se afastou dele.

— Eu vou cobrar isso de você, gostosão. — Ela sorriu toda confiança e vitalidade, em seguida, caminhou até a varanda.

Viu-a ir, sentindo a fome de possuí-la novamente. Poderia facilmente perder-se no doce perfume da pele de Ginger, observar suas sardas, a carícia de suas curvas. Uma vez não foi suficiente. Delaney se perguntou se era possível ter o suficiente do raio de sol que era Ginger Sinclair.

— Então, você vai ajudar com esse projeto, ou vai ficar apenas parado? — Niall gritou, puxando Delaney para o momento. A porta se fechou atrás de Ginger, e Delaney verificou a ressonância de seu anel de fumaça ininterrupto.

Ninguém a violou, exceto os *Pyr*s e ele não selou contra eles. Não podia cheirar nenhum *Slayer* no vento, o que não era garantia de sua ausência. Pensou nos ferimentos que sofreram e era uma melhor garantia que a fazenda de Ginger estaria tranquila nas próximas horas. Mas não poderia contar com isso. Delaney permaneceu vigilante, mesmo quando foi ajudar Niall e Thorolf a reparar os danos que Jorge causou.

O telefone estava tocando quando Ginger entrou na cozinha e ela correu para ele.

— Ginger!— Tanya exclamou, com alívio. — Onde você estava?

Era bom ouvir a voz de sua amiga, um retorno ao mundo real que Ginger agradeceu depois do dia que teve.

— Bem... Estava fora, no celeiro.

— Certo. Vacas não esperam, não é? — Tanya brincou, e Ginger sentiu-se culpada por não ter arrumado o celeiro ainda. Ela teria que fazer isso antes do anoitecer.

— Eu acho que Luke não foi hoje.

— Não. Nenhum sinal dele. E realmente, isso é uma coisa boa.

Tanya concordou, mas por um motivo diferente.

— Ninguém conseguiria ir longe com este tempo louco. Você está bem?

— Tudo bem por aqui.

— Eu pensei que talvez estivesse fora.

—Não. Tudo está bem. — Por assim dizer. Ginger sentou-se na mesa da cozinha, quando percebeu que seus joelhos tremiam.

— O freezer está cheio, afinal de contas.

— Assim, não precisa sair depois de tudo o que fizemos para o casamento.

Ginger riu, embora a perspectiva de dois mil aperitivos orgânicos se perderem não fosse tão engraçada. Ela notou que a folha de papel ainda estava sobre a mesa, à caligrafia de Rafferty firme nas costas dele. Parecia um verso. Ela franziu a testa e virou o papel para que pudesse lê-lo.

— Estou tão feliz que por não conseguir o salão para Dia dos Namorados. — Disse Tanya, sua excitação borbulhando através do telefone. — Fazer o casamento hoje teria sido um pesadelo completo. E se a energia acabar?

— Luke verificou o gerador de emergência, há algumas semanas. Ele vai iniciar automaticamente. Não precisa se preocupar.

— Agora me sinto idiota por me preocupar com Ginger, a autossuficiente. — Tanya riu. — Eu deveria saber melhor. Você sempre tem um plano pronto para qualquer eventualidade. Tentei ligar todos os dias, sem sorte. Seu telefone celular, dizia que você estava indisponível.

— Está descarregado. — Ginger admitiu. — Eu sinto muito que você tenha ficado preocupada. Esqueci de carregá-lo na noite passada.

Tanya riu.

— Hmm, eu me pergunto o porquê. O que a distraiu, Ginger?

Ginger sabia onde Tanya onde estava indo com isso, e sentiu-se corar. Infelizmente, ela não conseguia pensar em uma maneira inteligente de mudar de assunto. Desviou o olhar do verso de Rafferty e tentou desviar o tema de Tanya. Não foi rápido o suficiente.

— Poderia ter sido o Senhor Estranho Bonitão? — Tanya brincou.

— Bem, bem, ele me deu uma carona para casa.

— Uh-huh. — Tanya disse. — E o que aconteceu depois disso? Eu quero *detalhes*.

— Não pelo telefone. — Disse Ginger. Ela estava ganhando tempo e sabia disso, mas com o casamento de Tanya no sábado seguinte, a semana seria muito movimentada para as duas amigas trocarem segredos. O casal feliz iria para um resort no México por duas semanas após o casamento, assim Ginger teria a melhor parte de um mês para descobrir o que dizer a sua amiga sobre Delaney. E o que *não* lhe dizer.

— Eu vou cobrar isso de você. — Tanya brincou. — Na verdade, eu decidi que deveria trazê-lo para o casamento. Steve concorda.

Ginger estava chocada.

— Mas você está no limite com a lista de convidados.

— Nós estamos fazendo uma exceção. Conversamos sobre isso, esta manhã, quando pensávamos que ambos estavam muito, hum, *ocupados* para atender ao telefone.

Ginger corou profundamente.

— Oh, eu não sei se isso é uma boa ideia. É uma espécie de aviso tardio.

— Besteira! Todos no lugar ontem à noite, souberam que Ginger Sinclair, finalmente, encontrou alguém. Vocês dois estavam perdidos em seu próprio mundo e alheios a todos.

Ginger não tinha nada para dizer sobre isso. Ela girou o fio do telefone na mão e pensou em ir a um casamento com Delaney. A perspectiva dele em um smoking, ou mesmo em um terno foi o suficiente para fazer sua boca ficar seca. Esqueça a ideia de dançar com ele novamente. Por outro lado, ter um encontro para o casamento de Tanya seria praticamente uma declaração pública de outro casamento para ir. Ginger certamente não estava pronta para isso e duvidava que Delaney também estivesse. Ele poderia morrer no final da semana. Ela engoliu o nó na garganta.

— Ele poderia estar ocupado.

— Uh-huh. — Tanya disse que não aceitaria um não como resposta. — Bem, aqui está o negócio, Ginger. Saímos de um lugar na lista de convidados para a madrinha para um encontro com o TDB. Então, diga-me agora que você vai trazer o Senhor Estranho ou vou convidar Luke.

— Isso é sujeira! — Ginger protestou. Luke tinha planos de fundir as duas fazendas adjacentes e em termos muito pouco românticos, e estava com a ideia fixa de que deveria fazer as coisas como sempre fez. Não importava o que Ginger dissesse ou que fizesse, Luke ainda não tinha entendido a mensagem de que seu plano não iria funcionar. Se Tanya o convidasse para ser o par de Ginger no casamento, Ginger nunca iria se livrar de Luke. E Tanya sabia disso.

Tanya riu.

— Eu sei o que é bom para você.

— Mas você vai dar a Luke a ideia errada.

— Ele já tem a ideia errada. Só vai convencê-lo que ele está certo.

— Ele já está convencido disso. — Ginger admitiu.

— Aqueles Hargreaves são tão teimosos como mulas, mas Luke é o mais teimoso de todos. É por isso que ele é precisamente errado para você. Leve o novo homem no sábado. — Tanya ordenou. — Nós precisamos interrogá-lo e decidir se ele é bom o suficiente para nossa Ginger.

— Não tenho certeza de que vai acontecer...

— Não há desculpas. Ligue o encanto e *faça com* que isso aconteça. Você é a rainha do *poder-fazer*, afinal de contas, e temos expectativas agora. — Alguém disse alguma coisa no fundo, alguém que Ginger tinha certeza ser Steve, e Tanya riu. — Steve tem um plano para descobrir os segredos do Senhor Estranho. E envolve muita cerveja.

— Você tem um casamento para organizar. — Ginger retrucou, sabendo que seu amigo tinha boas intenções. — Isso não é suficiente para mantê-lo ocupado demais, para mexer com a minha vida?

Tanya riu.

— Há sempre tempo para cuidar dos amigos. — Ginger poderia ter argumentado, mas Tanya falou primeiro. — Tenho que ir. — Disse ela, em seguida, abaixou a voz em tom conspiratório. — Nós temos uma crise entre as mães sobre a cor dos guardanapos de mesa.

— Isso foi decidido há meses.

— Foi, mas a mãe de Steve descobriu que não usamos a sua escolha. As hostilidades foram trocadas e fizeram comentários cruéis sobre ambos, o sábio verde e o rosa empoeirado. Armas foram carregadas e começaremos as negociações do tratado em cinco minutos.

— Você está brincando.

— Eu não estou. Deseje-me sorte!

— Sorte! — Ginger sorriu, sabendo que Tanya estava no seu elemento. Ela e Steve eram bons juntos e Tanya estava tão feliz, resolveria qualquer obstáculo com alegria e facilidade.

— Ligue se precisar de algo. — Tanya disse. — Você tem 48 horas para me dar o nome do Senhor Gato para reservar o lugar.

— Você é cruel.

— E recarregue seu celular!

— Sim, mamãe. — Disse Ginger. Então, a linha caiu e Tanya foi embora. Ela sorriu quando desligou o receptor, feliz por ter uma boa amiga. Em seguida, puxou as notas de Rafferty que estavam mais perto e leu o que ele escreveu. Ela tinha razão, era um poema. Mas, um que ela não conhecia.

*As patrulhas exiladas nas sombras profundas,
Defendendo os Pyr enquanto eles dormem.
Quando a escuridão se torna o seu domínio,
Ele se arrisca a perder seu caminho de volta.
Vigilantes na noite sem fim.
No entanto, desenhado pela luz da tempestade de fogo.
Mas sente-se tão à vontade no escuro.
Rendição plenamente à faísca do amor?
Será que ele se atreve a deixar a sua tarefa,
Escolha-se primeiro em vez do passado?*

Sobre o que era o poema?

Ginger leu novamente e achou que soava como uma profecia, uma sobre Delaney. Se assim fosse, confirmava sua impressão de que ele foi ferido, e sua própria convicção de que o Elixir que ele foi forçado a tomar o afastou do mundo dos Pyr. Ele estava escolhendo defender seus companheiros, tentando destruir o Elixir.

Mas o verso carregava uma mensagem interessante sobre a tempestade, que combinava com as próprias ideias sobre o amor de Ginger. Parecia implicar que a tempestade, a de Ginger, poderia curar Delaney. Se ele escolhesse aceitar a cura.

Como ela poderia convencê-lo a acreditar na possibilidade de terem um futuro, se a tempestade em si não o fazia? Era um quebra-cabeça que não podia resolver, não sem saber mais sobre os Pyr. Ela foi incentivada, no entanto, pela sugestão de que estava no caminho certo. O que restaurou o seu otimismo característico.

Ginger levantou-se, sentindo energizada, mais uma vez. Enfrentou problemas mais importantes e mais imediatos nesta noite. Ela abriu o

freezer e dois mil aperitivos artesanais olharam para ela. Como iria alimentar três famintos *Pyr*? A tempestade não jogava limpo.

O calor de ouro fez cócegas na consciência de Delaney, mesmo quando Ginger não estava nas proximidades. Isto brincava com ele, despertando-o a um ponto que ele achava difícil se concentrar em algo, além da possibilidade de seduzir Ginger novamente.

Pior, induzia-o com promessas e possibilidades, ideias que não poderiam caber em seu futuro. A tempestade o atormentava com a ideia de aceitar o desafio de Ginger. E ao fazê-lo, a tempestade enfraqueceria a resolução de Delaney. Lutava contra sua tentação, sabendo o que teria que fazer. As possibilidades apresentadas por ambos, Ginger e a tempestade, era impossível para ele.

Ele não tinha futuro. Sabia que era o melhor resultado possível a partir da toxina do Elixir, e não se atrevia a ser seduzido por promessas vazias. Pelas possibilidades que acabariam destruindo a si mesmo. Não seria responsável por eliminar o brilho nos olhos de Ginger.

Trabalhava em silêncio, reparando o telhado junto com Niall e Thorolf. Nunca poderia ser tão bom quanto o novo, mas conseguiram dobrar os raios de volta para que o gado estivesse a salvo das intempéries. Quando terminaram, sentaram-se nas vigas e olharam para dentro do celeiro.

— Deve ser melhorado. — Disse Delaney, querendo manter-se ocupado na esperança de pensar menos. — Vamos fazer isso.

— Você simplesmente não quer Luke fazendo você parecer ruim. — Niall brincou.

Delaney ignorou.

— Eu não sei como. — Disse Thorolf.

Niall revirou os olhos.

Delaney tinha mais paciência que seu amigo, pelo menos desta vez.

— Não é difícil. As vacas só têm que ser movidas para aquelas seções, até que os pisos possam ser limpos onde estão agora.

— Por que nós não apenas colocamos todos juntos? — Thorolf perguntou.

Delaney lançou-lhe um olhar.

— As vacas e touros juntos?

Niall começou a rir.

— Ei, eu sou um cara da cidade. — Protestou Thorolf. — O leite vem das caixas e a carne vem de bandejas de isopor pequena com plástico por cima.

Niall riu tanto que engasgou.

— Eles estão separados em função do gênero para que possam ser criados para características específicas. — Disse Delaney. — Não há romances acidentais.

— Assim como a tempestade. — Disse Niall, toda falsa inocência.

Delaney ignorou.

— Os sozinhos nas baias são touros. Parece que as vacas são separadas em aquelas que estão prenhas e aquelas que não estão.

Niall espreitou para dentro do celeiro.

— Você acha que elas têm de ser ordenhadas?

— Nós podemos verificar com Ginger, mas eu não penso assim. — Delaney observou que as vacas que não estavam prenhas não pareciam estar cheias. Lembrou-se do ciclo do ano na fazenda onde trabalhou antes. — O fim do inverno pode ser a estação seca, quando aquelas que estão prenhas param de amamentar porque os bezerros estão chegando, e as que não estão não têm leite.

— Pode ser? — Thorolf perguntou.

— Alguns agricultores garantem que algumas vacas em lactação

são sempre para garantir a produção de leite durante todo o ano. — Disse Delaney. — Mas outras raças são todas as vacas de uma vez, têm todos os partos de uma só vez.

— E isso significa uma estação seca antes do parto. — Niall, disse com um aceno de compreensão. — Há pás perto da porta.

— Não mexa. — Aconselhou Delaney. — Isto pode enlouquecê-las.

Thorolf olhou alarmado.

— Enlouquecê-las? Assim como, iniciar um tumulto?

— As vacas gostam da rotina. — Disse Delaney. — Eu acho que dragões no celeiro não fazem parte de seu plano regular.

Thorolf riu e Niall sorriu, em seguida, deu uma cotovelada em Delaney.

— É bom ver o velho Delaney novamente. — Disse ele, em seguida, dirigiu-se para as escadas.

Delaney piscou. Ele o fez se sentir mais leve e mais como seu antigo eu. Era o poder de Ginger sobre ele? Tinha mudado em mais alguma coisa?

Capítulo 13

Niall se moveu em direção à parede exterior do celeiro. Havia escadas montadas no interior das paredes, presumivelmente para permitir a manutenção do telhado do interior. Delaney seguiu, observando que vários dos touros foram olhá-los. Um grande touro preto e branco tinha o olhar fixo em Thorolf. O touro bateu uma pata quando Thorolf se moveu e exalou audivelmente.

— Estamos assim com o gado? — Thorolf perguntou com certo nervosismo. Ele olhou para o touro, que olhou para trás.

— Eles são apenas *vacas*. — Niall, disse com desdém.

— Por que você sempre fala assim para me deixar para baixo? — Thorolf perguntou, seu ressentimento sem disfarces. O trio chegou ao fundo do celeiro e Niall caminhou para as pás. As vacas observavam com curiosidade, as suas caudas balançando.

— Eu não falo. — Niall argumentou, num tom que não carregava convicção.

— Claro que sim. Você fala comigo como se eu fosse estúpido, e estou cansado disso. Mostre algum respeito.

— Respeito? — Niall deu uma olhada a Thorolf e Delaney sabia que seu velho amigo iria falar em sua mente.

— Talvez possamos rever isto mais tarde... — Delaney tentou intervir, mas sem sucesso. Estava quente de novo, provavelmente pelo esforço do conserto do teto, e poderia passar sem os Pyrs brigarem entre si. Estava sem sorte com isso.

Niall empurrou de lado e apontou para Thorolf.

— *Respeito?* — Sua pergunta era suave, uma dica da tempestade que se aproximava. — O que exatamente eu devo respeitar? Que você é séculos mais velho, mesmo que eu, e não têm nenhuma compreensão de seus poderes? Que você não aprendeu quase nada sobre seu corpo ou suas habilidades? Que você não vem aperfeiçoando seus talentos inatos de qualquer forma ou praticado o que temos tentado ensinar-lhe, no ano passado? — Os olhos de Niall brilharam. — Para você é só farra e luta, dia após dia?

Thorolf sorriu.

— Ei, eu não sou tão ruim assim.

— Eu não disse que você era *ruim*. Você perguntou por que eu não respeito você, e eu lhe disse. Você não tem ambição. Não tem objetivos e não tem iniciativa e é preguiçoso, também.

Thorolf se moveu.

— Caramba, você soa como Rox.

— Rox? — Ginger perguntou da porta. Delaney viu sua silhueta

contra a neve caindo, enrolada em um casaco pesado e luvas. O cabelo parecia em chamas, uma vez que caía sobre os ombros. Ela parecia mais quente novamente e estava sorrindo um pouco. Seu coração bateu mais forte. Será que ela aceitou conselho e tomou um banho? Teria sido inteligente não tentar imaginar a cena, mas a imaginação de Delaney estava fora e correu antes que ele pudesse detê-la. Ele podia ver Ginger no vapor, a água fluindo sobre suas curvas...

— Dê a vassoura, por favor. — Disse ela.

— Feche a porta. — Disse Thorolf. — Você está deixando o frio entrar. — Moveu-se para pegar a vassoura, que estava encostada numa tenda, enquanto falava, provavelmente com a intenção de provar que ele não era preguiçoso.

Ouviu-se um grito repentino e um flash de penas brilhantes, então Thorolf gritou em choque. Ele correu para trás com as mãos sobre a cabeça, gritando e gritando. Um galo colorido, por sua vez, atacou os ombros de Thorolf. O galo bicou e arranhou, enquanto Thorolf gritava.

Foi o suficiente para trazer Delaney de volta para o momento. Niall começou a rir quando Ginger pegou a vassoura e deu um golpe no galo. O pássaro cacarejou em frustração, quando a vassoura bateu-lhe, em seguida, voou pelo ar, pousando no chão com uma batida. As galinhas se espalharam, cacarejando. O galo levantou-se e sacudiu-se com indignação, em seguida, começou a pavonear-se e cantou.

— Frango ao molho. — Disse Ginger, ameaçando o galo com a vassoura.

O galo cantou em desafio. Niall riu.

Ginger olhou para o galo, brandindo a vassoura.

Ele olhou para trás, em seguida, inclinou a cabeça para trás e cantou mais alto do que nunca.

— Pássaro maldito. — Ginger rosnou. — Você vai estar dentro da minha panela antes da primavera, neste ritmo.

A ave se ofendeu com a ideia. Ginger balançou a vassoura e o galo lançou-se a outro ataque. Eles estavam, obviamente, acostumados a se

enfrentarem assim, o galo bicando e arranhando enquanto Ginger virava a vassoura. Ela perdeu e perdeu novamente. Thorolf caiu no chão do celeiro com as mãos sobre a cabeça, gemendo.

— Se vovó não fosse tão louca por você, teria virado sopa anos atrás!

O galo debatia, tentando pousar em Ginger, enquanto Thorolf se encolhia. Niall riu. Delaney sentiu seus lábios se contorcere. Ginger finalmente bateu no pássaro, mais uma vez com a vassoura, despachando-o para o cercado novamente. Ela passou as mãos pelos cabelos, com satisfação. — Ah! — Disse para a ave. Balançou a vassoura no cercado. — Fique onde está neste momento, Reginald.

Ele cantou e desfilou, claramente convencido de que saiu vitorioso.

— Geralmente nós só vamos uma rodada. — Disse ela, dando ao galo um último olhar antes de deixar a vassoura. — Vovó pensava que Reginald era um espectador. Ele é realmente uma dor no pescoço.

Thorolf espiou por entre os dedos.

— Já é seguro?

— Medo de galo. — Niall, disse, enxugando uma lágrima. — Isso é realmente algo.

— Ele não te atacou!

— Eu acho que poderia ter cuidado dele. — Niall, disse com seus olhos girando.

— Você nunca me disse quem é Rox. — Ginger lembrou Thorolf.

— Sua *irmã*. — Niall e Delaney disseram em uníssono, com a dúvida clara no seu tom.

Thorolf ficou vermelho.

— Certo, então talvez ela não seja minha irmã, mas ela não é minha chefe, também.

— Honestidade. — Disse Niall, tão acentuado que Delaney estremeceu. — É outra característica que admiro.

— E daí? Eu deveria ser como você? — Thorolf desafiou, olhando para Niall quando ficou de pé. Ele era mais alto que Niall, mas Niall era musculoso, e sequer recuou. — Sempre na academia? Sempre trabalhando fora? Sempre *trabalho*? A vida supõe-se que seja um prazer, você sabe!

— Mas não se supõe ser *tudo* prazer. — Niall retrucou. Olharam de um para o outro e Delaney encontrou o olhar de Ginger. Ele viu o entendimento ali, então um brilho de malícia, pouco antes de ela entregar a vassoura para Thorolf. Delaney sorriu com a percepção dela, incapaz de parar. Os dois *iriam* brigar como galos. O brilho de Niall não ajudou. Delaney teve que se afastar para olhar para Ginger.

— Talvez vocês precisem encontrar um meio termo. — Ginger sugeriu levemente. — Um equilíbrio.

— Talvez apenas precisem limpar o celeiro em conjunto. — Disse Delaney. — Encontrar a harmonia no trabalho em equipe.

Ginger ficou séria quando pegou uma pá. Caminhou na direção de Delaney, seus olhos escurecendo enquanto se aproximava.

— Engraçado você sugerir isto. — Ela disse calmamente. — Quando você é a pessoa que quer fazer tudo sozinho.

— Ai. — Disse Niall, mas Delaney pegou uma pá e se afastou. Seu companheiro de percepção já não parecia tão louvável.

A confiança de Ginger para encontrar as inconsistências em seus argumentos a fazia não ter medo de apontá-las a ele. Por outro lado, gostava que ela não tivesse medo dele. Sentiu o cheiro da loção dela e soube que ela tomou banho. Seu corpo ficou tenso com a confirmação de sua teoria, e sabia que tudo estava alinhado contra o que ele sabia que tinha que fazer.

— O que eu preciso fazer é mais do que apenas o trabalho sujo. — Disse ele, seu mau humor totalmente restaurado.

Delaney não esperou o argumento inevitável, apenas começou a trabalhar. Dirigiu-se para o extremo do celeiro, onde havia uma porta para

a seção vazia. As vacas se arrastaram ao lado dele, claramente como um ritual. Quando ele abriu o portão, elas entraram no espaço.

— O feno fresco está ali. — Ginger chamou. — Coloque uma meia dúzia de fardos de cada lado. — Niall fez o que ela instruiu e Delaney começou a remover com a pá a sujeira do piso das baias que as vacas tinham deixado. Thorolf recuou e Niall murmurou algo sobre a preguiça.

— Eu não sou preguiçoso! — Thorolf gritou, e as vacas se esquivaram do som.

— Calma. — Ginger repreendeu. — Silêncio e rotina. Isso é o que elas gostam.

— Pegue uma pá. — Delaney disse com impaciência.

Ele olhou para cima a tempo de ver a expressão consternada de Thorolf.

— Você quer dizer, como, ir para lá, perto delas?

Ginger riu.

— São vacas em sua maioria!

— Você vai ao lado delas, e não com elas. — Disse Niall.

Thorolf parou em seu terreno.

— Ei, eu sou um cara da cidade. — Ele colocou a mão sobre o coração. — Eu conheço cachorros vira-latas e gatos vadios, pardais e pombos. Guaxinins e gambás, talvez. Morcegos. Ratos. Pombos e corvos. Touros é uma coisa completamente diferente.

— Você conhece bife. — Delaney não pôde deixar de notar.

Os olhos de Thorolf brilharam com entusiasmo.

— Bem, sim! Mas isso não vai me atacar.

— Apenas não os irrite. — Ginger aconselhou. — Mova-se devagar e fale com voz calma. Eles gostam de ouvir, então passam a ser cooperativos.

— Deveria ser. — Thorolf repetiu com um aceno de cabeça. — Será que alguém ouviu a incerteza disso? Quanto é que essas coisas pesam, afinal? Eles são enormes!

— Mova-se. — Disse Delaney. Ele já havia tirado com a pá um quarto de sujeira.

— Coragem. — Niall refletiu, enquanto se inclinava. — Outra característica admirável.

Thorolf amaldiçoou.

Niall sorriu.

Ginger parecia tentar esconder um sorriso quando foi em direção a Delaney, o desafio em sua expressão. Delaney poderia ver os olhos dela brilhando pelo resto do dia, sem falar no balanço dos quadris, mas ele se concentrou em seu trabalho. Lembrou-se da satisfação do trabalho pesado, de usar seu corpo para fazer a diferença. Trabalho honesto.

Ginger se juntou a ele, mostrando que estava longe de ser frágil pela forma como começou a trabalhar.

— Coloque no canto direito de trás. — Ela instruiu. — Luke pode tirá-la de lá quando chegar.

Luke. Com a menção do homem novamente, Delaney sentiu uma pontada de ciúme, mais como fumaça de dragão que a tempestade, e ressentiu-se do homem que sequer conhecia.

— Múu. — Disse Thorolf a um touro pequeno e escuro na baia perto da porta. O loiro *Pyr* estava segurando uma pá, obviamente incerto de como prosseguir.

— Este é Darian. — Disse Ginger. — Ele é muito gentil.

— Uh-uh. — Thorolf teve tempo de dizer antes de Darian mugir.

Thorolf correu em direção à porta do celeiro, com os olhos arregalados de terror.

— Ele vai me matar!

— Ele sabe sobre os bifés. — Disse Delaney inexpressivo. — Ele quer se vingar.

Niall riu. Ginger soltou uma risadinha. Thorolf levantou a pá bem alta em autodefesa quando Darian mugiu novamente.

Reginald viu o movimento rápido de Thorolf e voou para a cerca, cacarejando e se agitando furiosamente. Thorolf amaldiçoou e pegou a vassoura, segurando os dois, a vassoura e a pá no alto.

— Não bata nele com a pá. — Niall aconselhou. — Eu acho que Ginger estava provocando sobre o frango ao molho.

Thorolf pareceu momentaneamente confuso, olhando entre vassoura e pá, galo e boi. Reginald fez seu movimento, voando para o Pyr com suas garras estendidas. Thorolf gritou e recuou. Darian foi para a borda da baía. Thorolf caiu com ambas às ferramentas e fugiu do estábulo.

A neve caía em espiral através da porta aberta. Reginald cantou com orgulho, enquanto subia na cerca. Darian espirrou o incidente já esquecido, quando se inclinou para acariciar seu feno fresco.

Niall delirou. Ginger se juntou a sua risada, os dois se dobrando. O som da risada de Ginger e Niall era tão contagiante que Delaney encontrou o seu próprio sorriso se formando. Quando ele riu, o som foi tão estranho que ele não o reconheceu como vindo dele.

Ginger pegou o braço dele e inclinou-se contra ele, sua voz baixa, com alegria.

— Você tem uma grande risada. — Disse ela, os olhos brilhando e suas curvas pressionadas contra o seu lado. Delaney prendeu o fôlego com a intensidade súbita de seu desejo por ela. — Você deveria rir mais vezes.

Quando ele olhou para os olhos brilhantes dela, Delaney quase acreditou que era possível poder ter o futuro que ele desejava e que pudesse aprender a rir novamente e dormir sem medo.

Quase.

Mas não era bem assim.

Algo mudou depois que Delaney riu. Ginger sentiu isso, mas não

conseguia entender o motivo. Pensou que ele iria beijá-la, mas algo mudou em sua mente. Ele ficou sério de repente e começou a limpar o chão do celeiro, trabalhando com uma diligência, que deixou o resto deles na poeira. Por assim dizer. Pelo menos as vacas teriam um celeiro limpo em tempo recorde.

Ainda que Ginger ansiasse por um beijo que não tinha chegado. Os três voltaram para a casa juntos, um silêncio inquieto entre eles. Mesmo Thorolf estava quieto, tímido, talvez, por isso ficou na varanda. Ginger reparou como Niall lançava olhares para Delaney, que permanecia triste, mas não disse mais nada. Ela imaginou que Niall conhecia melhor seu amigo, e seguiu o exemplo do loiro *Pyr*.

De volta à cozinha, a carne moída descongelou e Thorolf fez uma piada sobre não querer fazer novos inimigos comendo-a.

— Vacas do vizinho. — Disse Ginger. — Minhas vacas são todas leiteiras. — Então ela começou a trabalhar. — Macarrão, certo?

— Parece ótimo. — Os homens disseram em uníssono.

Os *Pyr* ajudaram a chef, Delaney cortou cebola e alho, enquanto Niall dourava a carne. Fizeram tudo o que ela pediu, de imediato e sem reclamações. Ginger abriu tomates em conservas caseiras e pasta de tomate, enquanto Thorolf, claramente motivado pela perspectiva de comer arrumou a mesa. Ela tinha muita massa no armário, que era uma coisa boa. O silêncio durou até que se sentaram à mesa, e Thorolf estava comendo o macarrão com uma velocidade impressionante.

— Isso é muito bom. — Disse ele, novamente, dando-lhe um sorriso agradecido.

— Nada como trabalhar o apetite. — Niall observou, e o *Pyr* corou.

O comentário não o fez comer mais devagar, no entanto.

— Você não me deixou falar sobre Magnus. — Ginger disse para Delaney, perguntando se ele iria ouvir neste momento.

— Eu sei tudo que preciso saber sobre Magnus. — Disse ele sem rodeios, e se concentrado na sua comida.

— Eu não penso assim. — Ginger argumentou.

Ele lançou-lhe um olhar sombrio.

— Eu sim.

Ela largou o garfo, irritada com ele e sem medo de demonstrar isso.

— Tanto encanto. — Niall disse, olhando para Delaney. — Talvez você deva tentar besteira de novo.

— Bolas não funcionaram, também. — Thorolf observou.

A parte de trás do pescoço de Delaney ficou vermelha, mas ele não fez qualquer concessão. Niall encolheu os ombros e virou-se para Ginger.

— Eu não sei tudo o que eu preciso saber. — Disse ele com um sorriso encorajador. — O que você descobriu?

— Bem, ele me contou sobre o Elixir, sobre Cinabre.

— Quem ou o que é Cinabre? — Thorolf perguntou entre garfadas.

— Ele foi um *Pyr*. Era um escravo de nome Silvanus Secundus, e eu acho que ele era escravo de Magnus. — Ginger observou Delaney, certa de que ele estava ouvindo-a, apesar de sua alegação.

— Magnus viveu na antiga Roma. — Niall, disse com um aceno. — Rafferty mencionou uma vez.

— Na Roma antiga todos não tinham escravos? — Thorolf perguntou.

Delaney olhou para cima e balançou a cabeça, então seu olhar fixou-se em Ginger.

— Eu não sei nada sobre Cinabre. — Ele disse calmamente. — Sinto muito. Você estava certa.

O timbre de sua voz baixa quase acabou com Ginger. Ela sentiu Niall observando os dois, e estava bem ciente do formigamento sedutor da tempestade. Delaney poderia controlar sua magnitude? Parecia mais quente quando ele estava se desculpando, ou pedindo-lhe algo. Talvez ela

apenas estivesse culpando o homem, sem medo de admitir que ele estivesse errado. Ela franziu o cenho e tentou se concentrar em sua história, ao invés da força dos dedos de Delaney no garfo. Sua voz estava mais alta que o habitual e estava, definitivamente, falando mais rapidamente, mas ela esperava que os Pys não notassem. Mesmo com seus sentidos aguçados.

— Silvanus Secundus foi pego por um crime, violar um cadáver, eu acho, mas tenho a sensação de que Magnus armou para ele. Então ele foi condenado a trabalhar nas minas de cinábrio em Almadén; o que era uma sentença de morte porque os operários morriam de envenenamento por mercúrio.

— Mercúrio? — Niall perguntou com surpresa.

Delaney se esticou, os olhos revelando seu interesse.

— Mas Silvanus Secundus não morreu, e quando Magnus foi ver o porquê, ele descobriu que seu ex-escravo tinha ficado vermelho.

Delaney afastou o prato, o rosto pálido. Niall olhou entre os dois, enquanto Thorolf lançava olhares entre mordidas.

— O que eu disse?

Delaney apertou a boca e seus olhos ficaram escuros novamente.

— Não se preocupe com isso. Continue. Por favor.

— Ele estava vermelho em forma humana ou forma de dragão? — Niall perguntou.

— Ambos. Sua pele ficou vermelha e seu cabelo também e, então, em forma de dragão, suas escamas ficaram vermelhas. E Magnus disse que havia uma antiga lenda de que um *Pyr* exposto ao mercúrio, excessivamente, poderia se tornar a fonte de um elixir da imortalidade.

Delaney franziu a testa para o chão, mas não disse nada.

Ginger tremia e soltou o garfo.

— Eu acho que ele fez o Elixir do Sangue de Dragão do sangue de Cinabre, e que obtém sua energia de seu corpo se dissolvendo em um

frasco grande. Eles estão bebendo sua força vital, um copo de cada vez.

— Legal. — Niall empurrou seu prato para longe, fazendo uma careta ao molho de tomate vermelho.

— Mas Magnus disse que ele está enfraquecendo e ficando sem energia. — Ginger engoliu e olhou para Delaney, que prendeu seu olhar. — Acho que ele pretende que você tome o lugar de Cinabre.

— Isso é apenas uma história. — Disse Delaney, e levantou-se. Ele passeou pela cozinha, para frente e para trás. — Ele está jogando com sua mente, dizendo-lhe histórias que você vai me contar.

Niall pigarreou.

— Com qual mente ele está jogando desta vez?

— Nós não precisamos rever o passado. — Disse Delaney com força. — Eu superei seus comandos antes e vou fazê-lo novamente.

— Você o fez?

— Eu não machuquei Ginger quando ele ordenou.

— E se fosse o comando fácil de negar? — Niall exigiu. — Afinal, quem nunca ouviu falar de um *Pyr* ser incapaz de ferir sua companheira?

— Quem nunca ouviu falar de um *Pyr* sendo conduzido para acabar com um feto *Pyr*, no útero de uma companheira? — Delaney retrucou.

— Você não fez isso, também. — Niall argumentou. — Talvez Magnus esteja mexendo com você, dando-lhe comandos que são pistas falsas. Dessa forma, você pode se sentir bem sobre atacá-lo. Você pode pensar que venceu, mas, enquanto isso está fazendo exatamente o que ele realmente quer que faça.

— Isso é loucura.

— Não, esta é a ideia de Rafferty. — Thorolf disse. — Que você esteja tão distraído por esses comandos que pode negar que nem sequer percebe a motivação mais profunda de Magnus.

— E Magnus quer que você apareça e tente destruir o Elixir. — Concluiu Niall. — Você só está seguindo seu plano.

— Isso é a coisa mais louca que eu já ouvi. — Os olhos de Delaney piscaram. — A última coisa que Magnus quer é que alguém destrua o Elixir! É a fonte de seu poder e a chave para a sua própria longevidade. Ele me encontrou no santuário esta manhã para me impedir.

— Ele se encontrou com você lá para mexer com seus pensamentos. — Niall argumentou.

— Você não sabe sobre isso!

Os dois estavam gritando um com o outro agora, embora Thorolf ainda estivesse comendo com gosto.

— Magnus é manipulador, você sabe disso! — Niall disse. — Como pode acreditar que ele não ainda está manipulando você?

Delaney levou o dedo na mesa, fazendo o salto.

— Por que eu? Se esta história é verdadeira, por que não sacrificar um dos Slayers tão desesperados para ganhar o seu prazer? Por que não?

— Eu não sei. — Niall murmurou. Olharam um para o outro. Niall sentou-se pesado, claramente descontente.

— O que disse? — Disse Delaney.

— Eu não sei por quê! — Niall gritou. — Mas ele está controlando você. Eu sei disso. Não posso saber todas as razões, mas sei o que vejo com meus próprios olhos.

— Seus olhos estão errados. — Delaney disse, puxando uma cadeira e sentando-se.

Antagonismo estalou entre eles, apesar de não afetar o apetite de Thorolf. Ginger sabia que a raiz da raiva de Niall era sua afeição por Delaney.

— Na verdade. — Ela disse suavemente, limpando a garganta. — Eu sei o motivo. — Os três *Pyr* olharam para ela e ela encolheu os ombros. — Magnus me disse que o dragão que fornece a fonte do Elixir tem que ter

sangue vermelho. Os *Slayers* não têm sangue negro?

— Eles têm! — Niall exclamou em triunfo, em seguida, apontou o dedo para Delaney. — Eu estou certo! Rafferty estava certo. Se você tentar destruir o Elixir, estará caindo direto no plano de Magnus.

Delaney se levantou novamente. Ele olhou assombrado para Ginger, como se estivesse meio perdido.

— Não. — Ele disse calmamente. — Você está errado. Ele está tentando me fazer abortar o plano, porque sabe que eu posso fazer isso. Ele dirá qualquer coisa para proteger o Elixir, qualquer mentira para impedir alguém de atacá-lo. — Ele olhou para cada um deles, por sua vez, a sua determinação clara, então falou baixinho. — Eu ainda vou fazer isso.

Com isso, ele girou e saiu da cozinha. A porta da cozinha bateu atrás dele e Ginger viu sua silhueta na varanda. Ela olhou para trás quando Niall amaldiçoou.

— Isso foi bem, você não acha? — O loiro *Pyr* disse, a sua frustração evidente. — Não me parece que ele possa negar Magnus em tudo.

— O que você quer dizer?

Niall franziu a testa e se inclinou em direção a Ginger, a intenção de ajudar seu amigo era de ambos os lados.

— Magnus tinha uma caverna escura, onde criou os dragões da sombra, tratando seus corpos com o Elixir. Quando Delaney ficou preso lá, ele foi forçado a beber do Elixir e, evidentemente, Magnus hipnotizou-o. Desde sua libertação, Delaney sentiu uma compulsão para agir contra sua própria vontade várias vezes. Exilou-se de nós para garantir que não pudesse prejudicar qualquer um de nós ou nossas companheiras. Ele me disse, ano passado, que sua vida não valia a pena viver, mas que iria fazer valer à pena.

A boca de Ginger ficou seca.

— Ao destruir o Elixir.

Niall assentiu, então suspirou.

— Mas Rafferty acha que esse impulso de ir a uma missão suicida é o comando real de Magnus. Não conseguimos descobrir por que ele gostaria que Delaney tentasse destruir o Elixir, não até agora.

— Não podemos deixá-lo fazer isso consigo mesmo. — Disse Ginger. — Nós temos que ajudá-lo.

— Vai ser difícil, se ele não quiser ser ajudado. — Thorolf contribuiu, em seguida, estendeu a mão para o prato para se servir mais.

A exasperação de Niall se acendeu nos olhos, enquanto ele olhava o alto *Pyr*, então ficou de pé.

— Vou tentar falar com ele.

— Ele disse que iria ficar aqui esta noite para me proteger.

Niall forçou um sorriso e Ginger sentiu um laço em comum com ele.

— Temos esse tempo para tentar, pelo menos. — Então ele foi para a varanda. Ginger ouviu o estrondo do trovão e assumiu que os dois começaram a conversar na antiga língua.

Thorolf parecia escutar por um momento, então comeu o resto em seu prato.

— Isso estava realmente bom. — Disse ele, sorrindo para Ginger.

— Há mais na panela.

— Importa-se se eu me servir? — Perguntou, já de pé, seus olhos brilhantes de expectativa.

Ginger não se importava se Thorolf comesse tudo.

Ela se preocupava em chegar a Delaney antes que ele se condenasse. Mas ela não se importava o suficiente para oferecer-lhe a única coisa que ele realmente queria dela?

Será que ela se importava o suficiente para fazê-lo acreditar em seu próprio futuro concordando em ter um filho dele? Ela sequer considerava a possibilidade, era assustador.

Afastou a cadeira e pegou o casaco, saindo para a varanda onde os dois *Pyr* estavam. Assumiu que eles estavam conversando, porque podia ouvir o trovão, mas Niall olhou para ela, quando saiu. Ele piscou para ela, então começou a falar em voz alta.

— Que bom que você está aqui. — Disse ele, abrindo espaço a seu lado. — Nós poderíamos usar o calor da tempestade.

Delaney não disse nada, apenas manteve os braços cruzados sobre o peito e olhou para a pastagem. Niall olhou para Ginger, encolheu os ombros e continuou a conversa. Ginger ouviu, e ficou surpresa com o que ouviu.

Delaney teria preferido que Ginger ficasse dentro de casa. Não só estava muito frio para ela estar de pé na varanda, mas ele precisava de uma pausa da insistência da tempestade para pensar.

Como poderia conciliar essas duas exigências?

Como ele poderia satisfazer a tempestade sem tomar o tempo para cortejar Ginger?

Como poderia destruir o Elixir, se não fazê-lo imediatamente? Ficou preso entre dois objetivos, incapaz de decidir qual era mais imperativo. Ele ainda queria satisfazer ambos. Logo.

— Você deve voltar. — Disse Niall, mas Delaney não estava interessado em sua argumentação. — Vou vender de volta a sua parte da empresa pelo preço que vendeu para mim no ano passado.

A oferta era mais tentadora do que deveria ser. Delaney não tinha utilidade para as ações de uma empresa, se morresse. E ainda, ele queria muito.

— Não, obrigado. — Disse ele, dando um passo de distância.

— Por que não?

— Por quê? — Delaney perguntou, quando o silêncio aumentou muito.

— Porque eu sinto sua falta, é claro. — Niall estava ríspido e nervoso, muito menos confortável em discutir as emoções de Delaney. —

Porque você era bom nisso.

— 'Era' é a palavra operativa.

Ginger limpou a garganta.

— Qual empresa?

Niall ficou mais que feliz em responder sua pergunta. Delaney lutou contra um sorriso de alívio evidente, por seu ex-sócio não discutir mais seus sentimentos.

— Delaney e eu começamos uma empresa de viagem ecológica há anos, antes que ela estivesse na moda. — Disse ele. — Tivemos um momento difícil no início, persuadindo as pessoas a fazerem viagens difíceis, mas aos poucos construímos uma reputação.

— Que tipo de viagem?

— Gostaríamos de levar as pessoas para a Galápagos, ao Butão, ao Ártico. Inicialmente, marcamos viagens para todos os tipos de lugares obscuros e exóticos, caminhadas em Machu Picchu, caiaque na Tailândia, esse tipo de coisa.

— Há um monte de empresas fazendo isso agora.

— Há. Delaney teve a ideia há uns dez anos de que deveríamos ser diferentes. Começamos a organizar viagens que se transformaram em uma missão. Limpeza do lixo no Monte Kilimanjaro, por exemplo, ou o inventário das espécies de aves na bacia amazônica. Unimos forças com biólogos e pesquisadores que atuavam em cada área, e demos-lhes algum trabalho.

— Eu gosto disso. — Disse Ginger. — Eu gosto da ideia de fazer a diferença, em qualquer outra parte do mundo, durante as férias.

— Foi brilhante e as pessoas adoraram. — Niall encolheu os ombros. — É claro, outras empresas começaram a copiar a ideia, e até mesmo hotéis resort pensaram nas possibilidades.

— Isso é sinal de uma boa ideia. — Disse Ginger e Delaney sentiu um pouco de orgulho.

— Delaney é todo idéias. — Niall disse. — Isso é parte da razão pela qual eu sinto falta dele. Alguns anos atrás, ele veio com a ideia de *Bucket List* ⁶.

— Lugares para ir antes de morrer? — Ginger perguntou.

— Não, lugares para ir antes que eles desapareçam para sempre.

— Ah. Existem muitos?

— Eu queria que a lista não fosse tão longa. — Disse Delaney.

— Há lugares que foram submersos com o aumento dos níveis de água, ilhas inteiras desaparecendo no sul do Pacífico. — Niall disse. — A floresta amazônica está sendo derrubada para fazer péssimas terras para plantações. Galápagos estão sob cerco. Os blocos de gelo do Ártico estão derretendo. Os recifes estão morrendo. Vamos ver ursos polares, enquanto ainda existam alguns, e eu mesmo coloquei Veneza na lista no ano passado.

— Veneza? — Delaney perguntou, com surpresa. Anteriormente, eles focaram em maravilhas naturais.

— Bem, você não estava por perto para me dar uma ideia melhor. — Niall reclamou. Ele soltou um som de exasperação quando apelou para Ginger. — As viagens estão cada vez mais populares. Temos frequentadores que vão a cada ano, e a cada ano, temos mais pessoas se inscrevendo. Estou ficando enterrado. É demais no escritório para apenas uma pessoa, mesmo com todos os guias que temos treinado. Eu adoraria ter ajuda de novo.

Delaney estava orgulhoso dessa ideia e era emocionante saber que foi bem sucedida. Era também uma tentação voltar atrás em sua posição anterior e adicionar mais sucesso à ideia. Ele não disse nada, no entanto. Não tinha nenhum futuro para oferecer ao seu velho amigo.

— Veneza. — Disse Ginger, e ele a pegou olhando para ele. — Parece que talvez você deva aceitar a oferta de Niall e se envolver novamente. Parece que seu plano está perdendo o foco.

⁶ *Bucket List* - lista de bater as botas

Era um desafio e ele sabia disso, assim como um pedido. Delaney não precisava de mais desafios, no momento. Estremeceu e esfregou os braços, desejando ter pegado um casaco.

— Niall pode lidar com isso. Ele sempre foi o melhor para organizar os detalhes.

— E você sempre foi o pai da ideia. — Niall argumentou. — Por isso formamos uma equipe tão boa. Vamos lá para trás.

— E o Elixir?

— E o Elixir? — Niall disse, com impaciência. — Por que você está tão determinado a fazê-lo sozinho e morrer tentando? Poderíamos trabalhar todos juntos.

— Não! — Delaney interrompeu secamente. — Você não vai se expor a isso!

Niall o encarou com os olhos apertados.

— Por que você está deixando Magnus fazê-lo? Você é mais esperto do que isso.

— Magnus não está funcionando comigo. — Argumentou Delaney. — Eu estou fazendo minha própria escolha. — Ele ouviu sua voz aumentar de tom. — Só porque não é a sua escolha não significa que seja a escolha errada.

Niall não estava convencido.

— Mas pense no futuro! Pense em Ginger e sua tempestade!

— Eu não posso pensar nisso! — Delaney gritou. — Eu não tenho o luxo!

— Parece que você não vai se dar ao luxo.

Ele quase rosnou para Niall em sua frustração, ao pensar que pudesse falhar em todas as facetas de seu plano.

— Você não sabe o inferno que o Elixir cria em sua mente. Até que prova sua escuridão, até que se contorce sob o eclipse, incapaz de

controlar seu corpo, você não pode entender.

Sua voz estava mais alta e ele sabia disso, mas ele não podia parar. Niall deu um passo para trás e os olhos de Ginger se arregalaram. As faíscas de sua tempestade de fogo, uma indicação de outra coisa negada a ele, deixava Delaney mais irritado.

— Até que você sinta sua fúria fria dentro de você, até sentir que come sua confiança e abala seu poder, até que fique com medo de ir dormir, porque vai te dar pesadelos, não é possível saber como debilitante é! — Ele cerrou os dentes, vendo o horror em ambas as expressões, de Niall e Ginger, e falou brevemente. — Eu não vou permitir que qualquer um de vocês saiba como é independentemente do custo para mim. Se essa é a única coisa que eu conseguir realizar nesta vida, isso é o suficiente. — Delaney respirou fundo. — O Elixir tem que ir.

Ginger engoliu e Niall parecia preocupado.

— Não é tão ruim o conceito. — Delaney argumentou.

— Não é isso que está me incomodando. — Niall disse suavemente. — Olhe para suas mãos.

Delaney olhou para baixo e viu o resplendor de sua pele, o vermelho de suas cutículas. Ele olhou para a janela da cozinha e pegou seu próprio reflexo, praticamente vermelho flamejante. E frio. Um frio penetrante que foi direto para seus ossos e era impossível não tremer. Seu tremor involuntário levou Ginger à ação. Ela abriu a porta da cozinha e fez um gesto amplo em direção a ele.

— Olhe para o frio que está. Você deveria estar usando um casaco. — Ginger repreendeu, mas Delaney sabia que não era o problema real. Ele conhecia aquele olhar de Niall e viu que seu velho amigo sabia, também.

Ele sabia que não era o único a pensar no frio vermelho de Cinabre. Seu corpo estava se tornando a nova fonte, apesar de seus próprios planos? Era uma transformação além de seu próprio controle? O que Magnus fez com ele?

Capítulo 14

Eles ficaram sentados na cozinha por algumas horas, em uma conversa desconexa. Delaney estava quieto, mas a vermelhidão que Ginger percebeu na varanda recuou, ela se perguntava se os olhos dela haviam se enganado. Ela certamente não iria pensar em Cinabre. Muito menos Delaney, sempre preso em um grande tubo de ensaio. Sentiu um arrepio de consciência entre eles, um que ambos tentavam ignorar, mesmo quando as fagulhas dançavam e brilhavam.

A tempestade estava dando a Ginger ideias indesejadas. Já era tarde quando ela subiu as escadas para o quarto, cansada e ainda cheia

de uma curiosa antecipação. Seu coração deu um pulso quando ouviu um ruído de passos na escada atrás dela. Não tinha que olhar para trás para saber que Delaney a estava seguindo. A tempestade aquecia suas costas e alimentava seu desejo. Ela sabia que estaria perdida se ele a tocasse de novo, se demonstrasse qualquer desejo por ela, ou se ele a beijasse.

Ela sabia, racionalmente, que seria estúpido deixar-se engravidar por um homem em uma missão da qual ele não iria voltar. Ela sabia o que era crescer sem os pais. Mas havia algo em Delaney que deixava Ginger exatamente onde ela estava. Assim que viu seus olhos escuros, com aquele olhar atormentado, ela quis tocá-lo. Quando ele falou do que sofreu e fez isso somente em um tom mais sóbrio, ela percebeu a profundidade de sua dor. Sabia que poderia curá-lo. O vínculo que sentia com ele era forte e irracional, mas perfeitamente explicado pela mitologia de sua própria espécie.

Quando ele chegou até a ela, Ginger quis acreditar na tempestade. Queria acreditar no destino e na sorte de que havia alguém no mundo para ser seu parceiro e amante. Ela queria que essa pessoa fosse Delaney. Mas ele tinha que acreditar também.

E ele se recusava a fazê-lo. Talvez ele estivesse certo. Talvez não fosse a pessoa para ela. Talvez ela estivesse colocando um brilho romântico sobre uma necessidade biológica, primaria. Talvez devesse provar que era tão inteligente quanto todos diziam que era, e manter o perigo, como Delaney, à distância. Ginger parou no topo da escada e se virou para ele. Ele olhou para cima, no meio da escada, e sua expressão era decidida.

— Não pense que virá para o meu quarto essa noite. — Disse Ginger, falando mais duro do que queria.

Delaney não se intimidou.

— Não pense que me deixará de fora. — Disse ele, suas palavras baixas. Ginger tremeu ante a ameaça de suas palavras suaves, mas muito mais potentes, porque ele não gritou.

— Eu quis dizer isso.

— Eu também. — Ele parou dois passos abaixo dela e olhou em seus olhos. — Os Slayers estão nos seguindo e serão atraídos pela

tempestade. Eles tentarão parar a tempestade de fogo, a fim de impedir o Pyr de reproduzir.

Ginger cruzou os braços sobre o peito.

— Bem, eles não terão que parar. Eu mesma vou parar isso.

Delaney balançou a cabeça. Ele levantou uma mão e a previsível faísca dançou entre o ombro e as pontas dos dedos. Ginger deu um passo para trás e a chama fez um arco brilhante em sua direção, enviando calor através de suas veias e iluminando as feições de Delaney.

— Há apenas uma maneira de pará-la.

— Nós não vamos ter sexo novamente. Não, até eu saber muito mais, e talvez nem assim.

— Então, a tempestade continuará a queimar. — Ele arqueou uma sobrancelha, com um olhar imprevisível e perigoso. — E os Slayers continuarão a vir, atraídos por seu calor.

O coração de Ginger saltou.

— E a fumaça de dragão? Porque não basta fazer uma marca de perímetro?

— Eu fiz isso. — Disse Delaney. — Eu expirei fumaça, tecendo alto e profundo. Eu fiz isso na primeira noite, antes de sair.

Ginger sentiu-se aquecida por sua proteção, mas seu alívio foi prejudicado por suas palavras seguintes.

— Mas os Slayers que bebem do Elixir estão aprendendo a fazer coisas que, tradicionalmente, só a Wyvern poderia fazer.

— A Wyvern?

— A única fêmea da nossa espécie. A profetisa.

— Onde ela está?

— Ela morreu no ano passado. A história é que outra vai nascer, mas não há como prever quando isso vai acontecer. — Ele encolheu os ombros, com desprezo irrisório, enquanto Ginger achava fascinante. — O

ponto é que a Wyvern poderia mover-se através da fumaça de dragão, acho que porque tinha a capacidade de se manifestar espontaneamente e desaparecer em locais diferentes. Seria possível que ela só se manifestasse dentro do anel da fumaça de dragão. Eu realmente não estou certo, mas alguns *Slayers* podem violar as marcas de perímetro agora. — Ele encontrou seu olhar com firmeza e ela sabia que ele estava dizendo a verdade. — Tendem a ser aqueles que beberam mais do Elixir que podem fazer isso.

— Isso seria mais do que há ao nosso redor.

— Mais ou menos. — Delaney franziu o cenho. — Jorge estava em seu celeiro hoje, sem ter deixado nenhuma marca ou sinais de entrada. Estou querendo saber se ele dominou a arte da manifestação espontânea.

Ginger estremeceu com a perspectiva de encontrar-se com Jorge mais uma vez.

— Assim, a barreira da fumaça de dragão é inútil.

— Provavelmente. — Delaney encontrou seu olhar, sua determinação clara. — A maneira usual para parar uma tempestade é matar a companheira humana.

Ginger olhou para ele com horror.

— Você está brincando. — Disse ela, mas já sabia que não estava.

— Eu não vou deixar você sozinha, Ginger, e isso é tudo que sei.

Seria imaginação de Ginger que a luz de seu olhar era mais nítida, como de um predador, que nunca notou antes? Ela se lembrou da mudança naquela manhã, do dragão, mesmo quando ele estava em forma humana, não conseguiu olhar em seus olhos por um minuto. Ele era perigoso.

Mas, por outro lado, ela estava sendo perseguida por um ainda mais perigoso *Slayers*. Era uma coisa boa ter um *Pyr* preparado para defendê-la.

— Então, qual é a solução? Você vai ficar aqui para sempre? Quando acaba a tempestade?

— Ela termina quando se está satisfeito.

— Quando uma criança é concebida. — A um aceno seu Ginger sentiu os lábios se apertarem. — E se isso não acontecer?

Delaney encolheu os ombros.

— Alguns *Pyr*s dizem que a tempestade de fogo queima mais e se torna mais exigente com o passar do tempo, que se torna cada vez mais difícil negar.

Ginger cruzou os braços sobre o peito e mentiu.

— Estou me sentindo muito firme. — Sua alegação era uma ridícula ousadia, mentira pura, e Ginger sabia. Se Delaney a tocasse, ela seria um caso perdido.

Seu sorriso foi fugaz, porém ainda assim precioso. Ele a fez se perguntar se sabia que ela estava falando uma grande besteira.

— Existem marés que nós não podemos suportar Ginger. — Ele murmurou, suas palavras suaves fazendo sua boca ficar seca. Ele encontrou seu olhar, seus olhos escuros com desejo. — Se nós estamos destinados a ser amantes, como podemos fugir um do outro?

Ele levantou a mão e Ginger sabia que se ele a tocasse iria voar faíscas. Tão certo como ela sabia que poderia se perder. Mas ela segurou os pés no chão e mesmo assim esperou surgir o formigamento de desejo em seu joelho. Ela nunca tinha se virado e fugido de qualquer coisa ou pessoa, e não iria começar agora.

Ginger prendeu a respiração quando os dedos de Delaney roçaram a linha de sua mandíbula. Assim como ela previu, uma cascata de faíscas caiu sob o ponto de contato, cada um enviando uma demanda urgente por seu corpo. Ela ouviu-se ofegante, sentiu os joelhos enfraquecerem, e os lábios ficarem entreabertos.

Delaney deslizou os dedos em seus cabelos e lhe deu um pequeno puxão para trazê-la mais perto. Ginger caiu contra seu peito, se perdendo numa chuva de faíscas, sabendo que seu corpo estava perto de uma tempestade. Ela não teve tempo de se arrepender, ou até mesmo de considerar se deveria. Porque Delaney a beijou.

Foi um doce e selvagem beijo, um beijo lento e sedutor que se tornou exigente. Ginger sentiu o calor entre eles, o fluxo através de seu corpo alimentando o inferno que estava dentro dela desde o encontro com ele. Seus mamilos ficaram rígidos, os seios levemente esmagados contra seu peito, sua boca escaldante enquanto seu beijo provocava e tentava.

E ele a estava segurando com uma mão, seus dedos longos e fortes enrolados em sua nuca. Ginger permitiu-se banquetear em sua boca, deixou que dançasse com sua língua, deixou a tempestade derreter suas reservas e resoluções. Ou talvez fosse apenas Delaney. Talvez ele fosse seu número de mágica, mesmo sem o calor desta tempestade. Qual seria o seu efeito sobre ela depois que a tempestade de fogo estivesse satisfeita? Ginger não podia acreditar que ainda quisesse esse homem, apesar de tudo o que possuía.

Ginger rompeu o beijo deles, plantando suas mãos no peito dele. Delaney deixando-a fazê-lo, seus olhos brilhando como diamantes na escuridão, enquanto ele a olhava. Ginger deu um passo para trás, prendeu a respiração, e fechou as mãos atrás das costas. Quando ela falou, ela parecia sem fôlego, mesmo para si.

— A tempestade de fogo já pode ter sido satisfeita, por tudo aquilo que você disse, talvez haja algo diferente acontecendo aqui.

— Talvez ela só precise de outra oportunidade. — Ele estava ao seu lado em um único passo e ela apoiada na parede, olhando para ele enquanto colocava as mãos de cada lado de seus ombros. — Eu poderia satisfazer a tempestade. — Disse ele, suas palavras suaves como seda. — Se você concordar ou não. Eu poderia extingui-la e torná-la invisível novamente para os *Slayers*.

Seu olhar dançou por cima dela, até que o espaço entre eles foi preenchido com o calor dourado da tempestade. Ele estava tenso, muito maior e mais forte, Ginger deveria sentir medo dele. Mas ela não estava, pois sabia que Delaney não a forçaria. Ele estava pedindo-lhe.

Ele falou em um sussurro baixo, as suas palavras fazendo Ginger se arrepiar de desejo.

— Eu posso garantir que a minha obrigação de Pyr será cumprida, antes de sair nesta missão.

Era muito tentador render-se a seu pedido, dar-lhe o que queria. Mas o que tornaria mais fácil para ele deixá-la para sempre.

— Não. — Ginger não lhe deu a oportunidade de discutir com ela. Sabia o que tinha a dizer, e ela tinha que dizer isso agora, antes que fosse dissuadida a achar que ele estava certo. — Você acha que é tudo tão fácil, que você sente a tempestade e vai até a mulher em questão, então continua com tudo o que você pretende fazer. Você não está pensando na criança. Você não está pensando no futuro.

Sua expressão endureceu.

— Eu não tenho um futuro.

Ginger sabia a quem estava tentando convencer. Ela escolheu defender sua perspectiva.

— Esta é a sua escolha, mas qualquer criança que eu carregar *vai* ter um futuro. Eu garanto isso. E um futuro sem um pai não é muito atraente para qualquer criança.

— Eu teria sido melhor sem meu pai.

— Bem, eu não fui melhor sem o meu. — Disse Ginger. — Deixe-me lhe contar uma história. — Ela respirou fundo e soltou a sua história em uma maré de palavras, que ela não conseguia parar uma vez que começou.

— Era uma vez, havia um casal que se apaixonou. O nome do homem era Sean Sinclair e o nome da mulher, Elena Van Vliet. Eles cresceram aqui. Foram juntos para a escola e foram para a mesma igreja com suas famílias, e eles se conheciam desde crianças. E em todo o tempo os outros brincavam que Elena e Sean iriam se casar um dia. No colégio, eles foram namorados. Foram para a mesma faculdade, Sean para a Gestão de gado leiteiro e Elena se tornou uma professora e depois de formados, eles se casaram em junho.

Ginger apontou para a janela do hall do segundo andar. Não havia nada visível pelo vidro, além de escuridão e neve, mas ela sabia o que veria em um dia de verão.

— Eles se casaram lá fora, no jardim da vovó com flores perenes, e todos vieram de milhas de distância para o casamento. Todos dançaram e

passaram bem, e todos disseram que Elena era a mais bonita noiva que já tinham visto.

Delaney prestava atenção nela, seus olhos brilhando, e Ginger ouviu sua voz elevar-se.

— Eles se mudaram para esta casa. — Ela apontou um dedo na direção do quarto em suas costas. — E eles dormiam no mesmo quarto. Sean trabalhou na fazenda de seus pais, assumindo mais responsabilidade quando seu pai ficou mais frágil. Elena cozinhava e limpava ao lado da mãe de Sean, aprendendo a fazer pickles e pão e todos os milhares de pedaços de sabedoria que minha avó tinha para compartilhar. Quando o pai de Sean teve um ataque cardíaco logo após o casamento, Sean cuidou da fazenda sob a supervisão de seu pai.

Ginger respirou fundo, sabendo que a próxima parte de sua história era a mais dura para ela compartilhar.

— Eles não tinham muito. Trabalhavam duro e dormiam bem. Mas vovó sempre disse que esta casa estava cheia de amor e respeito, e que esta era a melhor parte. E um dia, depois de vários anos e muitas decepções, Elena ficou grávida.

Ela olhou para Delaney, consciente de sua vigilância, e tentou piscar as lágrimas.

— Todo mundo dizia que ela ficou rosada com a gravidez, mas eles estavam sendo gentis. Ela estava doente a cada dia. Teve um tempo difícil para manter muita coisa para baixo, e vivia com medo de perder outro bebê. Vovó a mandava para cama e cozinhava para ela, subindo e descendo as escadas uma centena de vezes por dia. Sean lia para ela durante a noite e, embora todos eles tentassem o seu melhor, não havia um deles que não tivesse ficado surpreso quando Elena não só conseguiu segurar o bebê, mas passou pela provação. E quando o velho Dr. Stevenson entregou, com muito gosto, um bebê saudável com tres quilos, houve bastante festa na fazenda Sinclair.

Ginger engoliu e olhou pela janela, incapaz de sustentar o olhar de Delaney.

— Foi apenas um ano depois que essa menina foi desmamada e Elena recuperou sua força, e insistindo para que vovó tivesse um fim de

semana para si. Eles foram para Niágara Falls, brincando que iriam fazer um irmão ou irmã para Ginger. Eles nunca mais voltaram.

Ginger respirou com agitação e limpou as lágrimas dos olhos com impaciência.

— Um caminhão perdeu um pneu na interestadual, e à medida que o pneu atravessava bateu o lado direito através do para-brisa. Seu carro saiu da estrada e eles morreram instantaneamente. Era noite, eles estavam dirigindo tarde, e o policial pensou que provavelmente não viram o que aconteceu. Vovó pensou que eles estavam tentando chegar em casa cedo. Foi apenas má sorte.

Delaney ficou suspeitosamente silencioso, embora Ginger pudesse sentir o peso de seu olhar sobre ela. Ela não queria sua simpatia ou compaixão, ela só queria que ele a ouvisse.

— Eu respeito a minha avó e eu a amava de todo meu coração, mas nossa vida não foi fácil e eu certamente não sabia da missa a metade. Eu decidi um longo, longo tempo atrás, que eu nunca iria escolher ter um filho sozinha. Não é fácil para uma criança enfrentar o mundo sem pais, sem amor e apoio. Você nunca sabe o que o destino vai jogar em você, mas tem que fazer escolhas que lhe dão uma chance melhor.

Delaney estava ainda olhando para ela, ainda em silêncio e atento.

— Eu não vou ter seu filho, sozinha. — Disse Ginger, só para deixar as coisas completamente claras entre ambos. Ela respirou fundo outra vez. — Além disso, eu quero o que meus pais tiveram. Quero esse tipo de amor e compromisso, por quanto tempo durar. Acho que é o tipo de relação que as crianças devem ter e acho que é o tipo de relacionamento que vale a pena esperar.

Delaney franziu o cenho e olhou para o chão.

— E você? Você não acha que o amor vale à pena ou está esperando?

Ele balançou a cabeça, impaciente com o conceito.

— O amor é para outras pessoas.

— O amor é para *todos*.

— Eu não penso assim. — Sua convicção era clara, e foi suficiente para convencer Ginger que o calor entre eles carregava uma promessa vazia. Ela teria que se virar sem ele, e com seu filho, de alguma forma. Sabia bem o suficiente para perceber que ela nunca conseguiria manter seu voto se ele a tocasse novamente.

— Eu quero que me faça uma promessa. — Disse Ginger, e Delaney olhou para ela novamente. Havia uma suspeita em seus olhos que partiu seu coração, e ela se perguntou o que ou quem lhe ensinou que o amor não era para ele. — Eu quero que você prometa que não vai fazer escolhas por mim e com o compromisso que eu quero para minha vida.

Ele balançou a cabeça, sua maneira resoluta.

— Eu não escolheria por você, Ginger. Na noite passada, eu cometi um erro e sinto muito.

— Prometa.

Ele endireitou-se e foi até ela, movendo-se tão depressa que ela mal o viu dar um passo. Ele estava simplesmente na sua frente, uma mera extensão da mão entre eles, seu olhar brilhando.

— Eu prometo. — Disse ele, suas palavras ressoando com convicção.

Ele não se moveu mais perto, mas simplesmente deixou aumentar o espaço entre eles. Ginger sabia que poderia tê-lo tocado, que poderia ter se aproximado e o beijado para selar seu acordo, mas não se atreveu. Ela era mais esperta do que isso.

— Você pode dormir no quarto, então. — Disse ela, mantendo o tom de voz firme. — Na cadeira, mas não na cama. Eu vou te dar cobertores extras. — Afastou-se dele, indo para o armário, mas suas palavras sussurradas pararam seus passos.

— Você confia em mim para manter minha palavra?

Ginger levantou os ombros para enfrentá-lo. Ela ouviu a incerteza em sua voz e soube que poucas pessoas confiaram em Delaney Shea. Talvez fosse esse o problema. Talvez ela confiar nele poderia dar uma chance a sua relação. Ginger estava disposta a tentar. De qualquer

maneira, imaginava que sua confiança era nova para ele, e outra faceta sua era não confiar em si mesmo. Ela ouviu em sua voz que era importante para ele que ela considerasse sua palavra. Talvez fosse mesmo a chave para tornar algo real entre eles.

— Eu confio. — Disse ela, percebendo depois que falou as palavras semelhantes a promessas.

Delaney estava frio.

Mais uma vez.

A autorrecriação dificilmente o manteria aquecido. Ele viu e reviu o sono de Ginger e sua história, inúmeras vezes. Sentiu vergonha por ter pensado, somente por um momento, que simplesmente poderia saciar a tempestade de fogo sem pensar sobre o resultado.

Não na criança.

Não em Ginger.

Qual era a diferença entre seu pai deixando sua mãe grávida, duas vezes e desaparecendo, e o que ele fez com Ginger na noite anterior? Ginger teve sorte, ou o controle de natalidade funcionou. Era isso. Seu comportamento era perfeitamente compatível com o de seu pai.

Egoísta.

Talvez ele fosse o fragmento da garra de seu pai.

Mas Ginger sabia o que era crescer sem pais e ela conheceu o amor de sua avó, sua história e a paixão que compartilhou fez com que ele quisesse as mesmas coisas para seu próprio filho. Isso o fez acreditar que as coisas poderiam ser diferentes para uma criança *Pyr* do que foi para ele. Seu irmão Donovan é que deu esperança a Delaney, e que foi a única família que conheceu.

Donovan, que sofreu o mesmo cruel despertar.

Donovan, que agora tinha um filho e uma companheira a quem pertencia.

Donovan, que agora sabia que não era seguro confiar em Delaney.

Delaney estava sentado na escuridão e questionando sobre Donovan e Alex. Ele questionava as possibilidades. Lembrou-se que tais possibilidades não existiam para ele.

Enquanto isso, o frio reclamou seu corpo, intensificando seu desenvolvimento. O frio parecia emanar de sua medula, soltando-se de seus músculos, e correndo como gelo em suas veias. Delaney estava mais frio do que ficou alguma outra vez, e assumiu que havia ficado muito no frio do santuário naquela manhã.

Ajustou a sua posição várias vezes, tentando ficar confortável, mas não importava o quanto se ajeitasse, a corrente de ar vinda da janela era muito fria. Não importava o quanto colocasse o cobertor ao redor dele, não conseguia se aquecer. Observou Ginger em seu sono, aninhada sob a coberta desbotada em sua cama, com os cabelos em cascata sobre o travesseiro como fios de ouro. Ele resistiu à tentação de se juntar a ela, evitou o calor sedutor da tempestade e do fascínio de Ginger, até as primeiras horas da manhã.

Então o vento se moveu, impulsionando a neve contra a vidraça. Delaney estremeceu ao som e não conseguiu parar. Sua pele estava fria ao toque. Seus dentes batiam tão alto que ele estava com medo de acordar Ginger.

E foi o que o levou, finalmente, para a cama. Sua intenção era permanecer envolto no cobertor que lhe foi dado, para não escorregar sob as cobertas de Ginger, e não perder a noção de sobreviver à carícia da tempestade de fogo.

O calor acariciava sua pele e ele foi atraído para ela por uma força maior que ele. Um brilho radiante se acendeu entre ele e Ginger, ficando mais claro a cada passo que dava em direção à cama. A luz iluminou seus traços, acariciou sua bochecha, fez parecer tão delicada e feminina que o coração de Delaney apertou. Ele se levantou e ficou olhando, observando como a luz dourada caía sobre a curva de seu pescoço, a linha do queixo, a curva de fragilidade de sua clavícula, e ele ansiou seguir o seu curso com a ponta dos dedos.

Não se atreveu a tocar-lhe, mas precisava se aquecer. Arrancou sua camisa e calça jeans, deixando ambos dobrados na cadeira. Ele deliberadamente manteve sua camiseta e boxer, sabendo que o algodão

seria uma escassa barreira contra o seu desejo. A roupa o fez lembrar-se de seu voto, porém, lembrou-lhe que preferia ser um homem mais cruel.

Ele jogou o cobertor que Ginger lhe deu em cima da cama, em seguida, foi pra debaixo da pilha de mantas. O calor envolveu-o imediatamente, enfraquecendo sua resolução, e chamando-lhe para mais perto da origem da tempestade.

Ginger.

Ele rangeu os dentes e deitou de costas ao lado dela, dizendo a si mesmo que o calor já era suficiente. Sabia que era uma mentira. Pensou em Ginger, sua maciez e sua força, seu humor e sua paixão, e ele queria chegar perto dela. Mas prometeu. Contrariando todas as expectativas, de repente ela se virou e se aninhou contra ele, encaixando contra ele suas curvas sem acordar.

Delaney perdeu o fôlego com a onda de calor que percorreu seu corpo, banindo o frio do inverno. Quando percebeu que ela ainda dormia tranquila, ele se entregou a sua luta. Ele a puxou para perto, deixando-a enterrar a cabeça contra seu ombro. Isto foi uma inocente mentira. Inofensiva.

Ou talvez não.

O cabelo de Ginger fazia cócegas em seu nariz, provocando seus sentidos com o cheiro de um xampu floral. Ela era quente, tão quente e tão macia. Assim como uma dádiva. Sua coragem estava em flagrante contraste com suas próprias dúvidas e quis, não pela primeira vez, que as coisas pudessem ser diferentes entre eles. A tempestade de fogo lançava ouro no quarto, como um tesouro cheio de esplendor dourado, e a boca de Delaney ficou seca.

Ele estava quente. Estava em casa. Estava no coração do que tinha o poder de fazê-lo feliz e fazer sua vida valer à pena. Ela já deu mais do que ele merecia, mas ele ainda queria mais. Foi oprimido temporariamente pelo poder de sua conexão com Ginger, e deixou-se imaginar que eles não teriam um futuro. Mas que poderiam ter um futuro.

Mesmo que não pudesse ser.

Delaney se manteve próximo de Ginger, saboreando o cheiro de sua

pele e a sensação de sua respiração contra a garganta. Ele olhou para o teto e compreendeu perfeitamente o que Magnus roubou dele. Verificou a ressonância do anel de sua fumaça de dragão. Ele ouviu a respiração ritmada de Thorolf na cozinha abaixo. Ouviu Niall, vigiando o teto e murmurando ao vento. Ele ouviu mais, ouviu as vacas se movendo no celeiro, suas caudas balançando. Ele sentiu o ritmo da terra, o pulsar quente de primavera crescendo nas profundezas da terra. Ele escutou o vento que assobiava e uivava ao redor da casa, ao tilintar da queda da neve, e sentiu as raízes crescendo ao redor da casa.

Sentiu um *Pyr* se aproximar e adivinhou que Sloane estava retornando. Ele não podia sentir o *Slayers*, mas sabia que não deveria acreditar que eles se moveriam para fora do limite. Estavam todos feridos, e os imaginava bebendo do Elixir e se curando. Esta era uma noite na qual Delaney poderia fazer o mesmo. Ele cedeu aos pedidos de seu corpo e ao calor sedutor da cama de Ginger. Dormiu embalado no que pensava ser sua segurança.

O pesadelo que frustrou Delaney diversas noites, pegou sua mente, logo foi induzido a um sono profundo. Ele sentiu seu início, como sempre, quando começava a lutar para acordar. Não teve sorte.

A sombra começou a se mover por toda a Terra, seu caminho inexorável fazendo com que ele entrasse em pânico. Tinha que parar. Tinha que garantir que isso nunca fosse uma visão do futuro. Delaney lutou contra seu próprio corpo, sem sucesso. Estremeceu com o frio do Elixir reivindicando o planeta, sentindo que o mesmo frio reivindicava o seu próprio corpo mais uma vez. Tentou forçar os olhos a se abrirem, mas sentia-se impotente nas garras do pesadelo. A terra foi eclipsada, lançada nas trevas, a luz revelou uma verdade terrível.

Delaney viu a Terra envolta em gelo, preservada e morta.

Ele ouviu um barulho de fúria. Sentiu-se voar furiosamente em direção a Terra. Encontrou os *Pyr*, um de cada vez, cada um preso ao elemento que melhor conhecia.

Mortos.

Quinn estava negro pelo fogo ao lado de sua forja fria, seu corpo se desintegrando em cinzas ao menor toque.

Donovan congelado em uma postura de combate, encerrado no gelo, ele poderia comandar a um guerreiro.

Erik foi esfolado pelo ar, o cadáver reduzido a ossos e tendões.

Niall caiu de uma montanha, levado aos confins da terra pelo vento que foi seu aliado. Seu corpo foi surrado e quebrado, jogado em uma fenda profunda, onde apenas Delaney poderia encontrá-lo.

Sloane se afogou na água que lhe deu o entendimento, o corpo preso sob uma camada de gelo.

Rafferty estava na terra, sufocado e esmagado, a sua força não era páreo para a uma Gaia furiosa.

Delaney encontrou todos, um de cada vez, e lutou para livrar seus corpos das garras dos elementos. O corpo de Quinn se desintegrou em cinzas; o corpo de Donovan se quebrou em fragmentos de gelo; o corpo de Erik se desfez em nada com o toque de Delaney. O corpo de Niall quebrou-se em partes que nunca poderiam ser juntadas novamente; Sloane se dissolveu quando Delaney tentou soltá-lo e Rafferty, Rafferty virou pó e não pode ser distinguido da terra.

Ao tentar ajudar seus companheiros, Delaney destruiu tudo o que restou de todos e cada um deles. Lutou contra a visão do pesadelo, o horror de seu próprio fracasso completo. Então encontrou Ginger, seu corpo congelado sob Brush Creek, perto da entrada para o santuário. Não houve faísca entre eles, nenhuma luz da tempestade para dourar suas feições. Seus olhos estavam arregalados e olhando, cegos à sua chegada.

Ele quebrou o gelo, usando toda sua força para libertá-la de sua prisão de inverno. Lançou grossas camadas de gelo de um lado a outro, desesperado para salvá-la. Mas quando o gelo foi quebrado e o leito do rio foi exposto, não havia ninguém lá. Ginger foi embora, tão certo como se ela nunca tivesse existido.

— Uma faísca extinta. — Declarou uma mulher. Delaney conhecia aquela voz, como sabia o seu próprio nome. Ele girou em seu sonho, ao ver a casa onde ele nasceu e não ficou verdadeiramente surpreso ao encontrar sua mãe esperando lá.

— Você poderia ter mudado o curso do destino. — Disse ela e

Delaney odiou que ela estivesse certa. As palavras se prenderam pesadamente ao redor de seu coração, ecoando com a verdade que carregavam. — Você teve a chance de destruir o Elixir, mas você estava... — Zombou sua mãe. — Com *medo de* manter sua promessa.

Delaney provou o seu próprio fracasso.

— Eu esperava mais de você. — Disse ela baixinho.

Delaney gritou e chegou perto de sua mãe.

Suas mãos se fecharam vazias no ar.

Ele girou em pânico, ao perceber sua própria solidão. Ela foi embora. A casa foi embora. A terra estava morta, seus amigos estavam mortos, e sua companheira estava morta. Ele estava sozinho, sozinho com apenas o conhecimento de seu próprio fracasso como companhia.

Ele enfureceu-se com suas inadequações.

Ele ficou furioso com a injustiça de tudo isso.

Delaney virou a cabeça para trás e gritou em fúria.

Capítulo 15

Rafferty cochilava na sala de Erik. Sentia-se no limite, como se alguma coisa mudasse e exigisse sua atenção. Ele não tinha certeza se estava simplesmente impressionado com os ritmos estranhos de Chicago ou se havia problemas maiores em andamento.

De qualquer maneira, ele não dormiu.

Ele descansava em um dos sofás negros diante da lareira. Apesar do incêndio e destruição do apartamento de Erik, muitas coisas foram substituídas e reparadas com o mesmo olhar. Este não foi o sofá onde Sophie se deitou, seu cabelo loiro branco, em contraste com o preto, mas era suficientemente semelhante para fazer Rafferty pensar nela.

Ele sentia falta dela.

Sentia falta de Nikolas.

Rafferty girou o anel de vidro preto e branco em sua mão distraidamente e entregou-se a seus pensamentos.

Apreciava o que Sophie e Nikolas fizeram e o porquê, mas sentiu falta de suas presenças. Ele perdeu a imprevisibilidade de Sophie e sua beleza suave. Ele perdeu sua sabedoria. Perdeu a clareza da visão de Nikolas e sua convicção em suas próprias escolhas.

Rafferty muitas vezes sentia como se não houvesse muitas opções diferentes por mérito, e que nenhuma decisão era preto e branco. Por assim dizer. Ele olhou para o anel e a forma como o movia, em seguida, levantou-se.

E Delaney?

O que mais poderia Rafferty fazer para ajudar? Ele deixou a casa de Ginger para descobrir, sentindo que ela estava em melhor posição para mudar a mente de Delaney que qualquer um dos *Pyr*. A tempestade de fogo dava-lhe certo poder sobre os pensamentos de Delaney, Ginger tinha uma força irresistível.

O que mais ele poderia fazer?

Poderia a terra dizer-lhe mais? Gaia não foi ágil e Rafferty não estava totalmente certo de que era seguro andar na rua no meio da noite, nesta parte da cidade. Ele teve saudade sua casa em Londres, com um pequeno jardim e seus vizinhos com sua alta tolerância a excentricidade. Eles não pensavam nada quando o viam deitado em seu jardim durante a noite.

Era consciente de Eileen e Erik dormindo em seu quarto, e não

estava disposto a perturbá-los. Mesmo assim estava inquieto, incapaz de negar o sentido de que ele deveria fazer *algo*. Se ele soubesse o que era. Andou o mais silenciosamente possível. Mas então, Erik quase tinha um buraco em seu tapete devido aos passos do próprio Rafferty no ano anterior. Rafferty percebia que seu ritmo estava justo.

Ele encontrou-se no limiar da pequena sala que eles usavam como um berçário. Erik estava convencido de que Zoe com três meses de idade era a nova Wyvern. Rafferty não tinha certeza se logo após seu nascimento, a esperança de encontrar residentes para a alma de Sophie fixou-se no bebê. Ele sentiu-se desapontado. Zoe não o impressionou com a mesma energia que Sophie tinha feito. Ela não o lembrava a Wyvern perdida, o que o fez duvidar de que ela era a Wyvern. Não importava muito, até que ela fosse capaz de se comunicar com eles e entrar em contato com seu poder.

Zoe, porém, tinha uma afeição por ele. Ela soltou um grito queixoso, quando ele se virou e Rafferty moveu-se pelo quarto. Ele gostava de crianças e diziam que tinha um toque especial com elas. Pensou que poderia ajudar Erik e Eileen sem incomodar seus sonos. Eles estavam cansados com o desafio de um novo bebê, apesar de Zoe ser relativamente tranquila. Ele parou ao lado do berço, só para encontrar os olhos abertos e fixos em cima dele.

— Você está molhada? — Ele perguntou baixinho. A fralda parecia estar seca, embora ela chutasse com entusiasmo enquanto ele verificava. — Fome? — Ele ofereceu a mamadeira que Eileen deixou no quarto, mas o bebê rejeitou.

Sua mão esquerda se abria e fechava e Rafferty tinha a sensação de que ela estava pedindo-lhe algo. Talvez estivesse entediada. Solitária. Inquieta. Ele podia entender isso.

Rafferty pegou-a, sorrindo de uma maneira que ela golfou um pouco de satisfação quando ele fez isso. Ele colocou um cobertor em volta dela e ela saltou um pouco, indicando claramente o prazer dela em sua decisão, então ele sorriu um pouco mais.

— Algumas noites, todos nós precisamos de um pouco de companhia. — Disse a ela, virando-se para voltar para a sala.

Ela agarrou sua mão, os dedos segurando no anel de vidro preto e

branco. Rafferty teve um momento para assumir que ela era fascinada por coisas brilhantes, como todas as crianças, então ela levou o anel em sua boca. A visão que assolou sua mente o deixou tonto.

Ele viu a Terra girar sobre seu eixo, a Lua em órbita ao redor dela mais rapidamente do que aconteceu na realidade. A Terra, por sua vez, orbitou ao redor do sol, até que os três astros ficaram alinhados com a lua entre o sol e a terra.

— Um eclipse lunar. — Rafferty murmurou para si mesmo. Os Pyr eram sensíveis aos eclipses lunares, visto que anunciavam uma importante tempestade de fogo.

Os planetas se moveram novamente em sua visão, viajando pelo espaço a uma velocidade acelerada e descontrolada. Ele viu a terra mover-se através da sombra e a luz tão rapidamente que os continentes pareciam tremer. Houve outros momentos em que os três se alinharam para um eclipse lunar, mas a rotação não parou. Ele percebeu um relógio, e viu um número imposto sobre a terra. A contagem acelerou a velocidade da luz, até que de repente ela parou.

Sol, lua e terra estavam alinhados novamente em um eclipse lunar, e Rafferty pensou que parecia muito semelhante à primeira vez que esta exposição parou. O número imposto sobre a terra correspondia a 6.585,322.

Então a visão desapareceu, uma cortina de prata com grânulos líquidos escorrendo sobre a exibição e obscurecendo. Rafferty ficou olhando para a escuridão do apartamento de Erik. Zoe borbulhava de novo e suspirava. Seu domínio sobre o anel de Rafferty afrouxou e quando ele olhou para ela, ela estava dormindo novamente. Ele olhou para a criança e se perguntou. A Wyvern tradicionalmente tinha a habilidade de enviar sonhos aos Pyr. Poderia essa menina ser a nova Wyvern, e já fazer isso? Se sim, o que significava a sua visão?

Ele a equilibrou em seu quadril enquanto pegava o laptop de Erik. Não demorou muito para ele descobrir, quando procurou por eclipses lunares e eclipses 6585.322 que ocorreram em grupos chamados ciclos de Saros, e que um ciclo de Saros era um período de 6585.322 dias.

Por que era tão importante?

Rafferty continuou lendo, sua excitação aumentando à medida que ele encontrava mais detalhes. Um ciclo de Saros era um período de tempo em que as posições dos planetas eram replicadas em três maneiras. Um *mês sinódico* era à época de uma lua cheia ou lua nova, e uma lua cheia ou lua nova era o elemento necessário para um eclipse lunar. Um *ano dracônico* era o período que levava o sol para viajar através dos nós da lua norte a sul e de volta ao ponto inicial de partida. Um *mês anomalístico* era o período que levava para a Lua se mover, a partir do ponto onde era mais próximo da Terra até o ponto onde era mais distante e vice-versa. E todos esses três ciclos são repetidos a cerca de dezoito anos, ou a cada 6585.322 dias.

Ainda mais importante, quando se repetem, um outro eclipse acontece e é muito semelhante ao de dezoito anos antes. Assim, os eclipses são agrupados e numerados para indicar a sua família Saros. Cada família Saros tinha um eclipse a cada dezoito anos. Porque 19 anos dracônico era 11 horas a mais de 223 meses sinódico e o alinhamento não era perfeito, assim, as famílias Saros tinham um começo e um fim. O ciclo de vida de uma família de Saros durava séculos, incluindo setenta ou oitenta eclipses. Eles começavam como eclipses parciais, tornando-se um eclipse total, então diminuía até parar completamente.

Num impulso, Rafferty olhou para o eclipse parcial mais recente, o que pressagiou a tempestade de Delaney. Fazia parte de uma família atribuída ao número 143, que começou no século XVIII. Isso não poderia ser ele. Ele olhou para o próximo eclipse, aquele que viria em julho, e seu coração parou.

Era o penúltimo eclipse da família Saros 110.

Ele olhou para Zoe dormindo no peito dele e o anel na mão com que ele a segurava. Pensou em ciclos, na insistência apaixonada de Sophie de que tudo tinha que viver e depois morrer. Pensou na história de Ginger sobre Cinabre, Magnus e a determinação para substituir Cinábrio no Elixir, e ele olhou para a data do primeiro eclipse no ciclo de Saros 110.

28 de maio, 747.

Os mouros foram para a Espanha em meados do século oito. Poderia o ciclo de Saros ser o que regia a eficácia do Elixir? Cinabre estaria diminuindo porque tinha marcado o ciclo de Saros tornando-se a fonte do

Elixir que estava terminando? Se assim fosse, o último eclipse neste ciclo, o que iria acontecer em 18 de julho de 2027, seria um sinal do final do Elixir.

Então, por que buscar uma substituição para Cinabre tão cedo?

Rafferty bateu no teclado com uma mão, procurando a resposta que ele sabia que estaria ali. Ciclos de Saros não começavam com muita frequência. Um novo teria início em Maio de 2013, então não teria outro antes de Junho de 2096. Rafferty duvidava que Magnus pudesse sobreviver ao intervalo de 69 anos sem Elixir.

E era da natureza que Magnus preferia se proteger. Ele criaria sua nova fonte em 2013, o que significava a captura de Delaney antes dessa data. Rafferty não queria pensar em como Magnus garantiria que Delaney não lhe escapasse novamente. De alguma forma, Magnus forçou Delaney a buscar o Elixir, colocar-se na posição mais fácil para Magnus ter sucesso no seu plano. Lembrou-se da cortina de pingos de prata e adivinhou. Rafferty olhou para cima para encontrar Erik, na porta de seu quarto. O líder dos Pyr olhou para sua filha e, evidentemente, leu a expressão de Rafferty.

— A eficácia está ligada aos ciclos de Saros. — Afirmou Rafferty.

— E a toxina em Delaney é mercúrio. — Disse Erik. Rafferty soube então que ambos tiveram o mesmo sonho. — Mercúrio.

— Ela enviou-nos a visão. — Afirmou Rafferty, e seu velho amigo concordou.

— Não é a primeira vez. — Erik exalou. — Ela é poderosa, mais poderosa que do tínhamos imaginado. — Ele entrou na sala para pegar Zoe dos braços Rafferty. — Temos que parar Magnus, não importa o risco. Isso é muito importante para qualquer um de nós para ficar de fora.

Antes que Rafferty concordasse, Eileen falou da porta.

— Então, todos nós vamos juntos. — Disse ela. Erik poderia ter protestado, mas ela lançou-lhe um olhar severo. — Você não vai me deixar para trás quando as coisas interessantes estão acontecendo.

— Coisas perigosas. — Erik corrigiu.

— Mais uma razão para ter Zoe defendida por seu pai. — Eileen afirmou, pegando a criança e aconchegando-a bem perto. — Não pense que você vai nos deixar. — Rafferty podia ver que Erik tinha sentimentos mistos sobre esta decisão.

— Eu suponho que você quer voos comerciais. — Disse ele, num tom firme.

Eileen sorriu.

— Não haverá nenhum com a tempestade de neve em Ohio, e eu posso viver sem ser desviada por todo o continente. Dormir em aeroportos não é bom para pessoas pequenas. — Ela bateu-lhe no ombro. — Se nada mais, você sempre tem um lugar na terra.

Erik revirou os olhos.

— Pelo menos eu tenho algum mérito. — Disse ele, mas havia uma risada escondida na reclamação.

— Mais do que um pouco. — Disse Eileen. — Deem-me dez minutos.

— Eu vou na frente. — Afirmou Rafferty, e Erik colocou uma mão em seu braço.

— Não corra riscos desnecessários. — Disse Erik, e Rafferty sabia que o líder do Pyr tinha adivinhado sua intenção.

Rafferty sorriu.

— Um sábio *Pyr* me disse uma vez que não são riscos desnecessários nesses tempos. — Eles se entreolharam por um momento, então apertaram as mãos e Rafferty saiu.

Se um deles não voltasse, eles se separaram em entendimento.



Na parte inferior da península de Michigan, Sara despertou com um sobressalto. A neve caía levemente no prado fora da janela, e a casa

estava em silêncio. Seu coração estava batendo, e ela pensou primeiro que ouviu Garrett. Ela deixou Quinn dormindo quando se levantou para verificar seu filho.

O bebê estava dormindo, assim, seu quarto estava tranquilo como sempre. Sara, no entanto, não poderia negar o sentimento de que algo estava muito errado. Sentia-se agitada e os cabelos estavam arrepiando na parte de trás de seu couro cabeludo. Foi assim que ela se sentia quando Sophie, a Wyvern, enviava-lhe um sonho. Mas não com a mesma veemência de quando o ovo de dragão foi quebrado.

Sara era a Vidente dos Pyr, a companheira predestinada do Ferreiro, que sentia o futuro através de seus sonhos. Mesmo que a Wyvern estivesse morta, Sara tentava rever seu sonho. Não estava notando sua origem e, realmente, a fonte não era importante. Ela se inclinou para Garrett, com o coração apertado pela perfeição de seus dedos minúsculos e à vista de seus cílios escuros contra o seu rosto redondo, e deixou sua mente procurar os restos de seu sonho.

— O que foi? — Quinn perguntou, quando ela colocou o cobertor mais perto de seu filho.

Sara tocou o rosto de Garrett e ele mexeu-se impaciente, mesmo durante o sono, com tais mostras de afeto. Ele rolou e se escondeu no cobertor, sua expressão forte abrandando o humor de Sara.

— Eu acordei certa de que algo estava errado.

— Um sonho? — Quinn perguntou.

— Eu estava sonhando com Nikolas e Sophie. — Ela engoliu, ainda dominada pela emoção. — Foi tão triste. Ele estava a procurando em todos os lugares, obstinado em sua busca.

— Nada podia ficar em seu caminho. — Quinn concordou tranquilamente, com os olhos brilhantes como safiras, enquanto a olhava.

— Ele não conseguia encontrá-la, Quinn. — Disse Sara, suas palavras saíram roucas. — Ele chamava por ela em todos os lugares, mas não conseguia encontrá-la. Ela estava perdida para ele, para sempre. — Lágrimas subiram para seus olhos.

Quinn atravessou o quarto em dois passos e puxou-a contra seu calor. Sara fechou os olhos, enquanto se inclinava contra ele, sua força silenciosa acalmando seus medos, como sempre fez.

— Talvez não para sempre. Talvez só por agora. — Disse ele. — Se alguém pode achá-la, é Nikolas.

— Mas ele estava tão chateado. Ele disse que ela estava perdida para sempre. — Ela sentiu Quinn balançar a cabeça.

— Não. Nada é verdadeiramente perdido para sempre, certamente não almas ou centelhas do divino. — Ele beijou a têmpora de Sara. — Tudo se transforma em outra coisa. Existem transições, nada termina. O aço se funde e é reformulado, mas nunca desaparece.

Sara sorriu, sabendo que deveria ter previsto que ele iria usar sua forja como uma metáfora.

— Você está certo.

— Estou. Sophie deve ter tido algo para fazer, ou ela deveria estar em algum lugar onde Nikolas não poderia segui-la.

— Eles têm que estar juntos, Quinn.

— Eles têm que estar juntos em seu próprio tempo.

Ela inclinou a cabeça para trás para garantir que visse a reação dele.

— Ele parecia o filho de Donovan no meu sonho. Era o Nikolas, mas ele era uma criança. Ele era Nick.

Quinn sorriu.

— Assim, talvez Donovan assuma o trabalho de vidente, também. Ele disse que o bebê lembrava Nikolas desde o início. É por isso que lhe deram o nome de Nicholas.

— Alex disse que o nascimento foi rápido, como se o bebê tivesse preparado o seu próprio horário e quisesse mantê-lo.

Quinn sorriu e segurou-a mais perto.

— Soa como Nikolas.

Sara se preparou para a reação de Quinn, a sugestão a qual tinha que fazer, sabendo que ele não iria gostar.

— Temos que encontrar Delaney.

Ele enrijeceu instantaneamente, mas não disse nada. Ele estava completamente parado, à espera de mais informações.

Sara saiu do abraço dele para fazer seu apelo.

— Nós temos que ir. Você tem que ajudá-lo.

Quinn parecia tão resoluto como ela esperava. Seus olhos se estreitaram.

— Esqueceu-se que ele tentou atacá-la? — Sua voz elevou-se levemente. — Esqueceu-se que ele teria arrancado Garrett de dentro de você? Quando você tentou ajudá-lo.

Sara interrompeu.

— No meu sonho, Nikolas encontrava uma balança. Ele me deu. Disse que eu saberia o que fazer com ela, e eu sei.

Quinn amaldiçoou baixinho e se afastou, mas não antes que Sara visse suas feições amolecer.

— Qual a cor da balança? — Ele sabia a resposta, mas Sara disse em voz alta, de qualquer maneira.

— Cobre e esmeralda, com uma coloração avermelhada na base. Era a escama de Delaney.

— Ele já perdeu?

— Eu não sei. Talvez ele vá perdê-la no futuro. Talvez você precise estar lá para quando acontecer.

Quinn passou a mão pelo cabelo e andou em silêncio.

—Você tem que consertar a armadura de Delaney, Quinn. Você sabe disso. Temos que ir até ele.

Quinn respirou fundo e cruzou os braços sobre o peito, enquanto olhava para fora da janela.

— Ele está tendo sua tempestade.

— Verdade? — Sara não sabia disso.

Quinn assentiu.

— Eu senti. Eu posso sentir isso.

— Você não se sentiu atraído por ela?

— Sim, mas não quis ir. — Ele olhou por cima do ombro, proteção clara em seus olhos. — Eu não vou colocar vocês dois em perigo, com tempestade ou não. Não vou deixá-los sozinhos e indefesos, e não vou te levar comigo.

— Mas, é mais do que uma tempestade, agora. É a sua escala.

Quinn fez uma careta.

— É seu dever herdado como o Ferreiro curar o Pyr. Temos que ir, Quinn. É por isso que eu tive o sonho.

— Ele está meio perdido, de qualquer maneira. Ele já é um pária para si mesmo.

— Não, Quinn. Precisamos trazê-lo de volta.

— Ou?

Sara encolheu os ombros, incapaz de articular a sensação de desgraça que o sonho dela deixou.

Quinn grunhia enquanto andava, capturado por uma verdade simples em sua declaração, ainda descontente com ela. Quando ele não discutiu, Sara soube então que ele faria o que ela pediu.

Ele fez uma pausa para apontar o dedo para ela.

— Se nós vamos, Donovan tem que vir também. E Erik. — Ele estava tão claramente descontente que Sara soube que ele confiava em seus instintos, o suficiente para pôr de lado seus próprios interesses.

Lançou-lhe um olhar intenso, os olhos de um azul escuro.

— Nós não vamos para perto de Delaney, sem qualquer proteção que eu possa reunir.

— É justo. — Disse Sara, sorrindo quando usou a expressão favorita de Quinn.

Ele balançou a cabeça e passou as duas mãos pelos cabelos, irritado ainda, mas preparado para fazer o que tinha que ser feito. Sua testa estava franzida e ele parecia perturbado. Suas feições suavizaram, enquanto a observava.

— Você está absolutamente certa de que precisamos estar lá?

Sara concordou, honrada por sua confiança.

— Você tem que ajudá-lo, Quinn, ou vamos perdê-lo para sempre. — Ela tentou expressar a sensação de terror deixada em seu sonho. — E talvez mais do que isso, também.

— Quem lhe enviou o sonho?

— Eu não sei. Não é bem a mesma coisa como quando Sophie me enviava um sonho, e não é como o sonho que tive quando o ovo de dragão se quebrou. — Sara tentou identificar a estranha sensação que sentia. — Poderia uma Wyvern diferente enviar para mim? Uma menos sutil no uso de seus poderes?

Seus olhares se encontraram do outro lado da sala escura. Quinn engoliu.

— Erik disse que suas visões são mais nítidas quando segura Zoe.

Sara concordou.

— Então, nós temos uma nova Wyvern. Temos que confiar em seus conselhos, Quinn, não importa como ela se comunica. — Ela molhou os lábios. — Nós temos que acreditar que, se agirmos como ela insiste, tudo vai ficar bem. — Quinn segurou seu olhar por um longo tempo, e Sara soube que ele estava avaliando a sua convicção. Então ele se virou com um aceno conciso.

— Muito bem. — Quinn foi decisivo em sua escolha. — Eu vou pegar minhas ferramentas.



Em Minneapolis, Donovan acordou de repente, os olhos abertos voaram na escuridão. Seu coração estava pulando como se tivesse sido executado. Ele ouviu Alex dormindo profundamente a seu lado, e Nick também estava dormindo bem. Sua casa estava em silêncio. Em paz.

Não era a primeira vez que isso acontecia com ele nessa semana passada. Sabia em seu coração o que estava errado, mas também sabia que não poderia ir para a tempestade de fogo de seu irmão. Ele não arriscaria sua companheira e filho. Donovan saiu da cama e verificou a casa, sua rotina habitual.

Nada.

Tudo estava como deveria ser.

Assim como ele previu.

Ele parou na sala de estar, verificando o parque no lado oposto da rua. Havia neve no chão e as árvores formavam silhuetas escuras contra a noite. Donovan ainda se sentia inquieto, sua mente inundada por imagens do passado. Ele sentia como se estivesse no meio de um tumulto, um furacão de lembranças. Assim como nas outras noites, quando seu sono foi perturbado, ele viu sua mãe. Sua imagem era tão clara como se estivesse parada em frente a ele, apesar de estar supostamente morta há séculos.

Uma mulher bonita, mas a pobre Elizabeth Connaught provavelmente não tinha envelhecido bem. Talvez fosse mais gentil recordá-la em sua juventude. Donovan a viu no ato de mandá-lo embora de sua casa, jogando uma panela à medida que caminhava pelo beco. Ela chamou-lhe de muitos nomes, mas ele nunca se virou. Ele nunca voltou atrás.

Isso foi um erro, pois seu pai voltou para Elizabeth. Donovan não soube da existência de seu irmão por anos, e não sabia que ele e Delaney

eram irmãos até recentemente.

Mas Donovan sabia que ele fez as pazes com isso. Esperou, perguntando-se se o ciclo de lembranças continuaria, talvez lhe dizendo por que não conseguia dormir. Ele viu seu pai pela sua última vez na luta fatal, e apertou as mãos com a recordação do que foi obrigado a fazer. A sombra do dragão Keir formando-se, não apenas tinha que morrer, mas Donovan teve que dar o golpe final. Não foi o mais feliz reencontro, mas ele e Keir nunca tinham se olhado nos olhos.

Donovan nunca sentiu medo de assumir o trabalho sujo, e não fugiu desde então. Poderia desejar, porém, que seu pai tivesse feito escolhas diferentes. Poderia ter aprendido com essas más escolhas e se movido adiante, fazendo escolhas melhores. Ele poderia respeitar que o Elixir alimentou o mal dentro de Keir e o deixou pior do que ele jamais poderia ter sido sem seu poder.

O Elixir.

Keir bebeu o Elixir, seu corpo foi despertado dentre os mortos por Magnus com sua vil matéria. Keir se tornou plenamente um *Slayers*, ele não tinha a motivação, mas possuía tendências nessa direção. Teria seu sangue corrido negro no fim de sua vida desperdiçada? Donovan não estava certo, porque Keir não tinha sangue quando pai e filho se reencontraram. Ele estremeceu, sentiu o formigamento da tempestade, e soube que Keir não poderia atormentar seu outro filho, assim como ele tentou interferir na tempestade de Donovan.

Sim, era de Delaney a tempestade que fazia cócegas na consciência de Donovan, que tentou induzi-lo mais perto, que o chamava para ajudar seu único irmão. Donovan resistiu a sua convocação, sabendo que sua maior responsabilidade era Alex e Nick.

Seria por isso que o sono era perturbador? Porque ele não estava ajudando Delaney?

Mas Delaney foi forçado a beber o Elixir também. E apesar de Delaney ter sido atraído pela tempestade de Donovan, embora o calor da tempestade de Donovan tivesse puxado Delaney do mais profundo poço de escuridão, ele ainda estava infectado com a toxina do Elixir. Ele ainda respondia aos comandos que Magnus deslizou em seu subconsciente, um dos quais foi a compulsão para acabar com as crianças no ventre de Sara

e Alex.

Eles tentaram ajudar Delaney, e tentaram garantir sua cura, e eles usaram as duas mulheres grávidas. Os lábios de Donovan ficaram em uma linha apertada. A tempestade não poderia durar para sempre, e ele não iria para esta. Ele não arriscaria as vidas de Alex e Nick, levando-os junto, e ele não iria deixá-los sozinhos e indefesos. Evidentemente, também não iria dormir. Sua determinação inabalável, ele girou para voltar para a cama antes que sua ausência despertasse Alex.

Então, o poder saiu.

As luzes da rua piscaram do lado de fora, deixando apenas a luz das estrelas além da janela. Donovan olhou o parque pela janela novamente. A escuridão era assustadora, depois que a luz da cidade apagou-se. O cabelo na parte de trás do pescoço de Donovan picou profetizando algo que ele não entendia.

— Acabou a energia. — Disse Alex e Donovan ouviu seus passos no piso de madeira. — Você pegou a lanterna? — Ela foi até a cozinha e voltou um instante depois. Ouviu-se um clique, e um arco de luz amarela se espalhou pelo chão. Donovan viu seu próprio reflexo no painel de vidro que era a janela da sala. Sua mão parecia levantar por conta própria, as pontas dos dedos juntando-se as de seu próprio reflexo.

A terceira lembrança o assaltou, o poder do lembrete visual enfraquecendo os joelhos. Ele encontrou Delaney séculos antes em uma rua de Dublin, e apesar de nenhum deles saber de quaisquer outros de sua espécie, eles imediatamente se reconheceram mutuamente como *Pyr*. Eles perceberam o terreno comum e confrontaram, assim como ele enfrentou seu reflexo no encontro fatídico. Seus dedos se encontraram, cada um tocando o outro como se deparasse com um espelho.

Eles nunca conversaram sobre isso, mas Donovan sabia que foi um poderoso momento de conexão para os dois. Sabia que, quando se conheceram, eles não estavam sozinhos.

Donovan bateu no vidro levemente com as pontas dos dedos, não gostando da mensagem, mas incapaz de discutir. Poderia deixar seu irmão sozinho? Será que ele realmente o abandonaria?

Donovan percebeu que não poderia.

De alguma forma tinha que ajudar Delaney.

Então ele ouviu Quinn falar através de seus pensamentos.

— *Sara diz que temos que ir.* — Quinn foi superficial, resoluto. — *Vai ser pior se não o fizermos.* — Mesmo na língua antiga, Donovan podia ouvir o desagrado de seu amigo com este curso de ação.

Mas Sara era a vidente.

E nem ele nem Quinn iam contra o que tinha de fazer.

— *Na sua volta.* — Respondeu ele.

— *Idem.* — Quinn respondeu.

A perspectiva de encontrar Delaney com Quinn facilitou a incerteza de Donovan e o encheu de convicção, ele se virou para responder a pergunta nos olhos de Alex.

— Delaney precisa de mim. — Disse ele. — Temos que ir à sua tempestade.

Ela congelou, o olhar dela sobre dele.

— Mesmo com Nick?

— Especialmente com Nick. — Disse Donovan, convicto de sua escolha. — Nossa tempestade ajudou Delaney antes. Precisamos terminar o que começamos. Sara diz que sim.

— Eu pensei ter ouvido um trovão.

Ele sorriu para Alex a fim de tranquilizá-la e ela deu mais um passo.

— Você sabe que eu vou fazer de tudo para defendê-lo.

— Sim. — Concordou Alex suavemente. — Eu sei.

Eles se entreolharam por um longo momento, cada força desenhada no outro. Donovan chegou para Alex e puxou-a para perto. Envolveu os braços em volta de seu pescoço e inclinou a cabeça para trás. Ele gostava que ela não discutisse com ele, pois confiava no seu

julgamento e sua habilidade para defendê-la. Ele convocou todos os elementos para proteger sua pequena família e à vista da confiança de Alex fez seu coração saltar uma batida.

— O que há de errado? — Perguntou ela.

— Eu senti sua tempestade, mas não quis ir até ele. Mesmo que Sara tenha sonhado que precisamos ir, eu acho injusto.

Alex balançou a cabeça.

— Então nós temos que ir. Se alguém precisa de amor em sua vida, é seu irmão. Para onde estamos indo, afinal?

Donovan ouviu e inalou lentamente, reunindo uma noção do que estava no vento. Ele sentiu o formigamento da tempestade de Delaney novamente, o calor um pouco mais intenso do que era antes. Desta vez, ele explorou, deixando-a encher os seus sentidos e tingir sua língua. Era quente.

— Sul. — Disse ele calmo, procurando identificar o calor. — Não é tão longe, mas vou saber melhor à medida que se aproxima. Talvez Ohio.

— Então, aninharemos Nick. — Disse Alex, tocando seus lábios nos dele. Seu tom de voz mais claro quando ela brincou com ele. — Vocês *Pyr* poderiam ter tempestades de fogo em Fiji, no inverno, você sabe. Talvez em uma estância agradável com tudo, inclusive um garçom bonito.

— Por que você precisa de um barman bonito? — Donovan grunhiu, puxando-a para mais perto.

— Nada, além da vista. — Respondeu Alex com poucas palavras, pois antes de ter tempo para falar mais ele a beijou.

Donovan tinha certeza que ela não estava pensando no garçom, bonito ou não, no momento em que a beijou. Como sempre, seu toque deu-lhe força e fortificou seu conhecimento não só do que ele tinha que fazer, mas de que teria sucesso.

Como uma equipe.

Capítulo 16

O grito de Delaney despertou Ginger. Ela ficou surpresa ao encontrá-lo na cama, mas ainda mais surpresa ao encontrá-lo lutando contra um pesadelo. Ele se debatia em seu sono, claramente tentando acordar. Ginger não podia imaginar o que o perseguia e não se importava.

Ela se importava apenas por ele estar sofrendo.

Novamente.

Ela tinha que fazer a diferença. Sentou-se e deu-lhe um aperto firme no ombro.

— Acorde! — Ela pediu, em seguida, sacudiu-o novamente.

Ele murmurou alguma coisa que ela não entendeu, então, franziu a testa e lutou mais uma vez contra algum inimigo invisível.

Ginger agarrou seus ombros e balançou-o com força.

— Acorde, Delaney! — Disse. Quando ele ainda se contorcia ao lado dela, sua angústia era evidente, ela deu-lhe uma tapa no rosto.

Seus olhos se abriram com isso, sua expressão selvagem. Ele parecia aterrorizado e assombrado, e o coração de Ginger se derreteu pelo quanto que ele deveria ter sofrido. Ele examinou o quarto, como se estivesse incerto onde estava, então, olhou-a fixamente, de forma tão abrupta, que ela pulou. Seus olhos eram de um verde penetrante, mas cheio dessas sombras escuras. Ginger prendeu a respiração. Delaney estava pálido e frio, como um homem quando via um fantasma.

Ou a morte.

— Ginger. — Ele sussurrou, aparentemente admirado por encontrá-la com ele. Ele estendeu a mão para ela e nunca ocorreu a Ginger negar-lhe. Ele puxou-a para perto e rolou-a para debaixo dele, protegendo-a de algum vilão que só ele conseguia sentir. Ele passou os dedos por sua bochecha, então exalou rudemente, as faíscas da tempestade refletiam-se neles. Ele engoliu em seco quando encontrou seu olhar novamente.

— Eu sonhei que você estava morta. — Confessou ele, suas palavras saíram roucas.

— Ainda não. — Disse Ginger, sorrindo na esperança de que ele o faria também.

— Eu sonhei que a culpa era minha. — Ele sussurrou.

Ginger segurou seu rosto com as mãos.

— Não. — Ela disse com firmeza. — Não. Nunca poderia ser por culpa sua. Você me defende. — Ela sorriu para ele novamente, deixando

que seus dedos deslizassem sobre seu cabelo. — Sempre.

Um pouco da tensão acumulada aliviou-se de seus ombros, em seguida, as sombras sumiram de seus olhos. Ginger percebeu pelo modo que ele segurava suas mãos que ele tentava se conter, o calor de seus dedos se enredou em seu cabelo. Sua camiseta não fazia nada para esconder o esplendor de seu peito musculoso e podia ver que seus ferimentos se curavam numa velocidade estrondosa. Ela também viu a cruz sob sua camiseta, a prata brilhava através do tecido.

Ele sorriu levemente, seu sorriso era ainda mais precioso, cada vez que ele o dava, ela podia ver a tempestade brilhando entre eles. Seu quarto estava cheio de uma luz mágica de ouro, um glamour que ela nunca iria esquecer. Ginger ingeriu bruscamente, ciente de seus seios pressionado contra o peito dele, um calor como o de um incêndio percorreu seu corpo com o desejo que sentia. Delaney ainda usava sua boxer, obviamente, tinha a intenção de honrar a promessa que fez para ela, mas ela podia sentir que seu corpo tinha outras ideias.

Ele nunca daria o primeiro passo sobre ela, no entanto.

Ginger sentia-se poderosa e sexy quando deslizou as mãos em volta de seu pescoço. Ela puxou-o para mais perto, com um sorriso em seus olhos.

— Venha aqui e me beije. — Ela o convidou em um sussurro rouco, e ela não precisou lhe pedir duas vezes.

Delaney abaixou a cabeça e seus lábios se tocaram. Ele beijou-a completamente, seu abraço era exigente e possessivo. Ginger sabia o que ele lhe estava dizendo e não se importava. Sentiu o áspero crescimento de sua barba e cercou seu pescoço com os dedos, puxando-o mais perto.

O beijo foi de boca aberta, com fome e exigente, quente e feroz. Ela sabia o que ele era e saudou seu poder. Suas línguas dançavam, cada um deles com a intenção de devorar o outro. O coração de Ginger começou a pular, uma *tempestade de fogo* a cercou deixando-a mais quente e mais brilhante. Ela se arqueou contra Delaney, puxando-o com força para ela, ela o queria como nunca quis um homem antes.

Ela não dava a mínima para a pílula ou sobre a possibilidade de carregar seu filho.

Ela queria Delaney dentro dela.

Imediatamente.

Ele gemeu seu nome e se afastou, mas ela não o deixou recuar. Ginger tomou uma decisão e rolou para cima dele. Delaney começou a discutir, mas Ginger o montou, sentando-se e tirando a camisola. Ela estava nua, com os cabelos emaranhados e as bochechas coradas, e nunca se sentiu mais bonita.

O que quer que Delaney estivesse planejando dizer nunca foi proferido. Ele ficou em silêncio e engoliu, enquanto olhava para ela. Ele levantou uma mão para tocar seu seio. O mamilo ficou apertado quando seus dedos deslizaram sobre sua pele, e uma faísca de luz dourada saltou entre eles quando Ginger arqueou as costas. Ela pegou a mão de Delaney na dela e segurou sua mão contra seu seio.

Ela sorriu para ele, vendo a maravilha em seus olhos. Ela também sentiu algo contra sua coxa, sua ereção revelando que seus pensamentos eram como um só.

— Tire a roupa. Já! — Ela sussurrou, depois sorriu.

— Mas... — Delaney começou a discutir, mas Ginger não lhe deu chance. Ela caiu contra seu peito e beijou-o, deslizando a língua em sua boca numa demanda por silêncio. Ele gemeu, fechando suas mãos em seu traseiro para atraí-la para mais perto. Ginger puxou os joelhos para cada lado dele e os dedos de Delaney se fecharam.

Enquanto ela o beijava, ela podia sentir o trovejar de seu coração contra seus seios. Ela prendeu a respiração quando seus batimentos cardíacos ficaram sincronizados. Era uma sensação vertiginosa, que lhe deu uma enorme sensação de união com ele. Uma que a fez pensar que poderiam ser uma equipe. Uma que a encorajou a acreditar que a *tempestade* estava certa.

Ela deslizou as mãos por baixo da barra de sua camiseta, puxando-a até os ombros. Estava nua e ela queria que ele também estivesse, queria esfregar-se contra ele e sentir cada contorno de seu corpo.

Sua pele era mais suave do que a dela, mais forte, como cetim para ela. Suas pernas estavam entrelaçadas com as dela, sentindo seus músculos fortes e definidos.

Ela queria ver tudo o que ele tinha. Queria tocar tudo o que ele tinha.

Delaney empurrou as mãos dela, como se ele quisesse sair de seu abraço, mas Ginger podia sentir seu desejo por ela.

— Você não me quer? — Ela brincou.

Ele visivelmente rangeu os dentes.

— Eu prometi a você.

— Estou mudando de ideia.

— Você vai se arrepender de manhã. — Argumentou.

— Eu não penso assim.

— Eu sim! — Delaney cruzou as mãos em sua cintura e a moveu para o lado. Ele parecia despenteado e irritado e tão absolutamente sexy que Ginger não estava conseguindo resistir.

Ela baixou sua cueca boxer e sentou-se em cima dele.

Ele engasgou e congelou, seu olhar voando para o dela.

Ginger sorriu e moveu os quadris, puxando-o mais para dentro dela. Os olhos de Delaney brilharam para ela, então ele se moveu tão rapidamente que ela ficou surpresa. Um momento ela o estava montado, no seguinte, ela estava de costas e seus dedos estavam fazendo-a esquecer tudo o que ela sabia. Ela estendeu a mão para ele, mas ele a impediu, agachando-se para acariciá-la com a língua novamente.

Ele era muito bom nisso. Ginger não podia discutir com ele, não podia ter um pensamento coerente com o toque dos seus lábios. Ela entendeu que ele estava mantendo a promessa que lhe fez e ela adorou

isso, tudo mesmo, ela ansiava por senti-lo dentro dela novamente. Delaney não lhe deu oportunidade de discutir ou contestar sua decisão. Ele tocou-lhe e ela pensou com tanta convicção que eles poderiam ter sido amantes por uma dúzia de anos.

Ou destinados a serem companheiros.

Ele levou-a com facilidade ao clímax, em seguida, fez novamente. E novamente. Língua, dedos, lábios e respiração, cada um deles foi uma ferramenta usada para lhe dar prazer. Ginger ficou assombrada, tanto por sua criatividade como sua determinação de negar o prazer a si mesmo.

As faíscas da *Tempestade* pareciam estar sob seu comando, bem como, uma energia oportuna que a levava ao limite cada vez mais. Ela brilhava e cada vez mais seu desejo por ele aumentava. Ele estava tenso e persistente, e Ginger percebeu o que para ele significava saciá-la.

Quando ficou exausta demais para se manter acordada, estendeu a mão para ele. Ele facilmente evitou o toque dela, deslizando da cama e colocando-a sob as cobertas novamente.

— Eu vou tocar em você. — Disse ela, ouvindo a sonolência em seu próprio tom.

Delaney fez um som triste.

— Não tem como eu manter o controle, se o fizer. — Ele murmurou. Seus dedos vibraram em sua bochecha e depois ele foi embora.

E enquanto ela cochilava impotente, contra seu próprio esgotamento, Ginger percebeu uma coisa. Delaney lhe deu todo o prazer que ela poderia querer, exceto a única coisa que ela mais queria.

Seu coração partiu quando ela percebeu o que ele fez, a fim de cumprir sua promessa. Ela tinha razão, ele era um guardião. E ela iria fazer o seu melhor para convencê-lo que eles tinham um futuro juntos.

Ginger confiava em seu próprio sucesso, até que ela se endireitou na cama. Ela queria dormir mais algumas horas, mas o que ela encontrou no travesseiro a deixou completamente desperta.

Era uma gota de mercúrio, que jazia sobre a roupa como uma lágrima de prata perfeita. De onde tinha vindo?

Ela pensou no frio ao redor do frasco do Elixir, o mercúrio nele pingava sobre a neve, e sentiu medo de que o futuro de Delaney pudesse não ser dela para reclamar.

Delaney não era melhor do que seu pai.

Ele desceu a escada calmamente, consciente de que somente sua promessa o tinha impedido de repetir sua própria história familiar. Isso não era bom o suficiente. Ele deveria ter sido mais forte do que foi.

Recusava-se a se tornar uma abominação, um fantoche condenado a servir a vontade de Magnus. Ele se recusou a cumprir a condenação escura de sua mãe e suas perspectivas futuras. Sabia que Ginger merecia mais do que isso, devia mais à mulher cuja confiança era como um raio de sol em seu coração.

Thorolf estava dormindo na cozinha, com os pés apoiados em uma das cadeiras de Ginger. A cabeça do alto Pyr estava inclinada para trás e ele estava roncando alto o suficiente para cobrir os sons da partida de Delaney.

Embora Delaney soubesse que Niall teria gostado de encontrar Thorolf assim negligente em seu tempo de vigia, para assim repreender o mais novo recruta mais uma vez, ele se arrastou para fora passando pelo Pyr que dormia.

A porta da varanda não rangeu quando ele abriu, mas temeu que a rajada de ar frio despertasse Thorolf. Ele escorregou pela porta o mais rápido que pôde, fechando-a atrás de si.

Um momento depois, soube que nada poderia ter despertado Thorolf. O alto Pyr ainda não se tinha mexido. Ele não era muito bom para um vigia.

A noite estava fria, o céu nublado estava escuro como estanho. A neve caía em um ritmo implacável, seu volume no chão aumentava progressivamente. Ela brilhava com o reflexo da pouca luz que vinha de casa, fazendo com que os campos de Ginger parecessem como se fossem

semeados com diamantes. Era uma beleza cruel, porém, Delaney tinha certeza de que já havia reivindicado um grande número de vidas no local.

Ele se lembrava muito bem de seu pesadelo. Respirou o ar frio, sentindo-o perfurar seus pulmões, e soube que tinha de destruir o Elixir. Já tinha um plano, estava pisando fora da varanda para colocá-lo em prática, quando sentiu um cheiro repentino de Pyr.

Ele fez uma careta quando reconheceu o cheiro, antes mesmo de ver Erik e sua figura de estanho girando pelo céu. Ele pediu a Erik para vigiar Ginger.

O líder dos Pyr pediu a Delaney para esperar por ele.

Ele poderia ter fugido, colocando seu plano em ação em primeiro lugar, mas percebeu que Erik não estava sozinho. Eileen se apertava contra seu peito, o cabelo brilhante de cobre contra o escuro de Erik.

Delaney franziu a testa, achando estranho Eileen aparecer sem sua filha. Então ele viu o pacote que segurava em seus braços. Delaney ficou chocado.

Eles trouxeram Zoe.

Eles estavam com a filha, que se diziam ser a próxima Wyvern, uma chave para a sobrevivência e o triunfo da criança Pyr. Eles levavam sua preciosa primogênita até a presença de Delaney e o fizeram de bom grado.

Sabendo o risco.

Sabiam que Delaney se exilou porque foi pouco capaz de resistir ao comando subliminar de Magnus para pegar as crianças Pyr; e que quase agrediu tanto Sara e Alex um ano atrás, enquanto estavam grávidas.

E ainda Erik e Eileen foram para sua tempestade, com sua própria filha, a criança mais importante que qualquer outra para os Pyr.

Delaney sentiu-se tão humilhado pela confiança que depositavam nele que não conseguiu se mover. Observou Erik, com um nó duro em sua garganta. A neve agitou-se e rodopiou quando Erik mudou seu trajeto no último momento antes que seus pés tocassem o chão.

— Voo suave, pouso suave. — Disse Eileen, tocando seus lábios no rosto de Erik com um carinho que Delaney nunca encontrou. — Apesar

das condições climáticas adversas. Eu vou voar nesta operadora novamente.

— Como ela está? — Erik perguntou, suas palavras saíram apertadas.

— Dormindo. — Delaney viu o sorriso de Eileen quando ela tirou as camadas de lenços e cobertores, deixando Erik assegurar-se do bem-estar de sua filha.

Delaney não acreditava no que via.

O líder Pyr era alto e magro, seu cabelo escuro com alguns fios prateados na têmpora. Usava uma jaqueta de couro negra e jeans escuro. Seu suéter estava cheio de linhas complicadas, de lã negra misturada com muitas cores. Eileen estava vestida toda de preto, suas joias de prata brilhavam em contraste com a camisa escura, jaqueta e saia. Ela tinha um capuz de malha sobre os ombros, um que se estendia em um lenço que ela enrolou firmemente ao redor do bebê. Delaney podia ver o topo da cabeça de Zoe, que estava coberta por um chapéu rosa brilhante que parecia uma malha cor melancia.

Erik arqueou uma sobrancelha pelo comentário de Eileen, em seguida, fixou seu olhar em Delaney.

— Será que você pode esperar ou o pegamos em um mau tempo?

Delaney voltou-se e indicou a porta da cozinha.

— Ginger está dormindo. — Disse ele, sem responder à pergunta de Erik.

— E a *Tempestade*?

— Ainda com algumas queimaduras. — Delaney teve que admitir, sabendo que Erik iria desaprovar. — Mesmo eu tentando controlar-me.

Erik bufou.

— Sloane nos contou algo sobre isso.

— Você já tentou novamente? — Eileen perguntou, com os olhos brilhantes enquanto subia os degraus do alpendre. Estes dois tinham um

talento para identificar o cerne de um problema, e não ter medo de perguntar depois.

Delaney rangeu os dentes.

— Ela se recusa a criar um filho sozinha. Prometi não tentá-la a romper sua palavra.

— Eu já gosto dela. — Disse Eileen com satisfação, indo para a cozinha. — Eu acho que ela compra um bom café.

— Ela é uma chef.

— Cada vez melhor.

Erik parecia estar sufocando um sorriso.

— Rafferty disse que poderia decidir viver.

— É impossível. — Delaney começou com impaciência, mas o líder dos Pyr colocou uma mão de forma paternal sobre seu ombro.

— Nada é impossível. — Disse Erik. — Vamos entrar e esperar por Sloane. Nós vamos encontrar uma solução juntos. — Erik franziu a testa para Delaney. — Você está muito frio.

Delaney engoliu em seco e decidiu que poderia satisfazer a curiosidade de Erik com algumas de suas teorias. Ele tirou as mãos dos bolsos e abriu os dedos, sabendo que Erik iria notar o tom vermelho em suas cutículas. Parecia ser mais brilhante do que tinha sido apenas algumas horas antes.

Os olhos de Erik brilharam quando viu isso, em seguida, ele observou o rosto de Delaney.

— O que está acontecendo?

— Eu não sei. Ginger disse que Magnus pretende substituir Cinabre como a fonte do Elixir. Ela acha que ele me escolheu.

O tom de Erik tornou-se severo.

— Por que você pretende ir diretamente para o santuário, para fazer o esquema nojento de Magnus mais fácil para ele? — Ele não esperou por uma resposta, seus olhos piscaram. — Eu acho que não. Dentro. Agora. Nós temos que conversar.

— Mas...

Erik olhou para ele.

— Desafie-me, neste momento, e você certamente vai se arrepender.

Delaney sabia quando perdia um argumento. Ele passou pelo líder dos Pyr e voltou para a cozinha de Ginger, resignado com a necessidade de esperar por Sloane e seu advogado.

Tanto quanto apreciava a ajuda dos Pyr e sua vontade de salvá-lo, ele não tinha que gostar. Não confiava na forma como corroia sua convicção de fazer o que precisava ser feito. Embora tenha sido Ginger a abrir a primeira brecha.

Ginger, que estava apenas entrando na cozinha, e cuja presença enviou um feixe de luz solar através de seu coração. Ela lhe sorriu, encolhendo os ombros.

— Eu acho que deveria de me acostumar a encontrar estranhos na minha cozinha. — Disse ela, caminhando para a cafeteira.

Eileen colocou a sacola de fraldas em cima da mesa, alto o suficiente para despertar Thorolf. Zoe agitou-se e começou a chorar.

— Mova-se. — Disse Eileen a Thorolf, mostrando sua desaprovação em sua pose. O alto Pyr depressa se levantou e afastou a cadeira onde estavam seus pés.

— Você tem sorte por não estarmos em nossa casa. — Ela disse, enquanto desembrulhava suas muitas camadas de tecido.

Eileen ajustou a posição de Zoe e o bebê começou a abrir os lábios com antecipação. Eileen prendeu a respiração quando o bebê se agarrou a um mamilo e começou a chupar. Então ela olhou para Thorolf novamente.

— Ninguém coloca seus sapatos nos meus móveis e vive para contar a história. — Ela lançou um lenço sobre o ombro, disfarçando a alimentação do bebê da vista dos outros, e suspirou quando se afundou em uma cadeira.

Thorolf ficou vermelho. Erik abafou uma risada, em seguida, virou-se para Ginger.

— Eu sou Erik Sorensen, líder dos Pyr. — Disse ele, oferecendo a mão para Ginger. — E esta é a minha parceira, Eileen Grosvenor.

— Não é sua companheira? — Ginger perguntou com um arco de sua sobrancelha. Ela foi para a cafeteira, claramente não segurando a mão de Erik.

Ele sorriu

— Também é minha companheira, mas mais importante, é minha parceira e minha metade.

— Vocês vão ficar juntos, então.

— Pela eternidade. — Disse Erik.

— As crianças precisam de um lar estável. — Eileen interrompeu.

Ginger sorriu quando apertava a mão de Erik e Delaney não perdeu o olhar que ela lançou na sua direção.

— Eu pensei que vocês Pyr apenas engravidassem as mulheres e depois continuavam seu caminho.

Foi então que Erik deu a Delaney um olhar severo.

— Há aqueles entre nós que fazem isso, mas o Pyr mais inteligente vê o mérito de uma relação permanente.

— Nós não vamos dizer como os convence a ver esse prêmio. — Disse Eileen com um sorriso, e as duas mulheres trocaram um olhar.

— São seus amigos? — Ginger perguntou para Delaney, e ele concordou.

— Eu particularmente gosto destes. — Ela disse, e encheu a cafeteira com água. Uma vez pronto o café, Ginger foi para Eileen e dava tapinhas no bebê, que chutava e borbulhava.

Eles estavam tão convencidos de que Delaney poderia ter tudo isso, que este poderia ser seu futuro, que sabiam que teria que lhe fazer ver a verdade. Imediatamente. Cada última migalha de sua determinação foi chutada fora.

Ele puxou uma cadeira e sentou-se montado, sabendo que sua postura era mais intensa que o habitual. Pela primeira vez, ele não se importou por alguém conseguir adivinhar seus pensamentos, ou a força de seus sentimentos. Suas palavras vieram com uma força que o surpreendeu. Ele precisava contar esta história, e precisava dizer isso agora.

— Deixe-me lhes contar uma história. — Disse ele, sua voz tão baixa e proposital que imediatamente percorreu a cozinha com seu olhar. Ele deliberadamente ecoou o que Ginger usou na noite anterior e viu o brilho de reconhecimento em seus olhos. — É uma história do passado e faz parte do futuro, da realidade de determinar possibilidades. Pode até ser uma história de destino.

Ele viu a incerteza aparecer nos olhos de Ginger, mas continuou falando. Isso podia ser muito bom para virá-la contra ele, para sempre. Talvez fosse por isso que, de repente, tinha que contar.



Rafferty hesitou no estacionamento do parque Serpent Mound.

Ele cheirou e escutou. Mesmo que não houvesse nenhuma evidência de um assassino na vizinhança, Rafferty duvidava que estivesse sozinho. Ele subiu a um monte de terra, após uma curva sinuosa. Era pesado, a neve estava alta, na altura dos seus quadris, mas gostava da forma da esfinge.

Ele limpou a neve com a pedra. Ficou lá, saboreando o contato com a terra, abrindo seus pensamentos para Gaia. A neve caía ao redor dele, cercando-o com o branco e o silêncio, e ele sentiu uma bem-vinda serenidade.

Não demorou muito para que ele ouvisse o barulho da terra. Não demorou muito para que sentisse a contaminação do Elixir, muito abaixo da pedra sagrada onde ele estava sentado.

Não demorou muito para que percebesse o movimento na terra que era Magnus, que emanava malícia. Ele sentiu a consolidação do mercúrio, sentiu o desespero de Cinabre, e ele soube o que tinha que fazer. Olhou para o anel que usou no ano que passou, estudou o preto e o branco entrelaçados. Ele lembrou-se da capacidade de Sophie de se manifestar em outros locais, bem como seu talento para tomar outras formas. Sabia que *Slayers* podiam dominar os truques, sabia que de alguma forma o Elixir deu-lhes o poder de se apropriar dos dons da Wyvern.

Rafferty nunca experimentou o Elixir e nunca faria isso. Mas se atreveu a acreditar que Sophie iria ajudá-lo. Ele olhou para o preto e o branco girando em conjunto, vidro e antracita entrelaçados tão completamente que nunca poderiam ser separados. Ele olhou e deixou isso penetrar em sua mente, e se recusou a acreditar que algo fosse impossível.

Em seguida, quis estar onde Magnus estava e quis tomar a forma de salamandra. Rafferty teve metade do que pediu. Encontrou-se no fundo da terra, sem noção clara de como chegou ali. Estava em sua forma humana, mas ficou surpreso ao ter tido alguma sorte com seu desejo depois de tudo.

Estava em uma caverna com um teto alto. O frasco vermelha maciço do Elixir enchia a parede do fundo da caverna, e emanava uma luz pulsante vermelha que lembrava a luz da caverna de Magnus.

Era pálido, porém, mais rosa e pulsava mais lento. E diante dos olhos de Rafferty, o seu conteúdo nublado rodou como se revelando Cinabre a ele.

— Que bom que você se juntou a nós. — Disse Magnus.

Rafferty girou para encontrar o Slayer encostado na porta sozinho, ainda em forma humana. Magnus sorriu. Ele estava o olhando, vigoroso e

presunçoso, o que dizia a Rafferty tudo o que precisava saber sobre sua situação. Deu um passo para trás.

O sorriso de Magnus se alargou.

— É muito gratificante depois de tanto tempo voltarmos à mesma situação, não acha?

— O que você quer dizer?

— Eu quero dizer que eu e você já fomos amigos, camaradas de armas, por assim dizer. E a união aumentava e diminuía em seu próprio tempo.

Rafferty cruzou os braços sobre o peito.

— Será que fomos? Pensei que terminou, quando você decidiu se tornar um Slayer.

O sorriso de Magnus ficou frio.

— Eu nunca mudei, não em muitos anos. Talvez o que mudou foi a sua percepção.

— Ou minha utilidade.

Magnus era desprezível.

— Acredite no que quiser. Eu agi por meu próprio interesse e se tivesse sido inteligente, você teria entrado nas fileiras comigo.

— Você nunca me falou sobre o Elixir. Nunca me ofereceu essa oportunidade para me juntar a fileiras.

Magnus riu.

— Bem, não se pode compartilhar todos os seus pontos fortes escondidos. Gostaria de tomar um gole agora?

Rafferty zombou.

— Agora que a sua potência está desaparecendo? Por que me preocupar? Eu vou viver após 2027 sem ele.

Magnus prendeu a respiração, então balançou a cabeça lentamente.

— Então, você sabe.

— Então, eu sei.

Os dois olharam um para o outro através do espaço, animosidade tingia o ar entre eles.

— Onde estão seus assecclas? — Rafferty perguntou.

Magnus riu.

— A fazer o que lhes disse para fazer.

— No momento.

— O que você quer dizer?

— Eu quero dizer que o seu poleiro é precário. Eles todos aspiram tomar o seu lugar.

— E nenhum deles vai conseguir fazê-lo. — Magnus tinha completa confiança em si mesmo. — Você não é o único que sabe algo sobre meu plano.

— Mas eu sou o único que vai desafiar você. — Disse Rafferty. Ele colocou a mão no bolso e fez o que deveria ter feito séculos antes.

Jogou sua moeda de desafio para Magnus.

O sorriso do antigo Slayer brilhou quando ele pegou a moeda de ouro no ar. Era uma moeda inglesa, mostrando São Jorge espetando o dragão de um lado e um sol com raios emanando do outro. Rafferty pensou nisso como um Pyr em forma humana dando a Slayer o destino que ele merecia. Magnus a estudou e sorriu.

Ele lançou sua própria moeda tão rapidamente que Rafferty teve que se apressar para pegá-la. Era uma moeda romana, o que não surpreendeu Rafferty em tudo. Ela parecia ser de prata, mas Rafferty podia sentir a ressonância de bronze dentro de seu núcleo. A prata era simplesmente uma lavagem sobre a superfície.

— Quão apropriado que ela foi feita para parecer mais valiosa do que realmente é. — Disse ele.

— É um follis. — Magnus disse com altivez.

Rafferty riu.

— Um saco de dinheiro. — Disse ele, lembrando-se da gíria para a moeda. — É duplamente sem valor então. — Ele guardou a moeda, aceitando o desafio, assim que Magnus mudou de forma.

O Slayer se lançou em direção a Rafferty com um rugido, sua forma de jade e ouro brilhando com poder. Rafferty deslocou sua forma então e mergulhou para Magnus, suas garras estendidas. Os dois travaram suas garras na pose tradicional de combate.

— Até a morte. — Magnus disse, como se não houvesse qualquer dúvida sobre isso.

— Até a morte. — Rafferty concordou. — Será vencido. — Então ele bateu forte em Magnus com sua cauda.



Delaney olhou para a mesa, bem ciente de que os outros o estavam observando de perto, e focados na história que ele acabou de compartilhar.

Ele ficou surpreso ao ouvir-se como o fez Ginger, quando ela contou a ele sobre seu passado na noite anterior. Mas talvez isso fosse apropriado.

— Era uma vez, havia um menino que vivia com sua mãe. Sua mãe raramente falava sobre o pai do menino, e quando o fazia, sua raiva se derramava. A toxina de sua amargura poderia manchar o ar de sua pequena casa por semanas, e assim o menino aprendeu a não fazer perguntas. — Delaney ouviu a cadência da Irlanda em sua própria voz, um eco do discurso de sua mãe que há muito desapareceu de sua própria vida.

O sotaque era reconfortante em sua familiaridade.

— E era assim que funcionava, o pobre menino muitas vezes tinha fome. A mãe trabalhava quando podia conseguir o que ela chamava de um trabalho honesto, ajudando em padarias e lojas. Ela era bonita e tinha certo charme, mas que periodicamente mergulhava em um desespero tão escuro que ela não podia sequer sair da cama. Nessas ocasiões, ela invariavelmente perdia qualquer emprego que tinha, e quando se recuperava de seu desespero, começava sua busca por emprego novamente.

Delaney suspirou e franziu a testa, puxando a cruz de prata de dentro de sua camiseta. A corrente era longa o suficiente para que ele pudesse ver por si mesmo, e ele virou-a na luz, correndo o polegar sobre a prata.

— Nesses tempos sombrios, fazia suas orações várias vezes e sempre dizia ao menino depois, que foi Deus quem a levou através da escuridão. O rapaz sabia que sua presença não tinha poder sobre os demônios de sua mãe, que ela essencialmente se esqueceria dele em sua miséria. Ele fazia seu melhor para ganhar algumas moedas para lenha ou comida quando ela ficava doente, garantindo sua própria sobrevivência, enquanto sua mãe estava sofrendo. Ele se acostumou a cuidar de si mesmo a partir de uma idade precoce, e assim, talvez, foi mais fácil para ele quando a mudança ocorreu.

Delaney franziu os lábios, bem consciente do olhar avaliador de Ginger sobre ele.

— O menino, sem o conhecimento de si mesmo, era Pyr, o produto de um acasalamento entre um segundo Pyr e sua companheira destinada. Em seus modos escuros, sua mãe falou de ter sido seduzida pelo diabo, mas o menino pouco pensou sobre essa referência. Ele também não conhecia seu irmão mais velho, pois sua mãe nunca falou de Donovan. Ele deixou de existir para ela quando mostrou sinais de carregar o mesmo destino de seu pai. Se o menino soubesse, a reviravolta na sua pequena casa, quando sua própria mudança ocorreu, isso não o teria surpreendido.

Delaney virou a mão, ainda espantado com a força de seu corpo.

— Ele começou devagar. Teve um sonho ruim e despertou com um suor frio, apenas para descobrir que a unha do polegar esquerdo havia se transformado em uma garra de dragão. Ele se apavorou com isso, mas logo voltou à sua forma normal. Estava certo de que havia imaginado o incidente, ou que foi uma parte de seu pesadelo.

— Foi apenas o começo de seu pesadelo. — Erik sugeriu, e Delaney assentiu com a cabeça triste.

O mesmo voltou a acontecer, quando o filho de um vizinho fez um comentário depreciativo sobre a mãe do menino. Eles se enfrentaram e lutaram na rua, como fazem as crianças, a zombaria despertando a ira deste menino. A briga parou de repente, o filho do vizinho fugiu. Depois disso o chamaram de Olhos de dragão.

Erik cruzou os braços sobre o peito, seu tom razoável e encorajador.

— Porque a luta despertou sua ira, e seu corpo começou a mudar para sua pose de luta.

Delaney assentiu.

— Eu não tinha ideia do que estava acontecendo comigo ou por quê. — Ele percebeu que parou de usar a terceira pessoa e passou para a primeira, reconhecendo que a história era sobre si mesmo, mas sabia que a pretensão era essa o tempo todo.

— A puberdade pode ser um desafio até mesmo para os mais bem informados Pyr. — Concordou Erik quando Delaney hesitou.

— O que eu não fui. O terceiro incidente foi o mais aterrorizante. Eu carregava uns barris para um comerciante de um navio no porto. Era um trabalho duro e um dia interminável. Ele era conhecido por não pagar muito, mas minha mãe estava na cama e precisávamos comer. Eu temia por sua saúde nesse momento, e desejava poder chamar um médico. Mas médico exigiria pagamento antecipado. E assim, passei um dia e uma boa parte da noite descarregando o navio. Trabalho árduo, e com ele sempre insistindo que tinha que ser feito mais rápido. O outro menino que pegou o trabalho caiu no cais em exaustão e o comerciante insistiu que não seria pago. Eu estava determinado a não ser enganado, então continuei trabalhando. Quando estava tudo feito, ele se atreveu a dizer que foi feito

muito lentamente. Ele lançou-me um denário, uma moeda de um centavo para o trabalho de um xelim, e fez sinal para eu sair.

Delaney tomou uma respiração profunda.

— Eu pensei na minha mãe, sozinha todo o dia e noite, e o estado dela, fiquei furioso por tê-la deixado por este homem que era uma fraude. Meu corpo mudou de forma antes que eu soubesse o que estava acontecendo. Estava escuro no cais, era tarde e tranquilo, apenas com o som da trepidação do mar contra o cais e a lua lançando sua luz prateada. A mudança não pareceu real para mim então, mas o poder da forma de dragão foi esmagador. Minha raiva encheu-me e com a minha nova força, eu ataquei o comerciante.

Ele engoliu em seco.

— Ele não teve chance de gritar.

Delaney ouviu Ginger recuperar o fôlego e nem sequer olhou em sua direção.

— E duvido que alguém tenha sentido falta dele. — Niall disse calmamente.

Delaney não podia olhar para Ginger, não poderia enfrentar a condenação que ele sabia que veria em seus olhos. Suas palavras saíram mais rapidamente.

— Peguei sua bolsa. Fui ao médico e paguei antecipadamente. E fui para casa da minha mãe. Ela tinha piorado e não havia fogo na lareira, já que ela não tinha forças para cuidar do que eu tinha deixado. Eu reacendi o fogo, indiferente ao custo do combustível, e virei-me para encontrar o seu olhar sobre mim.

— *Você é exatamente como ele.* Disse ela, ódio revestia o seu tom. Eu lhe disse que não entendia o que ela queria dizer, mas ela apontou para a minha mão. O sangue do comerciante estava sob minhas unhas. Ela sentou-se, encontrando forças em seu terror, e apontou para mim. *É como ele! É o filho de um diabo.* E chorou. Eu ainda não tinha entendido, mas ela me desafiou a mostrar o que eu realmente era. E então eu soube, soube que ela sabia sobre esse meu poder, mas escolheu deixar-me na ignorância. E eu, com 14 anos de idade, resenti-me amargamente por ela

não ter me contado tudo o que sabia. Fiquei com raiva por ela ter me mantido na escuridão e deixou-me descobrir a verdade em meu próprio medo.

Ele brincou com a cruz.

— Então eu fiz o que ela pediu. Achei que era o mínimo que ela merecia. Com raiva eu mudei de forma, gostando do poder da minha cauda enrolada, o brilho das minhas escamas, a majestade de minha própria aparência. Eu me virei para olhar para ela e ela gritou de terror. Nesse momento o médico veio correndo, eu tinha mudado para a minha forma normal novamente. Minha mãe estava tagarelando sobre demônios, apenas coerente quando insistiu para eu sair de casa. O médico olhou a bolsa de veludo do comerciante, a mancha vermelha sob minhas unhas, e virou o rosto quando ela me disse que seria melhor eu sair.

Ele traçava um padrão sobre a mesa com um dedo, o peito apertado com o sofrimento daquela noite.

— E assim eu fiz, certo de que nunca voltaria.

— Mas você o fez. — Disse Ginger.

Delaney olhou para cima, surpreso ao encontrar encorajamento em sua expressão.

— Você tem a sua cruz. — Disse ela. Ele ficou surpreso por ela ter adivinhado a origem do colar.

— Eu sempre me perguntei por que você a usava. — Disse Erik. — Não é um símbolo comum para um Pyr escolher como adorno.

Delaney olhou para o emblema de prata.

— Isso significava algo diferente para mim. Isso me lembrava uma promessa que fiz.

— O que aconteceu quando você voltou? — Ginger perguntou.

— Por que você voltou? — Niall perguntou.

— Eu ouvi que minha mãe estava morrendo. Passaram-se muitos anos e eu tinha sorrateiramente garantido saber sempre o estado de sua saúde. Ela cuidou de mim. Ela me criou. Era a minha mãe e eu a amava, mesmo que ela não pudesse amar o que eu era. Eu me preocupava com

seus períodos de escuridão, e como ela iria sobreviver a eles, sem ninguém para ajudá-la. Então, eu tinha aqueles que a visitavam e aqueles que levariam algumas moedas para ela ou ficavam com ela.

Delaney franziu o cenho.

— A história de que eu tinha matado o comerciante se espalhou; o que era verdade, embora os detalhes bordados no conto tivessem poucas semelhanças com a verdade. Os vizinhos tinham medo de mim, então, rapidamente atendiam meus pedidos. Eu sempre me assegurava que houvesse alguma consideração por eles, e então eu conquistei aliados desconfiados. O menino que primeiro me chamou Olhos de Dragão foi um dos mais úteis.

Ele encolheu os ombros.

— E então eu ouvi quando ela ficou gravemente doente, e fui até ela quando ela acreditava que estava em seu passado. Esperava que pudesse me reconciliar antes que fosse tarde demais. Eu tinha conhecido Donovan então, mas se passariam séculos antes de descobrir que nós éramos, de fato, irmãos. Saber que havia outro Pyr me deu um tipo de confiança e uma nova vida, mas ainda assim eu ansiava a bênção da minha mãe. Então voltei para a nossa pequena casa no meio da noite, chocado depois de minha ausência, por sua simplicidade.

— Ela não tinha mudado. — Erik adivinhou. — Mas você tinha.

Delaney assentiu e engoliu.

— Ela estava dormindo quando cheguei, a respiração era tão superficial que eu achei que fosse tarde demais. Seu cabelo ficou cinza e seu rosto enrugado, os nós dos dedos estavam inchados em suas mãos fechadas. Eu podia ver que ela estava menor debaixo dos cobertores, que usava para aquecer-se das consequências da sua doença, e eu me culpei por sua palidez. Agarrava a cruz em sua mão, seus dedos se fecharam sobre ela tão ferozmente que eu sabia que ela vivia. Sentei-me junto a ela no fogo, ouvindo sua respiração e esperei. Estava melhor vestido, um homem que uma vez foi um menino. As vigas pareciam pequenas para mim, o espaço era menor do que alguma vez foi. Vinte anos se passaram, mas quando ela acordou, ela me reconheceu instantaneamente. — Ele sorriu tristemente. — Ela me olhou e perguntou se eu estava ali para reivindicar sua alma.

Delaney parou e Ginger se aproximou.

— Pensava que era mau?

— Ela pensou que meus poderes eram uma marca do diabo. Anos antes eu teria sido capaz de discutir com ela.

— Mas então, você havia aprendido. — Disse Erik suavemente.

Delaney assentiu com a cabeça, consciente da forma como Ginger olhava para ele com avidez entre eles.

— Disse então que encontrei outros iguais a mim e que estava descobrindo os poderes de meu corpo. Conte a história dos Pyrs como sabia naquela época.

— Como foi isso? — Ginger perguntou, sem negar seu interesse.

O fato de que ela não estivesse contra ele e provavelmente não ficaria em um futuro próximo, aqueceu o coração de Delaney, inclusive onde a tempestade não pôde chegar. E isso porque tinha que lhe contar o resto da história.

Capítulo 17

Delaney assentiu para Erik, que sorriu levemente.

— No princípio. — Disse Erik, e os outros se endireitaram. Todos conheciam esta história, assim como sabiam seus próprios nomes.

— No princípio, havia o fogo. — Os Pyr disseram em uníssono.

Delaney observava o olhar de Ginger entre eles com espanto, aproveitando a oportunidade de estudá-la, enquanto seu olhar se desviava dele. Seus brincos de âmbar brilhavam, enquanto ela se movia, aparentemente iluminada por um fogo interno. Assim como se fosse iluminada por sua centelha interior. A tempestade lisonjeava sua cor, acariciando suas feições e iluminando o brilho de seus olhos, mas Delaney

sabia que ela teria sempre aquele brilho que ele achava tão atraente. Ela era vital, viva, e escolheu viver a sua vida ativa e empenhada. Desejou com todo o seu ser que as coisas pudessem ser diferentes para eles.

— E o fogo queimou forte porque foi embalado pela terra. — Thorolf continuou.

— O fogo queimou brilhante porque foi alimentado pelo ar. — Disse Niall. — O fogo queimou menos quando tocado pela água.

Erik continuou.

— E estes eram os quatro elementos do projeto divino, do qual todos foram construídos e como tal seriam destruídos.

Eileen sorriu, balançando Zoe enquanto falava.

— E os elementos foram colocados nos pilares do mundo material e isso foi bom.

Erik olhou para Eileen, com os olhos brilhando.

— Mas os elementos estavam sozinhos e indefesos, incapazes de se comunicarem uns com os outros, entrelaçados dentro da matéria que era deles para controlar.

— Parecia que um de seus filhos iria dormir.

Niall continuou.

— E assim, fora do vazio infinito foi criada uma raça de guardiões cuja tarefa era proteger e defender a integridade dos quatro elementos sagrados.

— Foram-lhes dado poderes, para melhor cumprirem as suas responsabilidades. — Disse Thorolf.

Erik assentiu.

— Eles teriam força, astúcia e longevidade para salvaguardar os tesouros de se renderem a sua mordomia. Para eles, por si só, os elementos responderiam.

Ele fez uma pausa intencionalmente, então Delaney e os outros concluíram a história em uníssono.

— Estes responsáveis foram e são... Os Pyr...

— Uau. — Disse Ginger, o seu olhar brilhante foi para Delaney novamente. O sorriso dela fez seu coração pular uma batida e seu peito se apertar.

— O que ela disse sobre isso?

— Não muito, pelo menos não inicialmente. — Admitiu Delaney. Ele sentiu-se estranhamente expansivo e inclinou-se para Ginger. — Ela me disse que meu pai a tinha seduzido e enganado. Ela me contou sobre a maldade e o preço do pecado. Ela me disse que se arrependia, mas vacilou no silêncio, talvez consciente de que não poderia se arrepender dos poderes do meu corpo.

Delaney franziu a testa com a lembrança.

— Nós nos sentamos juntos, enquanto o fogo morria nas brasas, apenas o crepitar na lareira interrompia o silêncio entre nós. Seus olhos se fecharam e sua respiração tornou-se mais suave, tão difícil de perceber que eu temia que ela tivesse ido. Eu fui para o lado dela, toquei-lhe a mão, e encontrei-a fria. — Ele suspirou. — Mesmo depois de tudo o que ela disse, eu não poderia imaginar que tinha morrido, apesar das diferenças entre nós.

Suas palavras tropeçaram e Ginger chegou até ele, fechando a sua mão sobre a dele. Era para ser um gesto de encorajamento, mas a centelha brilhante da tempestade que emanava de seu contato fez Delaney fechar os olhos. Ele não podia pensar sobre suas falhas, não agora.

Não pôde evitar, mas saboreou o doce calor do desejo que rolou por seu corpo, e sua boca ficou seca. Pensou na suavidade de Ginger contra ele, suas pálidas curvas suaves, sua risada na cama, e ele a queria com uma ferocidade que o assustava.

Ele abriu os olhos para encontrá-la corada e sorrindo para ele.

— Uau. — Ela murmurou, então fingiu abanar-se com a outra mão.
— Material quente.

Delaney viu-se sorrindo para ela, gostando que ela não puxasse a mão. Ele virou a própria mão, fechando os dedos sobre os dela. A *tempestade de fogo* pulsava e latejava, irradiava de suas mãos entrelaçadas e banhava a cozinha de luz dourada. Ele sentiu a delicadeza de seus dedos, sabia que eles eram mais fortes do que pareciam. Assim como ela era ao mesmo tempo delicada e forte.

— É claro que você ficou triste. — Disse ela. — Ela era sua mãe e aquela que queria o melhor para você.

Delaney podia ver o quarto novamente com uma clareza surpreendente, apenas a pressão dos dedos de Ginger o fizeram voltar ao presente.

— Ela pegou a cruz que estava pendurada em seu pescoço e disse: *Mas eu tenho que confiar na sabedoria de Deus. Devo confiar que tudo tem um propósito e que há um plano divino. Essa convicção é a única coisa que me carregou através das sombras. Minha fé foi a luz na escuridão. Eu fiz o meu melhor com você. Eu tentei o meu melhor e só posso crer que Ele não atribuiu um peso maior para mim do que o que eu posso carregar.* Ela retirou a corrente que sempre usou e deu-me, insistindo para que eu a colocasse em meu próprio pescoço.

— Então, por isso que você a tem. — Ginger murmurou. Delaney viu a aprovação em seus olhos.

— Eu não sei o que ela esperava, mas ninguém me feriu e a cruz não derreteu com o contato com a minha pele. Ela olhou e esperou, e então falou de novo. *Eu não sei o que você é, ou por que você é Delaney, mas você é meu filho, e eu sempre o amei mais que tudo. Ensinei-lhe o que sei, e eu não posso acreditar que você seja realmente mau, ou que esteja perdido para sempre. Devo acreditar que há um propósito, e que, talvez, este conto de guardiões seja verdade. Eu não posso saber. Mas você tem que me prometer uma coisa. E eu jurei que lhe prometeria qualquer coisa. Você deve usar a minha cruz, você deve se lembrar da minha fé, e deve usar os poderes que você tem para a bondade.*

— Eu gosto disso. — Disse Ginger. — Ela tentou aceitar sua natureza e acomodá-lo no final. Isso é amor.

Delaney não sabia. Ele só se lembrou da força do seu alívio, e sua determinação de manter esse voto.

— Eu fiz essa promessa e, em seguida, ela caiu para trás, exausta. Eu teria falado mais, mas ela estava com os olhos fechados. Sentei-me com ela, enquanto o fogo se extinguia.

Ele levantou-se e virou-se, sentindo-se vulnerável pela força de sua dor. Ele manteve-se de costas para os outros enquanto se recompunha, sentindo o peso do olhar de Ginger sobre ele.

— Ela não despertou novamente. — Disse ele, finalmente, com a voz rouca.

— E você nunca a tirou. — Ginger adivinhou.

Ele girou para encará-la, sabendo que seu olhar era de desafio.

— E eu nunca vou, não enquanto mantiver minha promessa para ela. — Ele endireitou os ombros. — E este é o ponto. Você tem certeza de que Magnus está controlando minhas escolhas, que eu não tenho vontade de viver, que pode convencer-me a seguir a escolha que você quer.

Delaney voltou para a mesa, e bateu o dedo sobre ela. Compartilhar sua história restaurou sua determinação e o deixou determinado a ter sucesso, e precisava de seus companheiros para ver sua condenação.

— Mas esta é minha escolha. Eliminar o Elixir é o que eu posso fazer pelos Pyr e pelo mundo em geral; é a forma como posso ser um guardião dos elementos e como posso usar os meus poderes para o bem. E como posso cumprir essa promessa feita para minha mãe. E é por isso que você não vai me fazer mudar de ideia. Metade de mim acha que eu nasci para fazer isso.

Ele deixou-os olhar, deixou-os perceber a extensão de sua condenação, em seguida, saiu da cozinha antes que pudessem discutir com ele. Delaney dirigiu-se para o celeiro, para o gado e o esterco e um galo teimoso.

Sabia exatamente o que ele poderia ter de Ginger, se tivesse a audácia de perguntar. Se a sua vida fosse diferente. Se o seu destino tivesse sido moldado de outra maneira.

Mas como ele estava, tinha que ter o mesmo tipo de fê que sua mãe possuía, e tinha que fazer o seu melhor para fazer a diferença. Era tudo por Ginger.

Sua resistência era inútil. Qualquer homem, que pudesse agir com honra e decência, entregaria sua própria vida para cumprir uma promessa feita a sua mãe em seu leito de morte, era um homem que podia amar com todo o coração.

Delaney podia pensar que a sua história a faria voltar-se contra ele, porque matou o comerciante a sangue frio, mas para ela, a história mostrou que sua mãe criou bem seu filho. Delaney cuidou de sua mãe, mesmo quando estavam separados. Ele tinha voltado a vê-la no final, em uma tentativa de reconciliação. Ele fez a promessa que ela pediu para ele, e estava tentando mantê-la.

Delaney estava tão veemente, tão obviamente sob pressão que fez Ginger se lembrar de uma ferida em carne viva. Ele escolheu as mesmas frases que usou na noite anterior, mas ela sabia apenas por sua atitude que compartilhou seu próprio passado. Pela primeira vez. Tão temível como foi o que ele dizia, ela ficou grata por sua confiança.

E, no final, a sua história, simplesmente reafirmou a convicção de Ginger, que Delaney era um protetor. A aceitação de sua mãe de sua natureza, na medida em que ela foi capaz de chegar a um acordo com a sua realidade e seu alívio evidente por sua reconciliação também lhe mostrou o poder do seu amor.

Ginger gostava muito disso.

Ela também se lembrava da capacidade de sua avó para encontrar o lado bom das coisas, para superar a adversidade, para aceitar as coisas como elas eram e para lutar por algo melhor. Isso a fez pensar em abrir uma concessão para assegurar o bem maior. Isso a fez perceber que ela não ficou má por crescer sem seus pais, ela teve amor, e talvez isso fosse tudo o que uma criança precisava para florescer.

Ela também sabia que era isso que Delaney precisava. Sua boca ficou seca quando considerou como Delaney estava negando seu próprio desejo e o impulso de manter a sua promessa a ela. Ela pensou no poema de Rafferty e no plano de Magnus e descobriu ela era a única que poderia fazer Delaney mudar de ideia.

E só havia uma maneira de fazê-lo. Ela tinha que aceitar o risco calculado e satisfazer a tempestade. Ela teria que conceber seu filho e

acreditar no futuro. Ela teria que confiar em um poder superior, na sabedoria da Wyvern, e seguir seu próprio instinto de confiar em Delaney.

Ginger tinha certeza de que Delaney não seria capaz de abandonar seu filho, que ele não iria condenar outro Pyr a crescer sem um pai como aconteceu com ele. Tinha certeza não só de que ele seria um pai maravilhoso, mas que ela poderia ter o tipo de amor com ele que seus pais compartilharam.

Eles tinham uma conexão instintiva, que Ginger percebeu imediatamente. A tempestade aumentava, mas não era a raiz dela. Ginger, como a mãe de Delaney, escolheu acreditar que lhe foi dada a oportunidade de conhecer Delaney por uma razão. Ela escolheu acreditar que seria a luz que o tiraria das sombras.

E se ela perdesse Delaney, de alguma forma, e fosse obrigada a criar seu filho sozinha, bem, ela faria o seu melhor para dizer ao menino sobre seu pai e seu legado. Tinha a sensação de que os Pyr não a abandonariam ou à criança, que ela não ficaria sozinha para enfrentar este desafio.

Ela acreditava que Delaney estava destinado a ser seu companheiro, de todas as formas possíveis, não importava como as coisas ficariam depois que ela se rendesse à tempestade. Teriam seus pais se arrependido se tivessem ficado tão pouco tempo juntos? Ginger não podia acreditar que escolhessem uma forma diferente, mesmo sabendo que seu casamento seria interrompido por uma tragédia.

Ela tinha que ter uma chance. Iria aproveitar ao máximo a oportunidade, e iria fazer isso imediatamente. Ginger decidiu tudo isso em um piscar de olhos, após a saída de Delaney. A porta mal se fechou atrás dele, quando ela se levantou.

— Aonde você vai? — Niall perguntou. — Precisamos de um plano. Delaney não vai mudar de ideia...

— Eu tenho que falar com ele. — Disse Ginger, agarrando o casaco.

— Eu não acho que falar que vai fazer alguma diferença. — Niall observou.

— Você nunca sabe. — Eileen sorriu, escondendo sua expressão quando ela se curvou para beijar seu bebê. Ginger sabia que a outra mulher entendia que o plano de Ginger não incluía apenas falar.

— Todos nós devemos falar com ele. — Disse Erik levantando-se, mas Eileen cutucou-lhe com o seu pé.

— Sente-se. — Ela disse para ele.

Ginger estava se divertindo com o líder dos Pyr, enquanto este olhava entre Ginger e sua parceira tentando entender.

— Mas...

— Sente-se. — Disse Eileen em voz alta, e levantou as sobrancelhas para enfatizar seu comando. Erik olhou de uma forma cautelosa e vigilante, enquanto tentava entender.

Eileen sorriu em aprovação, o que só pareceu confundi-lo cada vez mais.

— Eu pensei que você fosse o único com previsão. — Brincou ela.

Erik franziu a testa.

— E a pessoa que acredita que cada tempestade deva ser satisfeita. — Ela murmurou, as feições de Erik se iluminaram com compreensão.

— Eu vou com Ginger. — Niall disse.

— Não, você não vai. — Disse Eileen severamente.

— Sente-se. — Erik ordenou. — Deixe isso para Ginger.

Niall olhou para Erik, depois para Ginger quando ficou de pé.

— Mas nós dois juntos...

— Ficaré apenas no caminho. — Disse Eileen com firmeza. — Homens. — Ela murmurou, revirando os olhos. — Vá em frente, Ginger. Eu vou garantir que tenha privacidade.

— Oh! — Niall disse, e sentou-se pesadamente.

— Por que você não faz algo de útil e dispersa a fumaça? — Eileen perguntou alegremente.

Ginger sabia que todos sabiam sua intenção, mas ela não se importou. Praticamente voou para fora da porta, abriu seu casaco no frio, e seguiu as pegadas deixadas por Delaney. Ele escolheu o velho celeiro, o que a fez sorrir. Era o seu lugar favorito e estava cheio de feno fresco.

Perfeito.

Delaney sentia-se mal.

Ele nunca contou a ninguém sobre a morte de sua mãe. Por um lado, ele sentiu como se tivesse exposto algo sagrado e deixou-o sem defesa, por outro lado, sabia que tinha de compartilhar a história para fazer os Pyr entenderem a profundidade de sua convicção.

Ele não tinha antecipado a resposta poderosa de Ginger, muito menos o modo como a resposta dela o afetou. Essa conexão entre eles estava ficando mais forte independente do aumento do calor da tempestade. Ele ainda a queria, mas ele queria mais do que sexo.

Ele queria que fossem parceiros.

Ele queria o filho que iria conceber, e ficar com Ginger para criá-lo. Ele queria construir uma vida junto com ela, saber exatamente o que a fazia rir, ouvir as suas histórias e contar mais das suas. Ele queria ajudá-la a converter a fazenda numa operação orgânica e vê-la convencer as pessoas a fazerem mudanças com sua própria paixão por produtos locais.

Ele queria um futuro, mais do que jamais quis antes.

Era esta uma tentação perigosa? Ginger era a única que ameaçava a força de sua determinação. Ela era a única pessoa que o tentava a encontrar outra solução.

Mas não tinha escolha. Delaney sabia. Ele sabia o que tinha que fazer, mas percebeu que teria que organizar seus pensamentos em primeiro lugar.

Ele foi para o velho celeiro, precisando de uma ligação com o passado que o novo celeiro eficiente não oferecia. Não havia animais nesta estrutura, que deveria ter mais de cem anos de idade. A fundação era de

pedra e o teto de aço, o próprio celeiro em si foi construído em madeira com uma base prateada. As portas foram pintadas de vermelho escuro. Era precisamente como um celeiro deveria ser, na opinião de Delaney.

Ele forçou a porta abrir-se contra a neve lá caída e respirou fundo uma vez que passou para o interior escurecido. O cheiro do celeiro era de esterco e terra, mas principalmente de feno fresco. Luz vinha através das paredes, como lascas brancas, as pranchas de madeira velhas diminuía à medida que envelheciam.

Ele entrou no porão, onde o gado era mantido e as paredes eram de pedra. Estava limpo, mas tinha um cheiro orgânico. Delaney ignorou as lâmpadas penduradas no teto, preferindo se mover na escuridão. Ele subiu as escadas para o andar principal, e encontrou um velho trator vermelho estacionado no meio. No lado oposto estavam duas portas e sabia que a terra estava amontoadada em uma rampa no lado de fora da casa.

Havia uma baia onde o cheiro de feno fresco era mais forte. Delaney subiu a escada e sorriu para os pacotes de feno empilhados ordenadamente como ouro. O lugar estava apenas cheio pela metade, mas impregnado de um cheiro doce de verão. O vento assobiava um pouco por entre as fendas e o ar estava frio. Ele pensou que podia ouvir a neve caindo incessantemente fora, cobrindo o edifício com um branco imaculado.

Ele se levantou e simplesmente ouviu, amava este lugar.

Delaney olhou por cima do ombro quando ouviu um leve som no celeiro. Ele ouviu alguém se aproximar, seguindo seus passos. O brilho da tempestade lhe disse quem era, apesar dele mesmo reconhecer o som dos passos de Ginger.

Ela queria consolá-lo. Ele já tinha imaginado a força de sua compaixão e não podia negar a si mesmo um último gosto dela. Esperou, imóvel e em silêncio, imaginando que ela o encontraria facilmente.

Por causa da tempestade?

Ou porque ela instintivamente sabia onde ele estava?

Ginger apareceu no topo da escada, com os cabelos emoldurando seu rosto como um halo dourado. Ela sorriu e algo se derreteu dentro de Delaney, algo que significava um desastre para o seu plano.

— Você não pode fazer-me mudar de ideia. — Disse ele, não tão convencido como queria estar.

Seus olhos brilharam.

— Não tenha tanta certeza disso, gostosão. — Sua confiança sacudiu-o, mas ele não podia se afastar dela.

A tempestade brilhou em seus olhos, corou suas bochechas, e se refletiu no âmbar de seus brincos. Ela era tão sedutora que ele sabia que nunca seria capaz de resistir a ela.

Ela chegou ao topo da escada e girou por sua perna, ele instintivamente se aproximou para oferecer a mão para ajudá-la. Ela apertou seus dedos, sua mão estava fria, e ofegou em uníssono com a quente demanda da *tempestade*. Esta chiou através de Delaney, enviando um calor leve por suas veias que foi acompanhado pela intensidade de seu desejo.

Seus olhares se cruzaram e se prenderam um no outro, a elétrica *tempestade* aumentava sua intensidade. Ele sabia que deveria se afastar. Sabia que não podia correr o risco até mesmo de um beijo. Sabia que saciar a *tempestade* seria ser injusto com ela.

Mas Ginger minou sua convicção completamente. Ela estava quente sob o seu casaco, quente, suave e convidativa. Ela se inclinou contra ele, seus seios se esmagaram contra seu peito. Eles se encaixaram perfeitamente, como na primeira noite, as faíscas da *tempestade* brilhando por seus corpos entrelaçados com uma forte intensidade. O fôlego de Delaney saiu quente.

— Eu vim para lhe fazer uma proposta. — Ginger sussurrou, e Delaney sofreu para dar a ela o que ela queria dele.

— Que tipo de proposta? — Sua voz estava rouca, o cheiro do calor entre eles fazia sua garganta se apertar.

Ginger lambeu os lábios e respirou fundo.

— Eu sei o que você pensa que tem de fazer e por que você acredita nisso. Eu só não tenho a certeza se está certo sobre o preço que vai ter que pagar.

Delaney franziu a testa, Ginger estendeu a mão e pressionou a ponta de seu dedo para silenciá-lo. Seus lábios se aqueceram sob seu toque.

— Rafferty deixou um verso sobre a mesa da cozinha. Vi-o a escrever, mas pensei que fosse apenas uma nota. — Ela puxou uma folha de papel do bolso e mostrou para ele. — Eu li isso antes e não entendi, mas eu acho que é sobre você.

*As patrulhas exiladas nas sombras profundas,
Defendendo os Pyr enquanto eles dormem.
Quando a escuridão se torna o seu domínio,
Ele se arrisca a perder seu caminho de volta.
Vigilantes na noite sem fim.
No entanto, desenhado pela luz tempestade de fogo.
Mas sente-se tão à vontade no escuro.
Rendição plenamente à faísca do amor?
Será que ele se atreve a deixar a sua tarefa,
Escolha-se primeiro em vez do passado?*

Delaney leu duas vezes, surpreso com a precisão com que falava de sua luta. Seu coração começou a bater com a promessa oferecida pelo verso e ele confiava em seus instintos, se desse a si mesmo a chance de ficar com Ginger, ele poderia ter um destino diferente do que imaginou.

Ele poderia ter um futuro.

Eles poderiam ter um futuro.

— Eu acho que você tem uma escolha. — Disse Ginger, em seguida, sua voz endureceu. — Eu tenho que acreditar que você tem uma escolha. É apenas a minha maneira de ser.

Delaney se encontrou sorrindo. Ele não podia pensar em ninguém mais inclinado a fazer suas próprias escolhas e fazê-las funcionar como Ginger.

Ela sorriu para ele.

— Alguma vez você pensou... — Ela disse suavemente. — Que há uma razão para você não morrer e por que o Elixir não o transformou em algo maligno?

— Todo o tempo. — Delaney disse. —É para que eu possa destruir o Elixir.

— Talvez. — Ela olhou-o nos olhos. — Ou talvez seja porque lhe foi dada uma segunda chance.

— O que significa isso?

— Que a maioria das pessoas que enganam a morte tenta aproveitar ao máximo a vida, não para descobrir a melhor forma de cometer suicídio.

Ele olhou para ela com surpresa.

— Você está pensando que precisa morrer para fazer tudo dar certo, mas eu penso que lhe foi dada a oportunidade de viver novamente, a fim de fazer a diferença.

Era uma possibilidade tentadora.

— Então, a minha oferta é que se você escolher tentar voltar, para tentar nos dar uma chance, então eu me entrego à tempestade agora. — Ginger engoliu em seco e endireitou os ombros. — Eu vou ter seu filho e criá-lo tão bem quanto eu puder, não importa o que aconteça com o Elixir.

Delaney ficou impressionado com a magnitude de seu dom.

— Mas o que acontece com você? Você cresceu sem seus pais e disse...

— Eu estava pensando em apenas metade da história. Eu fui concebida com amor, e criada com amor, e isso é realmente o que importa. — Seu sorriso ficou travesso. — Eu acho que saiu tudo bem, considerando todas as coisas.

— Você certamente o fez.

— Então, o que você diz gostosão? Quer fazer um acordo?

— É uma oferta que não posso recusar. — Disse Delaney surpreso com a forma como a esperança surgiu dentro dele com sua proposta. Ele se sentia mais leve e mais forte, parecendo maior do que alguma vez foi.

Por causa de sua escolha.

Delaney puxou Ginger para mais perto, antes que pudesse se conter. Ela foi de bom grado, enrolando seus braços em volta de seu pescoço e puxando-o para um beijo. Delaney ouviu seu coração bater contra o dele, sentiu sua respiração em seu rosto, e foi cercado por seu perfume doce. Sentindo seu corpo até aos dedos dos pés, em seguida, seus lábios estavam nos dela e ele se perdeu.

Perdido para o momento, não querendo ser encontrado. A *tempestade* passou por ele como um feixe de luz branca, cauterização, limpeza, purificação. Ele sentiu o aperto do Elixir sobre ele enfraquecer. Ele sentiu a sombra de seus pesadelos se encolherem na luz brilhante e se dispersar. Ele sentiu a centelha do divino dentro dele acender brilho novo e a queimar mais brilhante e mais quente do que nunca.

E ele sabia que, mesmo após a *tempestade* acabar, seu calor o sustentaria para sempre.

Por causa de Ginger.

Algo mudou no momento em que Delaney aceitou a oferta de Ginger. Na verdade, ele mudou quando leu o poema. Ela viu as faíscas saltarem em seus olhos e se perguntou o que aconteceu com aquelas sombras de dor.

Elas foram embora.

Então ele a beijou com tal zelo que cada pensamento coerente se dispersou de sua cabeça. A folha de papel com o poema caiu no chão do sótão e Ginger não se importou. Ginger não queria pensar, queria sentir. Ela fez a escolha dela e queria se lembrar deste momento para sempre.

Independentemente do que acontecesse em seguida.

O beijo de Delaney era quente e ainda reverente, e ela percebeu que ele estava surpreso com sua escolha. Ginger não queria que ele pensasse muito sobre isso, não queria que ele parasse como fez na noite anterior. Ela empurrou-o de volta para os fardos de feno empilhados. Ele tirou a

jaqueta e espalhou-a pelo feno, então Ginger se jogou ao lado dele. Delaney caiu para trás, levando-a com ele, mas apoiando-a contra a queda com o seu corpo.

Ele era protetor.

Ele era honrado.

Ele prometeu que tentaria voltar.

Ginger caiu sobre seu peito, emoldurou seu rosto entre as mãos, e beijou-o como se este fosse o último beijo. Suas mãos se fecharam ao redor de sua cintura e ele a segurou em cima dele, enquanto suas línguas dançavam. Faíscas voaram, saltando de seus dedos, saindo de seus lábios. Cada ponto onde seus corpos se tocavam estava radiante e quente, dissipando o frio do celeiro e garantindo que não houvesse nada no mundo, apenas Ginger, apenas Delaney.

Ela tinha as mãos sob a camisa, em um piscar de olhos, puxou a cintura de seu jeans. Passou as mãos sobre suas costelas até seu peito, olhando o chiar da luz dourada que surgia com sua carícia. Seus mamilos estavam tensos e Ginger se inclinou para beijar um, provocando o pico com os dentes e a língua, até que ele se contorceu. Ele era tudo músculo, força sólida e ela se encantava em seu poder de se transformar em um dragão terrível e belo. Seu corpo era maravilhoso para ela, estranho e belo, mesmo na forma humana.

Ela queria ver tudo isso.

Ela puxou a camisa sobre os ombros, sorrindo quando a cruz de prata saltou contra sua pele bronzeada. Ele estava de volta contra o feno em um impulso de seu dedo. Não havia um grama de gordura nele, cada centímetro dele era bronzeado e poderoso. Seus olhos brilhavam enquanto a observava subir nele.

Ele era magnífico, especialmente porque estava determinado a usar seu poder para o bem. Ela gostava de sua história, gostava de seu amor por sua mãe, gostava que ele não tivesse apenas tentado conciliar as coisas, mas que ele conseguiu. Não era de admirar que sua mãe tivesse visto o bem nele, Ginger podia vê-lo, também.

— Agora eu tenho você onde eu quero. — Ginger grunhiu, apoiando as mãos em ambos os lados de seus ombros. O sorriso de Delaney brilhou de uma forma repentina. Seus olhos brilharam em um verde claro, cheio de propósito e reverência.

— É mesmo? — Ele brincou, e Ginger sabia que ele pretendia virar a mesa. Antes que ele pudesse se mover, colocou as mãos na frente da calça jeans, sua ereção grande e dura sob suas mãos. Ele engasgou com seu toque e se congelou por um momento.

Isso foi todo o tempo necessário para abrir sua calça jeans e levá-lo a sua boca.

Ela amou seu gemido de rendição.

Ela tinha Delaney nu e pronto, e exatamente onde o queria. Ginger provocou-o e o atormentou, usando as faíscas da *tempestade* para levá-lo à loucura. Ele ficou ainda maior e mais duro e cada vez menos coerente, ela tinha o poder absoluto sobre seu corpo incrível. Quando ela pensou que ele não aguentaria mais, ajoelhou-se sobre ele e tirou sua própria camisa.

Ela deixou-o olhar para ela e levantou as mãos enquanto acariciava seus seios. Eles compartilharam um beijo incendiário, em seguida, ela tirou o sutiã e jogou-o longe. Foi recompensada novamente com seu sorriso.

— É o interior que conta. — Ele murmurou, suas palavras enviaram um arrepio ao corpo de Ginger.

— Você tem razão. — Ela concordou, vendo que o surpreendeu novamente. Ela deitou-se ao lado dele e tirou sua calça jeans, chutando-a para o lado. Pegou a calcinha, mas ele se moveu rapidamente para pegá-lhe as mãos.

— Deixe-me. — Ele sussurrou, seus olhos brilhando com intenção.

A boca de Ginger ficou seca e ela balançou a cabeça em silêncio, incapaz de dizer uma palavra de protesto. Ela sabia o que ele iria fazer, e arqueou as costas enquanto sua boca se fechou sobre ela. Ela viu a calcinha voar quando ele jogou-a de lado e não poderia ter se importado

menos. Não havia nada além do carinho inebriante da língua de Delaney e da magia que ele fazia com as mãos.

Ela nunca se esqueceria disso, não importava quanto tempo se passasse. E ela nunca se arrependeria de sua escolha.

Ela viu o brilho da tempestade mudando de cor, tornando-se esbranquiçada quando Delaney despertou sua paixão a um passo da febre. Seu sangue fervia, virando lava derretida em suas veias. Ela vibrava e brilhava, elevando-se até um ponto que ela tinha certeza que iria explodir. Ela provou o sal do suor em seu lábio superior e sentiu o brilho de suor em sua pele. Delaney era implacável, seu toque incitava seu desejo como nada mais poderia ter feito. Ginger ouviu-se gemer. Sentiu-se a contorcer. Sofria por tê-lo dentro dela, estirando-a e a enchendo. Ela não queria encontrar sua própria liberação sozinha, mas com ele.

Juntos.

— Delaney. — Ela engasgou. — Juntos. — Ela conseguiu dizer, e sentiu-o se mover imediatamente. Manteve-se sobre ela, passando a língua sobre seu corpo. O ponto de contacto chiou, lançando faíscas amarelas brilhantes quando ele colocou seu corpo em cima dela. Ele apoiou os cotovelos em ambos os lados de seus ombros e se inclinou para beijá-la profundamente. Ginger recebeu seu beijo, então cercou sua cintura com os joelhos, instando-o a completar a união.

Ele levantou a cabeça, segurando seu olhar enquanto a penetrava. Ginger engoliu seco com o tamanho dele. Ela viu sua preocupação. Ela viu sua admiração. Ela sentiu um agudo sentido de que ambos estavam na mesma direção a esse ponto ao longo do tempo, esse ponto de união, essa escolha.

Não havia como voltar atrás.

Este momento mudaria ambos para sempre.

Ginger congratulou-se quando acolheu o calor de Delaney. Quando entrou totalmente nela, ele fechou os olhos e suspirou, inclinando-se para tocar seus lábios em seu ombro. Ginger puxou-o para perto e piscou as lágrimas, dominada pelo poder da conexão que sentia com ele.

— Eu nunca vou esquecer. — Ela prometeu, e ele beijou sua orelha.

— Não. Nunca. — Ele concordou, sua voz áspera com emoção.

Então, ele começou a mover-se dentro dela. Sua expressão era intensa, quase feroz, e quando prendeu seu olhar ao dela, o coração de Ginger bateu ferozmente. Seus olhos eram de um verde brilhante, desprovido de sombras ou dúvidas.

A *tempestade brilhava* e aquecia, queimando com novo ardor, mais quente e mais brilhante que nunca. Estava radiante entre eles, deixando sua pele brilhante e aquecendo seu coração. Ginger sentia-se como se estivesse numa praia ensolarada, ou mesmo se fundindo com o próprio sol. Ela nunca se sentiu com tanto calor, ou queimado com tal desejo, mas não podia imaginar algo tão prazeroso.

Ela beijou Delaney outra vez.

Sentiu seu coração ao mesmo ritmo do dela e prendeu a respiração com a sensação. Ele sorriu, e ela sentiu o ritmo de sua respiração, percebeu que ela também combinava com a sua. Seus olhos brilharam, lembrando-a de tudo o que ele era, e Ginger cravou as unhas em seus ombros, só querendo mais.

Delaney se moveu lentamente, seus golpes certos. Ginger tinha certeza que ele queria prolongar o momento o maior tempo possível.

Mas a sensação era demais para durar. Ela estava muito excitada e muito emocional, e Ginger sentiu o clímax chegando. Quando ela tremeu, ele sorriu. Essa foi a visão que lhe enviou ao limite. Ginger sentiu a maré através dela, agarrou os ombros de Delaney, viu as faíscas voarem, e aguentou enquanto pôde.

Quando ela gritou com a força de sua liberação, Delaney explodiu também. Ela sentiu seu corpo ficar tenso, com um batimento cardíaco depois do dela, ouviu o seu grito de alegria. Ela podia jurar que sentiu a cascata quente de seu sêmen dentro dela, então ele encostou a cabeça no ombro dela. Ambos estavam ofegantes e quando ela beijou sua têmpora, provou sal. Ginger sorriu e segurou-o perto, reconhecendo que ele ainda apoiava seu peso sobre ela.

Protetor.

Dragões deveriam proteger e defender seus tesouros, não era? O sorriso de Ginger se ampliou fechando seus olhos, deixando-se dormir, na segurança dos braços de Delaney.

Capítulo 18

Delaney lentamente recuperou o fôlego e firmou seu pulso. Ele olhou para Ginger, seus cabelos esparramaram por todo o feno. Ela não usava nada, exceto aqueles brincos de âmbar, e lhe ocorreu que poderia ter significado para ela. Seria como Ginger vestir algo de sua família, ou joias que foram um presente de alguém que amava. Ela era cheia, com mais amor do que qualquer um que ele conheceu e ela compartilhava de bom grado.

Ela era uma maravilha.

E lhe deixou inteiro novamente. Ele queria pegar aquele pedaço de papel e ler o poema novamente, mas não queria se afastar de Ginger. Como poderia ele ter resistido a ela?

Delaney traçou um dedo ao longo da curva satisfeita de seus lábios, admiração e carinho disputando a supremacia em seus pensamentos. Ele

estava tão ocupado olhando-a que levou um momento para perceber o que tinha mudado.

Não houve faísca.

Não saltou a luz entre a ponta do dedo e a pele de Ginger.

Na verdade, o sótão estava um pouco frio. A luz mudou, assumindo um tom frio e azulado em vez do ouro quente da tempestade.

Impossível.

Delaney a tocou novamente, seus olhos se abriram em choque com as evidências ante ele. Não houve faísca.

O que significava que a tempestade foi saciada.

O que significava que Ginger carregaria seu filho.

Lembrou-se da convicção de Rafferty de que as pílulas falhariam para Ginger e sabia que sua escolha foi a mudança que fez isso possível.

Por um momento, o peito se apertou com temor pelo que fizeram. Ele poderia imaginar Ginger com seu bebê, e podia imaginar como ela assumiria o desafio de uma gravidez, ou mais nada, enfrentando-a. Ele sabia que ela iria ter sempre um sorriso e uma atitude positiva, bem como a determinação de encontrar uma solução.

Ele queria, com todo seu coração e alma, estar ao lado dela a cada passo do caminho.

Mas a sua unha do polegar estava completamente vermelha. Não era um vermelho natural. Mas um pulsante vermelho, o vermelho do Elixir. Era a mancha de algo diferente do Elixir, porque Delaney podia sentir que o Elixir foi banido de seu corpo. Não havia sombra em seus pensamentos, sem medo de sua visão de futuro, sem terror escuro do que seria.

Sem a convicção de que um futuro sombrio aguardava a todos.

Ele olhou para sua unha e perguntou o que Magnus fez com ele. Ginger disse que Magnus tinha a intenção de substituir Cinabre por Delaney, e ele se perguntava agora o que Magnus poderia ter feito para se

preparar para essa possibilidade. Ele estava se transformando em Cinabre, ficando vermelho como aquele *Pyr* de tantos séculos antes. O vermelho estava reivindicando seu corpo constantemente.

Delaney levantou-se em sua agitação. Ele ainda estava contaminado, mas em seu corpo ao invés de sua alma. Ainda representava uma ameaça para Ginger e seu filho. Ainda tinha que destruir o Elixir, e apesar dele tentar retornar a ela e manter o seu voto, tinha que garantir que sua companheira e filho tivessem um futuro melhor do que se ele não fizesse nada.

Se nada, o fato dela ter seu filho redobrou sua determinação em fazer tudo o que era necessário para destruir o Elixir para sempre. Delaney não poderia gerar um filho, só para deixar que os jovens *Pyr* herdassem um legado tóxico. Ele não deixaria que seu pesadelo se tornasse realidade na vida de seu filho. Os *Pyr* foram acusados de defender os tesouros da terra e ambos, Ginger e seu filho por nascer, contavam.

Ele tinha que fazer aquilo que só ele era capaz de fazer.

Ele tinha que cumprir seu destino.

Seja o que provasse ser.

Delaney colocou Ginger debaixo do casaco com cuidado, em seguida, beijou a bochecha dela. Vestiu-se rapidamente, depois parou no topo da escada para um último olhar. Ele desejou poder falar com ela uma última vez, desejou poder explicar, mas ele não quis acordá-la.

Com a repentina clareza, ele sabia como dizer a ela que não iria esquecer o seu voto. Delaney removeu a cruz de sua mãe, embalando o cordão de prata na mão. Ele derramou a prata na palma da mão aberta de Ginger, garantindo que a cruz ficasse por cima.

Ela se mexeu um pouco em seu sono, mas ele prendeu a respiração e ela não acordou. Então ele se foi, tão rápido como o vento, com a intenção de fazer o que tinha que ser feito.

Com determinação redobrada Delaney foi para o celeiro em busca do restante do adubo que Ginger não queria, de qualquer maneira. Ele pegou a vassoura dentro da porta, pronto para Reginald, mas o galo não acordou para atacar. As galinhas estavam todas amontoadas em um

canto, suas penas eriçadas para fora e suas cabeças enterradas lá em baixo. Reginald estava na cerca, a cabeça enterrada em suas penas coloridas.

O celeiro estava frio, mas não gelado e os animais não pareciam muito preocupados com a temperatura. Delaney achou que estava ficando mais quente, ele podia ouvir a água gotejando do telhado.

Delaney tirou os sacos de adubo para fora do celeiro, empilhou-os fora da vista da casa. Ele se apropriou de uma lona pesada e espalhou-a através da neve, então empilhou os sacos de adubo em cima dela. As vacas não pareciam seguir seu movimento em seu espaço. Elas estavam com a cabeça baixa, o rabo balançando, e pareciam estar com sono. Os touros eram mais curiosos, mas mesmo eles pareciam satisfeitos em simplesmente manter um olho nele.

Delaney não tocou as baias e deslizou por elas sorrateiramente, como uma sombra. Ele trabalhou rapidamente, ignorando o cheiro de seus companheiros.

Quando juntou tanto fertilizante quando pensou que pudesse levar, ele mudou de forma. Ele reuniu os cantos da lona em suas garras e tomou voo, levantando a carga com algum esforço.

Então ele foi em direção ao santuário, o seu voo baixo, com o peso que ele carregava. O vento estava mais quente e o céu estava clareando, e o coração de Delaney estava cheio de uma convicção reforçada por sua promessa a Ginger.

Delaney podia optar por fazer melhor que seu pai, podia optar por manter suas promessas.

Ambas.



Magnus era forte, mais forte do que Rafferty se recordava, mas Rafferty era alimentado pela raiva e uma paixão pela justiça. Eles lutavam

com ferocidade, lançando a cada volta um ao outro para frente da câmara de pedra. As paredes rochosas vibravam com cada batida e pedras desmoronavam em volta deles. Rafferty deliberadamente lançava Magnus contra o frasco do Elixir toda vez que podia, mas como ele sugeriu anteriormente, este não podia ser quebrado com a força.

Rafferty sentia-se cansado, assim como foi atingido por uma aparente invencibilidade de Magnus. O antigo Slayer resplandecia mais forte e maior do que nunca, convencido de sua confiança. Esse ponto aberto em seu peito cresceu uma escala torcida parcial, que mais parecia um prego que uma escama. Era grosso e retorcido, mas diminuiu o tamanho de seu ponto fraco.

Rafferty sabia que ele teria apenas uma chance para atacar.

Ele também notou que Magnus parecia estar ouvindo alguma coisa. Ou alguém. De qualquer forma, o Slayer se distraiu um pouco.

Rafferty tinha uma boa ideia de quem Magnus esperava chegar. Descobriu então que ele não correria o risco de ser ferido quando Delaney aparecesse no santuário, quando o jovem *Pyr* provavelmente precisasse de sua ajuda. Os subordinados de Magnus poderiam ter sido ordenados para vedar a entrada para o santuário depois da chegada de Delaney.

Isso significava que os *Pyr* não seriam capazes de ajudá-lo.

Rafferty levou um golpe, em seguida, deliberadamente. Ele tropeçou e deixou-se cair, fingindo. Ele suportou a rajada de golpes de Magnus, fingindo estar muito fraco para lutar.

— *Fracote!* — Magnus gargalhou no antigo idioma, então soltou fogo de dragão na forma caída de Rafferty. Rafferty lutou contra o impulso de se defender. — *Você deveria ter aceitado minha oferta quando teve a chance.*

Rafferty gemeu e deixou seu corpo ficar mole. Magnus pousou ao lado dele, cauteloso no caso de ser um blefe. Rafferty não se moveu. O Slayer cutucou-o, então, forçou-o a abrir seus olhos com suas garras de ouro. Rafferty deixou seus olhos rolares para trás.

Então ele mudou para a forma humana, piscando rapidamente entre as duas formas. Era um sinal certo de agonia entre os de sua espécie

e não era facilmente feito por escolha, mas Rafferty o fez.

E Magnus se convenceu.

Ele bufou, em seguida, chutou Rafferty. Agarrou a perna do Pyr e arrastou-o para outra câmara, que estava mais fria. Rafferty adivinhou que estava no caminho para a entrada do santuário. O Slayer jogou Rafferty atrás de uma pilha de escombros, girando de repente em um som leve.

— Sim! — Magnus assobiou, em seguida, disparou fora da vista para se esconder.

Rafferty mal ousava respirar, suspeitando que estivesse chegando ao ápice.



Estava mais quente no celeiro. Ginger estava ciente da mudança na temperatura mesmo em seu sono. Ela sorriu para si mesma, divertindo-se por estar tão sintonizada com a terra e o tempo que a influenciava. Ela sabia que o frio e a neve não podiam durar, e gostava que a tempestade estivesse se rompendo aproximadamente ao mesmo tempo em que Delaney fez a sua promessa para ela.

Ela recebeu isso como um bom sinal.

Suspirou e se espreguiçou, sentindo-se muito bem. Houve um momento de surpresa quando ela percebeu que estava sozinha de novo, então ela ouviu um homem pisar no chão do celeiro abaixo. Talvez ele tivesse ido tomar um café.

Ginger aconchegou-se sob o casaco, evitando ser surpreendida. O feno se eriçava contra sua pele, mas foi divertido ficar nua no celeiro. Quase tão divertido quanto ter um ótimo sexo no celeiro.

Com Delaney.

Ginger suspirou e entrou profundamente no calor de seu casaco. Foi quando ela percebeu que havia algo em sua mão. Ela sentiu o peso da prata, e do emaranhado sinuoso da corrente e soube exatamente o que ela

segurava. Seus olhos se abriram e ela engasgou ao encontrar a cruz de Delaney em seu aperto.

Passos soaram na escada, chegando cada vez mais perto.

Ginger sentou-se, então, surpresa e confusa. Por que ele deu a ela a cruz de sua mãe? Será que ele quis dizer que manteria sua promessa? Ginger tinha um mau pressentimento, que piorou quando ela viu o cabelo claro aparecer no topo da escada.

Delaney tinha cabelos ruivos.

Ela ofegou e puxou as pernas nuas sob o casaco, mesmo em cima da hora. Niall apareceu no topo da escada. Ele parecia determinado e irritado, principalmente quando ele viu que Ginger estava sozinha.

— Desculpe interromper.

Ginger sentiu-se corar, mas ela teve perguntar.

— Não me diga que você ouviu o que nós estávamos fazendo.

Teria ela gritado? Ginger não conseguia se lembrar.

Niall desviou o olhar e seu pescoço ficou vermelho, dizendo evidências de que Ginger adivinhou corretamente.

— Audição realçada. — Ele murmurou. — Eu ouvi que você estava dormindo. — Ginger vestiu-se rapidamente, enquanto Niall recuava para o andar térreo. — Onde está Delaney? — Ele perguntou apenas quando Ginger começou a descer a escada.

— Ele deve ter ido para a casa. — Para seu espanto, o sutiã estava pendurado em um fardo de feno, impossível de esconder.

Niall franziu o cenho.

— Eu acho que não o vi. — Ele refletiu, não parecendo convencido. Principalmente porque parecia estar fascinado com a visão de fardos de feno na direção oposta do sutiã de Ginger. — Erik está construindo um plano, porque Sloane voltou. Você deve fazer parte dele, também.

Ginger pegou o sutiã e jogou-o no bolso do casaco. Niall gesticulou

e Ginger saiu do galpão à sua frente. O vento estava muito mais quente, a neve já estava derretendo rapidamente. Havia poças na calçada e o céu estava ficando limpo. Era fim de tarde, mas havia um brilho de luz no horizonte.

Havia uma caminhonete preta grande e um carro esportivo vermelho estacionado ao lado da caminhonete de Ginger. Os Pyr estavam se reunindo para ajudar Delaney, e Ginger gostava muito disso.

Niall olhou para trás, perscrutando o horizonte e farejando o ar. Ginger imaginou o que ele estava sentindo, mas antes que pudesse perguntar, ele apontou em direção a casa.

— Depressa!

Thorolf estava na cozinha de Ginger, esparramado no chão de ladrilhos e brincava com dois meninos. Eileen fez café e a cozinha estava cheirando sedutoramente. Sloane estava de volta, folheando o que parecia ser um livro velho, juntou as sobancelhas em uma careta. Ele parecia mais intenso do que antes, o cabelo escuro despenteado de passar seus dedos através dele, e Ginger sentiu que ele estava preparando um argumento. Erik estava ao lado dele, seus olhos brilhando com um propósito.

Havia outros, no entanto. Um homem alto, com coloração semelhante à Delaney que passeava pela sala. Um homem moreno de olhos azuis e ombros largos encostado no balcão e batia o dedo, enquanto observava os outros.

Delaney não estava na cozinha, mas Ginger assumiu que ele estava lá em cima, talvez tomando um banho rápido.

Havia também duas mulheres em sua cozinha. Eileen abraçava seu bebê contra o peito, apesar de Zoe estar dormindo agora. Um menino que parecia ter cerca de um ano de idade estava brincando com Thorolf. A mulher alta, atlética, com cabelo escuro observava e sorria. Aquele menino tinha o mesmo cabelo ruivo de Delaney e o ritmo *Pyr*. Um menino de cabelos escuros rastejava pelo chão, tocava a caixa de ferramentas aos pés do homem que tinha os mesmos cabelos escuros da criança. Uma mulher loira pequena se inclinou e sussurrou para a criança, sorrindo quando ele deixou a caixa de ferramentas e voltou para Thorolf.

A cozinha de Ginger estava muito cheia.

Ela não tinha nenhuma dúvida de que esses homens eram mais *Pyr*. Delaney disse que podia sentir a tempestade de fogo de outros. O fato de que eles sentiam-se mais atraídos pela tempestade de fogo daqueles que se preocupavam indicava a Ginger que Delaney tinha mais amigos do que sabia.

— Mais *Pyr*? — Ela perguntou por meio de saudação.

Eileen assentiu e sorriu.

— Espero não lhe darmos muito trabalho.

— Nós temos que ajudar Delaney. — Contribuiu a loira baixinha. Ela sorriu de volta. — Eu sou Sara.

— Alex. — Disse a mulher de cabelos escuros. Ela atravessou a cozinha até Ginger e ofereceu a mão.

Ginger apreciou o fato de ela ser direta e apertou sua mão. Alex tinha um aperto firme e um brilho em seus olhos que sua avó teria gostado.

— Ginger.

— É estranho, não é? — Alex disse, com um sorriso que Ginger devolveu imediatamente.

— Então, você é... — A voz de Ginger vacilou sobre a escolha dos *Pyr*. Parecia tão biológico chamar as mulheres de companheiras.

— Companheira. — Alex disse com firmeza.

— Sobreviventes da tempestade. — Eileen acrescentou.

Sara deslizou sua mão para a dobra do cotovelo da morena *Pyr*.

— Mas não apenas a criação de máquinas. Nós somos parceiras a longo prazo. Nós fornecemos o equilíbrio aos *Pyr*, deixando-os melhores do que são.

Ginger gostou do som disso.

Também o fez o companheiro de Sara. Ele acenou e sorriu lentamente, sua afeição por ela clara.

— Quinn Tyrrell. — Disse ele, oferecendo a mão a Ginger. — Eu sou o Ferreiro.

— Eu sei o que isso significa? — Ginger sentiu uma força incrível no seu aperto.

— Quinn repara as armaduras do Pyr. — O homem que se parecia com Delaney disse, oferecendo a sua mão. — Eu sou Donovan Shea, irmão mais velho de Delaney.

— Atraído por sua tempestade?

O sorriso de Donovan foi um flash rápido.

— É melhor você acreditar nisso.

Ginger sentiu que tudo estava se encaixando para Delaney. Ela olhou para Quinn.

— Você quer dizer que conserta as escamas de dragão dos Pyrs?

Eileen respondeu antes de Quinn.

— Eles não gostam de admitir isso, mas perder uma escama deixa-os vulneráveis. Quinn pode substituir uma escama em falta, por exemplo.

— Temos questões mais prementes do que a entrega de nossos segredos. — Disse Erik rapidamente.

Ginger lembrou-se que ele era o líder dos Pyr.

— Vocês todos têm funções?

— Não. — Niall, disse, em seguida, encolheu os ombros. — Ou talvez nem todos nós saibamos sobre nosso destino até agora.

— Alguns de nós temos afinidades com elementos específicos. — Disse Donovan. — Rafferty tem uma forte ligação com a terra.

— Enquanto Niall tem uma conexão com o ar e, portanto, o vento. — Quinn contribuiu.

— Quinn, como o ferreiro, tem uma relação mais íntima com o fogo.
— Disse Erik.

— Enquanto a conexão de Erik com o ar dá-lhe o dom da clarividência. — Donovan contribuiu.

Ginger sentou-se, sentindo-se um pouco sobrecarregada.

— E Delaney?

Erik exalou e franziu a testa.

— É por isso que estamos aqui. — Disse ele calmamente, e Ginger sabia que eles estavam tão preocupados com ele quanto ela. — Sloane é o farmacêutico de nossa espécie, e ele tentou curar Delaney já que ele foi obrigado a ingerir o Elixir.

— A tempestade faz parte disto. — Disse Sloane. — Delaney deu o primeiro grande passo na sua recuperação quando ele foi atraído pela tempestade de Donovan.

Alex limpou a garganta e cruzou os braços sobre o peito.

— A tempestade de *Donovan*? — Havia um brilho em seus olhos, porém, e Ginger entendeu que este grupo se conhecia bem.

Delaney tinha sorte por ter um grupo de amigos assim.

— A tempestade de Alex e Donovan. — Sloane esclareceu, e Donovan riu. — E eu acho que Delaney tem uma chance de recuperação completa porque a sua própria tempestade chegou.

— Mas? — Ginger perguntou, ao ouvir a qualificação implícita. Ela sentou-se na borda de uma cadeira da cozinha, que parecia ter sido deixada vaga apenas para ela. Niall deslizou uma caneca de café na mesa ao lado de Ginger e ela lançou-lhe um sorriso de gratidão. Eram boas-vindas a ela, cada um à sua maneira, e ela apreciou sua consideração.

— Ginger é uma espécie de cozinheira. — Disse Thorolf.

— Mais tarde. — Niall repreendeu, e foi fazer mais café.

— Bem, ela é.

— Obrigada. — Disse Ginger, sorrindo a Thorolf.

— O melhor molho de macarrão do mundo. — Disse com aprovação.

Erik pigarreou, conseguindo um som severo. Thorolf corou e ficou quieto.

— Há um pedaço do quebra-cabeça faltando. — Disse Sloane, e Ginger sabia o que era.

Ela entregou-lhe o poema que Rafferty escreveu e seus olhos brilharam de excitação. Ele passou para os Pyr, cada um lendo, por sua vez. Houve emoção tangível na sala.

— Alguma coisa mudou. — Disse Ginger. — Ele me prometeu voltar, mesmo se tentasse voltar a destruir o Elixir, e alguma coisa mudou.

— O quê? — Sara perguntou, inclinando-se mais perto.

— As sombras em seus olhos. Eles foram embora.

— Mas o que dizer do vermelho em suas unhas? — Erik perguntou.

Ginger estava incerta sobre o queria dizer.

— Ele me mostrou na noite passada. — Disse Erik. — Suas escamas estão ficando vermelhas. E ele estava frio, muito frio.

— Oh! — Ginger disse, lembrando-se da história de Magnus. — Magnus disse que Cinabre ficou todo vermelho, quando ele foi procurá-lo. Disse também que isso fez Cinabre se tornar a fonte do Elixir, e que Cinabre está desaparecendo.

— O que mais? — Sloane perguntou.

— Ele disse que Cinabre tem que ser substituído e eu tenho a sensação de que ele está planejando substituí-lo por Delaney.

— Mas ele não contava com a tempestade. — Sloane disse com satisfação. Ele abriu o livro. — Este é um tratado antigo. — Disse ele. — É um código, o tipo de letra que as pessoas sempre usaram para esconder seus segredos. Eu desvendei o código, mas o significado ainda é bastante

ilusório. O que você disse sobre Delaney mudar de cor me fez pensar se é sobre o Elixir.

— Por quê? — Ginger perguntou. — Onde está Delaney, afinal?

— Eu pensei que estivesse no celeiro, com você. — Disse Erik, piscando os olhos, surpreso.

— Ginger achou que ele tivesse voltado para casa. — Niall disse.

Ginger tinha uma sensação ruim novamente.

— Faz pelo menos uma hora desde que eu o vi. — Disse ela, sabendo o que isso significava.

Ela procurou em seu bolso enquanto os Pyr trocavam olhares.

— Ele não o faria. — Disse Eileen, mas suas palavras não tinham convicção.

— Delaney deixou-me isso. — Disse Ginger, puxando a corrente de prata do bolso dela. — Eu acho que ele foi atrás do Elixir.

— Por que ele iria entregar-lhe isso? — Sara perguntou.

— Perguntei-lhe sobre a promessa de tentar voltar. — Ginger encolheu os ombros. — Eu acho que ele quer dizer que vai tentar manter sua promessa a mim, assim como está tentando manter a promessa a sua mãe.

Sentiu o pânico percorrer os Pyr.

Erik imediatamente começou a delegar.

— Precisamos encontrar Rafferty e precisamos ajudar Delaney. Quinn e Donovan, eu quero que vocês...

Antes que ele pudesse dizer mais, chegou uma mensagem do outro lado da sala.

— Não! — A criança ruiva gritou em uma altura surpreendente. — Não, não, não! — Ele estava apontando para o balcão e se afastando. — Não!

Uma salamandra vermelha apareceu sobre a pia, mostrando a língua. Ginger ficou surpresa. Deve ter saído do cano, apesar de fazer pouco sentido. A criança gritou de medo, e ambas Ginger e Alex se aproximaram do garoto.

Nenhuma conseguiu dar dois passos antes de Donovan intervir.

Capítulo 19

O santuário estava em silêncio. Não havia cheiro fresco de Slayer em tudo. Ainda assim, Delaney foi cauteloso. Sabia que Magnus podia disfarçar o cheiro dele e ele não teria ficado surpreso se os outros tivessem aprendido o truque.

Esperou.

Escutou.

Fez um grande esforço de seus sentidos, mas estava certo de que estava sozinho.

Delaney não imaginou que a situação fosse durar. Pegou um saco de adubo, ignorando o frio que penetrava em seu corpo, e desceu para

dentro do santuário.

Estava escuro e silencioso, apenas a luz vermelha do Elixir iluminava a caverna. Delaney fez uma pausa, certo de que a luz estava mais fraca do que no dia anterior. Mais rosa do que vermelho.

Será que o Elixir tinha uma data de expiração? Ele não sabia, e não tinha tempo para descobrir. Raciocinando que seu estoque de fertilizantes seria menos provável de chamar a atenção, uma vez dentro da caverna, ele subiu a ladeira rochosa até a entrada novamente.

Novamente e novamente e novamente, ele levou um saco de adubo para a caverna. Estava ofegante pelo esforço e encharcado de suor, mas não se atreveu a descansar. Cada viagem para o lado do riacho revelava que o céu estava mais escuro. Delaney não tinha dúvidas de que à noite iria trazer visitantes para o Elixir.

O frio penetrante o deixou com as mãos tremendo e rangendo os dentes. Ele não deixou isto pará-lo. Por isso, Delaney trabalhou de forma mais rápida, consciente da pressão do tempo. A sua solidão no santuário não podia durar e ele tinha que aproveitar esta oportunidade impar.

Ele desejava ter ajuda, porque o trabalho teria sido mais rápido, mas sabia que não poderia ter condenado seus companheiros *Pyr* a este trabalho. Era sua responsabilidade.

Quando sobrou apenas meia dúzia de sacos, Delaney estava tão exausto que se sentiu tonto. Olhou para a abertura estreita e teve uma ideia. Empurrou a lona pela abertura, os sacos eram pesados demais para ele, então deixou o rio subterrâneo carregar o peso para o fundo.

Dois sacos escorregaram da lona molhada e caíram de lado, mas Delaney arrastou-os para o fundo também. Ele empilhou os sacos na lona novamente e arrastou-os para a primeira abertura. Ele estava encharcado de suor e muito frio, mas teria que levar tudo isto para o interior do santuário.

Ele empilhou ao redor do frasco onde estava Cinabre, então o acendeu com o seu fogo do dragão. A caverna provavelmente entraria em colapso e era provável que fosse desafiado nos últimos minutos. Delaney não esperava sair do santuário.

Demorou um tempo precioso para mover o fertilizante, um tempo do qual Delaney ressentiu-se amargamente. A lona, com sua carga, não iria passar através dos portais entre as câmaras e ele teria que carregar um saco por vez através da abertura. Então empilhou os sacos na lona novamente e levou toda sua carga para o próximo portal.

As câmaras exteriores não eram grandes o suficiente para que ele pudesse levantar voo, e usar a força de sua forma de dragão para começar a tarefa feita mais rapidamente.

Os minutos se passaram com velocidade alarmante. Estava certo de cada minuto de ruído era o som de Magnus e os Slayers chegando para interceptá-lo, para impedir seus esforços. Ele temia ficar tão perto do sucesso e fracassar.

O santuário se encheu com uma luz rosa doentia, que Delaney achou preocupante. O Elixir parecia mover-se com agitação, porque percebeu a intenção dele ou porque alguma coisa estava mudando?

Delaney não sabia e não queria saber.

Aquele olho maligno aparecia com mais frequência contra o cristal e Delaney tinha a sensação de que Cinabre o estava observando. O olho não piscou, embora, tivesse certeza que estava cansado demais para pensar direito. Se sáísse vivo, ele grudaria em Ginger, faria amor, e dormiria por uma semana.

Isso era motivador o suficiente para dar-lhe força.

Ainda assim, Delaney estava exausto quando finalmente teve os adubos empilhados ao redor do frasco de cristal de rocha. Ele se afastou e olhou o arranjo, verificando lacunas, e seu corpo inteiro tremeu.

O frio o prendeu em um aperto gelado. Não ajudava que a roupa estivesse molhada pela descida para a caverna. Ele olhou para suas mãos, notando que sua pele estava muito mais vermelha que o normal. Era estranho, ele teria esperado que estivesse clara. Seus dedos poderiam estar congelados, mas para sua surpresa, as unhas não estavam azuis. Elas estavam tingidas de vermelho.

— Tempo perfeito. — Um homem disse, e Delaney girou para encontrar Magnus encostado na porta. Ele estava em forma humana, seu

sorriso confiante como sempre. Ele estava brincando com uma pedra cinza na mão.

Delaney desconfiou.

— Você veio para assistir ao show?

— Eu vim para limpar os detalhes. — Magnus caminhou para dentro do santuário, tão calmo que Delaney ficou mais desconfiado. O Slayer não viu o fertilizante? Ele não entendia o que Delaney pretendia fazer?

Delaney recuou, fazendo seu caminho em direção ao fertilizante que pretendia incendiar. Magnus não interviu.

— Eu sinto que é justo explicar tudo para você. — Disse ele com um sorriso frio. O olhar dele foi para o Elixir, voltando para Delaney. — Mesmo que não tenha certeza se será capaz de pensar sobre sua situação.

Delaney decidiu manter Magnus falando.

— E que situação seria essa?

—Você não adivinhou? Cinabre está passando por uma fase ruim. É por isso que o Elixir está ficando rosa. Ele está perdendo sua potência, assim deixará de ser uma fonte útil.

— Então você precisa de outra fonte. — Disse Delaney. — Ginger pensou exatamente isso.

— Você seria o ideal. — Disse Magnus. — Afinal, você está preparado para a responsabilidade.

— O que você quer dizer?

Magnus sorriu.

— O que você acha que aconteceu com você na minha caverna?

Amargura quase engasgou Delaney.

— Você me forçou a tomar o Elixir.

Magnus balançou um dedo para ele.

— Essa foi apenas a primeira parte. Eu escolhi você para esta tarefa, então, e eu fiz os preparativos necessários.

— Eu não entendo.

— Eu precisava de um *Pyr* com sangue vermelho. Já que nenhum dos Slayers o tem. Eu precisava de um *Pyr* exposto ao mercúrio em níveis compatíveis. Repetidas doses de Elixir cuidou disso.

— Mesmo que tenha deixado meu sangue negro.

Magnus acenou com a mão.

— Era temporário. Sigmund acreditava que uma tempestade clarearia seu sangue, e ele estava certo. Finalmente, eu precisava de um *Pyr* com mercúrio puro em suas veias.

Delaney estava horrorizado.

— Isso é o que você injetou em mim.

O sorriso de Magnus se alargou.

— Foi o experimento de Sigmund. É uma pena que ele não sobreviveu para acompanhar e compilar os resultados. Você tem pesadelos? Essa era sua suspeita e você teve vários dentro da caverna, antes que libertássemos você. Tal noção é interessante, mas que não temos mais tempo para explorar.

— O que importa o tempo?

— O Elixir é amarrado a uma família de eclipses, chamado ciclo de Saros. Ela cresce em potência e diminui junto com o ciclo começado quando ele foi criado. Demorei séculos para descobrir isso e os registros são um pouco evasivos, ou devo dizer enganosos em suas explicações.

Magnus caminhou para dentro da câmara, eloquente em sua explicação, claramente encantado por ter uma audiência. Delaney cruzou os braços sobre o peito e deixou o Slayer discursar, acolhendo a chance de recuperar o fôlego antes de sua luta inevitável.

— Um eclipse só pode ocorrer quando há uma lua cheia de um eclipse lunar ou lua nova, para um eclipse solar, o sol, a lua e a terra

devem estar alinhados para que o eclipse ocorra.

— Os Pyr são afetados apenas por um eclipse lunar total. — Disse Delaney.

— De fato. Então, a lua deve estar cheia para haver um eclipse lunar. Para que o eclipse seja visível da Terra, a lua e o sol devem estar próximos, caso contrário, a sombra não é visível para a terra.

— Tudo bem.

— Finalmente, a diferença de distância entre a Lua e a Terra determina a totalidade do eclipse. Quando eles estão mais próximos, a sombra da lua pode dar forma a um eclipse total. No apogeu, quando eles estão mais longe, o eclipse será apenas parcial ou anual.

— E que segue uma rotina regular.

— Sim! — Magnus poderia ter sido um professor, orgulhoso de sua percepção do aluno. Delaney perguntava se havia uma estrela dourada de presente para ele. — Todos esses são ciclos regulares: uma lua cheia para a próxima é de um mês sinódico, que é de cerca de 29 dias e meio. O Sol leva cerca de 346 dias para viajar através de todos os signos do zodíaco, movendo-se de norte a sul e vice-versa. — Magnus sorriu. — Eu aprecio que está sendo chamado de um ano dracônico.

— Mas menos que um ano solar.

— Porque a lua se move para trás através do zodíaco. Uma ilusão, mas uma que informa o cálculo. Eclipses são todos sobre a percepção do céu, do nosso ponto de vista específico.

— E o ciclo da lua?

— Cerca de 27 dias de perigeu a perigeu. O que significa que todo o ciclo se repete aproximadamente a cada 18 anos, isto é, a cada 6585.322 dias, para ser mais preciso, o que é chamado um ciclo de Saros. Qualquer eclipse irá ocorrer outra vez, com uma geometria muito semelhante, em 6585.322 dias. Todos os eclipses dentro de uma família compartilhando a mesma geometria são chamados de um ciclo de Saros. — Magnus pigarreou. — Apesar de suas muitas fraquezas, os humanos descobriram isso há milhares de anos e preveem eclipses com grande exatidão, desde o

tempo dos babilônios.

Magnus aproximou-se.

— O ciclo de Saros regula a eficácia do Elixir, que cresce e minguia, como a lua a cada mês. Eu entendi, quando coloquei a última dose fatal de mercúrio nas veias de Cinabre, o que era necessário para criar um lote de Elixir no início de um ciclo de Saros. Claro que sim.

— Claro.

— Cinabre formou o Elixir em maio do ano de 747. — Magnus sorriu. — Levando em conta ajustes no calendário Juliano. Claro que sim.

— Claro.

— Esse foi o início da série Saros 110, um ciclo de setenta e dois eclipses. — Ele ergueu dois dedos. — Apenas dois vão acontecer, um em julho deste ano e outro em julho de 2027.

— Então Cinabre será inútil.

Magnus suspirou.

— Sua eficácia já está desaparecendo rapidamente, o que é porque eu não quis deixar nada ao acaso.

— Existe outro ciclo de Saros se iniciando?

— Como você é inteligente! O próximo começa em maio de 2013, o ciclo de Saros 150, então veja que há um período de sobreposição. — Magnus riu. — A janela de oportunidade. Se eu encontrar um recruta para esse primeiro eclipse, terei Elixir até o ano 3275.

— Você estava preparado para esperar.

Magnus olhou para o frasco e seu conteúdo rosado.

— Sim, mas estou convencido que, mais cedo é melhor. Você tem sido muito complacente, devo dizer.

— Você me hipnotizou para destruir o Elixir.

— Isso torna muito mais conveniente para a colheita, se você está

perto da fonte, por assim dizer. — Magnus se aproximou, os olhos brilhando. Ele colocou a pedra no bolso novamente e Delaney se perguntou o que era. — Foi muito amável cumprir com o meu esquema. E agora, vamos garantir o abastecimento futuro do Elixir, vamos?

Mas Delaney não estava pronto para isso.

— Não vai ser fácil. — Disse ele, e mudou a forma com velocidade relâmpago.

Os olhos de Magnus brilharam e ele seguiu o exemplo, rugindo quando tomou sua forma de jade e ouro. Ele era esplêndido, maior do que nunca, e mais robusto do que nunca. Suas feridas do dia anterior tinham curado completamente e seus olhos brilhavam de orgulho por sobreviver a Delaney.

— Ah, ele ainda funciona. — Ele assobiou e riu.

Delaney não sentia medo. Ele levantou voo e investiu.

O líder dos Slayers riu em triunfo com a visão dele.

— Olhe para você! — Magnus disse. — A meio caminho de se tornar a fonte!

Delaney olhou para baixo para encontrar suas escamas tingidas de vermelho, como se tivessem sido mergulhadas em sangue. Terror fez seu voo vacilar. Ele foi mudando de cor, assim como Ginger disse que Magnus contou sobre Cinabre mudar de cor. O mercúrio em suas veias estava mudando seu metabolismo.

Poderia a mudança que Magnus lhe infligiu ser revertida?

Delaney iria descobrir. Ele não caiu ainda, e certamente ele não ficaria preso em um frasco. Ele levantou suas garras e atacou Magnus, a intenção de ensinar ao Slayer antigo algumas coisas antes de morrer.



A luta irrompeu na cozinha de Ginger com velocidade

surpreendente. Um minuto Donovan estava pisando entre Alex e Nick, e no momento seguinte, apareceu um feroz dragão lápis-lazúli e prata em seu lugar, cuspidando fogo sobre o pequeno lagarto vermelho.

O dragão agarrou o menino e jogou-o para sua mãe. Alex pegou Nick e recuou para trás do Pyr, segurando-o próximo ao filho. Eileen abraçou Zoe firmemente e Sara puxou o filho em seus braços, as três mulheres recuando para detrás de Sloane e Thorolf. Niall puxou Ginger para trás, empurrando-a bruscamente para detrás dele.

A salamandra vermelha assobiou para Donovan, em seguida, pulou para a janela. A pequena criatura quebrou o vidro com o impacto, em seguida, mudou a forma para dragão vermelho e ouro no ar, além da janela. Donovan mudou para um homem apenas o suficiente para passar pela porta, em seguida, lançou-se no céu em busca.

— Mallory. — Erik murmurou. — Mas por quê?

— Vou atrás de Donovan. — Disse Quinn, beijou o rosto de Sara, e seguiu o seu amigo. Thorolf moveu-se para a porta para ver a luta.

— Bom. — Erik se virou para Sloane, evidentemente, confiando que os dois *Pyr* pudessem derrotar o único *Slayer*. — Diga-nos o que você encontrou.

Sloane falou rapidamente.

— Há dois enigmas enquadrando o texto, um no início e outro no final.

— Alfa e Ômega. — Disse Eileen.

— Meu pensamento exatamente. — Sloane concordou — O começo e o fim. — Ele leu com cuidado.

*Eu sou o espelho que tanto cura e mata
Prata falsa e queima vermelho;
A pedra que os fluxos
De sangue respira;
A fonte de uma imortalidade
Sem pulso ou respiração.*

— O Elixir. — Ginger adivinhou, lembrando a maneira como Cinabre flutuava no líquido.

— Não. — Alex disse com firmeza. — É mercúrio.

Todos olharam para ela com surpresa.

Alex marcava as pistas em seus dedos.

— O mercúrio é de prata, mas não esterlina. É chamado de mercúrio há um longo tempo e tem uma superfície reflexiva como um espelho. Ele era conhecido por matar os germes e acreditava-se na Renascença para conferir a imortalidade.

— Paracelso⁷? — Erik perguntou, como se lembrasse.

— Ele dizia que curava a sífilis com ele. Eu me lembro disso. — Alex sorriu. — Talvez o fizesse se sentir imortal.

— O que *queima vermelho*, então? — Sara perguntou.

— O envenenamento por mercúrio é caracterizado por pele avermelhada e uma sensação de queimação. — Disse Alex. — E o mercúrio é o único elemento que é líquido à temperatura ambiente.

— Delaney está ficando vermelho. — Disse Erik.

— E Cinabre é vermelho. — Ginger concordou.

— *A pedra que os flui*. — Sloane meditou.

— O mercúrio não vem de Cinabre? — Ginger perguntou, lembrando a história de Magnus.

— Sim! — Disse Alex. — Essa é uma fonte, e que supostamente sangra da pedra. É assim que os antigos encontraram os depósitos.

— *Sangue que respira*? — Niall perguntou.

⁷ Paracelso, pseudônimo de Phillipus Aureolus Theophrastus Bombastus Von Hohenheim, foi um médico, alquimista, físico, astrólogo e ocultista suíço-alemão (1493 – 1541)

— Outro nome antigo para mercúrio e mercúrio é o sangue de dragão. — Disse Sloane.

— Eu me lembro que ele disse para respirar quando está aquecido. — Disse Alex, seu entusiasmo claro. — É assim que eles descobriram o elemento de oxigênio. Você esquentar o mercúrio e torna-se oxigênio, depois esquentar mais e expele tudo.

— E sobre a coisa da imortalidade?

— Cinabre. — Disse Ginger. Ela rapidamente contou aos Pyr a história do escravo de Magnus e seu trabalho na mina na Espanha, bem como seu estado atual. Ela tinha certeza de que Sloane estava certo sobre a rima, então se lembrou de outra coisa.

— O que há de errado? — Perguntou ele, evidentemente vendo seu desânimo.

— Havia mercúrio no travesseiro, à noite passada, exatamente onde a cabeça de Delaney estava.

— E um filete disso caiu de uma de suas feridas ontem de manhã. — Niall disse com urgência.

— Ele foi lá. — Ginger sussurrou. Sara segurou o ombro dela e os Pyr se moveram com preocupação. Ginger podia sentir sua impaciência.

Erik levantou a mão.

— Precisamos de um plano.

— O que podemos fazer? — Thorolf perguntou.

— Leia o último enigma. — Alex exigiu e Sloane o fez.

Elusivo como água

Forte como a terra

Eu trabalho a mudança inexoravelmente

Tempestade que leva o sangue para a pedra

O ciclo só pode terminar

Com o meu sacrifício.

— Legal. — Niall disse categoricamente.

— Você não gosta da palavra *sacrifício*. — Disse Sloane.

— Quando se aplica aos meus amigos, sim.

— Mas isso não significa necessariamente... — Argumentou Sloane, inclinando-se para frente. — Isso depende da solução do enigma.

— Tudo bem. Isso poderia significar o vento. — Niall permitiu. — O vento corrói a rocha ao longo do tempo, de modo que poderia ser a mudança. Você não pode agarrá-lo, de modo que é como a água, e pode ser forte.

— Mas como é que você sacrifica o vento? — Sara perguntou.

— Não queremos perseguir isso. — Disse Erik quando Niall agitou-se com alarme.

Todos olharam para Alex com esperança. Ela franziu o cenho, preocupada, com o lábio inferior entre os dentes.

— Não me lembro de nada que destrói o mercúrio, mas a química não era a minha área específica de estudo. Você tem uma conexão com a Internet?

— Terra elusiva. Força indescritível. Água Terra. Água forte. — Ponderou Sloane, em seguida, seus olhos brilharam. — Espere. Água forte é uma tradução literal de *aqua fortis*.

— Isso significa alguma coisa para nós? — Eileen perguntou.

— É o antigo nome do ácido nítrico! — Disse Alex, com um estalar de dedos. — Claro!

— É claro? — Sara ecoou.

— Você coloca duas coisas juntas, em uma reação química, e você terá algo mais. — Explicou Alex. — Então, eu aposto que o mercúrio e o ácido nítrico, juntos fazem outros compostos de mercúrio, por essa lógica, o ácido nítrico parece ter sido sacrificado, porque ele se foi.

— E o fogo? — Sloane perguntou.

Alex fez um gesto com desdém.

— Quanto você quer apostar que é uma reação que exige calor? — Ela virou-se para Erik. — Você trouxe o seu laptop?

— Eu tenho uma conexão de alta velocidade em meu escritório. — Disse Ginger, e Alex quase correu atrás dela em sua excitação.

Em questão de momentos, ela gritou em triunfo.

— Sim! Se você esquentar mercúrio em uma solução de ácido nítrico, cristais de óxido de mercúrio se precipitarão para fora da solução.

— O que significa isso? — Eileen perguntou.

— Os cristais dão forma e vão sair da solução. — Disse Alex. — Como cristais de açúcar no fundo de uma garrafa de xarope. Nesse caso, o açúcar se precipitou para fora da solução. — Seu rosto apareceu na porta, seus olhos brilhantes. — E sim, os cristais de óxido de mercúrio são considerados em muitas tradições, terapêuticos, não tóxicos.

— Então, tudo o que temos de fazer para destruir o Elixir é misturá-lo com *aqua fortis* e fervê-lo. — Erik passou a mão sobre a testa nessa perspectiva. — Onde nós vamos conseguir muito *aqua fortis*?

— Derrame ácido sulfúrico sobre o salitre. — Disse Alex do outro quarto, obviamente uma leitura de referência.

— É claro. — Thorolf disse, seu tom cético. — Todos nós não carregamos salitre na bagagem?

— Ou podemos apenas comprar o ácido nítrico. — Disse Alex, e Sloane riu. — Eu vou descobrir o quanto. Vamos precisar de dinheiro...

— Persuadir será mais rápido do que responder a perguntas. — Disse Erik.

— O que é persuadir? — Ginger perguntou.

— É uma espécie de hipnose. — Niall, disse. — Nós usamos para persuadir os seres humanos que não viram realmente dragões nas proximidades, por exemplo. Mais fácil para todos.

Ginger cerrou.

— Não seria fácil para qualquer *Pyr* que decidiu me persuadir.

— Relaxe. — Disse Sara, colocando a mão no braço de Ginger. — Nenhum de nós se voluntariou para isso.

— E nós cuidamos um do outro. — Eileen acrescentou com uma piscadela.

— Há uma fábrica em Cincinnati. — Alex disse, olhando pela janela quando ela voltou para a cozinha. Quinn e Donovan estavam descendo rapidamente e não havia nenhum sinal do dragão vermelho granada.

— Ele correu. — Donovan disse com desgosto, uma vez que entrou na cozinha.

— Mas por que ele estava aqui? — Sloane perguntou.

— E como ele entrou no ralo? — Ginger perguntou.

— O mais importante é que ele se foi. — Erik desconsiderou. — Temos que encontrar Rafferty e ajudar Delaney no santuário. Vou procurar Rafferty. Donovan e Quinn peguem Alex e obtenham o ácido nítrico. Sloane e Niall, vocês levam Ginger e sigam Delaney.

— Você tem certeza que ela estará segura? — Alex perguntou.

Erik lançou-lhe um olhar duro.

— Ela é sua única chance.

— E eu? — Thorolf perguntou.

Erik observou o alto *Pyr* e Ginger percebeu que faltava para Thorolf uma função.

— Até eu voltar com Rafferty, você deve proteger Sara, Eileen e Alex e as crianças.

Thorolf engoliu e ficou um pouco mais alto.

Erik parecia cético.

— Você está apto para esta tarefa?

Thorolf colocou o punho fechado sobre o seu coração e falou com vigor.

— Eu sou o filho de Thorvald, que era o filho de Thorkel, e você me pergunta isso?

Um simples sorriso tocou os lábios de Erik.

— Você se lembrou. Bom. É um começo. — Ele tocou seus lábios na testa de Eileen e ela fechou os olhos, elevando os ombros. — Seja forte. — Foram suas palavras murmuradas, tão baixinho que Ginger mal pôde ouvi-las.

Então Niall ofereceu-lhe a mão.

— Venha voar comigo. — Convidou. Ginger colocou a cruz de prata no pescoço antes de colocar a mão na sua.

— Não pode machucar. — Disse ela, verificando se seus brincos da sorte estavam bem apertados. Ela teve um vislumbre da mudança de forma de Thorolf, tornando-se um enorme dragão pedra da lua e prata, sua cauda enrolada no chão da cozinha. Seus olhos azuis brilharam perigosamente e ele exalou lentamente, atento e alerta.

Então Niall pegou Ginger pela cintura, saltou da varanda, e mudou de forma, voando em direção ao santuário através de um céu claro. Ginger sentiu a chuva com o vento quente. Ela confiava nos amigos de Delaney completamente e confiava em sua própria fé, e esperava que fosse o suficiente.

Era emocionante voar com os dragões. Erik liderava o caminho, Niall e Sloane de lado. Ginger ficou impressionada com a rapidez com que a neve se derretia, em seguida, pela rapidez com que o trio viajava. Em instantes, chegaram ao estacionamento no Monte da Serpente.

Ainda estava vazio.

Niall sussurrou de descontentamento quando chegaram à entrada do santuário.

— O que foi? — Ginger perguntou.

— Mallory, Baltazar e Jorge. — Ele murmurou.

— Eu não posso vê-los. — Disse Sloane.

— Eu posso sentir o cheiro deles. — Niall insistiu. — Eles estão esperando por nós.

— Porque Delaney está no santuário. — Disse Erik. — Provavelmente com Magnus.

— Assim como Rafferty. — Niall acrescentou.

— Bom. — Disse Erik, em seguida, os três *Slayers* irromperam a partir da linha das árvores. Ginger teve tempo de ver Jorge abrir caminho, a sua forma de ouro e topázio marcada pela cicatriz em sua perna traseira. Ela estremeceu com a lembrança de como ele a agarrou e a frieza em seus olhos.

Mallory era vermelho granada e ouro com pérolas no peito, o olho e o ombro ainda estavam marcados com uma crosta. Ginger sabia que ela não imaginava que seus olhos brilharam com malícia quando a viu.

O terceiro dragão era ágata e ouro, e sua cauda estava queimada. Ele também parecia zangado e soube que este era Balthasar.

— Espera. — Disse Niall, mas Ginger não precisava de nenhum desses conselhos. Estes *Slayers* tinham tentado matá-la antes e ela não tinha dúvidas de que tentariam novamente.

Então Niall travou garras com Balthasar. Ele soltou um fluxo brilhante de fogo em seu oponente e Ginger fechou os olhos enquanto ficava pendurada.

Niall girou no ar, levando um golpe nas costas. Ele se abaixou e se voltou, demonstrando uma agilidade muscular que espantou Ginger.

Ela podia ouvi-lo murmurando, como se ele falasse um encantamento. Ele deu um soco em Balthasar no rosto, em seguida, raspou suas garras pelo intestino de Balthasar. Balthasar gritou e pulou nas costas de Niall. Ginger ouviu o grito de Niall de dor quando as garras do Slayer cravaram no topo das asas de Niall.

Então, ele se contorceu, girou e bateu no Slayer forte o suficiente

com sua cauda para mandá-lo através do céu. Balthasar bateu no chão fortemente e não se moveu imediatamente. Ginger se lembrou que ele era o único que não tinha bebido o elixir.

Sloane e Mallory travavam uma batalha amarga, caudas entrelaçadas e garras travadas. Eles trombavam um com o outro e mordiam, querendo acertar um ao outro. Olharam-se igualmente empatados em força, e Ginger ouviu o estrondo do antigo modo de falar. Eles insultam uns aos outros? Ela não ficaria surpresa.

Niall caiu nas costas de Mallory, retalhando as asas do Slayer com precisão. Mallory gritou de dor e se contorceu preso entre os dois *Pyr*. Ao aceno de Sloane, Niall liberou o Slayer e levou Ginger para fora do caminho.

Sloane soltou fogo de dragão sobre seu adversário, queimando o vermelho lindo das escamas de Mallory e escurecendo as pérolas em seu peito. O Slayer atacou com raiva renovada.

Niall cantou, a vibração de sua voz ressoou por todo o corpo de Ginger. Era uma chamada de urgência, que a fez querer fazer *algo*.

Quanta energia ele tinha sobre o elemento do ar? Parecia decidido a responder-lhe. Ginger observou as nuvens negras se reunirem no horizonte, girando com violência, ouvindo muitos trovões. Niall gritava constantemente, comandando, sua canção inabalável em sua demanda.

Balthasar levantou-se e estremeceu da cabeça aos pés. Ele olhou para Niall, em seguida fugiu, movendo-se rapidamente em direção ao dragão ametista.

Enquanto isso, Erik estava lutando ferozmente com Jorge, o Slayer recebendo o pior de seu adversário. Jorge continuava a levar golpes, mas nenhum deles surpreendeu o líder dos *Pyr*. Erik lutava severamente e efetivamente, reabrindo as feridas da perna de Jorge, para que o pé caísse na terra novamente.

Jorge saltou para Erik, garras estendidas e os dentes se mostrando. Erik golpeou no rosto com sua cauda, em seguida, pegou o final da cauda de Jorge quando o Slayer virou pela força do golpe. Erik oscilou e lançou-o nas árvores abaixo.

Então ela viu figuras aparecem no horizonte. Eles eram escuros, como espectros, mas em forma de dragão. Eles pareciam dragões feitos de fumaça negra, ou de sombras, e havia três deles.

— Merda. — Disse Sloane, e lutou com maior vigor.

— O que está acontecendo? — Ginger exigiu, observando as formas ameaçadoras. Suas feições tornaram-se mais claras com a proximidade e ela pôde ver que eles realmente tinham aqueles olhos de zumbi. Niall cantou mais alto e com mais força, e o vento se levantou com frenesi.

— Dragões da sombra. — Disse Sloane quando ninguém lhe respondeu.

— Pyr mortos que foram levantados por Magnus com o Elixir. — Ginger se lembrou, com medo das probabilidades de terem que enfrentar os *Pyr*. — Eles não têm de ser esquartejados e queimados para serem mortos?

Ninguém teve tempo para responder.

Ginger calmamente entrou em pânico. Poderia três *Pyr* lutar contra mais três adversários? O canto de Niall tornou-se mais veemente, como se ele compartilhasse sua preocupação. Ginger sentiu o vento. O que ela poderia fazer para ajudar?

As nuvens se aproximavam e o vento ficou mais forte. Ele levantava o cabelo de Ginger e batia nas árvores, inquieto e beirando a violência. O céu adquiriu uma coloração amarela que Ginger aprendeu a desconfiar quando era mais jovem.

Niall cantou mais insistentemente, chamando um desastre maior, instando-o a uma maior velocidade. Os dragões da sombra aproximavam-se rapidamente, tornando as cores visíveis, quando a primeira nuvem apareceu. Um parecia uma cópia de Niall, todo ametista e prata, mas a prata de suas escamas pareciam manchadas e a ametista parecia estar nublada com a fumaça.

— Phelan. — Niall disse em um sussurro.

— Quem é esse? — Ginger perguntou.

— Meu gêmeo.

Phelan rosnou e saltou para Niall, as garras estendidas.

— Para mim! — Erik gritou e Niall jogou Ginger para o líder dos Pyr. Ela não teve tempo de ter medo, antes das garras de Erik se fecharem protetoras sobre ela. Ele segurou-a longe quando Jorge atacou novamente.

Enquanto isso, Niall rugia raivosamente. Ele levantou suas garras, então atacou seu irmão gêmeo. Sua música foi perdida e Ginger sentiu o abrandamento do vento. Os Slayers atacaram com força, os outros dois dragões sombras tinham como objetivo os outros *Pyr*.

Seis contra três, e metade dos caras maus não morrem facilmente. Ginger estremeceu. Certamente os bons não poderiam perder?



Eileen não conseguia descobrir por que Zoe estava se queixando tanto. Ela tentou acalmar o bebê, sem sucesso. Nada funcionou. O peito e a mamadeira foram rejeitados. Zoe não estava nem muito quente nem muito fria. A fralda estava seca. No entanto, ela chorava, chorava e fazia barulho mais do que ela já fez.

Eles fizeram mais café, mas parecia que cada vez que um deles se levantava para pegar uma xícara, Zoe tinha outro ataque de histeria.

— A criança tem um pulmão poderoso. — Disse Thorolf. — Você tem que reconhecer.

Alex moveu-se para servir café novamente, mas Zoe teve um ataque e gritou mais alto do que antes, o volume fazendo Alex se encolher com a garrafa na mão.

— Eles não têm nenhuma outra maneira de nos dizer o que realmente querem. — Disse Sara com simpatia.

— É isso. — Disse Eileen. — Ela está tentando nos dizer algo.

— Você já abrangeu todas as opções. — Disse Alex.

— Não, não. — Disse Eileen, observando sua filha. — Ela deu uma

visão a Erik e a Rafferty, também. Ela está tentando fazer algo como Wyvern.

— Mas o quê? — Disse Sara. As três mulheres assistiram a frustração da criança aumentar, enquanto tentavam entender. As crianças se aproximaram, como se fascinadas por alguém poder causar mais problemas do que elas poderiam.

— Bebê. — Garrett disse com convicção.

— Sim, ela é um bebê, assim como você não é. — Sara concordou. Ele sorriu, mostrando um pouco da solenidade de seu pai, em seguida, estendeu a mão para Zoe.

Ela se debateu e pegou sua mão, parou de chorar assim que se tocaram. Os olhos de Garrett se arregalaram quando ele ficou preso aos dedos, em seguida, ele soltou e foi para a varanda.

— Garrett! — Sara gritou. — Não saia de casa!

Ele não parou, abrindo a porta com tanta determinação que Eileen se levantou. Sua nuca se arrepiou.

— Ela disse-lhe alguma coisa. — Disse ela. — Veja para onde vai.

Thorolf acompanhou o menino para fora. Ele foi direto para a varanda onde estava uma maquina de limpar neve. Thorolf não deixou que ele tocasse um disco, mas levou-o de volta para a casa.

— Isto é o que Niall tirou da ferida de Delaney ontem. Isso é o que ele queria. — Ele colocou sobre a mesa, o cordão de prata rolando com o movimento.

— É mercúrio. — Disse Alex.

Zoe soluçou e chupou seu próprio punho, observando-os solenemente.

— Ela está irritada desde que os Pyr saíram. — Disse Eileen.

— Não. — Sara corrigiu. — Ela está irritada desde que Mallory apareceu na pia.

— E ela não quer que se beba o café. — Disse Thorolf. — A criança é uma aberração da saúde.

— É isso aí! — Alex levantou-se.

— Isso o quê? — Thorolf perguntou.

— Isso é o que ela está tentando nos dizer.

— O quê? — Thorolf perguntou, olhando confuso.

— E se o envenenamento por mercúrio em pessoas é o que faz um *Pyr* ser a fonte do elixir? — Alex perguntou. — E se Cinabre ficou vermelho e Delaney está ficando vermelho por causa do envenenamento por mercúrio? E se a maneira de preparar um candidato para substituir Cinabre seja envenená-lo com mercúrio?

— O que você sugere? — Sara perguntou.

— Aquele Mallory estava aqui para colocar o mercúrio no poço, o mercúrio, que converteria qualquer *Pyr* presente em candidato para substituir Cinabre.

— Se eles bebessem da água. — Disse Thorolf, em seguida, despejou o conteúdo da garrafa no ralo.

— Nós temos que verificar o poço. — Disse Alex, e se dirigiu para o porão.

— Eu me pergunto se há água filtrada. — Disse Sara, indo para a despensa. — Ginger parece ser o tipo de pessoa que está preparada para tudo.

Zoe, Eileen notou com surpresa, dormiu contra seu peito, sua expressão tão angelical que ela parecia uma criança diferente daquela na última hora.

— Eu poderia tomar uma xícara de café descafeinado. — Disse Eileen, e Thorolf riu.



A luta fora do santuário ficou mais violenta. Ginger viu como Sloane foi cortado em um dos ombros por Mallory e seu sangue vermelho caia como água, manchando a neve. Sloane girou e atacou o dragão sombra atrás dele, cortando um braço no cotovelo. Caiu, no rio embaixo, mas não havia sangue.

O dragão sombra nem sequer pareceu notar a perda.

Ele simplesmente continuou lutando.

Jorge afundou seus dentes no peito de Erik, deixando um corte horrível na armadura do líder Pyr. Erik rasgou o Slayer, reabrindo feridas antigas. Jorge cuspiu fogo do dragão em Erik, mas Erik virou as costas para o rio de fogo. Ginger fechou os olhos. Para sua surpresa, Erik riu e pareceu renovado pelo ataque. Ele se virou e cortou Jorge em todo o rosto, em seguida, decapitou o dragão sombra com sua garra.

Em seguida, Jorge saltou sobre Erik por trás, afundando seus dentes nos ombros do líder Pyr. Erik gritou e perdeu altitude e Ginger gritou de terror.

Niall estava lutando duramente contra Phelan, o dragão sombra insultando-o. Niall cortou uma das asas, um corte profundo, e Phelan caiu na terra. Niall mergulhou em direção a Erik, tirando Ginger das garras de Erik, então soltou fogo em Jorge. Erik voltou de seu mergulho e Jorge atacou por trás, quando Balthasar cortou as costas de Niall. Niall lutou muito, mas Ginger podia vê-lo desvanecer-se.

Isso não parecia bom.

Ginger não teve tempo de entrar em pânico, quando dois dragões mais apareceram à distância. Eles pareciam estar pesados e seu padrão de voo era errático e lento. A tonalidade brilhante de suas escamas logo ficou clara, e Ginger reconheceu como Donovan e Quinn. Eles estavam transportando grandes tambores de plástico.

Ginger teria apostado que continham ácido nítrico.

Ela queria aplaudir.

Os Slayers e dragões sombra devem ter visto os Pyr chegando, porque eles atacaram com novo fervor.

Balthasar atacou Niall novamente, os braços voando através do ar. Ginger sentiu-se um pouco doente, mas Niall a segurou firme, defendendo-a do fogo de dragão do Slayer. Quando Niall soltou-se das garras do Slayer compreendeu que ao redor dela estava tudo queimado e enegrecido.

Donovan mergulhou na batalha com um rugido. Ele derramou duas vasilhas de plástico pesado na entrada para o santuário, em seguida, girou no ar para ajudar Sloane contra Mallory. Parecia que ele tinha garras de metal, e Ginger estremeceu quando ele cortou o ventre de Mallory. Sangue negro saiu de suas feridas, uma vez que caiu no rio abaixo.

Donovan cortou o dragão sombra que estava atacando Sloane, desmembrando a abominação com precisão. Sloane incinerou cada pedaço que caiu na Terra e logo não sobrou nada além de cinzas do dragão sombra.

Ele virou-se para atacar Phelan, mas o dragão sombra rosnou e recuou.

— Vou encontrá-lo, irmão! — Ele gritou para Niall.

— A menos que eu o encontre primeiro. — Niall murmurou fervoroso. Ele cobriu Balthasar, então começou a cantar em voz alta. O vento reuniu-se, respondendo mais rapidamente a Niall do que na primeira vez.

Ginger sabia a importância de um céu tingido de amarelo. A tempestade se levantou a uma velocidade alarmante, mas os dragões sombra e *Slayers* pareciam inconscientes.

Ou indiferentes.

Phelan foi o primeiro a ser sugado para dentro do turbilhão, a sua forma sombria desaparecendo no turbilhão cinza de uma nuvem funil. Sua mensagem foi perdida no vento, enquanto Niall continuava a cantar, sua voz como ressoando como um toque de clarim.

Enquanto isso, Jorge foi para cima em direção a Erik, a fúria fazendo seus olhos arderem. Erik, confiante e calmo, esperou por ele, olhando divertido mesmo em forma de dragão. Ginger viu Jorge hesitar, olhando para a nuvem funil.

Jorge gritou uma advertência e mergulhou no meio das árvores. Balthazar parafusou, voando o mais rápido possível na direção oposta da tempestade. Mallory gritou quando tentou soltar das garras de Sloane, sem sucesso. Sloane agarrou-se rápido, batendo no Slayer várias vezes com sua cauda.

A nuvem funil engoliu aqueles que fugiram. Ginger ouviu os gritos de Balthazar e do dragão-sombra quando a coluna poderosa de vento tocou o chão. Ele rodou e agitou, dando-lhe vislumbres de garras e caudas.

Niall cantou e o vento rodou a seu comando. Sloane jogou Mallory no turbilhão, em seguida, Niall suavizou sua música. O vento diminuiu quase que instantaneamente, o poder de Niall preenchendo Ginger com reverência.

O funil de nuvens diminuiu e as nuvens cinzentas normais viraram uma tempestade. Começou a chover. A chuva estava gelada e Ginger tremeu sob a sua agressão.

Jorge entrou em erupção repentinamente a partir da floresta, todos os seus movimentos cheios de raiva. Dois novos *Slayers* levantaram voo do santuário de Magnus, indo diretamente para os Pyr.

Isto ainda não tinha acabado, e os Pyr estavam cansados. Ginger agarrou a cruz da mãe de Delaney e fez uma pequena oração.

Capítulo 20

Delaney finalmente conseguiu um bom ataque em Magnus, pegando o Slayer de surpresa. Magnus bateu a cabeça contra uma estalactite e perdeu o ritmo do voo.

Esta era sua chance.

Delaney girou no ar enquanto o Slayer caía e mergulhou para o frasco de seu oponente. Ele convocou todos os vestígios de força dentro de si mesmo, enquanto espirava em direção ao fertilizante empilhado. Ele exalou poderosamente, com o intuito de cuspir fogo de dragão para acender a explosão.

Mas somente ar foi exalado.

Ar frio.

Como pode ser isso?

Delaney virou-se no último minuto, indo para o frasco novamente. Ele lutou contra o pânico crescente dentro de si, recusando-se a admitir a derrota. Ele puxou força de seu interior, sua vontade de fogo para queimar visando os sacos de adubo.

Mais uma vez, apenas o ar frio fluía de seus pulmões.

Foi quando ele ouviu Magnus rindo.

O antigo Slayer ria tanto que mal conseguia falar. Ele estava contra a parede da caverna e gritou com sua diversão.

Delaney não gostou da brincadeira.

Ele foi para cima do adubo, não se importando se morresse na explosão, e se enfureceu.

O ar frio de seus pulmões parecia encorajar o crescimento de gelo na parte externa do frasco de cristal. O Elixir rodou e Delaney olhou para Magnus.

— O seu fogo foi extinto. — O Slayer disse, a sua confiança tão completa que Delaney queria rasgá-lo vivo. — É o próximo passo na evolução. Você é quase meu.

Delaney pulou da pilha e voou para Magnus, furioso como nunca antes. Eles fecharam as garras e tombaram no ar, pousando no chão da caverna com um estrondo. Delaney atingiu o Slayer com sua cauda até que Magnus entrou em colapso, em seguida, arrastou o corpo na direção do fertilizante.

Talvez Magnus pudesse exalar a faísca necessária.

O antigo Slayer sangrava negro por todo o chão, enfraquecendo progressivamente. Delaney zombou dele, tentando atrair o fogo, mas Magnus ficou em silêncio. Ele aparentemente era incapaz de se mover.

Delaney estava certo de que não bateu nele com força suficiente para isso. Mas Magnus olhou como se ele estivesse tendo um ataque

cardíaco. Seus olhos se arregalaram quando engasgou com dor, e suas feições se contorceram. Um espasmo balançou o corpo dele e parecia incapaz de falar, sua garra estendida para Delaney.

Delaney não teve piedade de Magnus. Ele examinou a câmara, desesperado por alguma forma de acender o adubo.

Magnus, entretanto expirava contínua e lentamente, enchendo a caverna com a neblina de sua fumaça de dragão. Era prateada, como uma cobra, e pairou no ar em direção a Delaney tão deliberadamente que poderia ter sido mandada. Ele não estava preocupado com isso tanto quanto esteve antes, dado que ele foi capaz de suportá-la por Ginger.

Até a fumaça de dragão lhe tocar.

A fumaça de dragão atingiu Delaney com um choque elétrico, e ele gritou com a dor que disparou em seu corpo. A fumaça picou e queimou, como uma adaga de gelo que foi direto ao seu coração. Sua capacidade de desafiar se corroeu a nada, e ele estava mais vulnerável do que nunca.

Seu corpo estava mudando, e não para algo bom.

Delaney viu a fumaça de dragão fazer um elo de ligação entre ele e Magnus, e sentiu a redução constante da sua energia enquanto a de Magnus crescia. O Slayer levantou-se mais uma vez, curando-se de seus ferimentos, com os olhos brilhando enquanto observava Delaney tropeçar. A fumaça aspirou a força de Delaney, roubou-a e alimentou Magnus, invertendo a balança de poder entre eles. Delaney lutava para fugir da fumaça de dragão, para romper a linha, que o destruiu, mas era inabalável. Ele apoiou-se na parede da caverna e caiu de joelhos.

Então Delaney viu o buraco em sua própria armadura, a fumaça de dragão vindo para ele com precisão implacável.

Estava faltando uma escama no meio do peito, que não faltava antes. Ele viu a pele exposta, desprotegida e já queimada em brilhante carmesim, e sabia o que tinha acontecido.

Ele já tinha a intenção de cuidar de Ginger, mas seu carinho e admiração só o tinham enfraquecido. Fatalmente. Ele queria lutar. Ele queria se levantar e rasgar Magnus. Ele queria destruir o Elixir. Mas seu corpo não respondia ao seu comando e a fumaça de dragão continuava

reivindicado o poder dentro dele. Ele já estava de joelhos, em seguida, preparou-se sobre as mãos e joelhos. A fumaça de dragão rodeou-o, cercou-o, isolou, e drenou.

Não seria o Elixir que seria destruído.

Seria Delaney.

O mercúrio estava sufocando a centelha divina dentro dele. Ele estava deixando a terra dos vivos *Pyr*, destinado a algum reino escuro ocupado por dragões de sombra e peões como Cinabre. Ele não tinha escolha sobre seu futuro, apesar de que quisesse desesperadamente.

Foi assim que Cinabre se sentiu?

Delaney não queria nada em comum com o *Pyr* que se tornou o Elixir. Ele esperava apenas que ele estivesse inconsciente de sua circunstância.

O plano de Magnus parecia destinado a tornar-se realidade, garantindo aos Slayers a sobrevivência e poder por milênios no futuro. Delaney queria gritar de frustração, mas caiu em vez disso, fechando os olhos para a gargalhada Magnus.

Ele mudou de forma, sem querer fazê-lo, e reconheceu isso como um sinal da morte do corpo. Ele sentiu uma lágrima deslizar de seu olho quando Magnus mudou para a forma humana ao lado dele. Tentou acordar, sem sucesso, então Magnus se curvou. Delaney viu a seringa e sentiu o deslizar da agulha na sua veia.

Ele sentiu o choque frio do mercúrio que se deslocou através de seu corpo, transformando-o em gelo mortal assim como a terra em seus pesadelos. O mercúrio roubou sua força e entorpeceu sua mente, fazendo-o impossível se defender.

— Apenas um gosto. — Magnus murmurou. — Apenas uma pequena amostra do que está aguardando você em 2013.

Não havia nenhuma dúvida sobre isso, Delaney fracassou.

E seu único arrependimento foi que ele não manteve sua promessa a Ginger.

Delaney sentiu Magnus colocar uma pedra redonda na boca, mas não pode detê-lo. Ele era incapaz de se mover. Ele então ouviu o antigo Slayer cantar um verso que ele não conseguia entender. Encontrou o caminho em seus ouvidos, escorregando em direção ao seu coração, transformando-o em gelo, como Gaia em seu pesadelo. Ele estava falhando em sua missão e abandonando Ginger. A pior parte era que não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso.



Donovan começou a cantar uma canção diferente de Niall, uma música potente que parecia ser um convite à guerra. Ginger quase podia sentir a terra responder ao seu grito de guerra. Seu próprio sangue batia no ritmo, fazendo-a acreditar que a vitória era possível.

— Donovan pode comandar o vento, também?

— Ele pode convocar armas a partir dos elementos. — Disse Erik, quando pedras de gelo começaram a cair do céu. Elas caíram sobre a luta, e Ginger gritou ao seu impacto. As pedras pareciam pequenas flechas de gelo.

O Slayer a distância perdeu altitude e pareceu hesitar sob o ataque dos elementos. Donovan prendeu Jorge por trás, escavando, cravando as garras de metal nas asas do Slayer enquanto ele continuava a cantar. Jorge articulou um grunhido e Donovan rasgou seu rosto com as garras. Quatro cortes longos apareceram, sangue preto caindo rapidamente. Jorge gritou e Donovan jogou o Slayer através do céu.

Os dois outros Slayers decidiram recuar. Ginger aplaudiu.

Uma das pedras de Donovan abriu a entrada inclinada e Sloane moveu-se para dar o segundo empurrão. Quinn caiu com sua carga, mais ponderado em suas ações. O Pyr pousou ao lado da entrada para o santuário, os recém-chegados menos feridos do que aqueles que lutaram por mais tempo. Eles estavam todos bem, no entanto, Ginger ficou contente de sentir o chão sob seus pés novamente. Ela agradeceu Niall e Erik por sua proteção, e cada um assentiu com a cabeça.

— Fase dois. — Disse Quinn, empurrando um de seus sacos na abertura. Ele rolou pela encosta, escondido, na escuridão abaixo. Então ambos, Sloane e Quinn, perceberam. Ginger sabia o que significava seus tremores involuntários. — Há fumaça de dragão!

— Eu senti. — Niall disse, recuando.

— Magnus. — Erik murmurou, e Ginger se lembrou de Delaney dizendo-lhe que podia identificar quem tinha respirado uma marca de território.

— Está vindo de dentro do santuário. — Disse Sloane.

Ginger estava assustada.

— Delaney está lá?

O Pyr não respondeu, o que foi toda a resposta que precisava. Caminhou para a abertura, mas Erik pegou seu braço.

— Os Slayers vão perseguir você.

Ginger afastou suas garras.

— Nenhum de vocês pode entrar lá para ajudar Delaney, certo? Nenhum de vocês pode atravessar a fumaça de dragão, mas eu posso. Você precisa de mim para passar os tambores e jogar ácido no Elixir. — Mais uma vez eles não disseram nada. — Não é?

Erik visivelmente rangeu os dentes e balançou a cabeça uma vez.

— O risco, no entanto...

Ginger não esperou por uma discussão mais profunda. Não havia nada que pudessem fazer para que mudasse de ideia e Ginger suspeitava que eles não tivessem outra resposta.

Porque ela estava certa.

E mesmo Erik sabia.

Ela estava no meio da rampa, quando ouviu outra música começar.



Rafferty esperou até que Magnus estivesse confiante de sua vitória antes que ele se revelasse. Sabia que logo que fizesse um som o Slayer ficaria consciente de que foi enganado, e ele não queria fazê-lo tão cedo. Ele ouviu a queda e Magnus rir, sentiu a fumaça de dragão.

Então ele rastejou de seu esconderijo.

Ficou chocado ao ver Delaney não só no chão, não só cercado por fumaça de dragão, mas imóvel. Ele temia que o Pyr estivesse morto, e concluiu que esperou demais. Magnus, ao contrário, tinha-se tornado grande e poderoso, novamente, alimentado pela condução da fumaça de dragão.

Ele era adepto a roubar a força vital de outras pessoas. Rafferty girou o anel preto e branco na mão, perguntando-se o quanto Magnus sacrificaria seu próprio sonho de imortalidade. Ele girou o anel e desejou a clareza de Sophie em saber o que fazer. Ele girou o anel e desejou o foco e a determinação de Nikolas. Girou o anel e desejou o coração poderoso de Delaney.

Então ele interrompeu o encanto de Magnus.

Magnus virou-se para Rafferty então, a forma triunfante de suas feições parecia iluminada por dentro. Seu egoísmo e indiferença para com ninguém, além de si mesmo despertaram uma fúria rara em Rafferty.

— É muito tarde! — Ele disse.

— Nunca é tarde demais. — Retrucou Rafferty.

Pulou para dentro do santuário, mudou no ar, e rugiu. Ele voou em direção a Magnus, o anel como um farol radiante em sua garra. Espiralado ao redor de seu dedo, piscando em preto e branco a cada volta. O Elixir parou de agitar e Cinabre parecia pressionar o nariz contra o cristal de rocha para ver.

E os dois antigos adversários travaram garras na batalha novamente.

O desafio estava apenas a caminho andado.

Eles acertaram um ao outro com suas caudas e Rafferty jogou o antigo Slayer na parede da caverna. A pedra estremeceu, e Rafferty começou a cantar, não se importando em levar o mundo inteiro para baixo sobre Magnus. Ele morreria feliz, sabendo que matou Magnus.

Rafferty cantou e a terra tremeu. Pedacos de rocha caíram do teto, quebrando no chão e levantando uma nuvem de poeira. O Elixir espirrou e vibrou, mas o frasco continuou firme. Magnus lutava ferozmente, talvez sentindo a determinação de Rafferty. Ele afundou os dentes na pele de Rafferty, rasgando a carne, sempre que podia. Ele cortou com suas garras e bateu com a cauda. O sangue corria tanto preto e vermelho, misturando-se, mas nunca se confundindo, chiando no chão do santuário. O piso soltou e se despedaçou, rachaduras longas se abriram através de sua largura.

O santuário estava caindo e Rafferty não se importava. Ele se preocupava apenas que Magnus morresse primeiro.

Nenhum deles viu a ruiva pequena rolar quatro cilindros de bom tamanho, um de cada vez, por todo o chão debaixo deles. Nenhum deles a viu levar os sacos, um de cada vez, subindo as escadas que ficavam ao redor do frasco do cristal de rocha. Nenhum deles viu o suor em seu esforço ou observou como ela empalideceu enquanto passava por Delaney.

Nenhum deles viu-a chegar ao cume pela última vez e puxar o plugue na primeira caixinha industrial. Ela empurrou-o para dentro do frasco, e depois repetiu a ação com os outros três.

Eles viram quando ela endireitou-se e assobiou. Foi um bom e alto assovio, um que Ginger aprendeu quando criança e que ecoou pela caverna desmoronando.

— Ei, Magnus! — Ginger gritou para o incrédulo *Slayer*. — Você não deixou algo inacabado? — Ela acenou com uma alegria dolorosamente humana que atingiu Rafferty. Ele sabia exatamente o que estava fazendo e a admirou por isso. — Ouvi dizer que vocês gostam de companheiros *Pyr* fortes. — Ela estalou os dedos enquanto Magnus fervilhava. — Estou grávida, sabe, apenas caso afete seus cálculos.

Magnus arranhou.

Magnus rugiu.

Magnus soltou-se de Rafferty e se lançou em direção a Ginger, respirando fogo do dragão todo o caminho.

Rafferty viu o que iria acontecer e não pôde chegar a tempo de fazer alguma coisa sobre isso.

Delaney estava morto.

Ginger lutou contra as lágrimas enquanto ela lutava com os botijões. Só porque Delaney estava morto, não queria dizer que ele tinha de se tornar a fonte do Elixir que iria manter Magnus vivo para os próximos mil anos. Uma raiva ardia dentro de Ginger, uma fúria contra a injustiça, que lhe deu mais força do que ela poderia ter acreditado possível.

Também lhe deu a audácia de não se importar com o que custasse para consertar o que Magnus fez.

Ela desafiou-o, lançando um desafio que sabia que ele iria aceitar.

Ela ficou no topo da escada de cristal de rocha, aguardando seu pior. Ela viu as chamas se aproximando, mas se recusou a recuar. Ela segurou o olhar de Magnus com raiva e insultou-o, deixando-o ver que ela não estava com medo.

Não seria bonito e Ginger não se importava.

Mas no último momento, antes do fogo de dragão de Magnus alcançá-la, algo se lançou para fora do frasco do Elixir. Algo grande e rosa jogou-se do fundo do frasco, fazendo uma enorme barreira úmida, entre Ginger e o fogo do dragão.

Cinabre gritou enquanto as chamas o acertavam.

Ele se contorcia e caiu de cima do frasco enorme, ao redor de Ginger com seu corpo molhado. Ela ficou revoltada e lutou contra a sua aderência viscosa.

De repente, percebeu que o cheiro do Elixir tinha mudado. Tinha-se tornado menos fétido. E Cinabre estava salvando-a. Ela parou de lutar contra ele.

Não havia mais tempo para pensar. O adubo se acendeu e sua explosão encheu a caverna com poeira e fogo. O Elixir cozinhou, soltando uma espessa nuvem de fumo vermelho que enchia a caverna com a pressão. O Elixir mudou de cor, perdendo sua vermelhidão, enquanto a fumaça fervia e se levantava.

Magnus gritou de fúria, mas não se aproximou, Rafferty pulou atrás dele. O par entrou em batalha novamente. O anel brilhou na garra esquerda de Rafferty como uma luz na escuridão. Ele também parecia estar guiando os golpes de Rafferty, não parecia errar. Ela viu o olhar de Rafferty na mesma escama a que estava o anel no peito de Magnus e sabia que o Pyr encontrou o ponto fraco do Slayer.

Bom.

Não viu mais nada dessa luta, porque o frasco de cristal de rocha rachou abruptamente. Cinabre desceu e levantou Delaney do chão, fazendo caretas enquanto segurava-lhe alto.

O líquido que foi o Elixir derramou-se, inundando todo o chão da caverna nos sulcos que estavam abertos no chão. Parecia água que fugia, desaparecendo, absorvida pela terra.

Uma vez que a maré passou, Cinabre quase caiu com Delaney, em seguida, colocou-o aos pés de Ginger.

— Obrigada. — Disse ela, e teve certeza de que ele sorriu para ela.

Cinabre se moveu, languidamente, mas deliberadamente, afundando-se de joelhos ao lado de Delaney. Ele tocou o inconsciente *Pyr* com uma ternura que surpreendeu Ginger. Ele olhou em sua direção e, em seguida, deitou-se protetoramente sobre Delaney, espalhando-se como um cobertor sobre seu corpo caído.

E Cinabre começou a cantarolar.

Enquanto Ginger olhava, grânulos de prata começaram a escorrer da ponta dos dedos de Delaney. Cinabre ficava mais pálido a cada momento que passava, mas ela podia ver que ele estava puxando para fora o mercúrio do corpo de Delaney. Os grânulos pequenos aumentaram, reunindo-se ao redor dos dedos de Delaney, até que diminuiu a não ter nada. Cinabre cantarolou outro hino de sua sintonia, com força e uma

última gota única caiu do dedo indicador esquerdo Delaney.

A unha do dedo não estava mais vermelha.

Então Cinabre suspirou, exausto. Ele estava quase transparente, procurando fantasmas à luz da caverna. Ele se virou para Ginger, movendo-se lentamente, como se sua força estivesse no limite e acenou.

Ginger foi para o lado dele de imediato, sem medo.

— Você ajudou. — Disse ela. Delaney não parecia mais corado, ou vermelho, ou morto.

Ele parecia estar dormindo.

Cinabre lhe deu o dom da vida. Uma protuberância rosa em sua garganta, porque ela adivinhou o custo do seu dom.

— O resto de mim. — Sussurrou Cinabre, suas palavras não mais substanciais do que o vento. — Então não haverá mais.

Ginger estendeu a mão para pegar sua garra. Ela mal podia sentir sua presença dentro de seu aperto, mal podia sentir seu calor.

Mas ela tinha algo a dizer a ele antes que ele se fosse.

— Obrigada, Sahir. — Disse Ginger, suas palavras roucas e sinceras. — Obrigada de todo meu coração.

Ele pareceu chocado quando ela disse seu nome, o nome que teve antes que ele tivesse a infelicidade de conhecer Magnus. Então ele transformou-se em uma névoa rosada. Ginger teve um vislumbre de um homem jovem, bronzeado e dourado, um homem com um sorriso hesitante. Ele virou a mão, deu aos dedos um aperto de minutos, em seguida, desapareceu.

E Sahir foi embora, para sempre.

Ginger conteve as lágrimas. Ela se ajoelhou ao lado de Delaney, olhando o fluxo de sua respiração. Tirou a cruz de prata e colocou-a na mão dele.

— Você se esqueceu de algo, gostosão. — Sussurrou ela, e beijou

sua bochecha. — Eu acho que sua mãe ficaria orgulhosa de você hoje.

Os olhos de Delaney se abriram de imediato, de modo claro e verde que Ginger não pode conter as lágrimas por mais tempo. Ele abriu a boca e retirou uma pedra redonda cinza, do tamanho de um ovo de galinha, mas coberta com esculturas misteriosas. Então ele se sentou e aproximou Ginger, deixando-a chorar contra a força sólida de seu peito.

Delaney estava de volta.

E ele estava totalmente curado.

A nuvem vermelha que subiu para fora do frasco, quando o ácido nítrico reagiu com o Elixir começou a chover cristais vermelhos. Eles pularam e se espalharam pelo chão, parecendo uma colheita de rubis. O mercúrio foi se precipitando, assim como Alex disse que faria. Ginger lembrou-se do interesse de Sloane pela qualidade terapêutica dos cristais de óxido de mercúrio e pegou um punhado para ele.

Magnus gritava em agonia, em seguida, houve um estrondo e uma nuvem de poeira.

Rafferty pousou ao lado deles, as pedras vermelhas batendo em suas escamas opala.

— Um trabalho finalmente realizado. — Disse ele, o brilho em seus olhos dizendo a Ginger que estava muito satisfeito com a situação.

— Onde está Magnus? — Delaney perguntou quando ficou de pé.

— Preso na Terra. — Rafferty disse com satisfação. Seu sorriso brilhou quando jogou uma moeda de prata, o seu prazer inconfundível. — Desaparecido para sempre.

— Porque agora não há Elixir para curá-lo. — Disse Ginger.

Rafferty apenas sorriu.

— E nunca haverá mais Elixir. — Disse ele com determinação. — O segredo de sua criação se perde com Magnus. — Estendeu a mão e pegou a pedra redonda de Delaney, lançando-lhe um olhar, antes de fazer uma careta de desgosto.

— O que é isso? — Ginger perguntou.

— Um antigo pedaço de maldade. — Ponderou Rafferty. — Tantas histórias que tínhamos pensado não ser mais do que mitos estão provando que têm suas raízes na verdade. — Ele arqueou uma sobrancelha. — Eileen nos dará um sermão, sem dúvida. — Ele piscou para Ginger. — Mas, talvez ela não precise saber que isto é real.

Então Rafferty fechou a mão ao redor da pedra e cantou uma canção de baixa vibração, que fez os ossos de Ginger tremerem. Ela viu a pedra vibrar dentro do seu alcance, viu as linhas esculpidas em sua superfície se borrarem e então ela se desfez em pó.

Rafferty bateu as mãos, em seguida, olhou para cima.

— Hora de ir. — Disse ele baixinho.

O teto da caverna tinha uma rachadura ameaçadora, como se respondesse a ele. Cristais vermelhos continuaram a cair ao redor deles, até os tornozelos de Ginger no chão. Delaney mudou de forma, pegando Ginger e voando para o outro lado do santuário em ruínas. Os três se apressaram para a porta, em seguida, através de duas outras cavernas. Eles estavam subindo o túnel molhado quando Ginger ouviu o barulho de desabamento e queda de pedra atrás deles.

Rochas começaram a cair ao redor deles, mas os Pyr estavam lá, transportando-os de volta para o ar livre.

Onde o sol estava se pondo, em uma exposição de laranja brilhante.

Capítulo 21

Delaney não podia acreditar na sua sorte, o poder da sua tempestade, e a força da lealdade de seus amigos. Sentia-se abençoado por estar vivo. Ele balançou Ginger em seus braços e saltou no ar, mudando a forma enquanto levantava voo. Ela segurava-lhe com os cabelos fluindo violentamente ao redor de ambos. Quando ela riu, sentiu seu coração pular, como se um pouco de sol dançasse em suas veias.

Delaney sentiu os Pyr segui-lo e ficou feliz por liderar o caminho. Ele foi tão alto sobre o campo de Ohio e olhou a fazenda de Ginger imediatamente.

Casa.

Era como casa para ele, porque era a casa de Ginger. Ele saiu do céu, descendo para um campo de flores, em seguida, jogando-a nos braços.

— Pare! — Brincou ela, e ele riu.

Ela sorriu para ele e ele riu mais. Alegria borbulhava dentro dele, uma alegria alimentada por Ginger. Ele riu mais do que podia se lembrar de rir, então ele beijou a mulher que lhe devolveu a vida.

Contra todas as expectativas, Delaney Shea estava finalmente em casa. Quando ele levantou a cabeça, ela sorriu para ele.

— Ei gostosão, você quer ir a um casamento?

— Você está me chamando para um encontro?

Ginger sorriu.

— Ainda melhor, o pior tipo de encontro possível. Um encontro de casamento, onde eu sou dama de honra e tenho todos os tipos de funções oficiais a cumprir, e você não conhece ninguém além de mim. Você provavelmente vai ficar entediado e fora de sua mente.

Delaney não teve escrúpulos.

— Sim.

Ginger olhou para ele.

— É sábado, o casamento dos meus amigos Tanya e Steve. Provavelmente você deixará a cidade até então.

— Eu vou ficar. — Disse Delaney. — A menos que você me convença a não ficar.

Ela corou.

— Não, eu apenas pensei que era justo avisá-lo onde estaria entrando.

— Eu sei exatamente onde estou entrando. — Delaney pegou a mão

dela e segurou seu olhar enquanto beijava sua palma. Ele olhou-a engolir quando se inclinou mais perto. — E eu não perderia por nada no mundo.

— Por quê? — Ela perguntou.

Delaney sorriu.

— Porque você vai estar lá. É claro.

— Há algo que eu tenho de lhe perguntar. — Ela franziu o cenho e olhou para suas mãos entrelaçadas, e ele sabia que essa mulher nunca iria ter medo de falar o que pensava. Ele gostava muito disso. — Por quanto tempo você pretende ficar?

— Por quanto tempo você me quiser.

Ela riu e, em seguida, pulou em sua direção. Ele a pegou e deu a volta, amando o brilho vívido de seus olhos. Beijou-a profundamente e a balançou mais uma vez ao seu redor, enquanto os Pyr desciam ao redor deles. As mulheres e Thorolf saíram da casa com as crianças, mas Delaney não se importou que vissem sua felicidade.

Ginger era seu sol, sempre brilhante, sempre dando mais para aqueles ao seu redor. Ela fez tudo por ele e ele alegremente passaria o resto de sua vida provando sua gratidão a ela.

Esperava que ela soubesse disso.

Se sua intuição famosa não lhe dissesse isso, ele faria.

Em termos inequívocos.



Sua avó insistia sempre que havia coisas que uma pessoa não precisa dizer; que havia verdades que todos nós sabíamos em nossos corações. Esta era sua defesa habitual de sua própria natureza taciturna. Ginger nunca pensou muito desse ponto de vista, até que Delaney a levou para casa.

Ele parecia bem em sua fazenda.

Sentia-se bem em sua fazenda e em sua vida.

E ele disse que iria ficar.

Eles se encaixavam tão bem que poderia sempre ter estado lá. Ou talvez Ginger sempre soubesse que estava esperando por ele. Talvez ela o houvesse reconhecido à primeira vista como a peça que faltava no quebra-cabeça de sua vida.

Ela esperava que a vida com um *Pyr* comprometido com o objetivo de salvar a Terra fosse uma surpresa e desafio.

Mas isso era do que a vida se tratava.

Ela sabia que ela e Delaney iriam enfrentar as adversidades melhor juntos do que sozinhos, e que ao longo do tempo, eles funcionariam ainda melhor como equipe do que agora. Ela sabia que eles podiam fazer a diferença para os objetivos dos *Pyr* em uma escala menor, ao levar a fazenda orgânica e educando os outros com seu exemplo.

Ele não a colocou no chão, apenas a segurou em seus braços quando os outros *Pyr* desceram do céu para a terra ao lado dele. Não havia água corrente no chão e nos campos, a neve estava desaparecendo com velocidade notável. Erik foi para a casa, encontrando Eileen a meio caminho.

Ginger gostava de como os *Pyr* cuidavam dos seus. Thorolf veio com as outras mulheres, Nick montando nos ombros de Thorolf e Garrett nos braços de Sara, e Donovan e Quinn foram para eles imediatamente.

Então, todos olharam para ela expectantes.

Ginger olhou para Delaney e ele apenas sorriu e a colocou de pé, sua expressão misteriosa. Ginger sabia que estava faltando alguma coisa. Os *Pyr* estavam esperando-a para fazer ou dizer algo.

— Eles não sabem que a tempestade foi satisfeita? — Ela sussurrou para Delaney.

Ele assentiu com satisfação.

— Eles podem sentir isso.

— E o Elixir foi destruído.

Ele balançou a cabeça novamente, seu olhar brilhante em cima dela.

— E você está curado.

Ele sorriu quando acenou com a cabeça neste momento. Ginger amava seu sorriso e o brilho de intenções em seus olhos.

— Então por que não vão embora? — Ela murmurou baixinho, pensando que uma festa privada seria o ideal.

— Porque a nossa missão aqui ainda não está concluída. — Disse Erik, provando mais uma vez que os Pyr tinham uma audição aguçada.

— Eu não entendo. — Disse Ginger.

Sloane abriu a mão, revelando o cobre e a escama esmeralda que ele mantinha.

— Estava fora da entrada para o santuário.

— Isso é seu! — Ginger disse para Delaney. Ele assentiu tão atento que ela sabia que havia um ponto. Ela pegou a escama de Sloane, espantada por ser tão leve e forte. Pensou sobre a luta, em seguida, virou-se para Delaney. — Estava faltando. Você tinha um ponto desencapado em sua armadura, e foi assim que Magnus derrubou você.

Delaney cruzou os braços sobre o peito e olhou.

— É verdade.

Ela deveria descobrir isso sozinha. Ginger sabia. Podia sentir a expectativa dos Pyr, mas ela sempre gostou de desafios. Para conhecer todas as peças, ela só tinha que puxar a solução em conjunto.

Então se lembrou. Ela se virou para Quinn.

— Você é o Ferreiro. Você repara as armaduras dos Pyr.

— Verdade. — Ele admitiu, sem se mover.

— Você pode consertar isso?

— Não sozinho.

— Você precisa de ferramentas, ou uma forja? — Ginger tentava resolver o enigma. — Porque se precisar da minha ajuda, basta me dizer. Tudo o que eu tenho você pode usar para curá-lo.

— Eu acho que é bom o suficiente, não é? — Disse Eileen.

— É muito vago. — Erik hesitou.

— Mas de coração. — Niall argumentou.

— Eu acho que deveria contar. — Disse Sloane.

— Seja sério. — Disse Alex, impaciente. — Ela já se rendeu à tempestade e ajudou a destruir o Elixir. Você não vai deixar isso ir a uma tecnicidade.

— Ela estava disposta a morrer para vingar-se por ele. — Afirmou Rafferty.

— O que você precisa de mim? — Ginger perguntou, virando-se para Delaney.

— Nada. — Disse ele. — Vou lutar como eu sou e defendê-la até o fim.

— Isso não é bom o suficiente. — Argumentou Ginger, acenando com a escama. — Eu quero que esse problema seja solucionado e eu quero saber como.

Sara sorriu e passou Garrett a Quinn antes de ir para o lado de Ginger.

— Primeiro você tem que entender por que ele a perdeu.

Ginger balançou a cabeça.

— Deixa-o vulnerável. É uma metáfora. — Disse Sara.

— Uma bem tangível. — Comentou Quinn.

— O que faz um homem vulnerável? — Sara perguntou baixinho.

— Cuidar de alguém. Ou alguma coisa. — Disse Ginger rapidamente, em seguida, virou-se para Delaney. Seus olhos brilhavam e seu olhar tão intenso que o coração dela acelerou. — É por que você fez essa promessa para mim, não é?

— Eu acho que sim.

— E então você precisa de uma promessa minha ou algum tipo de reciprocidade.

— A combinação de um *Pyr* e sua companheira o faz completo. Ela contrabalança a sua fraqueza com força, de modo que o casal juntos é mais forte do que qualquer um sozinho. — Disse Eileen.

— Completo como?

— Completo em termos dos elementos que os *Pyr* são cobrados para defender. — Disse Sara.

— Cada um tem uma afinidade, você me disse. — Ginger disse com entusiasmo. Ela apontou para Delaney. — Qual é a sua afinidade?

— Eu não tenho certeza. Não é fogo.

— Não, você estava muito frio. — Afirmou Rafferty. — Até que a tempestade levou o frio de dentro de você. — Ele sorriu. — Ginger é o fogo nessa parceria.

— As ideias estão associadas com o ar e o vento. — Niall disse. — Mesmo que eu tenha uma ligação forte com o vento, Delaney sempre tem as melhores ideias.

— Isso é verdade. — Disse Sara com aprovação. — E sobre a água?

— Natação? — Ginger perguntou.

— Muitas vezes é mostrado pela empatia e compreensão. — Disse Eileen. — Compaixão, uma tentativa de reconciliar ou acalmar águas turbulentas. — Ela encolheu os ombros e sorriu. — Ou outras coisas.

Ginger já estava apontando um dedo para Delaney.

— Isso é você. Você voltou para sua mãe, e estava preocupado com

o planeta em seu pesadelo. Você é o ar e a água.

— E você é a terra. — Delaney concordou. — Você está completamente em contato com a terra e seus ciclos, com o ritmo da vida.

— Você disse que sentia falta desse sentimento. — Disse Ginger, e ele concordou.

— Prática, resolução de problemas. — Ponderou Alex. — Acho que podemos concordar que Ginger tem uma afinidade com a terra.

— Então precisamos de um amuleto, dado de bom grado, que representa a terra e o fogo que você traz para essa união. — Disse Sara. — Isso é o que vai curar a escama de Delaney.

Ginger soube imediatamente o que poderia ser. Ela tirou os brincos âmbar de sua mãe e entregou, juntamente com a escama para Quinn.

— Você pode usar esses? Parecem como fogo para mim e eles vêm da terra, e foram o primeiro presente do meu pai à minha mãe.

— Ginger! — Delaney protestou. — Você não precisa fazer isso.

— Sim. — Disse ela com convicção. — Sim, preciso.

Quinn pegou os brincos na mão grande e os examinou.

— Um conjunto de prata. — Disse ele. — Elas ressoam lindamente.

— O que você quer dizer?

Ele sorriu para ela.

— Eles foram dados com amor. Pedras sabem essas coisas.

Ginger não podia acreditar nisso.

— Você pode usá-los?

— Eu vou fazer melhor — Disse Quinn. — Eu posso trabalhar a prata facilmente. Vou usar apenas um para a escama.

— O que vou fazer com um brinco?

— Quinn pode fazer um anel com o outro. — Disse Delaney, chegando ao lado de Ginger. Ele pegou a mão dela na sua. — Faça um anel para que eu possa retribuir a Ginger.

Ela olhou para ele com surpresa e seu sorriso torto fez o peito apertar.

— Use-o na sua mão direita por agora. No momento em que o bebê chegar, você pode decidir se quer movê-lo para a mão esquerda ou não. De qualquer maneira, ele vai ser sempre seu.

E este homem estaria sempre em seu coração.



Eles estavam no antigo celeiro, seus aromas e história enchendo os sentidos de Delaney. A noite estava caindo e o crepúsculo deslizava por entre as fendas das tábuas, enchendo o celeiro com uma escuridão aveludada. Delaney ouviu a água pingando do teto. Ele ouviu as meninas se movendo incansavelmente e sabia que havia trabalho a ser feito. Sentiu o descongelamento da terra, e sabia que viria primavera, com mais trabalho. E sabia que haveria uma colheita abundante na fazenda de Ginger no próximo ano.

Ele estava em seu velho celeiro, cercado por seus amigos e pelo poder da união entre todos eles, e fixou-se nos olhos brilhantes de Ginger.

— O que eu faço? — Ela sussurrou. Esta mulher que já tinha dado muito para ele, mas estava sempre pronta a dar mais.

— Feche os olhos. — Ele avisou, enquanto Quinn inalava profundamente. — Todos nós vamos mudar.

Ginger, previsivelmente, manteve os olhos abertos.

Quinn mudou de forma, primeiro, azul brilhante, em seguida, tornou-se um dragão de safira e aço. Ele soprou o fogo, as chamas lambendo os brincos em suas mãos e fazendo brilhar a escama perdida de Delaney. Sara estava ao lado dele, segurando Garrett, que olhava o pai com admiração.

Donovan mudou resplandecente, lápis-lazúli e prata. Ele ergueu seu próprio filho, Nick, em um braço e Alex no outro, mantendo-os altos para que pudessem ver o processo.

O celeiro foi se enchendo. Sloane mudou a sua forma de dragão de ouro e turmalina e, em seguida, Erik passou para ébano e estanho. Houve uma enxurrada de escamas e garras e penas, quando Niall, Thorolf, e Rafferty mudaram de forma quase em uníssono. Niall era ametista e prata; Thorolf pedra da lua e prata; Rafferty era opala e ouro. Suas formas de dragão brilhavam como se fossem joias e os olhos das crianças estavam redondos de admiração.

Delaney observou o pino forjado que marcava a escama reparada de seu irmão, a pedra rúnica de Erik, e a escama da própria fusão do ferro na escama danificada de Quinn. Ele sentiu-se honrado por estar na companhia de guerreiros cicatrizados, mas fortalecidos, e sabia que foi Ginger que lhe deu esse dom.

— Pronto? — Ele perguntou, com sentimento terno e protetor. Ela assentiu, sem hesitação, o que lhe fez sorrir. Ele segurou seu olhar quando começou a brilhar, quando seu corpo fez o que fazia melhor. Ela não se mexeu, não hesitou, ela não fugiria de sua realidade.

Porque ela o aceitava como ele era, bom e mau se misturaram. Ela sabia da sua verdade e não a segurou contra ele, a verdade, ela tinha o hábito de ver o bom nele. E isso o fazia um *Pyr melhor*.

A mudança ganhou impulso e ele inclinou a cabeça para trás, rugindo quando seu corpo clamou completamente. Sentia-se triunfante e forte, potente como não foi nos últimos anos. Ele se estendeu, mostrando o local onde perdeu a escama a qual Magnus atacou profundamente.

— Fogo. — Disse Quinn, cuspiendo seu próprio fogo para mesclar a escama e a pedra. A escama parecia queimar, as bordas tão brilhantes que a luz lembrou Delaney de sua tempestade. O cobre ficou quase rosa, tão radiante e fluido, e a esmeralda brilhava como um farol na noite.

— Terra. — Sussurrou Sara quando o brinco âmbar brilhou a luz do fogo do dragão. Quinn trabalhou a configuração da pedra, com notável agilidade, reformulando o gancho para fazer um círculo triplo ao redor da pedra oval. Colocou-o no meio da escama, habilmente anexou-a com seu fogo do dragão.

— Ar. — O Pyr disse, e expirou por um lado, a respiração tornando as chamas altas dançando ao redor da escama. Quinn se adiantou e pressionou a escama no lugar, deliberadamente e com firmeza. O calor enviou uma pontada de dor ao peito de Delaney e ele sentiu que iluminava todos os cantos do seu ser.

Mas então, Ginger já tinha enviado o seu sol através de sua escuridão. Ele ficou admirado por sua própria boa fortuna e seu coração estava cheio o suficiente para estourar.

Ele não esperava sentir-se completo novamente.

Delaney sentiu sua única lágrima de gratidão deslizar por sua bochecha, quando aterrissou na escama. Então Ginger colocou as mãos sobre a reparação, os dedos leves e quentes sobre ele. Ela se inclinou e tocou os lábios na escama reparada, a respiração fazendo-o tremer.

— Será que vai se soltar? — Ela perguntou, sua expressão tão preocupada que Delaney temia perder outra escama por ela.

— Nunca. — Disse Quinn, e voltou para a forma humana. Ele pegou Garrett dos braços de Sara e jogou o menino no alto. — Nós deveríamos ir.

— Não adianta abusar das boas-vindas. — Disse Eileen. — Nós vamos ver você.

— Vamos voar para casa. — Disse Donovan, e jogou a Delaney um conjunto de chaves. Ele pegou-as no ar, agindo instintivamente, quando seu irmão sorriu. — Eu soube que você vendeu o Viper, então eu encontrei outro quando senti sua tempestade. Descobri que se você tivesse uma companheira, poderia ficar por perto e provavelmente querer rodas decentes.

— Minha caminhonete é *decente*. — Disse Ginger, e Donovan riu.

— Eu pensei que o Viper fosse seu. — Delaney argumentou. — Eu não posso tirar isso de você.

— Você é meu irmão. É um presente de tempestade.

— Agora há presentes de tempestade? — Niall murmurou. — Eu tenho compras para fazer.

— Além disso, eu sou um homem de Ducati por completo. — Disse Donovan.

— Com exceção da minivan. — Brincou Alex e Donovan revirou os olhos.

— Não lhes diga isso!

Alex riu.

— Vamos lá. Essas pessoas querem um pouco de privacidade.

— Eu tenho que voltar para a minha estufa. — Disse Sloane, em direção à porta.

— E eu tenho reservas que administrar. — Niall, disse, parando ao lado de Delaney. — Se você quiser voltar para a sociedade, basta dizer a palavra.

Delaney sorriu para a mulher em seus braços.

— Eu vou investir em mais uma sociedade. — Disse ele, observando a luz nos olhos de Ginger. — Ouvi dizer que as Fazendas Sinclair precisam de alguma ajuda, uma ajuda mais cooperativa. Estou muito interessado em aprender mais sobre agricultura orgânica.

Os olhos de Ginger brilharam.

— Não venha chorar para mim quando descobrir como é difícil.

— Sem chance. — Disse ele, e lhe apertou. Ele se inclinou para beijá-la, seus companheiros dispostos a desaparecer, e quando ele levantou a cabeça, eles tinham ido embora.

— O melhor sedutor deles. — Ginger disse com satisfação.

Delaney ficou assustado.

— O que você sabe sobre seduzir?

— Só que se você fizer isso comigo, você será queimado, gostoso.

— Torrada queimada.

— Você teve sorte.

Ele lançou um olhar para o sótão, e voltou-se para ela.

— Talvez devêssemos procurar sua lingerie.

— Talvez nós devêssemos tentar o quarto desta vez.

— Não me diga que você vai ficar toda previsível agora.

— Nem pensar! — Ginger riu. — Sem meias ou ligas hoje, por exemplo.

— Como se eu me importasse. — Disse ele, sua voz baixa, quando chegou para ela. — É apenas uma embalagem, Ginger e o exterior não é o que conta.

Ela o beijou, e Delaney tinha certeza que estavam de acordo sobre isso.





Avisos

Aviso 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!

Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.

Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!

Ajude-nos a preservar o grupo!

Aviso 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita?

Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!

Ajude a preservar o seu grupo de romance!

A equipe do PL agradece!

Aviso 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente!

Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.

Solicitar dinheiro por romance é crime, é pirataria!

Seja esperta (o).